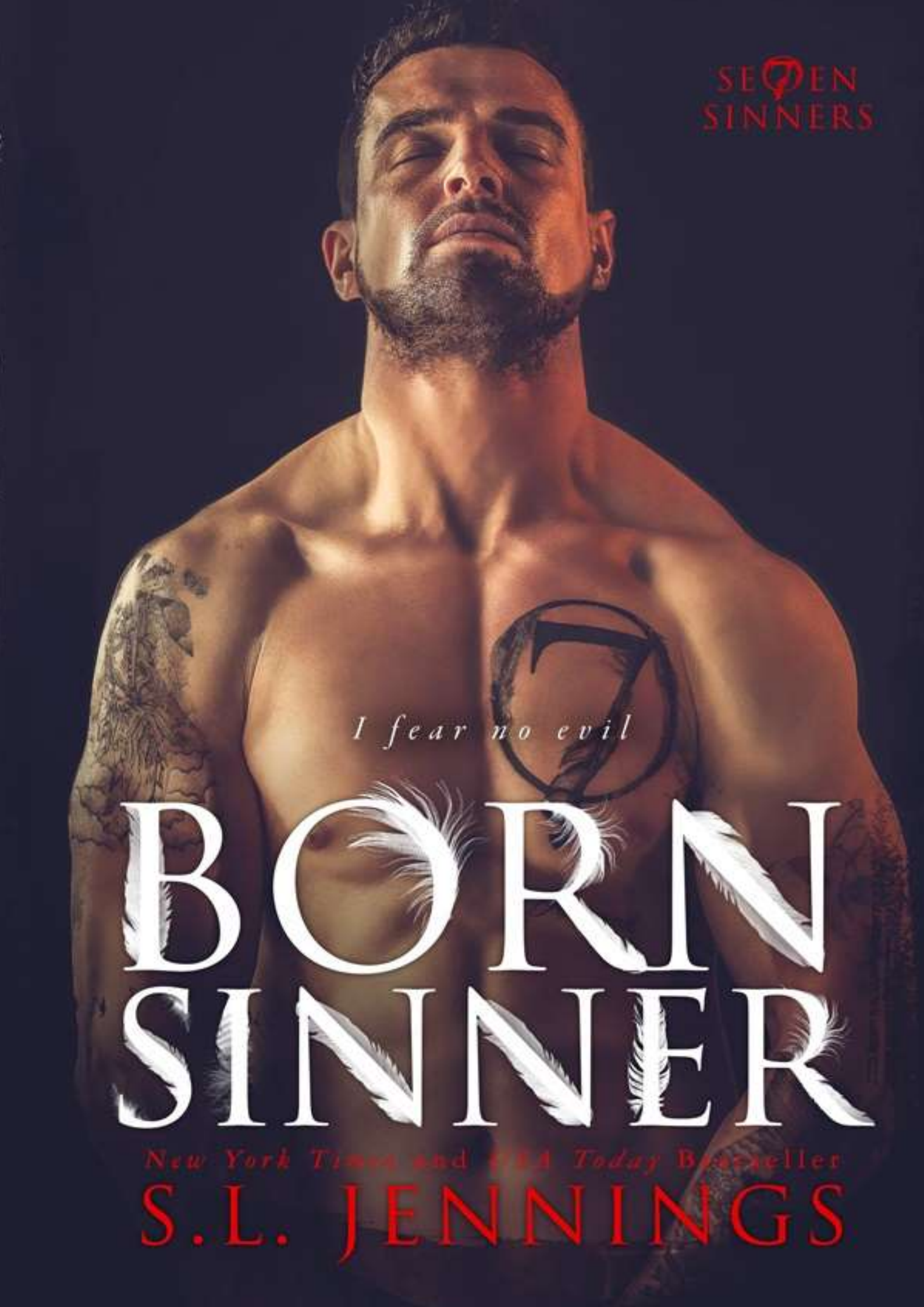




SEVEN
SINNERS

I fear no evil

BORN SINNER

New York Times and USA Today Bestseller
S.L. JENNINGS





DISPONIBILIZAÇÃO: MERLIN CAT E SORYU MONTEIRO

TRADUÇÃO: CAILLEACH, SRª STORN E MIRSY

REVISÃO INICIAL: GAIA E MORGANA

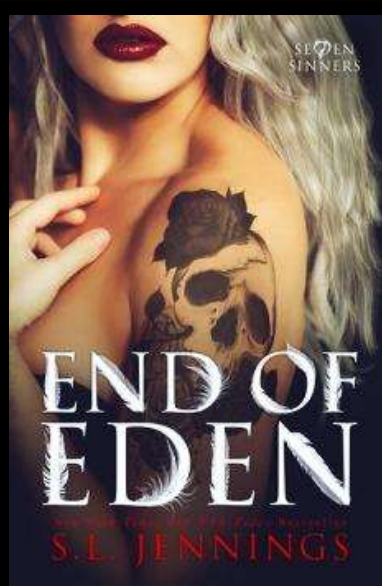
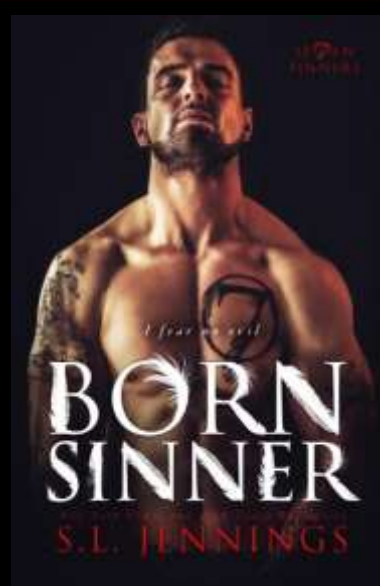
REVISÃO FINAL: LAGERTHA

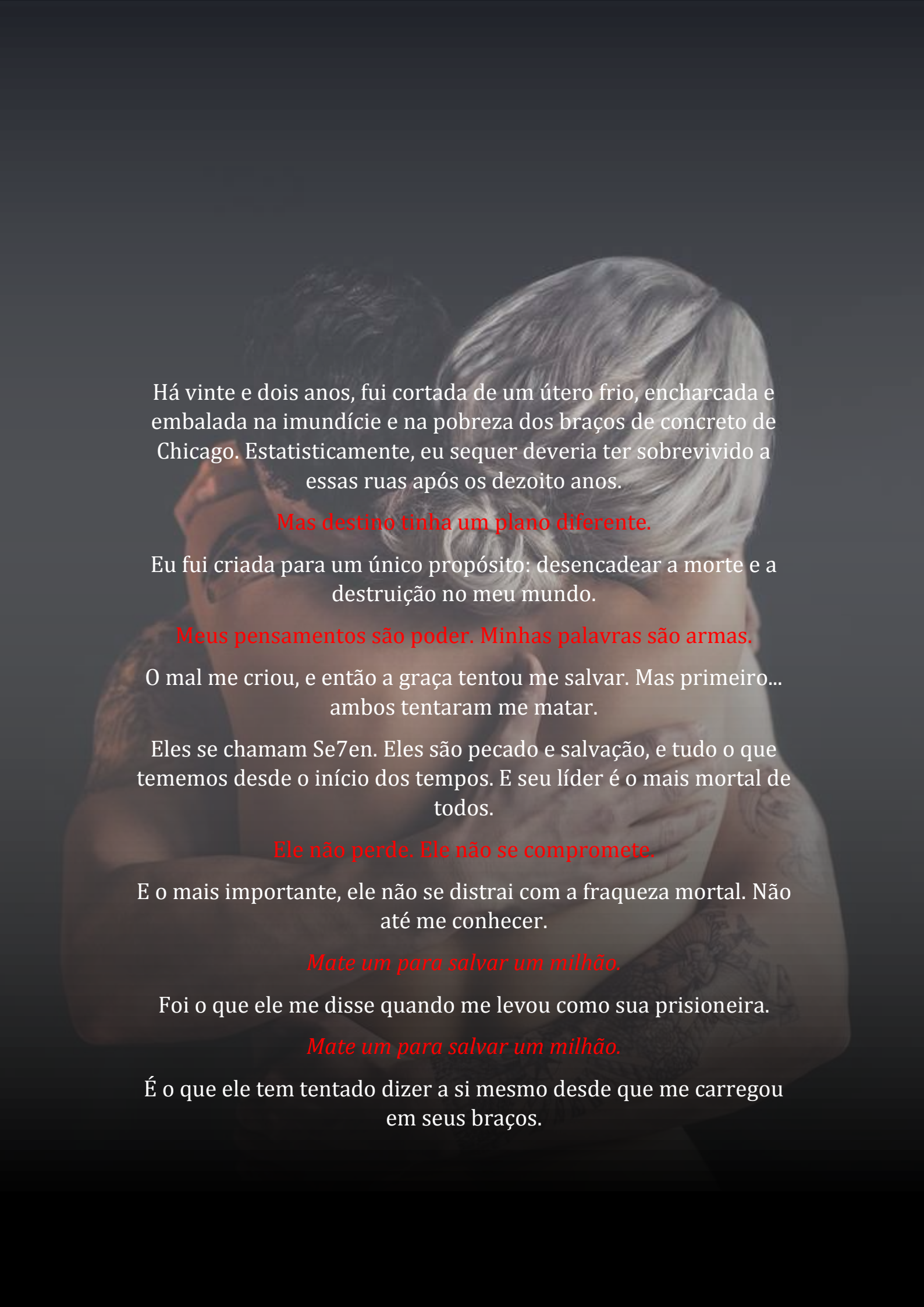
LEITURA FINAL: HÉCATE

FORMATAÇÃO: CIRCE

SEVEN SINNERS

S. L. JENNINGS



A couple is shown from the chest up, embracing each other in a dark, moody setting. The man is on the left, with dark hair and a beard, wearing a dark shirt. The woman is on the right, with blonde hair, wearing a light-colored top. They are both looking down, and their faces are partially obscured by shadows. The background is dark and out of focus.

Há vinte e dois anos, fui cortada de um útero frio, encharcada e embalada na imundície e na pobreza dos braços de concreto de Chicago. Estatisticamente, eu sequer deveria ter sobrevivido a essas ruas após os dezoito anos.

Mas destino tinha um plano diferente.

Eu fui criada para um único propósito: desencadear a morte e a destruição no meu mundo.

Meus pensamentos são poder. Minhas palavras são armas.

O mal me criou, e então a graça tentou me salvar. Mas primeiro... ambos tentaram me matar.

Eles se chamam Se7en. Eles são pecado e salvação, e tudo o que tememos desde o início dos tempos. E seu líder é o mais mortal de todos.

Ele não perde. Ele não se compromete.

E o mais importante, ele não se distrai com a fraqueza mortal. Não até me conhecer.

Mate um para salvar um milhão.

Foi o que ele me disse quando me levou como sua prisioneira.

Mate um para salvar um milhão.

É o que ele tem tentado dizer a si mesmo desde que me carregou em seus braços.



Esse grimório contém:

ELIXIR SOBRENATURAL

Indicado para revigorar
criaturas convalescentes.



PRÓLOGO

Eu não chorei a primeira vez que aconteceu. Deveria ter chorado, mas não chorei.

Ele não merecia minhas lágrimas.

Isso é o que tenho me dito todos os dias — mesmo quando ainda não acreditava.

Ele era o garoto malvado que sempre fez coisas ruins comigo. Ele olhou debaixo da minha saia enquanto fingia pegar um lápis. Ele me encurralou a caminho do banheiro das meninas. Ele fez desenhos obscenos e colocou na minha mochila para que eu os encontrasse.

Ele queria me machucar. Ele mereceu o que teve.

Eu não chorei quando ele me atraiu ao playground¹, ameaçando me dar um soco se eu não fosse.

Eu não chorei quando ele tentou desabotoar minha camisa.

Eu não chorei quando ele colocou minha mão na frente do seu jeans.

E eu não chorei quando disse as palavras.

¹ Qualquer local ou instalação para diversão.

As palavras que o mandaram andar pela rua na contramão, justamente quando um ônibus escolar estava passando.

– *Vire-se. Continue caminhando.*

Eu sabia então, que estava condenada. Uma boa menina teria chorado.



Está frio hoje à noite, mas não é qualquer tipo de frio.

É o tipo de frio que se infiltra em seus poros e deixa uma camada de gelo em seus ossos. Do tipo que congela o seu sangue, tornando-o sólido e enrijecendo suas veias.

Eu faço o mesmo caminho para ir trabalhar todas as noites, rezando em silêncio por segurança. Prostitutas e traficantes fogem da luz cintilante dos postes quebrados como baratas, esquivando-se de policiais disfarçados e dos olhares dos transeuntes. Ninguém fala com o outro, a menos que queiram alguma coisa, e mesmo assim, tudo se resolve com rápidas palavras em tons velados. Eu sou invisível aqui. Ninguém quer nada de mim. E mesmo que quisessem, não tenho nada para dar.

— Cuidado, cadela! — Um idiota vestindo uma parca verde e feia late quando quase me derruba, sua voz rouca alta o suficiente para abafar o hip-hop que toca aos berros nos fones em minhas orelhas. Começou a nevar e, em vez de concentrar-se em seus passos, ele preferiu esbarrar em qualquer pessoa que se interpusesse entre ele e o abrigo quente e seco, onde a próxima bebida quente certamente estará esperando.

— Desculpe! — Gritei para ele sobre meu ombro.

— Sim, foda-se. — Ele respondeu, lançando seu dedo médio para o céu.

Eu sinto dentro de mim, o calor do seu ódio. A escuridão de sua alma. Seus olhos estão vazios, profundidades frias de tristeza e veneno. Sua pele amarelada e pegajosa é meramente um veículo para os resíduos químicos envolvidos em torno dos ossos enfraquecidos.

Eu ouço os sussurros que inundam minha mente antes que eu possa resistir, as vozes tão distintas que me impedem de ouvir a diatribe² lírica de J. Cole sacudindo minha cabeça. Eu deveria lutar contra as vozes, mas não o faço. Não quero. Dessa vez não. Tenho enfrentado idiotas como esse cara que esbarrou em mim por toda a minha vida. Em algum momento, tive que aprender a revidar.

As sinapses elétricas³ dispararam com o comando, e meus lábios se separaram para pronunciar uma única palavra.

— *Caia.*

Ele nem sequer vê o pedaço de gelo antes de deslizar sobre ele. Seus braços balançam violentamente, tentando recuperar o equilíbrio, mas é tarde demais. Ele está no ar, suspenso no tempo como os leves flocos de neve rodando em torno de nós. E antes que um único grito seja arrancado de sua garganta, ele cai na calçada manchada de urina com um estalo ensurdecedor.

Eu expiro através do gosto de metal que sinto em minha boca e continuo andando, deixando toda a dor e o caos em meu subconsciente. Ligo a música ainda mais alta, a ponto de abafar seus gritos desesperados de ajuda.

Eu nunca disse que luto justo.



² Crítica severa e mordaz.

³ Uma sinapse é formada pela terminação pré-sináptica, fenda sináptica, e a membrana pós-sináptica, sendo responsável pelo processamento da informação pelo sistema nervoso, podendo ser, dependendo do processo de transmissão destes sinais, químicas ou elétricas. Nas sinapses elétricas, as correntes iônicas passam diretamente pelas junções comunicantes até chegarem às outras células, enquanto que nas sinapses químicas a transmissão ocorre através de neurotransmissores.

— Você chegou cedo. — Lily sorri quando entro na suja loja de esquina onde trabalhamos. Linda, loira e inteligente, ela é muito angelical para trabalhar em um lugar como este.

Eu tiro minhas luvas de tricô sem dedos e esfrego minhas mãos uma na outra antes de colocar meu gorro no bolso do meu casaco. Eduardo, o gerente da loja e sobrinho do proprietário, é muito avarento para aumentar o ar-condicionado. — Estava entediada, e Sister tinha um encontro. Pensei que você poderia gostar da companhia. Muito trabalho esta noite?

Os olhos azuis céu de Lily digitalizam as prateleiras e racks cheios de chips e cerveja. — Não realmente. Mas estou feliz que você veio. — Ela sorri novamente. Ela está sempre sorrindo. Ridiculamente otimista. E enquanto isso irritaria a merda fora de mim se fosse com outra pessoa, realmente desfruto da disposição ensolarada dela. É uma mudança bem-vinda da tristeza e da melancolia do nosso pequeno pedaço de purgatório.

Eu ando em torno do balcão meio fechado por um vidro à prova de balas. Eduardo também foi muito avarento para instalar um vidro que chegasse ao teto, mas suponho que um pouco de proteção é melhor que nenhuma proteção. — Você está aqui sozinha? — Franzo a testa. Mesmo com a segurança de um sistema de alarme e câmeras, trabalhar no turno da noite em qualquer estabelecimento nesta parte da cidade não é seguro. Especialmente para alguém como ela.

— Logan está no estoque lá atrás. Estou bem, sério. Você se preocupa demais.

Sacudo minha cabeça, desejando que ela se preocupasse mais. Lily não conhece os horrores que vi — os horrores que criei. Para ela, eu sou apenas uma garota problemática com um passado sombrio a quem ela quer amar e acarinhar. Mas, na realidade, eu sou uma garota problemática com um passado sombrio, cujos pensamentos e palavras são armas. E enquanto Lily é uma das únicas pessoas que posso chamar de amiga, ela não pode saber sobre mim. Ninguém pode. Senão eu vou acabar como minha mãe.

Eu escondo meu casaco e bolsa debaixo do balcão e escorrego no feio colete marrom que somos forçadas a usar. Não me favorece em nada, ainda mais sobre meu suéter preto e rasgado e jeans desbotados, mas, de alguma forma, Lily ainda parece esbelta e glamorosa como sempre, mesmo de uniforme. Não tenho ideia sobre o porquê ela está trabalhando em um bairro

podre no lado sul de Chicago, ainda mais quando parece que ela vem do dinheiro, mesmo que ela jure que não. Algo sobre ela, porém, não me deixa acreditar nisso.

Há uma mancha que a pobreza deixa em tudo que toca. Que cobre as palmas das suas mãos quando você está com frio. Que sangra seus lábios quando está com fome. Emaciuca sua pele quando você está doente. Você pode tentar limpá-la, mas o resultado é sempre o mesmo. Você é um dos que a sociedade abandonou.

Lily nunca teve essa mancha. Eu reconheceria se ela tivesse.

Um sino toca na entrada, surpreendendo nós duas. Quase suspiro alto quando vejo quem é. ...

— Deus, esse cara de novo não. — Logan surge dos fundos, segurando uma caixa de papelão cheia de Pop Tarts⁴. Lily e eu nem sequer ouvimos a abordagem.

— O quê? — Minha voz é quase um sussurro. Meu fôlego foi tirado de mim.

— Esse cara me dá arrepios. — Logan balança a cabeça, seus cachos marrons gordurosos dançando em sua testa. Ele deixa cair a caixa e se move para mais perto, sussurrando: — Acho que devemos contar ao Eduardo sobre ele. Ele vem todas as noites e compra a mesma coisa... Especialmente quando você está trabalhando. — Ele dirige seu olhar para mim.

— Então? Talvez ele trabalhe no turno da noite também? — Dou de ombros.

— Só se for o turno da noite de um matadouro. Ele poderia ser um estuprador ou assassino em série. Você realmente quer alguém assim te perseguindo?

Eu arregalo meus olhos. — Ele não está me perseguindo, Logan.

— Você não tem certeza, Eden. Ele me passa uma vibração ruim.

⁴ Pop-Tarts é um biscoito pré-cozido recheado produzido pela Kellogg. O biscoito possui uma massa fina e uma cobertura açucarada, sendo recheado por duas camadas de variadas formas e sabores. Apesar de já serem comercializadas como pré-cozidas, elas devem ser aquecidas, antes de ingeridas.

— Bem, eu acho que ele é bonitinho. Romântico, até. — Lily diz, alcançando os cabelos gordurosos de Logan e bagunçando-os. Quem me dera poder tê-la avisado para não fazer isso: os cachos dele provavelmente não foram lavados em semanas.

— Tanto faz. O filho da puta é um problema. *Olhe* para ele.

E novamente, como se algum instinto biológico se agarrasse aos meus músculos e ossos, me transformando em uma marionete de luxúria, não posso fazer nada além de olhar para ele. A primeira vez que ele entrou, há quase seis semanas atrás, ele me assustou. Era depois das três da manhã, e eu não tinha ouvido a porta abrir. Pelo menos acho que não. Eu estava tão absorta em um rascunho da minha nova playlist de Kendrick Lamar que não o notei até que o vi parado silenciosamente atrás de mim. Não ouve nenhum som de passos, sequer o som da sua respiração. Ele ficou ali parado, me olhando, esperando que eu reparasse nele. E quando enfim reparei, quase gritei e cai do meu banquinho.

Na noite seguinte, fui surpreendida mais uma vez por sua presença, mas desta vez, o sabor da minha curiosidade era completamente diferente. Eu realmente me permiti olhar para ele, enquanto rezava em silêncio para que ele não pudesse me ver.

Ele era alto e musculoso, como alguém que treinava religiosamente. Pensei que ele talvez jogasse para os Bears⁵, ou talvez até mesmo os Bulls⁶, mas a maneira como ele se movia era muito ágil e graciosa para defini-lo como um atleta. No entanto, havia algo excepcionalmente selvagem sobre isso. E o rosto dele... sério e ameaçador, mas ainda bonito, sem dúvida. Quase como se ele soubesse que era lindo, mas não quisesse ser. Ainda assim, até mesmo a sombra escura em seu maxilar parecia precisa e elegante.

Na primeira vez que ele se aproximou do caixa, tentei não encará-lo, embora quisesse desesperadamente ver seus olhos. Eu precisava conhecer a escuridão que se escondia por trás dessa besta enorme em forma de homem. Mas ele não olhou para mim. Ele simplesmente deslizou seu chá Iced Tea Arizona e um pacote de pastilhas de menta pelo balcão e esperou que eu os embrulhasse. Ele não disse uma palavra sequer.

⁵ O Chicago Bears é um time de futebol americano da cidade de Chicago, Illinois. Ele disputa a NFL pela divisão Norte da NFC

⁶ Time de futebol americano.

Já eu... eu não consegui respirar. Foi como se o ar tivesse sido sugado para fora da sala. Senti-me tonta, e meus dedos começaram a tremer violentamente. Os sussurros começaram a percorrer seu caminho para dentro do meu crânio, pedindo-me para dizer as palavras. *Olhe para mim. Olhe para mim.* Mas minha língua tinha virado chumbo, e nem mesmo a compulsão da minha mente pode movê-la.

Fiquei agradecida por isso, porém. Tinha a sensação de que seu olhar poderia me transformar em pedra.

Ele veio todas as noites depois disso, comprando apenas chá gelado e balas de menta. Às vezes ele chegava ao início do meu turno, às vezes no final. Ele nunca falava, e eu nunca pude ver seus olhos. Eu o observava enquanto ele andava por toda a loja, gravando mentalmente seus movimentos e a forma como sua roupa escura parecia esticar por todo seu corpo como uma segunda pele. Alguma coisa sobre ele era perigosa — não no sentido criminal — mas de uma forma que fazia meus sentidos tremerem com antecipação e medo toda vez que eu ouvia a porta abrir. De uma forma que me fazia ter medo de mim mesma.

Mas hoje algo estava diferente. Ele está vestido com roupas semelhantes às de sempre, e vai direto para o fundo da loja pegar o chá e as balas. Eu ainda não pude ver os olhos dele, mas isso também não é novidade. Mas, há outra coisa... algo está errado. Posso sentir pela maneira como o ar parece pulsar de excitação em torno de seu corpo.

É 22h40, e meu turno começa às 23h. Como ele poderia saber que eu tinha chegado quase meia hora mais cedo? Eu olho para Logan, cujos olhos escuros estão fixos no homem misterioso/estranho/meu perseguidor.

O homem aproxima-se do caixa a passos lentos, embora eu possa dizer que tensão prende seus ombros como um laço. Eu faço um movimento em direção ao balcão, para que possa atendê-lo como faço todas as noites, mas, antes que eu possa avançar um passo completo, Lily se coloca em meu caminho, me bloqueando.

— Já registrei, — ela sorri docemente. — Ainda é o meu caixa, e eu não quero estragar a contagem de hoje à noite.

Certo. Apesar de isso nunca ter importado antes.

Uma voz ecoa na minha cabeça, mas eu a silêncio antes que possa dizer qualquer coisa.

Lily reúne os itens dele rapidamente, mas sem a habitual conversa amigável. Antes do homem poder escapar da nossa intensa curiosidade, porém, ela esboça um sorriso e pergunta: — Vai querer mais alguma coisa?

Eu prendo a respiração quando ele lentamente ergue seu queixo para encará-la, dando-me uma visão completa dos olhos que tem assombrado meus sonhos todos os dias durante as últimas seis semanas.

Cinzas. Seus olhos são o tom de cinza mais impressionante que já vi. Como se tivessem sido arrancados de céus chorosos, e então revestidos e convertidos em aço. Seus cílios são grossos e escuros, muito parecidos com o cabelo, que cai em camadas pelo queixo e rodeia os lábios carnudos e sensuais. Ele usa um gorro na cabeça, permitindo que somente as pontas de seu cabelo apareçam, apenas para me provocar.

Ele é lindo demais para ser tão frio, embora eu saiba que, sem dúvida, ele está congelado por dentro. Ainda assim, cada célula do meu corpo é envolvida em chamas com sua proximidade. Inclusive, estou quase certa de que poderia derreter o vidro à prova de balas apenas apertando minhas coxas, se tentasse.

Ele me observa por uma rápida fração de segundo, e antes mesmo que eu consiga decifrar sua inflexão, ele se vira e sai da loja. Estou sem palavras... e com medo. Mas não dele. Estou com medo de como meu corpo queima por este estranho que nunca sequer falou comigo.

— Eu disse... *totalmente* psicótico. — Logan diz após um longo tempo de silêncio desconfortável. — Ele provavelmente é aquele cara que ligou e pediu sua agenda hoje cedo, Eden.

Eu ouvi o que ele disse. Embora preferisse não ter ouvido. — O que você disse?

— Sim, Eduardo atendeu. Um cara queria saber quais eram seus horários.

Eu franzo a testa. — Tem certeza que estavam perguntando sobre mim? — Nunca fui um tópico de interesse, e trabalhava muito arduamente para que continuasse não sendo.

— Quase certeza. Ele perguntou pela menina de cabelo prateado, tatuagens e piercing no nariz. Você é a única por aqui que se encaixa nessa descrição. Não dissemos nada, claro. Mas ainda assim... Alguém estava procurando por você.

Eu levo reflexivamente minhas unhas pretas, polidas e curtas até minha cabeleira cinzenta. Para o mundo exterior, a cor dos meus cabelos é apenas uma declaração de moda. Mas a verdade é que meu cabelo, uma vez preto, começou a perder seu pigmento há anos. Foram apenas alguns fios num primeiro momento. Mas depois, da noite para o dia, acabei com a juba de uma pessoa de 80 anos.

Eu me afasto do seu olhar questionador e pego a caixa de Pop Tarts, só para lutar contra a vontade de apertar as mãos. — Vou reabastecer estes. — Murmuro, indo para trás do balcão.

— Ei, Logan, por que não sai um pouco mais cedo? Posso ficar aqui e fazer companhia a Eden. — Ouço Lily dizendo.

— Tem certeza? E se o cara voltar? Talvez eu devesse ficar, só no caso...

— Não, não. Nós podemos cuidar de nós mesmas, eu prometo. E se ele voltar, nós temos o taser do Eduardo no balcão.

Não preciso nem olhar para saber que a cara de Logan é de incerteza. Ele quer ir, é noite de sexta-feira. Mas ele também quer ser um ser humano decente. Pelo menos é no que ele quer que Lily acredite.

— Bem... ok. Se você acha que vocês vão ficar bem. — A promessa de uma cerveja barata é uma vitória certa sobre o cavalheirismo. Eu poderia fazê-lo ficar se realmente quisesse, mas não vou. Não gosto de me meter em sua cabeça. Não aprecio o gosto amargo de sangue que fica na minha língua depois disso.

— Nós vamos ficar bem. Vá e tenha um bom descanso.

Eu tomo meu tempo na estante e mal levanto minha cabeça quando ele nos deseja uma boa noite. Eu quero gostar de Logan, mas sua alma é

tenebrosa, seus pensamentos impuros. Não sei do que se tratam especificamente, mas posso sentir a intensidade deles. Luxúria. Indulgência. Agressão. Ele quer ser um cara legal, mas esta cidade tem envenenado seu coração e comprometido sua moral. Ele é meramente um prisioneiro do inferno feito pelo homem.

— Está tudo bem?

Eu engulo um grito e um aperto no meu peito, surpresa, e acabo tropeçando para frente. — Merda, Lily! Eu nem te ouvi. Quer me matar?

— Hoje não. — Ela ri. — Sinto muito. Quase pronto?

— Sim. Dois minutos. — Permaneço agachada para organizar a última prateleira, tomando cuidado para não tocar o chão sujo.

— Ok. Venha para frente quando estiver tudo pronto. Eu quero...

Sua cabeça estava virada para o vidro duplo da porta de netrada, mas, da minha posição agachada, não consigo ver nada. — O que?

— Nada. — Mas ela não olha para mim. — Ei, me faça um favor? Corra lá atrás para pegar mais batatas fritas. Faça isso agora.

Eu olho para a prateleira de batatas-fritas. — Esta totalmente abastecida. Acho que Logan abasteceu antes de mim.

Mas ela não reconhece minhas palavras. Em vez disso, ela se move rapidamente para a parte da frente da loja. Antes que ela possa chegar lá, porém, a porta abre. Tem alguém aqui.

A voz é profunda, o sotaque russo. Ouço um segundo conjunto de passos. E então um terceiro. Frio toma conta da loja, uma sensação tão gelada que me faz tremer. Eu lentamente forço meus joelhos para cima, na esperança de obter uma visão da entrada. Eu já tive alguns encontros com a máfia russa, e isso só pode ser uma de duas opções: eles respeitosamente pretendem pagar por suas coisas e sair, ou pretendem causar um tumulto, encorajados por vodka e violência, e dar em cima de Lily.

Eu olho para a minha amiga — ela parece tão calma, como se uma avó coruja estivesse olhando para ela na entrada. — Posso ajudar em algo, cavalheiros?

O primeiro deles — maior, e mais assustador — responde a ela em sua língua nativa. Ela balança a cabeça. — Me desculpe, eu não entendo o que você está dizendo.

O homem a observa com o cenho franzido, suas sobrancelhas pretas espessas formando uma capa sob seus olhos escuros. — A garota. Cadê ela? — Ele diz com um forte sotaque.

— Eu sou a única garota aqui. — Lily sorri, a mentira colorindo seus lábios rosa brilhantes. Casualmente, ela faz seu caminho para trás do balcão, sem a menor urgência em seus passos. — Mas se você quiser, pode deixar uma mensagem...

— Não brinque comigo, *d'yavol*⁷. Nos dê a garota, e nós talvez a deixemos viver.

Putá. Merda.

À medida que meus olhos rapidamente digitalizam o pequeno espaço ao meu redor, à procura de algo que pudesse ser usado como uma arma, um par de sapatos de couro italiano entra em minha linha de visão.

— Olá, Eden.

Terror enrola meu estômago. Mas, antes que eu possa correr, lutar ou responder, mãos fortes me agarram e me puxam sobre meus pés.

— Ela está aqui.

Um punho de ferro arrasta-me para a frente da loja, apesar de meus protestos violentos. — Deixe-me ir, idiota! — Eu exijo, colocando todas as minhas forças em lutar e tentar fugir do seu alcance.

— Você virá, *cyka*⁸. O mestre te aguarda. — O assassino russo me arrasta como se nem mesmo registrasse meus sessenta quilos.

— Deixe-a ir. — Ordena Lily, erguendo os ombros. — Ou você não vai chegar vivo em casa. Eu posso prometer isso.

— Tarde demais, *d'yavol*. — Responde o monstro de cabelo liso do outro lado do balcão.

— Você teve sua chance de matá-la. Agora nós viemos recolhê-la.

⁷ Diabo em russo.

⁸ Vadia em Russo.

E então tudo acontece tão rápido. Rápido demais para meus olhos humanos – e não totalmente confiáveis - acreditarem.

Lily sai de trás do balcão fechado, adagas afiadas aparecendo em cada uma de suas mãos. O russo cambaleia para trás, mas não antes dela cortá-lo no peito. Jorros de sangue vermelho brilhante espirram no vidro à prova de balas, mas isso não o atrapalha em sacar uma metralhadora de dentro de seu casaco de lã, comprido quase até o chão, e disparar balas na direção de Lily. Ela rola e mergulha com a graça de um gato, rapidamente se protegendo atrás de uma prateleira. A velocidade, a agilidade... não é possível. Não para a garota que eu achava que conhecia. Não para qualquer ser humano normal.

— Saia, *d'yavol*. Tenho um grande presente para você. — O sangue mancha todo o tronco do homem, embora não haja sinais de que ele vá parar. Ele agilmente caminha pelo corredor cheio de batatas fritas e poças de refrigerante, triturando o alimento desperdiçado sob seus sapatos caros, o som me lembrando do som de ossos sendo esmagados. Não me atrevo a dizer uma palavra enquanto ele se aproxima de onde Lily está, com medo de que ele possa virar sua atenção para mim. Meu captor, por sua vez, segura sua própria arma e permanece ao meu lado, em silêncio.

— Vamos lá, Vlad. Temos a garota. Vamos sair daqui. — Diz o outro capanga perto do almoxarifado. Ele segura a arma com uma mão trêmula, seus olhos nervosos observando a saída. Dos três, ele parece o mais novo, e está claramente abalado.

— Não! Nós não terminamos o trabalho! — O homem chamado Vlad grita, rodando o canto por onde Lily escapou. Estou somente a um corredor de distancia, ainda sendo maltratada pelo porco seboso banhado em colônia barata. Lily não tem para onde fugir. E mesmo que ela o faça, possivelmente não poderá se desviar de suas balas. Eu deveria fazer algo. Dizer algo. Mas o susto esmagador roubou minha voz, mantendo-a apertada por trás das barras formadas pelos meus dentes.

Capturo um movimento pelo canto do olho e desvio meu olhar aterrorizado para o reflexo de Lily nas portas de vidro do refrigerador. Ela está apenas a uns metros de distância, agachada, suas facas ainda brilhando com sangue. Talvez se eu me esforçar eu possa causar uma distração, permitindo-lhe escapar. Ou, pelo menos, dar a ela uma chance de atacar e nos tirar dessa merda.

Faça algo, Eden. Foco.

Você não é uma vítima.

Eu abro minha boca para gritar, mas antes que eu possa conjurar minha voz, o som repentino de vidro se quebrando sacode minha cabeça. Ouve uma explosão na janela da loja, por onde chovem fragmentos irregulares, cristalizados. Os russos viram-se para a explosão violenta, mirando a atenção deles e de suas armas para a entrada. Eles só têm tempo para piscar uma vez antes que sejam pintados com sangue. É ele. O homem com olhos esculpidos de pedra. O homem que eu deveria saber que era muito sedutor para ser mortal.

Sem perder uma batida, ele entra com uma arma em cada mão. Meu estranho atinge o jovem bandido antes mesmo que ele consiga se virar, o enviando para o chão antes de colocar uma bala entre os olhos do cara com a colônia fedida. O corpo cai em cima de mim, seu peso morto prendendo meu corpo ao chão sujo. Sangue jorra sobre mim, manchando minhas roupas e pele, juntamente com pedaços de massa encefálica. O cheiro é esmagador, e eu me esforço freneticamente para virar a cabeça antes de vomitar.

Meu Deus. Meu Deus.

Eu vou morrer.

Eu vou morrer esta noite.

A morte se apegava à minha pele, embalando-me em seus braços quentes e líquidos. Está nos meus olhos... na minha língua. Exige ser sentida e reverenciada.

Mãos fortes me arrancam da poça de sangue e dos meus próprios resíduos, rapidamente me arrastando mais para dentro da loja, e deixando um rastro manchado de vermelho pelo caminho. Entre os sons retumbantes de tiros, a vista e cheiro de sangue revestindo-me da cabeça aos pés e a doença violenta que acomete minhas entranhas, estou desorientada. Choque e pânico sacodem meus sentidos, e eu faço a única coisa que posso fazer. O que deveria ter feito no momento em que a porta se abriu a meros minutos, revelando o cheiro de perfume barato. Eu grito a plenos pulmões como louca, destruindo minhas cordas vocais como se fossem fitas velhas. Nem sei o que estou dizendo, ou até mesmo por que estou gritando. Estou além da razão — além

de sentir qualquer coisa além de medo intenso. Histeria é tudo que conheço agora.

O golpe vem antes que possa vê-lo — ou mesmo impedi-lo. Minha cabeça balança por apenas um instante antes da escuridão me levar para o esquecimento.

Antes de me entregar completamente, procuro olhar diretamente para aquelas piscinas gêmeas de cinza ao luar. Então tudo brilha, antes de embaçar e ficar preto.

Eu fui enterrada viva.

Profundamente abaixo da cripta dos meus pesadelos mais sombrios.

A minha cabeça parece estar completamente aberta. Meus olhos estão inchados e fechados. Eu não consigo fazer nada passar pela lixa metálica em que se transformou minha garganta, mas ouço vozes — gritos sussurrados que não posso compreender. Eles estão perto, mas meus membros estão tão pesados que não posso me mover em direção a eles. Não que eu quisesse.

Forço meu cérebro a refazer meus últimos passos. A calçada gelada. A loja da esquina. Logan e Lily. Tiroteio. Gritaria. Sangue.

Cinza.

O ar é sugado de meus pulmões enquanto despenco na realidade fria. Não estou mais na loja. Disso eu sei com certeza. Os cheiros, os sons, não são conhecidos. Ainda assim, estou com muito medo de abrir os olhos e ver que tipo de terror estranho encontra-se diante de mim. Estou mais assustada do que já estive em toda a minha vida. Mais assustada do que quando era uma criança e minha mãe tentou me afogar na banheira.

— Por que diabos você trouxe ela aqui?

— Não podíamos deixá-la lá. Eles a teriam matado.

— E qual é o seu ponto, exatamente? Não era esse o objetivo? De fato, ela deveria estar morta. Muito, muito morta.

— Não se eles já sabem o quê ela é. Se esse for o caso, a morte seria uma gentileza para ela. Para todos.

Eles estão falando sobre mim, mas eu não entendo. Sou apenas uma garota. Totalmente sem importância, inconsciente e invisível. Esquecida. O que diabos eles iriam querer comigo? E por que... Por que eles iriam me querer morta?

— Esse não era o plano, Lil. Mantenha o fodido plano. Nós não podemos fazer exceções sempre que você sentir vontade de agir por conta própria.

— Não, ela está certa. Eles não podiam tê-la deixado. Não desse jeito.

Três vozes. Dois homens e... Lily. Lily está aqui. Merda, eles levaram-na também. Ou... não. Espere. Não levaram. Ela está com eles. Ela é um deles.

— Não foi minha decisão. — Ela diz. — L a escolheu. E se ele quer mantê-la... é por uma boa razão.

— Foda-se! — É a primeira voz masculina, a de quem queria me deixar. Ou me matar. É rude e cheia de aborrecimento. Se eu pudesse sentir sua mente, certamente encontraria ódio e rancor apodrecendo em alma. Mas o golpe na minha cabeça me deixou incapacitada de conseguir estabelecer uma conexão. Não consigo me concentrar com a dor. Melhor assim... Esse tipo de mal sempre permanece, ecoando nos corredores escuros do seu subconsciente. Não quero essa escuridão dentro de mim.

O segundo homem fala, sua voz muito mais clara, mais suave, mais profunda, sensual. Ele tem um sotaque elegante, o tipo que atrai e faz você querer ouvir. — Ele disse por quê?

— Não. — Responde Lily. — Mas deve ter algo a ver com Jumper.

— Então, L tem certeza? — Pergunta o segundo homem.

— Não, mas... você não pode *sentir*? Além disso, precisamos ter certeza antes de nos livrarmos dela.

Livrar-se dela? O que Lily está dizendo? Por que ela iria...?

— Bem, só há uma maneira de descobrir. Vamos ver o que está sob essas roupas.

Ouçõ a aproximação de passos duros, pesados, impulsionando meus instintos e permitindo que meu medo substitua a dor em meu crânio. De repente, abro meus olhos e minha boca e começo a gritar com toda a força dos meus pulmões.

— Fique longe de mim! Se afaste de mim!

Com os punhos e pés eu rasgo o ar à minha frente, desesperada para manter meus captores distantes. Seus risos altos e fortes apenas me irritam mais. Com lágrimas de raiva queimando meus olhos, foco no som vindo a um mero metro de distância do meu lugar na madeira fria.

— Ela é um pequeno foguete. Eu gosto disso! — Um dos homens ri. É o que queria deixar-me para morrer. Ele é um bruto maciço com uma cicatriz irregular que começa na orelha direita e termina no canto da boca, como se alguém tivesse tentado cortar sua cara para dar-lhe um sorriso permanente. O cabelo dele foi totalmente raspado, tornando a cicatriz grotesca ainda mais gritante contra sua pele clara. Ele está vestido de couro preto da cabeça aos pés, e seus braços estão expostos, revelando montes de músculos. Este homem é um assassino, não há dúvida disso em minha mente. E não tenho que sentir a escuridão de seu pensamento para saber que ele não hesitaria em cortar meu pescoço. E sem remorso.

— Deixe-a sozinha. — Diz Lily, parando ao lado dele. Ela também está vestida de preto, tão diferente de seu guarda-roupa habitual de estampas florais e jeans. Eu a conheço — a conhecia — mas esta mulher não é minha amiga. Seu rosto... a voz dela... são iguais, mas ela é uma estranha. Um lobo em pele de cordeiro. Eu queria tão desesperadamente acreditar que ainda havia bondade e gentileza no mundo que não pude ver através de seu disfarce.

Eu me afasto para trás, rastejando pelo chão até que minhas costas atingem tijolo, arranhando a pele por baixo do meu casaco incrustado de sangue. Outro homem se junta a Lily. Sua pele é bronze escuro, e os seus olhos são um tom de mel. Ele não sorri para mim, mas há algo sobre seu rosto. Ou talvez seja o que eu quero ver — precise ver. Ele levanta a mão para impedir o primeiro homem de avançar em minha direção, avisando-lhe para me dar

espaço. Ele é a segunda voz masculina, a que concordou que não deveriam ter me deixado. Mas por que me levar, em primeiro lugar?

— Sério, não ficarei sentado com um dedo no cu esperando até ela ser *chamada*. Lil, você precisa verificá-la agora, ou eu vou. — Diz o musculoso.

Lily parece incerta, mas ela dá um passo em minha direção, suas mãos levantadas a sua frente.

— Não cheguem perto de mim. — Aviso com uma voz trêmula. Eu tento, mas não há para onde fugir. Há um muro à minha direita, e o que parece ser uma mesa à minha esquerda. Além disso, há uma cama. Estou em um quarto.

Ah não. Não.

Não isso. Tudo menos isso.

Eu grito, rezando para que meus apelos por ajuda penetrem as paredes de tijolo. Com os olhos ainda em meus captores, procuro algo — qualquer coisa — para usar contra eles, mas não há praticamente nada aqui. Sem sapatos, sem livros, sem vidros vazios. Não há quaisquer sinais de vida.

Estico-me para o criado-mudo, alcançando o abajur solitário e lançando-o com toda minha força em direção a meus captores. Sem pestanejar, o cara da cicatriz o agarra no ar.

— Você vai se arrepender disso. — Ele rosna, avançando em minha direção e fazendo eu me encolher para trás.

— L vai ficar puto se você matá-la aqui. — Diz uma voz sem nome. Outro homem aparece em minha linha de visão e me olha de cima a baixo, seus olhos escuros espumando com diversão. Ele me dá um meio sorriso antes de olhar para seu cúmplice. — Você sabe que ele odeia bagunça.

O recém-chegado, assim como seus amigos criminosos, está vestido de preto, embora sua vestimenta incomum me lembre a de um samurai moderno. Ele tem até espadas gêmeas fixas em suas costas, formando um X. Então é assim que eu vou morrer? Cortada em pedaços diante de uma plateia de sádicos?

— Bem. Eu vou fazer isso. — outra voz diz de trás dele. Então o samurai é cutucado para o lado por outro homem, um loiro com cabelos compridos.

Este é L? Sério, quantas pessoas são necessárias para raptar uma menina indefesa?

Surpreendentemente, ele está vestido com jeans e uma camisa azul, embora seu aspecto elegante e musculoso não diminua a ameaça. Ele se aproxima de mim, apesar dos meus gritos, e segura meu casaco com seus dedos longos.

— Por favor. Vou fazer tudo. Só por favor... por favor não faça isso. — Eu choro, engasgada com minhas lágrimas. Tentei empurrá-lo com minhas mãos que tremem violentamente, mas ainda estou fraca do golpe em minha cabeça. De qualquer forma, não sou páreo para ele, ou para os outros quatro psicopatas olhando para mim com diferentes olhares de desprezo e ceticismo.

— Se acalme, animal de estimação. Não estou aqui para te machucar. — Diz o homem loiro baixinho. Sua voz é doce, mas posso dizer que é apenas para revestir o veneno em sua língua. Eu quero acreditar em suas palavras, mas algo sobre sua beleza etérea me alarma completamente. Do lado de fora, ele parece quase angelical com seus cabelos e olhos claros e corpo alto e lânguido. Ele realmente me lembra de Lily. Mas eu estava errada sobre ela. Anjos não raptam mulheres inocentes e as fazem reféns em um quarto estranho, enquanto seu bando de amigos a estupra até a morte.

— O que... o que quer comigo? — Eu murmuro com a voz rouca.

— O que quero com você? — Ele sorri. — Eu não quero nada com você, animal de estimação. Além disso, você fede.

— Então... por que? Por que estou aqui? Não tenho nenhum dinheiro. Não sei de nada. O que você vai para fazer comigo?

O bonito homem loiro balança a cabeça em diversão. — Isso continua a se repetir. — Então sem aviso, ele agarra meu suéter mais apertado e tenta removê-lo. Eu me debato e resisto a seus esforços, mas sua posição é inquebrável. Enquanto ele pode parecer esbelto e elegante, seu corpo é feito de pedra.

— Por favor. — Imploro mais uma vez, uma fresca inundação de lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Você não me quer. Você não precisa fazer isso. Deixe-me ir. Juro por Deus... Não conto a ninguém.

O homem loiro abruptamente dá um passo para trás, soltando meu agasalho. — Pare.

— Eu juro para você. Não direi uma palavra. Por favor, não me estupe.

O homem olha para o teto e, em seguida, se volta para os colegas, seus olhos cheios de conflito.

— Oh, pelo amor da porra! — Um rugido animalesco e ríspido irrompe sob meu corpo trêmulo. E então ele está aqui. O homem... o estranho de olhos cinzentos da loja. Ele aparece subitamente, empurrando através da multidão de captores com ar de aborrecimento. Seu bonito rosto robusto demonstra desagrado enquanto ele rapidamente se ajoelha e segura meu casaco em ambas as mãos, rasgando-o em dois como se fosse feito de papel. Não tenho tempo para protestar. E, mesmo que tivesse, estou tão atordoada pela sua presença... pela ameaça que parece tomar conta de seu rosto... pela sensação de suas mãos maciças em minha pele nua, que não seria capaz de pronunciar uma única e solitária palavra sequer.

Eu me arrasto para me cobrir, mas isso não o impede de torcer meu corpo de modo a me virar para a parede. A sensação de um dedo calejado corre ao longo da minha espinha, enviando pavor e desejo não solicitados até minha alma.

— É verdade. — Ele cospe, como se tivesse nojo de tocar meu corpo. — Ela é a única.

Então, tão rapidamente como entrou, atordoando a sala silenciosa com sua inegável e dominadora presença, ele sai sem dizer mais nenhuma palavra, nem olhar em minha direção.

Satisfeito com a sua declaração, os outros saem um por um até que só Lily fica me encarando, os olhos dela amplos com o choque... ou medo. Ela abre a boca para dizer alguma coisa, mas hesita, optando por engolir suas palavras e seguindo seus amigos para fora da sala. As fechaduras da porta clicam por trás dela, selando meu destino.

Eu olho para a porta até o nascer do sol. Não me incomodo mais em gritar ou brigar. Não importa, de qualquer maneira.

Eu não vou sair daqui viva.



TRÊS

Tem que ser final da tarde quando finalmente ouço a porta do quarto sendo destravada. Eu devo ter adormecido após ter ficado zangada, derramando uma confusão de lágrimas em minhas mãos manchadas de sangue. Eu me sento no chão e enrolo o suéter rasgado ao redor do meu tronco nu.

Lily chuta a porta atrás de si e se vira para mim com um olhar solene. Há uma bandeja do que parece ser comida numa de suas mãos, e uma mochila na outra.

— Oi. — Ela sussurra, mas não se aproxima. Talvez, em sua mente complicada, ela esteja esperando que eu vá recebê-la com os braços abertos. E honestamente, estou grata pelo rosto familiar. Mas também odeio isso. Odeio olhar para ela e ainda ver a minha amiga, embora não possa evitar. Estou totalmente sozinha, completamente perdida. Ela é a única coisa que ainda me dá esperança.

— O que faz aqui? — Eu pergunto com a voz grossa através da extrema secura em minha garganta. Eu devia implorar para ela me ajudar, para me libertar, mas não posso. Estou ferida. Deixei esta pessoa — essa assassina — entrar em meu coração, e ela me machucou.

— Eu pensei que você poderia querer se limpar. E comer alguma coisa.

— Você pensou errado. — Minto, meu estômago roncando com a sugestão em um ato de traição. E o loiro estava certo. Após ser mergulhada em sangue, meu próprio vômito e suor, eu estava fedendo.

Lily olha em direção à porta e franze a testa antes de fixar os olhos em mim. — L vai querer que você se limpe, e vai querer que se alimente. Então... por favor. Será mais fácil para você se cooperar.

— Por que estou aqui, Lily? Quem são essas pessoas? Merda... Quem é você?

— Eu sou sua amiga, Eden.

— Bobagem. Se você fosse minha amiga, me diria onde estou e porque diabos estou aqui.

Ela suspira e revira os olhos azuis cor de céu. — Eu salvei sua vida.

— Besteira. Você queria me matar. Salvou-me só para me trazer aqui e fazê-lo sozinha.

— Acalme-se. — Ela se aproxima com passos medidos, coloca a bandeja na mesinha de cabeceira e a bolsa na cama ordenadamente arrumada. — Você realmente não devia falar assim.

— Vá se foder!

Lily balança a cabeça antes de sentar na cama. — Olhe, podemos fazer isso de duas maneiras. Você pode ir ao banheiro e tomar um banho por si mesma, ou eu posso carregá-la até lá dentro, tirar sua roupa e te esfregar. Sua escolha.

Eu abro a boca para retrucar com algo vulgar, ou mesmo uma ameaça de violência, mas decido ficar calada. Lily não é a princesa doce e delicada que eu pensei que fosse. Essa garota é algo saído de um filme da Marvel, com lâminas e acrobacias. Nunca a vi se mover assim. Nunca vi ninguém se mover assim. Já vi gangs e mafiosos antes. Merda, eu já estive em algumas brigas de boate. Mas nunca nada como ela.

Eu tento me concentrar e vasculhar sua mente com a minha, na esperança de vislumbrar qualquer sinal de ameaça. Se eu pudesse fazer isso, talvez pudesse convencê-la a me deixar sair sem dano. Mas, tudo o que recebo é estática. Ruídos desconexos. Nunca senti a necessidade de vasculhar a

cabeça dela antes, porque ela nunca me deu uma razão para isso. Agora que eu tenho uma, porém, não consigo fazer uma conexão.

Eu tento novamente, concentrando toda a minha energia em chegar até onde ela está sentada a pouca distância. Suor escorre pela minha testa e chega até a ponta do meu nariz. Minha respiração falha e sinto os meus batimentos cardíacos em meus ouvidos. Eu estou agarrada a ela, esticando-me como um elástico gasto até que começo a desgastar e rasgar, ameaçando destruir minha mente.

Então, antes de desistir, eu sinto. Uma rachadura na cabeça dela. Uma pequena fissura que vai me dar acesso ao seu cérebro. Mas, no segundo em que toco a barreira rachada com a ponta dos meus dedos invisíveis, sinto uma dor excruciante. Meus dentes ficam tão apertados que tenho certeza que estarão moídos em pó na minha boca. Lágrimas enchem meus olhos, escorrendo pelo meu rosto em quentes riachos salgados. O gosto de metal enche minha boca quando meu nariz começa a sangrar.

Eu estou morrendo. Estou morrendo. Estou morrendo.

— Não. — Lily diz levianamente. E com essa palavra, a dor desaparece da maneira como veio, como se nunca tivesse existido. Eu respiro o precioso ar que tinha sido estrangulado de meus pulmões. Lágrimas e sangue escorrem para o chão. Se não visse as pequenas gotas, pensaria que tinha imaginado minha agonia.

— O que você fez comigo? — Eu estava tentando recuperar o fôlego.

— Nada, querida. Mas, se você não cooperar, esse vai ser o menor dos seus problemas.

Não. Não. Não. Não assim. Não posso morrer assim.

Recusando-me a revelar minha fraqueza, levanto minha cabeça pesada para olhar para o outro lado do quarto, onde fica outra porta. Deve ser o banheiro. Honestamente, eu tenho tanto que fazer xixi que dói, e até eu estou enojada com meu cheiro e o sabor do sangue que mancha meus dentes, embora não diga isso a ela. Não posso deixá-la saber que estou complacente, que estou aceitando o que está acontecendo comigo. Mesmo que ela possa me rasgar membro a membro. Mesmo que eu esteja praticamente indefesa.

— Bem. Eu vou tomar um banho. Mas só se você me disser o que está acontecendo.

Ela balança a cabeça. — Não posso fazer isso. Agora não.

— Então quando?

Ela olha em direção a porta do quarto fechado, em seguida, de volta para mim. — Em breve. Quando L disser que está na hora.

L. Esse nome novamente. Um chefe da máfia? Traficante de drogas? De qualquer forma, o que ele quer comigo? Eu não sou ninguém.

— Bem. Mas apenas responda uma pergunta para mim, apenas uma. Então eu vou fazer o que pede. Não vou perguntar por que estou aqui, ou o que você pretende fazer comigo. Eu só... Preciso saber.

— Uma pergunta? — Lily levanta uma sobrancelha perfeita.

— Sim. Responda com sinceridade e eu vou marchar para aquele banheiro sem outro som. E vou comer sua comida.

Ela revira os olhos e solta um suspiro exasperado. — Ok. Uma pergunta. Vamos ouvi-la.

Olho do chão para a única garota que já tinha considerado uma amiga. Eu não me abro facilmente, e a maioria das pessoas me acha muito fria e reservada para insistir em uma relação. Mas Lily... ela nunca desistiu. Ela nunca me fez sentir como uma estranha. E ela nunca teve pena de mim. Ela aceitou-me pobre, abandonada e esquecida. Pelo menos era o que eu pensava.

— Você realmente se importava comigo, ou foi tudo um truque para me capturar e, em última análise, me matar?

Sem pestanejar, Lily responde com um simples: — Sim.

— Sim, você se importa? Ou, sim, foi tudo encenado.

— Sim... para os dois.

Sem mais nenhuma palavra, fico em pé e cautelosamente pego a mochila. Então sigo para o banheiro com meu coração na garganta.



Eu odeio admitir, mas um banho é exatamente do que precisava. Eu não tinha percebido que parecia um show de horrores até que me olhei no espelho.

Sangue seco e escamoso cobria meu rosto e peito, juntamente com uma boa camada de vômito em meu cabelo. O que restava da minha roupa estava rasgada e manchada.

O banheiro é tão imaculado quanto o quarto, e tão frio quanto. Os únicos produtos de higiene pessoal no chuveiro são uma barra de sabão branco e um frasco de shampoo. Eu ensaboei, esfreguei, enxaguei e repeti todo o processo, ansiosa para lavar os restos do russo morto. Embora tenha sido difícil com um galo do tamanho de uma bola na minha cabeça, fui capaz de restaurar meu cabelo ate seu tom de prata radiante. Eu toco meus dedos na protuberância desagradável. Devem ter me batido com o cabo de uma arma. Ou talvez com algum punho de aço. De qualquer forma, o filho da puta me nocauteou como se eu não fosse mais que um animal sarnento e raivoso. E sem um pinga de remorso. Meus olhos se enchem de água pela lembrança, mas eu rapidamente limpo as lágrimas rancorosas.

Quando finalmente saio do chuveiro, me seco com uma toalha de grandes dimensões que é surpreendentemente macia. Alcanço a mochila, onde espero encontrar o básico: calça, camiseta e algumas roupas de baixo. O que não esperava, porem, era ver minhas roupas. Roupas do *meu quarto*. Do *meu apartamento*. *Oh merda!* Eles foram à minha casa. A *nossa* casa.

Deixo a água correr no chuveiro, criando um véu de vapor dentro do espaço confinado enquanto vasculho gavetas e armários. Não há nada — nada que eu pudesse usar como arma. Nada que machuque meu captor. Nem mesmo uma navalha ou um alfinete de segurança. Tudo é limpo, frio e duro. Aço inoxidável e tijolo.

Eu desisto da minha busca e relutantemente desligo a água, em seguida, deixo o refúgio temporário do banheiro. Lily se foi, e algo dentro do meu peito se agita. Eu a odeio. Eu a odeio por ter me enganado. Mas também sei que preciso dela. Ela é minha melhor aposta para sair daqui. Ela admitiu que se importava comigo. E, se qualquer fiapo dessa afeição ainda existisse em seu coração, talvez eu pudesse manipulá-la para me deixar sair. Levaria tempo e cada grama da minha vontade, mas se pudesse aproveitar essa pequena chance, então talvez eu pudesse sair daqui viva.

O mais silenciosamente possível, vasculho a sala de cima para baixo, fazendo um inventário de qualquer coisa fora do lugar. A porta esta trancada — o que não me surpreende. As gavetas estão cheias de nada além de roupa

de homem simples, e não parece haver qualquer produto de barbear ou joia. Há um closet, mas está trancado pelo que parece ser uma porta de aço. É ali que eu preciso entrar. Esse é o bilhete para a minha liberdade. Ou talvez seja apenas o oposto. O samurai disse que L não gosta de confusão. Talvez seja ali onde eles planejam me matar.

Há uma única janela no quarto, fechada e trancada com grades de metal. Pouso meus dedos no vidro fosco e congelado e observo a rua, vendo o mundo passar por mim como um filme mudo e desbotado. Ainda estou em Chicago. Deveria estar aliviada por esse fato. Em vez disso, essa revelação me sufoca, e eu me afasto, me recusando a ver mais.

Está tudo tão quieto. Nos vinte e dois anos que vivi nesta cidade, nunca estive tão quieto. Nunca. A janela deve ser à prova de som. Logo, gritar por socorro seria inútil.

Derrotada, exausta e totalmente drenada, eu deito na cama. É enorme, maior que qualquer cama que já vi. O edredom cor de aço é surpreendentemente macio sob minhas mãos, e as almofadas são cheias e fofas. É estranho e fora do lugar dada a aspereza do resto da sala.

A bandeja de comida ainda está na mesa de cabeceira, então cedo à sensação de fome quase debilitante e levanto a tampa que cobre o prato. Hambúrguer e batatas fritas. Alimentos que não exigem faca e garfo. Inteligente. Com uma mordida voraz, devoro metade do hambúrguer e o engulo com a água da garrafa ao lado. A comida está fria, mas é deliciosa. Provavelmente a melhor coisa que já provei, considerando que não como há quase vinte e quatro horas. Talvez até mais. Não tenho certeza de quanto tempo já passou.

A dormência começa na minha língua, deslizando lentamente pela minha garganta como uma lesão tóxica. Solto a batata frita e agarro minha garganta em uma tentativa desesperada de tirar o veneno do meu esôfago. Eu engulo ar, lutando pela vida, enquanto a morte estrangula meus gritos silenciosos. Engasgando com lágrimas, eu grito por socorro, mas a voz não sai da minha garganta. Estou me afogando na minha própria saliva, me debatendo em um mar de lençóis da cor de nuvens de chuva. Eu luto para permanecer na superfície, mas caio muito fundo... muito fundo... muito fundo dentro da minha própria morte.

Com os olhos arregalados, posso ver cada flash da minha vida em cores brilhantes, ate focar em um rosto familiar. Sorrindo. À espera. Assistindo-me morrer.

A red feather graphic is positioned in the bottom right corner, partially overlapping the title text.

BORN SINNER
S. L. JENNINGS



QUATRO

Não estou sozinha. Eu posso sentir. Posso sentir olhos cruéis sobre mim, me esperando para entretê-los com minha mortalidade teimosa.

— Você está acordada. — Diz uma voz acentuada. Acho que é francês. Francês... e outra coisa. — Bom. Estamos esperando.

Meu batimento cardíaco acelera enquanto pulsa sobre minha pele. Com membros descoordenados, eu me esforço para me sentar e arrastar meu corpo para o outro lado da cama. O homem de pele escura e olhos cor de mel está sentado perto de mim, sua expressão curiosa, talvez até um pouco divertida. Olho para cima para descobrir que o outro homem, aquele cor de areia do deserto ensolarado, está no pé da cama, assistindo-me silenciosamente com sua íris cor de fuligem.

— O que vocês querem? — Digo com minha garganta apertada. O homem negro me oferece uma garrafa de água. Eu me aproximo para pega-la dele, mas paro, lembrando-me do que aconteceu mais cedo.

— Você me drogou.

— Sim. Não pessoalmente, mas sim, você foi drogada. Peço desculpas pelo inconveniente. — Ele deixa a água sobre o criado-mudo, que foi limpa dos remanescentes da minha refeição envenenada. — Não quisemos arriscar

que se machucasse durante o exame médico. Mas lhe garanto, você estava a salvo. Não foi invasivo. E a água é limpa.

Suas palavras perfuraram meu cérebro, e eu freneticamente avalio meu corpo. Para meu alívio, estou totalmente vestida. Mas o pensamento deste estranho... este monstro... tocando minha pele nua...

— Você me *examinou*?

— Brevemente, sim. Eu sou médico, entre outras coisas. Queria tratar sua contusão e fazer anotações de quaisquer marcas distintivas.

— Você me *tocou*? — Eu queria gritar, mas saiu apenas um chiado estrangulado.

— Por favor, Eden. Acalme-se. Não quero prejudicá-la.

— Você me drogou, sequestrou e me tocou sem nenhuma explicação sobre o porquê estou aqui. E eu devo acreditar em você? Uma aberração que nem conheço!

O homem afirma com a cabeça uma vez. — Isso seria o ideal. Eu sou Phenex. Ele é meu companheiro, Jinn. Eu estava esperando para falar com você.

Eu olho de Phenex para Jinn, cuja expressão é como pedra. — Eu te disse, não tenho nada. Não sei de nada. Devo ser a pessoa errada.

Phenex balança a cabeça, movimentando suas madeixas longas, enroladas e amarradas em sua nuca contra a túnica escura. — Eu não acredito nisso. Você é aquela que já estamos buscando por algum tempo. No entanto, tenho a esperança que vá falar comigo, e então poderemos descobrir todo o necessário de forma tão amigável quanto possível. Você verá que meus métodos são um pouco mais... *agradáveis*... do que aqueles dos meus colegas.

Eu luto contra as toxinas que confundem minha mente, tentando encontrar a razão em suas palavras. — Agradáveis? — Eu me encolho tanto quanto posso, meu corpo reagindo lentamente. Deixar a cama seria inútil. Minhas pernas parecem estar dormindo há pelo menos um ano.

— Meus amigos iriam te persuadir com força bruta. — Ele responde, olhando para mim do seu lado da cama. — Eu prefiro usar o intelecto.

— E ele? — Pergunto, meu queixo apontado em direção a Jinn. Ele ainda parece uma estátua, apenas seus olhos escuros movendo-se sob o envoltório de tecido no topo de sua cabeça. Acho que ele nem está respirando.

Phenex analisa seu amigo antes de responder. — Jinn vive de acordo com um rigoroso código de ética, muito diferente de todos nós. Eu garanto que ele não é uma ameaça.

— No entanto, estou aqui contra minha vontade. Ele é cúmplice do meu sequestro. — Eu atiro a Jinn um olhar acusador, apenas a tempo de ver a menor contração do canto de sua boca. Seus punhos estão apertados em seus lados. Eu definitivamente estou cutucando a besta aqui, mas isso é bom. Essa reação minúscula me diz o que preciso saber. Me dá esperança.

Remorso. Ele sente remorso pelo que foi feito comigo. Talvez ele não concorde. — Nem tudo é o que parece. — Responde Phenex, chamando minha atenção de volta para ele. — Você vai ver em breve. Ou talvez não. — Ele pega um bloco de notas e uma caneta que não notei sobre a cama. — É imperativo que possamos começar. L não quer esperar muito mais.

L. Esse nome novamente. O guardião do meu destino.

Em um ato de boa fé, eu vou para o meio da cama. Não vou convencê-lo com vulgaridade, mas talvez possa seduzi-lo para obter algumas respostas. — Quem é L? — Pergunto, usando minha voz mais macia, mais doce.

Phenex sorri, seus lábios carnudos revelando dentes brancos perfeitos e reluzentes. Ele é um homem bonito. É difícil não admitir isso. Mas há algo sobre sua beleza que não parece... real? Ele é um criminoso. Ele não deveria ser extraordinariamente bonito. Eu não deveria notar a maneira como seus cílios escuros se enquadram na perfeição de seus olhos amendoados e profundos. Não devia querer saber se a pele sobre as maçãs de seu rosto é tão lisa quanto mármore. Isso é um truque. Um efeito colateral das drogas ainda em meu sistema.

Eu tomo uma respiração profunda e me empurro para fora do meu corpo como uma mão estendida, buscando a sensação de sua mente contra a minha. Eu quero confiar nele. Quero acreditar que ele não me trouxe aqui para ser executada. Mas não posso mais confiar no disfarce de um sorriso. Suas palavras são inúteis. Mas a alma nunca mente.

Dor. Uma extrema dor explode no meu couro cabeludo, expulsando um grito angustiante da minha garganta rouca. Eu aperto os lados da minha cabeça, implorando entre soluços por alívio. Eu posso sentir meu cérebro latejando contra a gaiola do meu crânio. Imagino que esteja escorrendo por meus ouvidos, uma bagunça polpuda de torcida carne rosada, meu cérebro virando uma sopa de sangue.

E depois para.

— Eu não faria isso novamente se fosse você. — Diz Phenex. Seus olhos observam o suor que escorre pelo meu rosto. — Você pode se machucar.

— Huh? — Eu arfo, piscando através das lágrimas. A dor desapareceu, exceto a dor de cabeça chata que tive desde que acordei do meu sono induzido. Um segundo atrás, eu poderia jurar que meu cérebro tinha sido pulverizado, mas agora... nada.

— Você está tentando ler minha mente. Não vai funcionar. Assim como não funcionou com Lil.

— O quê...? — Como? Como ele sabia? Ninguém sabe sobre mim. Não desde que eu cometi o erro de contar à minha mãe o que eu podia fazer. Ela estava certa que eu estava possuída, e tentou tirar o diabo de mim. Depois disso, nunca mais falei uma palavra a respeito da minha condição.

Phenex sorri, e parece que sente pena. — Seus truques não funcionam em mim, ou em qualquer outro aqui. Você não pode dobrar nossas vontades. Mas você se dará um aneurisma se um de nós decidir deixá-la entrar.

— Mas... co... como? — Eu gaguejo, pressionando a mão trêmula em meus lábios secos e rachados. — Como você sabia? Você é como *eu*?

Ele balança a cabeça antes de virar seu olhar para o bloco de notas, onde rabisca alguns caracteres que não consigo ler. — Não exatamente.

— Então como você sabia? — Nem eu sei o que sou.

Um sorriso lento e sinuoso espalha-se pelos lábios dele. — Nós sabemos tudo sobre você, Eden Harris. Eu te disse... procuramos por você por um longo tempo.

Phenex me fez perguntas simples no início. Peso. Altura. Idade. Coisas que ele já sabia. Ele está me testando, tentando ver se eu mentiria, mesmo

sobre algo sem importância. Em seguida, ele me pergunta sobre algo mais pesado. Sobre a merda que eu tinha enterrado há muito tempo.

— Fala-me de seus pais.

Encolho os ombros, fingindo indiferença. — Não conheci meu pai. Minha mãe era uma maluca.

— Só isso?

— O que mais há para dizer?

Phenex levanta seu olhar do notebook e fixa seus olhos âmbar em mim. Há empatia em seu olhar. — Sabe quem era seu pai?

Encolho os ombros novamente. — Sim. Ele me deixou quando eu era um bebê. Minha mãe disse que ele era um pastor. Acho que ele sentiu que seu Deus precisava dele mais do que sua família. Não que eu o culpe.

— E por que isso?

Eu olho para baixo, onde as minhas mãos estão firmemente entrelaçadas em meu colo. Não quero pensar sobre isso, e muito menos falar sobre isso. Não falo sobre essa merda há anos, nem mesmo a Mary, a irmã adotiva que carinhosamente chamo de irmã desde que fomos colocadas juntas. Eu era apenas uma menina magrela, e nós para sempre fomos ligadas pela dor, perda e solidão.

— Minha mãe estava doente. Drogas, álcool, resumindo... ela era uma drogada. Mas, mais do que isso, ela estava literalmente fora do seu juízo perfeito.

Phenex estremece com minhas palavras antes de franzir a testa. — Por que diz isso?

— Porque ela estava. Era uma psicopata. Ela foi a razão pela qual meu pai nos deixou, pensando que eu não era filha dele. Ela estava convencida de que tinha sido seduzida pelo diabo enquanto estava grávida de mim. Ela contou essa história a todos que quiseram ouvir, e ainda tentou fazer os médicos interromperem a gestação, alegando que eu estava contaminada. Quando eles se recusaram, ela tentou me cortar de seu corpo com uma faca de cozinha.

Phenex então ergueu as sobrancelhas grossas. Algo parecido com tristeza nublou suas feições cinzentas. Isso era algo que ele não sabia.

— O que aconteceu?

Eu balanço a cabeça e tento sorrir diante da dor em meu peito. — Ela entrou em trabalho de parto prematuro e teve uma hemorragia. E eu tenho uma cicatriz que vai do meu ombro ao meu cotovelo como um lembrete disso. — Eu levanto a manga da minha camisa para mostrar a ele a pele levantada que desde então tem sido objeto de um mural de tinta colorida de laços, caveiras e rosas.

Um estranho silêncio estende-se entre nós. Até seu companheiro silencioso desloca-se desconfortavelmente em seus pés.

— Está tudo bem. — Digo, puxando a manga para baixo. — Essa em foi a pior parte. Depois que estávamos ambas saudáveis o suficiente, eles me mandaram para casa... com ela.

Raiva passa pela íris dourada de Phenex, e por um momento, juro que vejo o preto tomar todo o branco dos seus olhos. — Como é possível? Por que alguém não interviu? — Ele balança a cabeça, como se tentando livrar-se da imagem. — Peço desculpa. — Ele sussurra, o som apenas uma pequena parte de sua voz grave.

Dou de ombros. — Isso é o que acontece quando você é pobre. Nos manter por mais tempo acabaria acumulando uma conta que minha mãe não podia pagar. Nós éramos um problema, mas não um problema deles.

Não sei por que estou lhe contando tudo isso. Não sei por que estou divulgando minhas cicatrizes, não só para um completo estranho, mas para alguém que tinha conexão com meu sequestro. Mas há algo sobre Phenex — algo quente e reconfortante — que o torna familiar. Como se talvez tivéssemos sido amigos em uma vida passada.

Ele fecha os olhos e toma uma profunda respiração, como se estivesse tentando exorcizar seus próprios demônios. Com os lábios ligeiramente separados, ele olha para mim com o rosto de um homem que sentia meus pesadelos e minha agonia.

— Quando seu cabelo começou a ficar prateado?

Eu suspiro. Como... como ele sabia?

— É um dos primeiros sinais. — Ele continua, como se ouvisse meus pensamentos. — Seu cabelo começa a ficar cinza por volta dos dezoito anos. É quase instantâneo a partir de então.

— Como você sabe sobre o meu cabelo? — Digo descrente, percorrendo seu rosto com o olhar.

Ele sorri aquele sorriso que me deixa um pouco mais perto, e prende meu olhar nele um pouco mais. — Eu te disse, sei tudo sobre você. Quase tudo, pelo menos. E os sinais são bastante previsíveis. O cabelo, o grupo de sardas na coluna vertebral, os pesadelos, a aversão à prata. — Ele acena a cabeça para o piercing em meu nariz. — Talvez ainda tenhamos tempo.

— É titânio. — Eu explico antes que consiga me parar. — Eu sou alérgica a prata. Como... como você sabe sobre tudo isso? O que tudo isso significa? — Eu nunca tinha contado a ninguém, nem uma única alma viva e respirando, sobre o que vinha acontecendo comigo. Nem mesmo a Mary, embora ela soubesse sobre o cabelo e os pesadelos. Considerando que o nosso apartamento inteiro cabia dentro deste quarto, era difícil para ela não saber sobre os pesadelos que o sono me trazia. É por isso que eu escolhia o turno da noite. Assim ela poderia dormir a noite toda em paz. E eu ficaria gritando e chorando durante todo o dia... sozinha.

Phenex olha para Jinn como se pedisse permissão. Claro que ele não recebe uma resposta.

— Existem sete sinais. Sete sinais físicos que irão conduzir o seu *Chamado*. Alguns são tão simples como a perda de pigmento do seu cabelo. Outros podem ser mais... alarmantes.

Eu balanço a minha cabeça, incapaz de absorver suas palavras.

— Espera. Volta. Não entendi uma só palavra do que você acabou de dizer. Meu *Chamado*? Chamado para o quê? Isso não faz sentido.

Abruptamente, como se algum interruptor interno tivesse sido ligado, Phenex pula e agarra a caneta e o bloco em sua mão enorme. — Espere, L te dirá. Quando chegar a hora. — Ele e Jinn giram e começam a caminhar para a porta. Nenhuma explicação. Nenhum adeus. Nenhuma promessa de resgate ou liberdade.

— Espere! Quem é L? E por que você não pode me dizer porque estou aqui? O que diabos está acontecendo?

Phenex pausa bem no meio do seu passo e gira a cabeça, me dando uma visão do seu perfil esculpido.

— Sua mãe estava falando a verdade.

Antes que eu possa entender o que ele quis dizer, ele se foi, me deixando pendurada entre confusão e descrença.

Passam-se várias horas antes de eu ouvir a porta abrir novamente.

A escuridão caiu do lado de fora. O tipo de escuridão que só gera violência e criminalidade. O tipo de escuridão que envolve nossas depravações mais profundas.

Eu esfrego meus olhos cansados e tento focar na figura sombria entrando no quarto. Ele fecha-se lá dentro comigo, antes de sentar na poltrona da parede oposta. A visão dele transforma o sangue em minhas veias em lava derretida. Minha respiração sai reflexivamente, como se respirar na presença dele fosse proibido. O som das batidas do meu coração serve como uma espécie de trilha sonora hedonista — uma batida carnal e infecciosa que anuncia a promessa de corrupção.

Ele me olha com um olhar cheio de ira. Mesmo no escuro, parece como se aqueles olhos prateados brilhassem. Nervosamente pego uma almofada e a espremo junto ao meu peito.

—O que você quer comigo? — Eu sussurro.

Silêncio.

— Por que estou aqui? Quem é você?

Ele não responde. Ele só me olha... me enervando como fez da primeira vez que pôs os pés na loja. Ele quer que eu o tema, e eu não posso deixar de dar a ele o que ele deseja.

— Você é... você vai me matar? — Minha voz fraqueja nas duas últimas palavras, quase inaudível até mesmo para os meus ouvidos.

Eu acho que o ouço rir em resposta, mas não tenho certeza. Era noite, e seu rosto tornava o momento mais ameaçador. Ele poderia atacar sem que eu pudesse enxergá-lo.

— Droga, responda-me! — Minha raiva ferve em brasa sob trepidação gelada. — Por que estou aqui? O que você quer de mim?

— Esperei por você por um longo tempo, Eden.

O som da sua voz é como uma canção sensual — profunda, penetrante e melódica — vibrando minhas entranhas até transformá-las em líquido. Espremo o travesseiro mais apertado ao peito, segurando-o junto ao meu corpo e rezando para que as palavras dele não me encontrem no escuro.

— Porquê? — Minutos passam. Acho que ele nem me ouviu, até que ele responde.

— Você era a próxima. Mas você enganou a sua morte.

— O quê? Eu nem sei do que você está falando. Eu não sou...

— Você é. Você foi criada para a destruição. E eu fui enviado para detê-la.

Eu engulo contra a aridez desértica em minha garganta, e me forço a permanecer sentada. Minha cabeça ainda pulsa do golpe anterior. O golpe que ele infligiu. — Quem é você? — Eu pergunto novamente.

Antes que minha mente confusa possa registrar seu avanço, ele está na cama, agachado sobre mim. Ele segura um punho na cabeceira acima da minha cabeça, fixando-me com seu corpo. Calor emana do seu corpo, ofegante em ondas de fúria.

Se fôssemos amantes, ele iria deslizar dentro de mim agora, me fodendo ao mesmo tempo em que segura a madeira de carvalho pesada da cabeceira contra a parede. E eu iria arranhar as costas dele, gritar o nome dele, implorar para ele não parar...

A imagem forçada pisca em minha mente apenas por um segundo, e então se quebra em um milhão de pedaços. Eu pisco uma vez, tentando me lembrar de onde estou... de quem eu sou. Parecia tão real. Tão vívido que fez eu me molhar entre minhas coxas. Mas eu luto para voltar à realidade, para voltar para o aqui e agora.

Este homem — este monstro — não é meu amante. Ele não está aqui por prazer. Ele só se revela na dor.

— Você sabe exatamente quem eu sou. — Ele fala duramente, o veneno da violência pingando de sua língua.

— O quê? Me larga!

— Por quanto tempo você a teve? — Ele grita, seu nariz muito próximo do meu. — Mostre-se, sua covarde! Você não faz ideia do que fez!

— Não sei do que diabos você está falando! — Eu grito, empurrando contra seu peito feito de aço. Duvido que ele possa sentir minhas mãos, porém.

Ele agarra meu rosto com a outra mão, segurando meu queixo. Seus dedos parecem picaretas de gelo cravando na minha pele. — Venha para fora agora! Você não pode se esconder. — Ele diz, trazendo seu rosto tão perto do meu quanto humanamente possível. Tão perto que eu posso sentir o calor da sua respiração e o pincelar de sua barba ao longo da minha mandíbula.

— Eu não entendo o que você quer! Me larga!

A raiva engasga minha voz, e lágrimas frustradas fazem meus olhos doerem. Levanto meus punhos para golpeá-lo, mas ele facilmente me impede. Tento chutá-lo, mas ele bloqueia minhas coxas entre seus joelhos. Eu estou enjaulada por seu enorme corpo como um pássaro de asas quebradas, totalmente indefesa e derrotada. Os olhos dele emitem mil tons de desprezo e aversão. Ele me odeia. É evidente nesses olhos marcantes de luar fosco.

Estou pronta para desistir, para deixar o medo e a raiva me engolirem inteira. Mas então eu sinto seu cabelo escuro contra minha testa. Eu grito em surpresa quando ele mergulha de cabeça e pressiona a testa contra a minha, nossos narizes, nossos queixos, nossos lábios a apenas um fôlego de distancia. Eu sinto seu corpo inteiro estremecer acima do meu, e ele suspira em voz alta.

— O que você está fazendo? — Eu grito, o afastando com toda minha força. E, de alguma forma, percebo que reuni força suficiente para afastar seu corpo do meu. Ele permanece na cama, porém, e ainda me olha com uma mistura de alarme e pavor.

— *Adriel*. — Ele respira.

— O quê? O que diabos há com você? — Eu me afasto da cama e me pressiono contra a parede, tentando colocar tanto espaço entre nós quanto possível. Minha pele ainda arde de seu toque fantasma.

Eu assisto em descrença enquanto ele luta para se recompor. Sua respiração sai com dificuldade, mas quando ele vira a cabeça na minha direção, seus olhos estão fechados, sua boca em uma careta esculpida em dor.

— *Adriel*. — Sua voz é tensa, como se um sentimento estranho estivesse preso em sua garganta.

— Eden. Meu nome é Eden. Eu não sou *Adriel*. Nem sei quem é *Adriel*.

— *Adriel*, você não pode fazer isso. Você sabe o que ele vai fazer para você. — As palavras mostram seu tormento óbvio. Ele abre os olhos e revela duas luas cheias de desespero. Eu não entendo, e nem quero.

— Você está surdo? Eu te disse que meu nome não é *Adriel*!

— Não faça isso. — Ele continua sem me ouvir. — Você não vai sobreviver. Ele vai usar você. Você nunca encontrará seu caminho de volta.

— Pare com isso! Você está louco! — Eu grito. Alimentada pela frustração, avanço da parede até a parte superior das minhas coxas baterem na cama. — Por favor, deixe-me ir. Você tem a garota errada.

Ele balança a cabeça. — Eu não posso. Não posso.

— Você não pode? — Talvez eu ainda esteja delirante das drogas ou tonta da batida em minha cabeça. Ou talvez o ver tão abatido faça-o parecer uma ameaça menor. Mas, estupidamente, sento no colchão, ficando tão perto quanto possível até ver a inscrição gravada em seu antebraço. São Escrituras da Bíblia? Irônico, considerando que tudo nele é pecado encarnado. — Escute aqui, imbecil. Obviamente você está fora de seu juízo e pegou a pessoa errada, pensando que eu sou a *Adriel*. Deixe-me ir agora antes da merda ficar pior. Não vou à polícia. Não conto a ninguém. Eu só quero ir para casa.

— Não.

— Não? Por que não? Eu não sou quem você quer!

— Não.

— Que porra há com você? — Grito, meus punhos firmemente cerrados.

— Você está surdo? Eu disse que não sou Adriel!

Estupidamente encorajada, pego o travesseiro mais próximo de mim e o arremesso na cabeça dele. Ele apenas o acerta com um baque suave e cai na cama. Como um bater de asas de borboleta, e ele provavelmente não sentiu nada contra sua mandíbula quadrada e tensa, mas algo nele... se encaixa. Qualquer que fosse o feitiço que ele estava sobre efeito apenas há dois segundos, o qual o deixou aberto e vulnerável, foi quebrado. Não foi fraqueza que eu vi antes. Foi misericórdia.

Em um movimento muito rápido, ele me agarra pelos cabelos e me atira na cama. Meu couro cabeludo arde da força súbita, no entanto, nem tenho tempo para reclamar da minha dor de cabeça antes de sentir o aperto de sua mão na minha garganta, impedindo que o precioso oxigênio entrasse em meus pulmões.

— *Nunca*. Mais. Faça. Isso. Novamente. — Ele zomba, aquele olhar frio e tempestuoso fixado em mim. — Ouça com atenção. Sua existência esta pendurada por um fio muito fino. Tente-me novamente, e eu quebrar seu pescoço. Uma eternidade de condenação não me fez um homem paciente.

Abro minha boca, mas nenhum som escapa. Nem um assobio de ar. Sou refém de seu olhar, formado de séculos de destruição e fúria. Não olhe. Não olhe. Mas seu olhar é magnético, segurando-me no lugar. E eu sinto.

Agonia.

Horror.

Maldade.

Maldade tão negra e tão sombria que traz lágrimas aos meus olhos grandes e arregalados. Minha alma chora, se debatendo contra a pressão de seu olhar malévolo. Dor física atravessa meu corpo, um milhão de tons de tortura pintando minhas terminações nervosas. Eu quero gritar — preciso gritar. Mas não posso. Assim como meu corpo está amarrado e amordaçado, um prisioneiro por baixo de seus músculos poderosos, meus sentidos também estavam sendo mantidos em cativeiro. Não consigo piscar, não posso falar,

não posso me mover. Eu não sou nada mais que um saco de carne, queimando e se contorcendo dentro do terror refletido naqueles olhos cinzentos.

Ao longe, ouço uma voz chamando, não a mim, mas a ele. Através de minha própria angústia interior, não consigo entender as palavras, mas é o suficiente para ele se afastar lentamente, levando seu olhar salpicado de pecado consigo. Eu tusso e grito quando oxigênio finalmente entra em meus pulmões, me apoiando em meus cotovelos trêmulos. Lily está na porta, seu rosto uma máscara de alarme. Não por mim, mas pelo telefone celular estendido na palma de sua mão.

— Desculpe interromper, mas... — Ela olha para mim enquanto aperto minha garganta, lágrimas escorrendo pelo meu rosto, e, em seguida, olha para o animal recostado sobre os joelhos, ainda rosnando com desdém. — L, temos um problema.

Eu deveria saber. Acho que já sabia.

Lily, os olhos dela dançavam entre mim e... L. Ele era o homem que me levou. O homem que tomou a decisão de me deixar viver ou morrer. O homem que me tirou debaixo de um corpo ensanguentado e me deu um golpe na cabeça. Uma cabeça que continua a pulsar com a lembrança.

— O que está errado? — A voz dele é plana, sem sentimentos. Como se ele não tivesse me sufocado apenas um segundo atrás, enquanto me hipnotizava com seu olhar vicioso. Ainda não tenho a certeza do que vi, do que eu senti.

— A irmã dela... está ligando.

Irmã.

— Então?

— Então... ela deixou pelo menos uma dúzia de mensagens, e começou a ligar para todas as pessoas que conhecem Eden. Me deixou um correio de voz, ameaçando apresentar queixa de desaparecimento. Será mais um problema com o qual lidar. — Seus olhos azuis e ansiosos me observam, como se dissessem: — *É mais problema do que ela vale.*

L passa a mão pelo cabelo preto como a meia-noite, e uma pesada e irritada respiração queima suas narinas. — Bem. Cuide disso.

— Não! — Eu grito, apesar da rouquidão em minha voz. — Por favor, eu vou fazer qualquer coisa. O que você quiser. Eu vou cooperar. Só por favor, não a machuque.

Ambos olham para mim, perplexidade esculpida em seus rostos. Percebo que acabei de entregar minha maior fraqueza.

L salta da cama e com um só passo toma o celular de Lily. *Meu celular.* — Toyol está de patrulha?

Lily acena. — Sim. E Andras está monitorando o CPD⁹

— Bom. Faça-o gravar a conversa.

Lily sai rapidamente, fechando a porta atrás de si. L se vira para mim, me observando com olhos cautelosos, calculistas. — Ligue para ela.

Sem um segundo pensamento, estendo minha mão para pegar meu telefone. Ele se aproxima para entrega-lo, quase me fazendo colidir com seu peito duro feito rocha. — Diga a ela que você está bem. Que está com a Lily. Diga a ela que você decidiu morar com ela, para dar espaço a sua irmã e o namorado dela. Diga que vai voltar para pegar suas coisas e que a ama. Faça com que ela acredite em tudo. E, se você disser qualquer coisa sobre nós, sobre este lugar ou porque você está aqui... ela vai morrer antes que sequer pressione o botão para encerrar a chamada. Entendeu?

Por que estou aqui...? Como eu poderia dizer alguma coisa sobre algo que não sei?

Minha voz treme. — Sim. E quando devo dizer-lhe que vou buscar minhas coisas?

Ele joga o telefone sobre a cama e volta a passos largos para a poltrona do outro lado da sala, e senta-se. — Você não vai voltar.

Afasto meus olhos dele, com medo de deixá-lo ver as lágrimas se formando em meus olhos. Eu chorei tanto nos últimos dias. Mais do que já chorei antes. Mais do que chorei quando o estado trancou minha mãe em alguma instituição e me colocou em um orfanato. Mais do que chorei quando

⁹ Substantivo masculino INF sigla de Centro de Processamento De Dados.

os pesadelos começaram, quando eu tinha doze anos. Mais do que chorei quando eles tentaram separar eu e minha irmã, a única pessoa que me mostrou um pingo de bondade e amor.

Tenho que protegê-la. Tenho que fazer tudo ao meu alcance para mantê-la segura destes monstros. Não duvido que ele vá matá-la se ela for à polícia. Porra, estou convencida de que eu vou morrer, mais cedo ou mais tarde.

Mas, eu sou dispensável. Ninguém iria sentir minha falta. Nenhuma vida iria ser irrevogavelmente abalada pela minha morte. E honestamente, ninguém ficaria surpreso se isso acontecesse. Então é melhor terem me levado, ao invés da minha irmã. Não uma inocente, e igualmente boa e amável pessoa. Eu tinha sido esquecida há muito tempo, então era melhor assim.

Pego meu celular, ainda morno da palma de sua mão. Recordo... quando tive aquela mesma mão ao redor de meu pescoço, há poucos minutos. Ele rasgando meu casaco em pedaços e tocando minha pele nua.

A imagem me bate tão forte que suspiro em voz alta. Suas mãos em minhas coxas nuas, deslizando mais alto, mais alto até tocarem minha pele branca. Aqueles dedos longos, grossos, comandando, encontrando a umidade em meu centro. Acariciando, punindo...

Sou pega em uma respiração dura diante da visão que se dissipa mais rápido do que inundou minha mente. Eu o vi. *O senti*. Minha calcinha fica úmida com a lembrança, como se fosse uma parte de mim. Como se estivesse dentro de mim. Movo desconfortavelmente meus joelhos.

— Algo errado? — O idiota tem coragem de me olhar presunçosamente, até mesmo divertido. Como se tivesse entrado em minha mente e plantado a lembrança.

— Não. — Minto, recusando-me a lhe dar a satisfação de saber que me abalou.

— Bem... — Ele acena uma mão em minha direção, aborrecido e pronto para voltar para o calabouço de onde saiu. — Vá em frente.

Olho para o telefone em minhas mãos suadas. Seria tão fácil... um texto de duas palavras para dizer-lhe para chamar a polícia. Ou eu poderia simplesmente pressionar 911 e fingir estar falando com minha irmã. Ele nunca saberia. Ele nunca iria suspeitar que eu seria tão ousada a ponto de desafiá-lo. Mas então me lembro de suas palavras a Lily, instruindo alguém — Andras —

a ouvir. Não duvido que eles já grampearam meu telefone, e provavelmente o telefone de minha irmã também. Mas talvez seja o suficiente... o suficiente para avisá-la.

— Não tente ser uma heroína. — L diz de seu lugar do outro lado do quarto, as sombras como uma máscara da meia-noite sobre o rosto. A escuridão, de alguma forma, faz com que seus olhos pareçam mais claros. Como se realmente brilhassem. Como se eles fossem esculpidos de escuridão em si.

Ele sabe. Ele sabe tudo. Não é um homem comum. Ele é um assassino, treinado para destruir tudo o que estiver em seu caminho. Treinado para *me* destruir.

Ignorando o aviso, pressiono um botão. Depois outro e outro. Não o deixo ganhar. Ele quer que eu o desafie, que lhe dê uma desculpa para me matar. Mas não darei a ele o que ele quer. Ainda não.

— Irmã?

— Oh meu Deus... Eden? — A voz dela está pesada de sono, mas ela rapidamente pergunta. — Onde diabo você esteve? Te liguei durante dias. Está em todos os noticiários — o fogo na loja. Eu estava com tanto medo... na minha cabeça... Eu pensei que... Eu pensei que... Faz 72 horas que ninguém viu ou ouviu falar de você.

72 horas. Três dias desde que fui sequestrada. Eu não tinha percebido que havia se passado tanto tempo. Senti essa revelação como se uma faca torcesse minhas entranhas. Eu odiava mentir para ela. De todos — todas as pessoas as quais me afastei, todas as relações, todo o sofrimento que causei — ela era a única pessoa que me amarrava ao último traço da minha humanidade. Se salvar a vida dela significava perdê-la — perder-me — então eu tinha que fazê-lo. Tinha que fazê-la acreditar no que eu sempre soube: que eu não valho a pena.

— Sim, eu sei. — Eu digo para o receptor, engolindo o caroço em minha garganta. — Escute... não vai funcionar mais... eu viver aí. Eu decidi morar com a Lily.

— O quê?

— Sim. É melhor assim. Para nós duas. Ela vai trabalhar de dia, eu vou trabalhar à noite. Dificilmente veremos uma a outra. Eu só... Preciso me afastar por um tempo. Preciso de espaço.

— Eden. — A voz dela se quebra, um som que eu sempre odiei ouvir. Ela chorou por mim muitas vezes. Lágrimas que eu não merecia. — Eden, eu sei que as coisas têm sido difíceis. Eu sei que você anda para baixo ultimamente, e que eu não fui uma grande irmã mais velha. Eu prometo... prometo que vou me esforçar mais. Vou trabalhar menos. Vou passar menos tempo com Ben. Só, por favor... não se desligue do mundo. Não finja que não te incomoda, que não dói em você, achar que estar sozinha é mais fácil do que ser esquecida.

Esquecida.

Era essa a palavra CPS usada quando eles me acharam. Quando eles finalmente seguiram com nosso caso. Eles sabiam que eu estava em risco. Eles sabiam que minha mãe estava doente, mas tinham esquecido. Quando chegaram a nós, eu não era mais que pele e ossos, machucada e com cicatrizes das inúmeras vezes em que minha mãe tentou "colocar o diabo para fora de mim." Eles sabiam que ela ia me matar. Ela já tinha tentado anos antes. Ela disse que estava tentando me batizar na banheira. Tentando lavar minha alma da maldade. Ela me segurou por tempo suficiente para que o meu frágil corpo, de cinco anos de idade, desistisse. Eu tinha parado de dar pontapés, me debater e gritar por ajuda. Eu devia ter morrido naquele dia. Gostaria de ter morrido, se isso poupasse minha irmã da dor.

Olho para L, cujos olhos prateados me olham como uma víbora letal. Gostaria de saber se ele podia ver os pedaços quebrados de mim caindo no chão, espalhando-se como cinzas ao vento. As tatuagens, os piercings, o cabelo... serviam como minha armadura. Mas algo sobre seu olhar penetrante me disse que ele podia ver através de tudo isso. Direto no fundo, no oco do meu peito.

— Não é você, irmã. Eu só preciso... — De tempo. Espaço. Silêncio dos sussurros na minha cabeça.

— Você não precisa fazer isso. — Ela sussurra. — Você não precisa ficar sozinha.

Eu sei que tenho que mentir, mas minha língua está coberta de verdade. Cada palavra que eu falo é terrivelmente sincera. — Sim. Sim, sim.

Ela está chorando, e eu afasto o telefone da minha orelha, recusando-me a ouvi-la. *Não chore por mim, irmã. Vai ficar tudo bem. Deixe-me ir.*

Deixe-me ir.

— Isto não é como da última vez, é? — Eu a ouço dizer quando finalmente encontro forças para colocar o telefone no meu ouvido outra vez.

— Não, não é. — Ou como na vez antes disso. Ou antes disso.

— Só... só se cuide. E lembre-se... lembre-se que eu te amo. Alguém te ama, Eden. E eu não vou desistir de você. Não te esquecerei.

Desligo antes que ela possa dizer algo mais, e jogo o telefone do outro lado da cama. Eu não disse adeus. Não disse que a amo também. Isso não importa mais.

Você não vai voltar.

Eu acredito nele.

L faz o seu caminho até a cama para recuperar o celular, e ou eu estou entorpecida demais, ou sou apenas muito burra para me afastar dele.

— Lily vai voltar com comida e água. — Ele diz categoricamente. Mas não sei por que eles se incomodam. Por que manter-me viva só para me matar depois? Talvez a próxima vez que eles drogarem minha comida seja minha última refeição.

Ainda assim, permaneço congelada em minha própria dor egoísta. Não o deixarei ver o que fez para mim.

— Por que você a chama assim?

Eu acho que o ouvi, mas não tenho a certeza. Olho para cima com olhos vidrados.

— Por que a chama de sua irmã? — Ele pede, sua expressão em branco. Não posso dizer se ele está sendo sincero ou condescendente. Não estou nem aí.

— Quando eu estava no orfanato, ela estava lá. Como ela era mais velha, ela cuidou de mim. Me ensinou como amarrar meus sapatos. Fazer uma trança. Eu sempre quis uma irmã, então ela disse que seria minha irmã. Ela me criou. Ela... me amou... quando ninguém mais o fez. Eu sempre pensei nela como meu anjo da guarda.

L olha para mim, uma profunda carranca amassada entre aqueles olhos iluminados, antes de se virar para sair do quarto. Mas ele faz uma pausa antes de passar pela porta.

— Talvez ela seja.



Eu tento fingir desinteresse quando Lily entra com uma bandeja de comida fresca, emitindo deliciosos aromas de especiarias e manteiga derretida.

— Espera que eu coma isso? Depois que você me envenenou? — Eu olho para o alimento suspeito, odiando a sensação de fome apunhalando minha barriga.

— Drogada, não envenenada. Embora Cain não se oponha ao último. — Ela revira os olhos. — É seguro. Está vendo?

Vejo com olhos invejosos como Lily pega um feijão verde crocante, amanteigado e o leva a boca. — E como vou comer isso? — Frango assado, cremoso purê de batatas cozido no vapor, legumes e um pãozinho. Parece delicioso, como se alguém tivesse tido o cuidado de prepará-lo. No entanto, eles só me deram um garfo, sem faca para cortar o pedaço de frango.

Lily pega uma lâmina por detrás dela, os mesmos punhais que usou na loja com os russos... há três dias. Com uma manobra rápida, ela o afunda dentro da carne do frango, cortando o pedaço quase sem nenhum esforço e separando a carne do osso como se fosse algodão doce.

— Pronto! — Ela sorri presunçosamente antes de agarrar meu guardanapo de linho para limpar a lâmina de onze centímetros e rapidamente

coloca-la novamente nas costas. Como se eu tivesse ousadia suficiente para tentar roubar sua arma. — Coma.

Quando olho para a comida, vejo manchas de sangue fantasmas contaminando a carne. Eu pego o pão, forçando-o pela minha garganta ferida.

— Então... é verdade? — Ela indaga, me observando atentamente enquanto pego meu garfo para espetar um feijão verde com manteiga.

— Que verdade?

— Sobre... Adriel?

Eu balanço a cabeça. — Nem sei quem é Adriel. Seu amigo, L, é um lunático raivoso. Disse-lhe um milhão de vezes que não tenho ideia de quem ou do quê ele está falando.

Baixo meu garfo e viro para olhar para ela, nem mesmo me preocupando em esconder minha raiva. — Sério, vocês são todos doidos. Você fez de refém a pessoa errada e, no entanto, não me deixa sair. O que diabos você quer? Dinheiro? Eu te disse, não tenho nada. Não tenho ninguém. Você está desperdiçando seu tempo.

— Nós não estamos mantendo você refém. — Lily responde. — Estamos tentando protegê-la.

— Proteger-me? — Eu solto um riso sarcástico. — Me drogando? Me agredindo? Minha vida estava bem antes de você e seu alegre bando de bandidos aparecer e me prender aqui.

Lily ergue uma sobrancelha altiva. — Estava?

Não. Não estava.

Eu balanço minha cabeça, recusando a dar-lhe a satisfação de ver meu mal-estar. — Isso só vai piorar. Quanto mais vocês resistirem, mais difícil será depois. Você sabe disso. Então, se você quiser se poupar, e poupar seus amigos de merda de serem presos e estuprados na prisão, você deveria me deixar ir.

Lily sorri enfaticamente. — Você sabe que isso não vai acontecer. E eu não deixaria L ouvir você dizer isso, se eu fosse você.

Eu empurro a bandeja de comida para longe do meu colo, muito irritada pelo som do seu nome para continuar comendo. — L? Por que eu daria a

mínima para o que ele pensa? Não tenho medo dele. Não tenho medo de nenhum de vocês.

— Mas deveria ter. — Ela sussurra.

Eu cruzo meus braços na frente do meu peito como uma criança petulante. — Quem é ele? Por que o deixa ditar as regras por aqui?

Lily suspira e cautelosamente inclina-se na cama, como se não tivesse uma única preocupação no mundo. Como se uma lâmina do tamanho do meu braço não estivesse presa nas costas dela.

— L é... é nosso líder. Ele começou tudo isso. Nos uniu. Ele nos fez acreditar que havia algo maior, muito maior do que aquilo que nos foi dito. Ele nos deu esperança.

Eu sinto o gosto ruim de nojo invadindo minha boca. — E matar pessoas inocentes é *esperança*?

— Quando isso serve a um bem maior, sim. Nós não matamos porque queremos, Eden. Nós matamos porque precisamos. Por que somos *chamados*.

— E de alguma forma, você foi chamada para me matar. — Não era uma pergunta.

— Inicialmente, sim.

Posso sentir o sangue corar minhas bochechas. — E agora?

— Agora... — Seus olhos treinados miram o teto, e ela casualmente bate os dedos com as unhas pintadas de cor de rosa em cima de sua barriga lisa. — Agora fomos chamados para outra coisa. Algo para o qual não estávamos preparados.

Eu me inclino para frente apenas um pouco. Ela está falando, me dizendo coisas que podem ajudar na minha fuga. — E o quê exatamente você é?

Rápido, rápido demais, ela vira a cabeça para mim, seus olhos azuis mais brilhantes que o normal. Um sorriso cheio de malícia se espalha em seus lábios.

— Somos chamados de **Se7en**. Nós pecamos para que pessoas do seu tipo possam encontrar a salvação.

— Meu tipo? — Uma dúzia de diferentes imagens piscam na minha cabeça. Mas a confusão horrorizada no meu rosto só parece estimulá-la.

— O mundo é um lugar mau, perverso, Eden. Cheio de males que não podem ser vistos. Mas você já sabe disso.

Eu me esforço para engolir minha hesitação. — O que vocês são? — Pergunto novamente.

— Algo... — Ela redireciona seu olhar para o teto enquanto eu me agarro a cada sopro de sua respiração, cada piscar de seus olhos assombrosos.

Diga decente. Diga gentil.

Digo humano.

— Algo diferente.

— Diferente como...? — Parte de mim não quer saber. E parte de mim precisa saber.

Sem aviso, Lily senta-se em um movimento rápido e ágil. Ela nem mesmo está tentando fingir quando apenas sorri para o choque óbvio em meu rosto.

— Vou deixar L lhe explicar. Você é dele agora.

— O que... Dele? — Eu gaguejo. Mas, antes de eu conseguir uma resposta, ela pega a bandeja e vira-se para sair. Quando ela abre a porta, porém, eu quase saio da minha pele.

Ele está lá parado como se fosse feito de pedra, inquebrável e impenetrável. Forjado da terra e de seus elementos, ele se move nas sombras. A escuridão molda sua estrutura assustadora, quase acariciando seus ombros largos e braços esculpidos. Seus olhos prateados me prendem, estudando a ascensão e queda de cada uma das minhas respirações. Contemplando a minha mortalidade frágil. Eu envolvo meus braços ao redor dos joelhos, esperando que eles impeçam-no de ver meu coração batendo descontroladamente em meu peito.

— Boa noite. — Lily diz divertidamente ao passar por ele. Eu tinha esquecido que ela ainda estava aqui.

Ele entra no quarto e fecha a porta, comandando o espaço fechado com sua presença maciça. Cada passo em minha direção é um fôlego roubado. Não

sei o que fazer. O que dizer. Este homem... este monstro... me brutalizou. Me amaldiçoou. Ameaçou me matar. Ele é um animal esperando para atacar, e considerando o perverso brilho em seu olhar, eu sou seu tipo favorito de presa.

Ele caminha até a cômoda, pega uma muda de roupas e, sem dizer uma palavra, entra no banheiro do quarto. Assim que ouço a água correr, minhas pernas tremem incontrolavelmente.

O que ele faz aqui? O que ele quer de mim? O pensamento dele nu e molhado a poucos metros de distância me desagrada. Ele é tão arrogante, tem tanta certeza que me tem sob seu domínio. Eu tento a porta, mas claro que está trancada. Com meus dedos tremendo, sinto na frente da minha calça o metal dos dentes do garfo sob minha cintura. Lily estava tão ocupada sendo presunçosa que nem percebeu que faltava um talher quando levou a bandeja. Já que eu não posso penetrar em sua mente e fazer com que ele me deixe sair, eu vou ter que lutar pela minha liberdade. Mas preciso ser inteligente. Ganhar a confiança dele. Fazê-lo pensar que vou cooperar. Ele tem que ter uma fraqueza. Talvez essa Adriel. Portanto, preciso descobrir quem é essa Adriel e usar essa informação contra ele.

Suspiro quando ouço o chuveiro desligar. Eu tenho que manter a calma. Se quero viver o suficiente para dar o fora daqui, não posso me arriscar erros estúpidos.

A porta do banheiro se abre, deixando espessas nuvens de vapor entrar no quarto. L sai vestindo nada mais do que um moletom preto, seu cabelo liso e pele dourada adornados com pequenas gotas de água. Uma pequena toalha branca esta em seu pescoço, roçando seu escuro cabelo molhado em sua nuca. Seus pés descalços atravessam o quarto, andando em direção à cama.

- O que você esta fazendo? — Pergunto, apertando minha voz.
- Vou dormir.
- Aqui? — Questiono.
- Sim. E você também deveria. Amanhã vamos começar.
- Começar o quê?

Mas ele não responde. Ele simplesmente levanta o lençol, deitando seu corpo musculoso e seminu na cama e cobrindo-se. Cobrindo-se com o lençol

no qual eu já dormi, chorei. Com o lençol com cheiro de algodão limpo, de inverno e de chuva e fumaça perfumada.

— E onde exatamente você acha que eu vou dormir?

Ele solta um pesado suspiro de aborrecimento. — Onde você quiser, Eden.

Meu coração cai ao som do meu nome saindo de seus lábios, deslizando por sua língua. Não há nenhuma maneira de eu dormir com ele neste quarto, muito menos na mesma cama.

Com mais força do que o necessário, pego um travesseiro e atiro no canto mais distante dele. Se ele quer ser um idiota e me deixar ainda mais desconfortável, tudo bem. Não vou implorar por favores.

— Você não precisa fazer isso. — Ele diz, sua mandíbula apertada.

— Prefiro dormir no chão duro do que ficar perto de você. — Respondo.

— Bem. Fique à vontade.

Ele avança para o outro lado da cama, sobre o espaço que tinha deixado para mim, e apaga a luz. Eu o ouço suspirar, liberando sua tensão no ar carregado. Com raiva, deito minha cabeça sobre o travesseiro, o chão frio gelando minhas costas através do tecido de malha do meu suéter.

Após alguns minutos, meus olhos ainda estão abertos e em alerta. Ouço sua respiração, esperando que ele durma pesado pela exaustão. Talvez eu devesse ter aceitado sua oferta. Teria sido mais fácil espetar o garfo em sua jugular assim que ele pegasse no sono.

— Peço desculpa. — Ele diz suavemente, as palavras ecoando na escuridão que nos envolve.

— O quê?

— Me desculpe. Por ter machucado você. Na loja... e aqui. — Eu não perco a borda afiada sobre a palavra "Desculpa", como se ele não estivesse acostumado a pronunciar essa palavra. Ou ouvi-la.

— Está tudo bem. — Minto.

— Não, não está. Eu não devia... — Eu não posso vê-lo do meu lugar no chão, mas imagino suas sobrancelhas se juntando em frustração. — Eu não devia ter feito aquilo. É fácil me esquecer. A pressão às vezes é... avassaladora.

Eu rolo meus olhos. O cara é um louco maldito. Ele é um assassino. Por que um monstro moralmente corrupto como ele se importaria?

— Eu só queria que você soubesse... — Ele diz, respondendo minha pergunta silenciosa. — ...Me desculpe.



Ele não merece uma resposta ao seu pedido de desculpas de merda. Ele não merece o meu perdão.

Eu sinto o frio do aço serrilhado na palma das minhas mãos, a trinca dos dentes contra minha pele sensível. É deliciosamente afiado. Afiado o suficiente para transformar a carne e osso em manteiga derretida. Piscinas de umidade se formam entre as minhas coxas com o pensamento da violência iminente. O som do tendão teimoso sendo rasgado em pedaços. O calor do sangue fresco e borbulhante em minhas mãos. A visão do desbotamento da luz dos seus olhos, seu rosto ficando frio e pálido.

Ele vai ficar tão satisfeito. Tão feliz pelo que eu fiz por ele.

Como recompensa, ele vai me foder entre os cadáveres enquanto eles nos observam com seus olhos mortos e horrorizados. Eu vou venerá-lo num altar, cantando seus louvores enquanto ele me submete. Ele vai pintar runas de sangue em toda a minha barriga nua, meus mamilos, minha bunda, entre as minhas coxas.

Mas primeiro, vou fazê-los gritar tão alto que seus lábios vão se rasgar. Vou fazê-los engasgar com saliva e vômito quando os cortar e derramar suas entranhas. Vou fazê-lo lento, tão lento que eles vão implorar pela morte. Tão lento que eles vão testemunhar até o último segundo.

Ele vai ficar tão orgulhoso de mim.

Meu senhor.

Meu mestre.



Eu tremo quando volto à consciência. Um berro parecido com o de um animal sendo abatido perturba a noite, rasgando a escuridão do céu repleto de estrelas prateadas. Não, não são estrelas. São olhos. E não há nenhum animal sendo abatido. Os gritos vêm de mim.

— Shhhhh, — Ouço os sussurros de L, que está me apertando junto ao seu peito nu. — Está tudo bem. Você está bem. Foi só um sonho.

Ele está me embalando, me bloqueando do terror que se manifesta em minha mente. Sussurrando palavras gentis de conforto no meu cabelo emaranhado e molhado com lágrimas.

Seu cheiro de terra queimada e jasmim da meia-noite me envolvem, sufocando o horror por trás de minhas pálpebras, meu medo se extinguindo rapidamente. Parecia tão real, tão real. Eu podia sentir o cheiro da poça de sangue aos meus pés. Podia ouvir os apelos desesperados por misericórdia. E podia senti-lo dentro de mim, me castigando, me fodendo até o esquecimento.

— Foi apenas um sonho. Está tudo acabado. Eu tenho você agora.

As palavras de Lily ecoam na minha cabeça, a declaração de L ganhando um significado diferente.

Você é dele agora.

Não sei o que isso significa. Tudo o que posso compreender neste momento é o calor sufocante que me envolve. Sua voz suave. E sua pele lisa como mármore contra minha bochecha.

Em algum lugar, em algum canto distante da minha mente, me lembro que deveria odiá-lo. Deveria temê-lo. Mas agora temo apenas uma coisa inteiramente diferente.

Tenho medo de mim mesma.



A luz do sol atravessa as janelas gradeadas, pintando listras douradas em meu rosto. Eu pressiono minhas mãos nos olhos e bocejo, esticando minhas articulações rígidas e doloridas. L está longe de ser encontrado, e fico feliz por isso. Não consigo respirar quando ele está por perto. Meus pensamentos se tornam palavras desarticuladas e sons murmurados sempre que ele está próximo. Como eu sobrevivi à noite passada, nunca vou saber. Mas sei que sou grata. Tê-lo aqui, segurando-me, confortando-me — eu nunca soube o que era isso. Alguém me dizendo que era só um sonho ruim e que não era real. Eu tinha aprendido a engolir meus ataques de histeria há muito tempo, por medo de que alguém pensasse que sou louca.

Como ela. Como a minha mãe.

Um monte fresco de roupas, uma escova de dente, creme dental e uma escova de cabelo estão no lugar onde sua pele nua tinha beijado os lençóis. Inconscientemente, deslizo minha mão sobre o algodão macio, me perguntando se ainda poderia sentir seu calor sufocante. Estar em seus braços, com meu rosto pressionado em seu peito firme... tinha sido quase demais. E não era só pela temperatura de seu corpo. Ele é que era demais. Muito intenso. Muito rude. Muito assustador. Muito de tudo, tudo de uma vez.

Eu vou para o banheiro tomar banho e mudar de roupa, grata pela água quente e roupas limpas. O pensamento de que L tinha estado aqui — nu... molhado — apenas algumas horas antes não passa despercebido por mim. Sacudo a imagem da minha cabeça, frustrada com minha própria fraqueza. Ele me mostrou um pouco de bondade, um pouquinho de compaixão.

Grande coisa.

Isso não deveria fazê-lo parecer menos que um verme assassino. Isso não é desculpa para ele quase me sufocar e me matar. Sendo sincera, isso faz dele um pedaço ainda maior de merda, porque ele é realmente capaz de diferenciar o certo do errado. Ele sabe o que está fazendo. E se ele fosse louco, eu seria capaz de compreendê-lo um pouco mais.

Ignoro a oportunidade de me olhar no espelho. Não importa, de qualquer maneira. Eu sempre fui um pouco orgulhosa do meu olhar nervoso e excêntrico, mas não queria ver o terror selvagem que certamente rodava em meus olhos agora. Eu odeio não ter o controle, algo que tenho lutado arduamente para entender durante a maior parte da minha vida.

Alguém trouxe meu favorito, jeans desbotado preto e minha blusa mais confortável. Pergunto-me apenas o quanto da minha roupa eles roubaram do meu apartamento. Talvez minha pequena caixa de sapatos chamada de quarto já foi embalada e realocada, considerando que eu disse à minha irmã que estou me mudando. Não duvido que eles já cobriram todas suas bases.

Quando saio do banheiro, meu sangue corre frio, o calor da água rapidamente esquecido. L está sentado na cama, no lado que eu tinha dormido. Ele está usando uma blusa térmica preta de manga comprida, apertada o suficiente para eu vislumbrar as sombras de seus músculos. A calça jeans também é preta, assim como suas botas. Suas mãos estão entrelaçadas em seu colo, o fazendo parecer um tanto contemplativo quando levanta a cabeça. Ele olha para mim, aqueles olhos prateados estudando cada polegada do meu rosto.

— Você não bate antes de entrar? — Eu deixo escapar.

Ele levanta uma sobrancelha escura, sinistra. — Bater? Para entrar no meu próprio quarto?

Quarto dele. Eu tenho dormido com ele, no quarto dele. Isto não é apenas uma sala de espera para seus cativos. É seu espaço pessoal. Sinto o sangue aquecer meu rosto.

L esfrega uma mão na parte detrás do pescoço e me olha com as sobrancelhas franzidas. — Você parece... descansada.

Um elogio? Mas por que parece que ele está sofrendo com isso? Não sei o que dizer então... não respondo.

Ele avança em direção a porta do quarto. — Venha, — Ele comanda, sem olhar para mim.

Ele vai me deixar sair desse quarto. Depois de quase quatro dias — metade deles passei inconsciente e drogada — ele me deixaria finalmente sair. Talvez para sempre? Essa poderia ser a minha chance. Minha liberdade pode estar esperando do outro lado da porta. Ou talvez seja algo pior. Talvez ele não esteja me guiando para a minha liberdade. Talvez ele esteja me levando até minha morte.

Furtivamente pego o garfo seguro dentro da minha calça jeans. Ele pode não fazer muito estrago, mas se for minha hora de fugir, levarei qualquer tipo de arma comigo.

Com as pernas trêmulas, o sigo para fora da sala, o que nos leva a um longo corredor. Há cinco portas, todas fechadas, o que não me dá nenhuma indicação de onde estou sendo mantida. Existem outras garotas nesses quartos? Sua busca para encontrar Adriel o levou a raptar mulheres nas ruas? Eu não tinha ouvido qualquer grito, mas se as janelas são à prova de som, imagino que as portas sejam iguais. No entanto, quando nos afastamos mais do quarto, ouço algo. Algo familiar.

Música.

L me leva a uma sala ampla e aberta que se assemelha a uma sala de estar. Não, não se assemelha. É uma sala de estar. E há uma grande cozinha à direita. Estou em um apartamento. Que está cheio de assassinos.

Lily. Phenex. Jinn.

O homem alto e loiro. O samurai. Scarface.

Eles estão todos andando por ali como pessoas normais, como se não tivessem um problema sequer no mundo. Não sei se eu deveria ficar irritada ou aliviada com isso.

Jinn e Phenex estão na cozinha, e eles parecem estar cozinhando um banquete. Lily carrega bandejas de comida com cheiro delicioso para uma mesa longa com tampo de mármore, enquanto o homem loiro organiza os talheres. O cara com cicatrizes e o samurai estão esparramados no chão da sala de estar. Eles estão jogando vídeo game. Vídeo game, porra! Eu pisco uma vez... duas vezes. Certamente estou vendo coisas. Assassinos não jogam X-Box One. Eles deviam estar esfolando gatos ou fazendo colares feitos de orelhas humanas.

Sem dizer uma palavra, L entra na sala de estar luxuosamente enorme, me deixando em total descrença. Estou sobre areia movediça, sendo sugada pela ilusão diante de mim. Eles têm a coragem de agir normalmente. Como se fossem amigos ou família. Isso tem que ser um truque, uma estratégia para me fazer confiar neles. Merda, talvez eu seja parte da refeição.

— Oi, Eden! — Lily diz, percebendo que estou no local. Ela desfila com uma tigela de iogurte com frutas frescas em direção a mesa ornamentada, e quase salta sobre para mim com um sorriso largo no rosto quando me vê.

Todo mundo vira-se para olhar para mim, nenhum deles parecendo meramente surpreso. Logo, foi tudo premeditado. O asiático até mesmo me pisca um sorriso.

— Ei, Eden. Você tem bom gosto. Sua playlist é muito boa. — Ele move sua cabeça para o meu telefone, que está conectado a um alto-falante sem fio.

— Você pegou meu telefone? — Eu deixo escapar, minha voz cheia de aborrecimento. Ele tem a ousadia de sorrir timidamente e encolher os ombros antes de voltar para seu vídeo game. O cara com cicatriz tinha aproveitado a distração e enviado uma saraivada de balas com seu homem virtual.

— Oh merda! Seu filho da puta! — O asiático ri, movendo os polegares furiosamente, tentando salvar o pouco de vida que lhe restava. Bizarro!

— Bem vinda, Eden. — Phenex diz, se aproximando de mim. Ele limpa as mãos com uma toalha de cozinha antes de estender-me a mão. Eu simplesmente olho para ele, antes de olhar para seu rosto aparentemente gentil, meu próprio rosto gravado em uma carranca.

— Que lugar é este? — Pergunto, meu tom exigente.

Phenex puxa sua mão para trás e acena ao redor da sala. — Esta é a nossa casa. Você chegou bem na hora do brunch¹⁰.

— Brunch?

— Sim. Desde que nos revezamos em turnos, é raro que estejamos todos juntos. Mas as terças são nossos dias de folga, então temos uma refeição conjunta obrigatória.

— Jinn é um cozinheiro fabuloso. — Diz Lily. — Ele na verdade é um chef treinado, o que é ridículo, já que ele quase não come nada.

Phenex lhe dá um olhar aguçado, mas rapidamente recupera a compostura. — Sim. Estou tão feliz que você possa se juntar a nós... E, para a sua informação, fui eu quem fez o macarrão com queijo. É seu favorito, certo?

— Hum... sim? — Eu não consigo afastar a descrença do meu rosto, mas isso não parece ofendê-lo.

— Bom! Espero que goste. Eu não queria insultá-la com o tipo comida pronta, então fiz a coisa toda. Além disso, L não permite alimentos processados no apartamento. — Antes que eu possa gritar e me afastar, ele aproxima sua cabeça da minha e pisca de forma conspiratória. — Mas se você tiver quaisquer outros pratos favoritos, não hesite em fazer um pedido. E prometo que vou fazer o meu melhor.

— Ok, todos! Hora de comer! — O loiro anuncia. Uma bela peça central situa-se em meio à mesa, vibrante em tons ricos de ouro, vermelhos e ocre. Cores de Ação de Graças. Talheres e pratos estão habilmente colocados na frente de cada um dos oito assentos. Eles estavam me esperando. Como se eu fosse uma parte deste jogo.

— Já não era sem tempo. — Scarface diz, jogando seu controle em um banco nas proximidades. — Estou morrendo de fome.

— Bem, nós tivemos que esperar pela Eden. — Lily retruca, segurando minha mão e puxando-me para a sala de jantar. Eu me afasto de seu aperto, ao mesmo tempo em que fico muito perturbada com o assassino desfigurado que me olha de cima para baixo.

¹⁰ Substantivo masculino, refeição matinal que serve ao mesmo tempo como café da manhã e almoço.

Lily me conduz para um assento, o do lado direito de L, que ocupa uma das cadeiras no final da mesa. Phenex toma a cadeira à minha frente, e Lily se senta do meu outro lado. Eu fico grata por isso enquanto observo o idiota malicioso ocupar a outra cadeira do final da mesa, ao lado de Jinn e do cara asiático. O homem loiro lindo se senta ao lado de Phenex.

Eu olho em volta da mesa, espantada com a quantidade de alimentos preparados para uma única refeição. Panquecas, waffles, três diferentes tipos de ovos, cereais, frutas fatiadas, bolos recém assados, todo tipo de café da manhã, mais carnes e claro, macarrão com queijo. Mais comida do que eu poderia comer em um mês, e certamente mais comida do que eu podia pagar.

Sem aviso, Lily desliza a palma da mão na minha. Assustada, percebo que todo mundo está segurando as mãos. Minha atenção se volta para L.

— Por favor. — Ele fala, como se a palavra o magoasse. Ele desliza a mão calejada em minha direção, palma virada para cima. Uma oferenda. Uma escolha.

Eu desvio meu olhar para os rostos em volta da mesa, e percebo que todos estão olhando para mim. Ontem à noite foi um momento atípico. Um deslize. Eu não preciso tocá-lo. Não preciso tocar qualquer um deles. Mas há algo em seus olhares sérios, algo implorando... encorajando, que me faz avançar minha mão para a de L.

Deixo meus dedos repousarem sobre os dele, e isso é o mais distante que estou disposta a ir nesta charada ridícula. O calor de seu toque queima minha pele de uma forma que envia calor para a minha barriga. Digo a mim mesma que estou imaginando coisas. Que isso não importa. Nada disso é o que parece, afinal de contas.

Se eles querem fingir que está tudo bem, tudo bem! Eu vou jogar junto. Vou agir como se tudo sobre esta cena não fosse regamente encenado. E uma vez que eles virarem as costas, pensando que sou dócil, vou reagir.

Cada um deles fecha os olhos – todos, menos eu. Eles estão... orando. Esses criminosos, assassinos, todos silenciosamente oram com as mãos unidas. Precisamente ao mesmo tempo, eles levantam suas cabeças e terminam com um amém, antes de encher seus pratos. Eu coloco minhas mãos em meu colo.

— O que está errado, Eden? — Lily pergunta, com pelo menos oito waffles empilhados em seu prato antes de afogá-los com manteiga, xarope caseiro, creme e geleia de mirtilos. — Não está com fome?

Eu fico embasbacada com seu prato transbordando e olho à minha volta. Todos eles, menos Jinn, que se contenta com iogurte e cereal simples, têm mais comida em seus pratos do que possivelmente poderiam comer. Mais comida do que qualquer um pode comer.

— Aqui. — Lily diz, mastigando um bocado de bacon. Ela então despeja uma enorme porção de macarrão com queijo no meu prato.

Eu abro minha boca para agradecê-la, mas outra coisa inteiramente diferente sai: — O que diabos está acontecendo aqui?

Eles param e apoiam seus garfos nos pratos. Suas bocas param de mastigar.

— Você ainda não contou para ela? — Phenex pergunta, franzindo a testa para L, que nem se incomodou em levantar o olhar para responder.

— Pensei que poderíamos comer primeiro.

— Contar o quê? — Foda-se a comida. Apesar do macarrão com queijo quente no meu prato ter um cheiro delicioso, quero respostas. — Eu vou comer mais tarde.

— Eden... — Phenex move sua cabeça para o lado, como se estivesse tentando encontrar as palavras certas. — ...Meus irmãos, irmã e L.... Nós não somos o que você pensa.

Assassinos. Mentirosos. Aberrações.

— Oh? E o quê, em nome de Deus, são vocês?

Suas sobrancelhas se levantam com meu tom impetuoso. — Sim, nós podemos ter trazido você aqui sob falsos pretextos, e eu peço desculpas por isso. — Ele atira uma carranca em direção a L, que parece estranhamente absorto em sua montanha de panquecas e salsichas. Quando ele olha de volta para mim, seus olhos âmbar estão cheios de calor e remorso. — Eden... O que você sabe sobre a Bíblia?

— O quê?

— A Bíblia. Especificamente sobre a parte que fala sobre anjos e demônios.

Um risinho soa do outro lado da mesa. — Não muito. Minha mãe era um pouco fanática, e todos sabemos como isso funciona. Então, quando tinha idade suficiente, me rebelei contra tudo isso. É tudo besteira, se você me perguntar.

— É? — Phenex levanta uma sobrancelha escura.

— Suponho que você vá me dizer que estou errada. — Reviro os olhos e pego meu garfo, ousando dar uma mordida no macarrão com queijo. Parece o céu em minha boca, e tenho que fazer um grande esforço para não rolar meus olhos em êxtase.

— Eu não diria errada. Diria enganada. Acredito que as circunstâncias da sua vida a guiaram para acreditar no errado.

— E por que você acha isso? — Eu coloco outra garfada na boca e pego uma tira de bacon de uma travessa nas proximidades.

— Porque, se os anjos realmente existem, porque não te ajudaram? Não te salvaram? Como poderia tal mal existir no mundo sem a comutação da bondade?

Eu tento focar cada grama da minha atenção na comida a minha frente, embora meu estômago tenha se revirado. — Deixei de acreditar nisso há muito tempo.

— Isso é triste. Tão triste.

Eu dou de ombros e forço um sorriso falso em meu rosto. — Mas é a verdade.

— Posso entender por que você pensa assim. Mas você nunca esteve realmente sozinha. E acho que também sabe disso.

Olho para cima da minha comida, que perdeu totalmente o sabor. Minha boca agora parece cheia de cinzas.

— O que você quer dizer?

O belo homem cor de ébano sorri, fazendo com que seus olhos castanhos brilhem como ouro radiante. — Eden, nós não somos desta terra. Nossas origens datam do início dos tempos, muito antes de seu mundo ser um brilho

nos olhos do criador. Pela origem, somos passageiros do escuro, embaixadores do mal. Nós fomos forjados no fogo, na imundice e no sangue dos condenados. Eden, nós somos demônios.

As chamas serpenteiam pelo meu pescoço, chamuscando minhas bochechas. Minha língua fica pesada, e sangue corre rápido pela minha cabeça, rugindo em meus ouvidos.

— O quê? — Não devo ter ouvido direito. Ou devo ter entendido mal o que ele disse. Ele deve ter se referido a demônios como as pessoas más. Criminosos. Não no sentido literal.

— Demônios. — Alguém diz do outro lado da mesa. Nem olho para ver quem.

— Mas isso é... isso é... — Impossível. Ridículo. Insano Aterrorizante.

— Eu sei que é difícil de digerir...

— Difícil? — Eu engulo e balanço a cabeça. — Você acha que é difícil para mim acreditar que fui raptada por... por... — Não posso dizer isso. Não direi. Dizer tornaria a coisa toda real.

— Você não foi raptada. Foi resgatada. — Lily diz, virando-se para mim. — Nós resgatamos você, Eden. Aqueles homens na loja não eram bandidos comuns. Eles foram *chamados*. Exatamente o que estávamos tentando impedir que acontecesse com você.

Chamados? Chamados para o quê? Ou por quem?

Vendo as perguntas espalhadas por todo meu rosto pálido, ela continua com suas horripilantes... mentiras. — Há aqueles que são chamados. Antes de nascerem, eles são escolhidos para se tornarem armas do mal — assassinos em série, terroristas, atiradores em massa. Eles não sabem disso, mas, uma vez que são ativados, não têm mais controle. Eles têm apenas um único propósito, que é causar dor e destruição.

Eu procuro pela minha coragem, mas ela deve ter ficado presa em meu estomago revolto. Mal consigo forçar as palavras pela minha garganta seca. — E você está me dizendo que eu sou uma dessas... armas. Que fui criada para ser uma delas.

— Sim. — Responde Phenex, seu olhar cheio de empatia.

Mas eu não quero empatia. Não quero nada disso.

— E vocês... vocês querem impedir que isso aconteça.

— Sim. — Ele acena.

— Mas você é... — Diga. Apenas diga. Fale e acabe com isso. — Um demônio?

— Nós passamos mais de um século lutando contra a nossa verdadeira natureza, na esperança de restaurar a misericórdia e a paz entre sua espécie. Tem havido muita coisa... muita dor e tumulto. Não deveria ser assim. Tem que haver um equilíbrio. Mas o equilíbrio tem sido distorcido.

— Já tentamos corrigi-lo. — Acrescenta Lily. — Nós caçamos aqueles que são escolhidos, acabando com eles antes que sejam chamados. Na esperança que, ao acabar com um, salvamos milhares... Milhões. Na esperança de salvar seu mundo.

A sala gira, borrando a luz prismática e transformando-a em caos pintado, e levando meu equilíbrio consigo. Arrisco um olhar embaçado para L, que aparece estar numa montanha-russa à minha frente.

— É verdade. — Ele diz, e as duas palavras caem em cima de mim, como pedregulhos de duas toneladas.

— Você quer me matar. — Eu suspiro.

— Não mais. Nós queremos salvá-la. Temos que salvá-la.

Não mais.

Não mais.

Ouçõ as palavras, mas elas não fazem sentido. Não me trazem conforto. Eu nasci para ser uma arma. Uma assassina. E eu estou sentada em uma mesa, jantando com demônios que tem a missão de matar pessoas como eu. Pessoas que, de alguma forma, são boas, são seres humanos inocentes sem nenhum controle sobre o que vão se tornar.

Com as pernas muito moles para ficar em pé, me esforço para levantar, apoiando-me na mesa. Não consigo respirar através do aperto em meu peito, que faz com que meus pulmões gritem com o esforço. Não consigo pensar com a neblina de pânico girando pela minha cabeça, gritando para eu fugir. Tenho que sair daqui. Não sei onde, nem como, mas tenho que sair daqui.

— Eu tenho que... — Minhas palavras parecem estranhas até mesmo para os meus ouvidos. Eu levanto meu corpo com as mãos dormentes, suadas.
— Eu tenho que tomar um ar.

Ouçó uma cadeira de madeira raspando no chão antes de mergulhar na escuridão.



Acordo em uma cama familiar — a cama de L — com o cobertor puxado para cima até o meu queixo. Meus membros pesados ainda estão dormentes, mas faço uma avaliação rápida do meu quadro. Estou totalmente vestida, e até mesmo o garfo sob minha cintura ainda está intacto. Há um copo de suco de laranja na mesinha de cabeceira, que eu engulo com gratidão. Estou sozinha, mas a porta do quarto está aberta. Um convite.

Já gastei muito tempo encolhida entre estas quatro paredes. Se o que eles dizem é verdade — se não sou uma prisioneira — então não devo me esconder por mais tempo. Mesmo que não consiga me livrar do temor que se arrasta até minha espinha toda vez que penso no que eles são.

Demônios.

Criaturas imaginárias. Pura fantasia. Ainda assim, o sentimento em minha barriga — uma sensação estranha, um nó que faz minhas entranhas virarem líquido — me diz que o que estão dizendo é verdade. Não posso negar que senti isso. Já vi o poder inexplicável do que podem fazer. E se eu sou capaz de andar por este mundo — uma garota inconsequente com a habilidade de dobrar as vontades dos outros com apenas um sussurro — então eu tenho que acreditar que há mais por aí. Algo maior... maior do que todos nós.

Tenho que decidir confiar em suas palavras. Tenho que ter fé de que eles não vão me machucar. Realisticamente, eles poderiam ter me matado há muito tempo, se fosse essa a intenção. Lily poderia ter mergulhado uma de suas facas direto no meu coração antes que eu soubesse o que estava acontecendo.

Eu tremo.

Uma memória assombrada de uma lâmina em minhas mãos pisca em tons de vermelho antes que eu possa bani-la para as trevas da minha mente.

Ouçô conversas enquanto percorre lentamente o corredor mal iluminado. Agora que tenho tempo e estômago para observar este lugar, percebo que é enorme e incrivelmente elegante, com suas paredes de tijolos expostos e acabamentos de aço. Deve ser um apartamento caro, perto do lado norte ou do Loop. De qualquer forma, é maior que o quarto que partilhei com minha irmã no lado sul da cidade.

Irmã.

Eu paro e fecho os olhos por um momento. Mais uma lembrança que preciso manter na parte escura da minha mente. Eu não posso voltar a pensa nela. Se o fizer, isso vai me quebrar.

Entro na sala aberta e me permito vê-la por inteiro pela primeira vez. À esquerda fica a sala de estar, com vista panorâmica do porto. À direita há uma cozinha digna de um chef gourmet, equipada com cada aparelho culinário imaginável, todos em inox brilhante, claro. Além disso, há uma porta grande e pesada, armada com travas e alarmes e, em frente, está a área de jantar.

O espaço é cheio de luz e opulência, completamente o oposto do que eu esperava. É um pouco frio, mas confortável. Tudo é fino e elegante, feito com um tipo resistente de madeira. Isto não é um calabouço escuro, decrepito e cheio de esqueletos de pessoas inocentes. É uma casa. E é exatamente o que sonhei ter para mim mesma, para minha irmã, se meus sonhos não me horrorizassem.

— Que bom! Você está acordada! — Lily diz quando me vê andando nas sombras. Ela coloca seu livro sobre a mesa de café de vidro e se levanta, acenando. — Venha. Sente-se com a gente.

Olho para os outros, que parecem completamente alheios à minha presença. Ainda assim, eu sei que eles estão cientes de cada um dos meus

movimentos. Cada batida do meu coração, cada respiração. Tenho quase certeza que Lily só fez um grande show por minha causa.

O samurai me olha por cima do laptop equilibrado em seu colo e me dá um sorriso. Ele é tão bonito, mas então, todos eles são. Mas há uma astúcia nele que grita problemas. — Ei, Eden. Quer que eu toque alguma música?

Eu balanço a cabeça quando me aproximo com as pernas bambas. — Não, obrigada.

— Eu adicionei algumas das minhas favoritas na playlist da sua biblioteca. Espero que não se importe.

Eu simplesmente pisco em resposta. Eu me importo? Merda, considerando a minha situação, eu deveria me importar?

— Esse é Toyol. — Lily diz, acenando para o assassino exótico. Ele está sem as espadas hoje, graças a Deus. Mas duvido muito que ele seja menos letal desarmado.

Ele vira a cabeça na minha direção, fazendo uma mecha de cabelo preto cair sobre seus olhos cor de amêndoas. — Demônio da malícia e do roubo. As lendas me descrevem como uma criatura bebê meio-morta, mas eu garanto que eu sou todo homem. — Ele pisca, e custa-me dizer isso, mas quase quero rir.

— E esse é Andras. — Afirmo Lily, apontando com a cabeça para o bonito homem loiro com características nórdicas. Eles são tão parecido que até poderiam ser gêmeos.

Andras levanta sua cabeça de uma revista e me dá um sorriso. — Prazer em conhecê-la formalmente.

— Ele é o demônio da instigação e do conflito. Não se engane com essa cara bonita. Ele adora começar a merda.

Andras olha por cima do ombro, admirando suas unhas. — Oh, por favor, Lilith. Você só está brava porque está velha e geniosa. Você nunca manteria um homem como aquele.

Arregalo os meus olhos. — Lilith?

Ela graciosamente faz uma mensura e sorri aquele sorriso que eu tinha aprendido a reconhecer e adorar. Antes de saber da traição por trás dele, claro. — Essa sou eu.

— A desprezada ex-mulher original. — Andras comenta, insultando-a.
— A demônio da doença e da morte. A desmancha prazeres oficial.

Eu olho para Andras e, em seguida, de volta à Lilith, à espera de esclarecimentos. — Ex-mulher?

Ela revira os olhos e volta para o sofá. — Eu fui a primeira esposa de Adão. Aquela de quem todos parecem esquecer.

— Você era uma bruxa velha e estéril. Ninguém quer se lembrar de todas as merdas que você fez.

Toyol. Andras. Lilith.

Caralho!

Eu tinha ouvido falar deles, eu li sobre eles. Estudar diariamente a Bíblia era tarefa obrigatória enquanto vivia com a minha mãe. - não estudar significava uma surra com o livro Santo. Eu era jovem demais para entender, mas quando fiquei mais velha, procurando desmascarar os ensinamentos de minha mãe, pesquisei por conta própria. Céu, inferno, a criação. Todas as religiões diferentes em todos os países ao redor do mundo. Eu me lembro desses nomes.

— Onde... onde estão os outros? — Eu gaguejo, me sentando no sofá enorme. É tão macio e luxuoso quanto parece.

— Saíram em patrulha. E Jinn está em seu quarto de meditação. — Responde Toyol. — Ele tem uma história muito intrigante. Já ouviu falar dos gênios no Islã?

Balanço os ombros. — Vagamente.

— Bem, eles não são realmente como as lendas urbanas do seu mundo os descrevem. As pessoas gostam de romantizar o que acham muito escuro e perturbador para entender. Seus livros afirmam que existem vários, todos servindo diferentes propósitos, todos descritos como seres diferentes. Gênios, vampiros, metamorfos, zumbis. Mas, na verdade, ele é todos esses seres. Então, naturalmente, ele é um mestre dos disfarces, capaz de aparecer com a aparência que deseja. Bem assustador, não é?

Assustador? Eu certamente não conseguiria dormir por uma semana. — Então ele é um demônio? Ou outra coisa?

Toyol acena. — Tudo que não veem do criador é mal. Seu povo pode elogiá-lo tanto quanto quiser com os filmes e livros de romance bregas, mas no fundo, sim, ele é um demônio.

— E Phenex?

— O conjurador. — Andras responde sem levantar a cabeça. — Mestre de todas as ciências, literatura e música. Mas é assim que ele te pega. Ele atrai você com palavras gentis e voz suave. Mas, no fim das contas, ele também é um demônio. Um demônio muito velho, na verdade.

— Ele é um caído. — Lily/Lilith adiciona. — Ele caiu do céu, é um antigo anjo. Ele tem procurado uma maneira de voltar às alturas, desde então.

— Ele é o mais antigo de todos vocês?

Os três balançam a cabeça.

— Não. — Responde Lilith. — L é o mais velho. E o mais forte.

— Não deixe Cain ouvir você dizer isso. — Toyol sorri. — Seu ego é do tamanho de Chicago.

A besta de cicatriz. Cain.

— Eu pensei que ele era mortal, filho de Adão e Eva?

Ouçoo Lilith se remexer em seu lugar no sofá.

— Ele fez um acordo que o delegou ao inferno. Estúpido. — Toyol balança a cabeça. — Além disso, ele tem uma coisa por assassinato, então é isso. Provavelmente ele não daria certo lá em cima.

Também não me passa despercebido que ainda não perguntei sobre L. O líder, o mais velho. L, o demônio que me segurou enquanto eu chorava em seu peito.

Você é dele agora.

Eu sei que não deveria pressionar, já que eles de bom grado me contaram tanta coisa. Muito mais do que poderia digerir durante uma conversa casual, na verdade. Mas, se há algo que devo saber sobre ele, algo que explique sua obsessão com essa Adriel, eu preciso saber.

— E, L. Quem é ele?

Lilith mal pode esperar para divulgar essa fofoca. — Oh, L é...

— Só L.

Nós quatro nos viramos para encontrar L atrás de nós, a expressão dele gravada em pedra. Aqueles olhos assombrados me analisando, me queimando como prata derretida. Sua mera presença irradia força e poder implacáveis.

— Você está aqui. — O som da minha voz parece... Surpreso? Com medo? Ânsia? Ainda não consigo decifrar.

Sem nem mesmo um piscar de olhos, ele afasta seu olhar de mim e encara Toyol. — Consiga vigilância para Lincoln Park. Cain detectou atividade naquela área.

Com apenas um apertar de um botão em um controle remoto pequeno, uma tela grande e plana desce do teto, eclipsando completamente a TV de 85 polegadas. Toyol bate outro botão, dividindo a tela em oito ângulos diferentes de imagens. Porra. Isso sim são câmeras ao vivo.

— Quantas câmeras têm ao redor da cidade? — Me atrevo a perguntar.

Toyol dá de ombros. — Mais ou menos duzentas, a maioria delas centralmente localizadas em torno do centro da cidade e em áreas de baixa renda.

Baixa renda. Onde me encontraram.

— Um ser humano que é chamado tende a levar uma vida inconsequente, desavisada. — Ele continua. — Eles passam despercebidos, voam sob o radar. Geralmente quando se ouve sobre tiroteios em escolas ou massacres em igreja, seus amigos e família são apanhados desprevenidos. Eles não acreditam que a pessoa tranquila e reservada que pensavam conhecer faz parte da escória de assassinos que anda pela terra.

Vida inconsequente... Hmph...

Dói, mas é verdade. Eu me encaixo no perfil.

— E depois de tudo pronto... depois deles terem sido ativados... ou chamados... ou o que quer que seja. Eles se lembram do que fizeram? — Não suporto a ideia de entrar em uma escola primária ou numa lanchonete e pulverizar todos com balas enquanto mato crianças inocentes. Não consigo imaginar passear no domingo depois da missa e detonar uma bomba durante a comunhão. Que tipo de animal faria uma coisa dessas? Como eles não

conseguiam lutar contra o impulso de matar? E como... como você possivelmente vive consigo mesmo após fazer algo assim?

— Não. Porque 9 entre 10 deles se suicidam primeiro, ou são mortos. Ele não lhes dá a oportunidade de se arrepender ou de sentir remorso. Suas vidas não são uma preocupação. Ele só quer que cumpram sua vontade.

— Quem é Ele?

Toyol vira a sua atenção para as caixas pretas e brancas na tela, uma borda de malícia em seus olhos negros. — Lúcifer.

Lúcifer.

Como...

— Satanás? — Eu sussurro tão silenciosamente que mal podem me ouvir. Como se dizer o nome dele pudesse fazê-lo aparecer.

— Satã. Belzebu. O diabo. Abaddon. Apollyon. — Andras responde. — Muitos nomes para um ego muito grande. Mas sim. Ele é o responsável. Ele os infecta antes do nascimento, enquanto ainda estão no ventre da mãe. Eles nascem pecadores e morrem pecadores.

— Mas isso não vai acontecer com você. — L de repente declara, sua voz grave, pesada com convicção. — Não vou deixar que nada nem ninguém te machuque.

Eu me viro para enfrentá-lo, meu olhar varrendo seu corpo tenso. Suas grandes mãos estão segurando a parte de trás do sofá, a tensão naqueles ombros poderosos repuxando sua camisa... ele sempre parece um elástico à beira da ruptura. Se a intimidação tivesse um rosto, um corpo, seria o dele. No entanto, há algo sobre ele... algo familiar e reconfortante. Talvez seja a maneira como ele me acalmou, ou as palavras calmas que repetidamente sussurrou enquanto eu chorava até dormir. Talvez sejam as imagens que piscam aleatoriamente diante dos meus olhos, algo que não consigo explicar. Senti suas mãos no meu corpo, aqueles dedos grossos e calejados muito mais suaves do que parecem enquanto percorriam minha pele sensível. Eu provei cada polegada de sua pele, assim como ele se deliciou com cada polegada da minha. Eu ouvi sua risada e sorri em seu sorriso.

Mas eu não conheço este homem, ainda não. De modo algum.

— Eden? Eden?

Pisco os olhos furiosamente, quebrando o feitiço ao som do meu nome.
— Hum, hein?

Lilith diz: — Eu perguntei se você está com fome? Você não comeu muito antes de desmaiar, e espero que isso não aconteça novamente. Há muita coisa que você precisa aprender.

— Aprender? — Eu franzo a testa. Lúcifer me infectou com o mal... enquanto ainda era um feto crescendo. Minha mãe estava certa, eu tenho o diabo dentro de mim. O que mais preciso saber?

— Sobre o que você é. — Interfere L. — Você precisa saber o que você é, para que possamos parar o chamado. Para que eu não seja forçado a matá-la.

— Mas você já me contou. Já sei que sou uma dessas aberrações, e que preciso fazer alguma coisa antes de fazer algo terrível. O que mais há para saber?

Um sorriso lento e sinuoso ondula-se na borda de seus lábios carnudos. Lábios que ainda não beijei - ainda não. — Coma primeiro. Você vai precisar.



Phenex chega com Cain enquanto Jinn prepara uma tigela de sopa caseira para mim. Eu insisti em que poderia esquentar algumas sobras ou fazer um sanduíche, mas ele simplesmente me ignorou, seu foco todo nos vegetais sobre a tábua.

— Ele não gosta de mim, não é? — Eu sussurro a Lily — droga — Lilith. É fácil cair de volta na amizade com ela. Ela parece... normal para mim.

— Quem, Jinn? Por que diz isso?

— Bem... — Olho para o homem bronzeado e barbudo, furiosamente rezando para que ele não possa ouvir-me da mesa de jantar. Se o que Toyol disse é verdade, não quero aguçá-lo o seu lado ruim. — Ele não fala comigo.

Lilith ri alegremente, me fazendo olhar em volta para ver se perdi alguma coisa. — Ele não vai falar com você porque não pode, boba! Sua língua foi cortada.

— Oh meu Deus. Eu sinto muito. — Cubro minha boca com meus dedos trêmulos. Não sei por que estou me desculpando com ela, mas parece que é a coisa certa a fazer. E depois, há a palavra "D". Estou presa em um apartamento com uma legião de demônios. Isso é quase o mesmo que desfrutar de uma festa no corredor da morte, não?

— Aconteceu há muito tempo. Cozinhar o ajuda a relaxar.

— Então... L-Lúcifer fez isso? Por matar seus peões?

— Não. Ele mesmo o fez. — Ela diz isso tão casualmente como se estivesse me contando o que tinha comido no café da manhã. Ele cortou a própria língua. O que leva uma pessoa a mutilar-se assim?

— Mas... Por quê? — Eu sei que eles têm reflexos de gato, eu os vi. E também uma força sobre humana. Mas realmente, realmente espero que Jinn não possa me ouvir tão curiosa sobre seu passado.

— Jinn usa sua influência para infligir dano a suas vítimas. Ele sussurra em seus ouvidos os seus próprios desejos. Ele não infringe o livre arbítrio; na verdade, apenas os faz acreditar que querem cometer atos lascivos, viciosos. É assim que alguns dormem com o marido da melhor amiga, porque estão sobre influência de seus desejos sexuais. Você roubou o dinheiro do seu vizinho porque acredita que precisa mais do que ele. Você corta a garganta de alguém porque o pensamento de sangue derramando-se sobre suas mãos te excita. Ele conhece sua fraqueza, seus defeitos, e apenas lhe dá aquele empurrãozinho necessário para te fazer perder o controle. — Ela suspira enquanto observa o homem forte e silencioso delicadamente adicionando ervas frescas na sopa. — Esse ‘dom’ não vem de graça, porém... toda essa constante traição e falsidade. Evocar constantemente a raiva, a dor e a miséria pode te sugar até que não sobre nada. Até que você começa a sentir-se como suas vítimas.

Pisco os olhos em seu humilde testemunho. — Mas não é isso que você quer? Nos fazer mal? Para o mundo se curvar ao mal?

Ela se volta para mim. — Somos demônios, Eden. Isso não significa que não temos consciência.

— Fale por si mesma. — Diz uma voz rouca do outro lado da mesa. Cain. Filho de Adão e Eva, assassino de Abel. Demônio do assassinato. Há um ligeiro estrabismo em seus olhos pretos quando ele olha para mim, me espreitando como um abutre. Tentando me infectar com sua língua venenosa. Eu sinto aranhas rastejando sobre o meu corpo, me raspando e arranhando a minha pele com suas pernas espinhosas. Mas ainda assim, sustento seu olhar.

Não vou deixá-lo ver o quanto me aterroriza, e como só olhar para sua grotesca cicatriz faz meu estômago revirar. Não vou lhe dar a satisfação que ele tanto anseia.

Acredito que ele pode ter sido bonito um dia. E ele ainda poderia ser agora, mesmo com a desfiguração. Mas ele não quer ser. Ele aprecia o medo, a aversão. Ele quer que as pessoas se assustem e evitem contato com seus olhos. Ele se deleita em fazer mulheres se apressarem para atravessar para o lado oposto da rua quando ele se aproxima. Ele sente alegria em intimidar homens menores, reduzindo-os a medrosos garotinhos.

Eu o conheço... porque *sou* como ele.

O isolamento é uma opção muito melhor do que a rejeição.

Demonstrar o medo nesse momento só provaria quão verdadeiramente sou impotente. Eu desmaiei durante o brunch, chorei até borbulhar de melec e vomitei no meu cabelo. Pareço como todo o resto para ele — fraca, patética. Ele odeia que eu esteja aqui. Isso é evidente. No entanto, ele ainda é um deles. Talvez ele não me despreze tanto quanto aparenta. Talvez ele não tenha escolha no assunto.

— Eu desprezo você. — Ele zomba, mostrando os dentes. Tanto para essa teoria.

— Huh? — Suas palavras, juntamente com a dureza de seu tom me pegam desprevenida.

— Eu disse que te desprezo. O que você é... do que é capaz. Você ainda está enganando seu destino. Covarde.

— Dá um tempo, Cain. — Lilith retruca, acenando. — Ele está bravo porque não matou ninguém nas últimas seis semanas.

— Eu deveria ter feito isso na outra noite! Eu estava na ronda! — Ele grita, agitando seus braços. Ninguém ainda lhe deu uma segunda olhada.

— Eu e L cuidamos de tudo.

— Huh... — Ele suspira. — Você quer dizer que L lidou com tudo. Você estava prestes a virar comida de rato. Você sabe... Estou desapontado com você, Lil. Você é geralmente muito mais focada. Talvez três décadas sem pau estejam te fazendo perder o jeito. E todos nós sabemos que seu colega de quarto, Andras, não está te satisfazendo. Diga-me, vocês dois compartilham os vibradores?

Tudo acontece tão rápido que nem tenho a chance de gritar ou me proteger. No entanto, algo em alta velocidade me derruba de minha cadeira.

Eu caio no chão a tempo de ver Lilith levantar Cain pela garganta com uma única mão. E então ela o derruba de volta para a mesa de mármore, rachando-a com a força do golpe.

— Cuidado com a língua, Cain. Ou eu vou acabar com você e te dar um sorriso completo. — Ela assobia, subindo pelo seu corpo como uma criatura desprovida de ossos e articulações. Seus braços e pernas se dobram em ângulos opostos. O pescoço se estende impossivelmente como o de uma serpente, e eu juro que presas reais aparecem em sua boca.

Ela levanta uma mão com garras, com o objetivo claro de golpear Cain, quando L entra na área comum. Ele apenas para, assiste a cena e balança a cabeça.

— Parem com isso, vocês dois. Não vou comprar outra mesa.

Com um sorriso sinistro que definitivamente mostra seus caninos afiados, Lilith desce lentamente de cima do desmedido Cain. O homem do tamanho de uma montanha salta sem sinais de lesão e ajeita suas roupas.

— Droga, Lil, esta camisa é nova! Eu só estava brincando. Pare de ser tão sensível.

Lilith cautelosamente arruma as cadeiras espalhadas e senta-se com toda a graça de uma bailarina. — Peça desculpas. — Ela diz levianamente, retornando seu cabelo louro à sua perfeição original.

— Desculpe. Porra. — Cain diz, voltando para seu próprio assento, seu rosto vermelho de vergonha... ou de raiva.

— Não para mim. — Ela acena uma mão bem cuidada para onde ainda estou, com os olhos bem abertos. — Para ela.

— O quê? Não vou pedir desculpas para uma humana imunda...

— Desculpe-se ou eu vou cortar suas bolas com uma faca de manteiga.

Com raiva, Cain se vira para mim, sua boca fixa em uma linha severa. Ele solta um suspiro forte e cruza os braços, seus bíceps protuberantes forrados com veias. — Peça desculpas.

— Por quê? — Lilith pede docemente.

Ele solta a respiração que estava prendendo pelas narinas como um touro. — Por ser um idiota com você.

— Bom! Isso é muito melhor!

L tosse alto, uma mão em concha sobre a boca para sufocar sua risada. Um rosnado baixo sai de Cain.

Quando o tumulto aparentemente acaba, Jinn serve um prato quente de sopa e o coloca na frente do meu lugar, junto com uma cesta de pães frescos. Eu timidamente volto para minha cadeira. A primeira colherada quase queima minha língua, mas vale a pena. Ah, como vale á pena. Suculentos pedaços de frango, legumes macios, macarrão al dente e ervas frescas e especiarias. Posso comer esta sopa todos os dias pelo resto da minha vida e nunca me cansar disso. Eu pego uma fatia de pão quente e mergulho no caldo, deixando o sabor infiltrar-se em cada canto e recanto da minha boca. É o paraíso — o céu — em minha boca.

— Eu ainda te desprezo. — Cain resmunga, me observando como um falcão desnutrido.

Acabo de mastigar e enxugo suavemente minha boca com um guardanapo de pano. — Isso é bom. Eu também particularmente não gosto de você. Mas acho que realmente deveria procurar alguma ajuda para controlar esses problemas de raiva. Raiva é uma coisa séria, você sabe. — Então dou outra mordida em meu pão, meus olhos nunca se afastando dos dele.

A vermelhidão no rosto de Cain escoa em seus ouvidos, e seus braços apertam tanto que a camisa nova começa a rasgar no bíceps. L tosse um pouco mais duro.

Jinn retorna à sala com outra tigela, colocando-a na frente de Cain: um pequeno Band-Aid para seu ego ferido. Quando Jinn volta para a cozinha, juro que vejo um sorriso puxando seus lábios.



— Eu sei que você tem perguntas sobre por que está aqui... e o que pretendemos fazer com você. — Diz L. Novamente estou sentada à sua direita, entre ele e Lilith. Phenex senta-se à minha frente, aqueles olhos castanho avermelhados emitindo calma e serenidade.

— Eu tenho. — Isso é um eufemismo. Não entendo nada disto. Não entendo porque fui escolhida para ser chamada. E, além disso, não entendo porque esse bando de demônios assassinos jurou me proteger.

— Eden, o que aconteceu quando você tinha cinco anos?

Sinto o calor fugir do meu rosto, apesar da temperatura quente do apartamento. Olho para baixo, para as minhas mãos cruzadas em meu colo. — Não sei o que você quer dizer.

— Está tudo bem, Eden. — Sussurra Lilith. Ela alcança meus dedos, tomando minha mão na dela. Ela é quente, assim como L. Não tinha notado antes, mas, novamente, não me lembro de tocar nela. Nós realmente só nos víamos na loja, onde sempre estava congelando. Estou começando a adivinhar o porquê, e não tem nada a ver com Eduardo.

Olho para cima e ao redor da mesa. Sete pares de olhos ansiosos me olham de volta, esperando que eu confirme meu destino.

— Minha mãe... ela disse que a única maneira de purificar minha alma era me batizando. Então, numa manhã, ela me fez panquecas. Eu nunca tinha comido panquecas antes. Em seguida, ela acendeu velas ao redor do banheiro, e recitou escrituras e cantou hinos. — Eu engulo através do aperto em minha garganta. — Ela me colocou na banheira cheia e segurou minha cabeça embaixo d'água. Eu lutei e me esforcei para chegar à superfície, mas ela não me soltou. Ela não me deixou respirar. Eventualmente, eu parei de lutar.

Phenex, com sua boca em uma linha apertada, diz: — Você se afogou.

— Sim.

— E depois?

— Depois... — Eu fecho meus olhos, evocando a memória que tinha jurado nunca relembrar. Ela tinha sido fechada atrás de portas e paredes de tijolo, bem no fundo da minha mente. Muito além dos aniversários esquecidos, das noites congelando num colchão duro e dos armários vazios, infestados de baratas. Havia apenas duas memórias cobertas com cobertores de poeira nesse espaço pequeno e escuro. Esta era uma delas. — Depois que eu acordei debaixo d'água, estava com frio, pálida. Mas estava viva. E era de noite.

O apartamento todo está completamente silencioso, exceto pela batida de um coração. Meu coração.

— Havia mais alguém na casa? — L pergunta, sua voz desprovida de seu timbre habitual.

Eu balanço a cabeça. — Ninguém nunca vinha nos visitar. Toda a vizinhança sabia que minha mãe era louca.

— Algum animal... animal de estimação?

— Um cão. — Eu aceno. — Uma vira lata. Não sei por que ela continuou voltando para lá. Não tínhamos qualquer comida para alimentá-la, mas sempre que eu conseguia pôr as mãos em algo, poupava um pouco para dar a ela. Ela era minha única amiga. Minha mãe odiava aquela cadela. Ela deve tê-la enxotado uma vez que pensou... uma vez que ela... — Eu engulo a bile em minha garganta, determinada a passar por isso sem quebrar. Sem mostrar-lhes como estou irrevogavelmente fraca e quebrada. — ...pensou que eu estava morta.

L olha para Phenex, que acena uma vez em resposta. Eles não parecem surpresos com tudo que conto.

— Eden, você sobreviveu porque você estava habitada pelo que chamamos de Jumper. — explica o anjo demônio. — Sua companheira canina não estava lá apenas para ganhar as sobras. Ela estava lá para salvá-la.

— Ela? — Isso não faz sentido. Nada disso faz sentido. Eu achava que esse incidente fosse como uma das muitas ocorrências bizarramente trágicas da minha vida.

— Adriel. — Responde L.

Eu franzo a testa e balanço a cabeça. Não essa merda de novo. — Olha, eu te disse não conheço...

— Adriel é um anjo. Ela veio a fim de encontrar você... a fim de salvá-la. Ela usou o cão como hospedeiro. É por isso que ele entrou em sua vida. Ela sabia que... ela sabia que era só uma questão de tempo. Ela pulou em seu corpo antes que fosse tarde demais.

Eu pisquei uma vez... duas vezes. O pânico enche meus pulmões, causando descontrole a cada respiração. Anjo. Adriel é um anjo. Dentro de mim.

— Mas isso não pode ser.

— Você tem habilidades que não consegue explicar. Você é capaz de influenciar as vontades dos seres humanos com apenas uma única palavra. Por que você acha que é assim?

Sacudo minha cabeça furiosamente. Lilith dá a minha mão um aperto reconfortante, mas eu me afasto, querendo ficar fora do seu alcance. — Não. Não, isso não é possível. Nada disso é possível. — Anjos, demônios... é ridículo.

— Eden, nós podemos ajudar você. — Assegura Phenex. — Isso é o que estamos tentando fazer você entender. Se você for chamada — se Lúcifer ativar você enquanto Adriel ainda habita a sua alma...

— Você terá a capacidade de aniquilar a humanidade. — Conclui L, seus olhos prateados brilhando como esferas de pedra da lua.

— Não! — Suor se acumula em minhas mãos quando me afasto da mesa e me levanto. — Você está errado! — Eu grito, tentando desesperadamente acreditar em minhas próprias reivindicações.

Aceitar essa estranha teoria seria como aceitar que verdadeiramente não existe nenhuma coisa boa no mundo. Porque, como poderia um anjo ficar e ver uma criança sofrer? Como um anjo suportaria assistir surra após surra? Como um anjo poderia me mandar magoar as pessoas, enganar as pessoas... matar as pessoas?

Eu acreditei quando me disseram que nasci com um toque de maldade correndo pelas minhas veias. *Isso* eu poderia imaginar. *Isso* poderia justificar todo o mal que eu cometi. Mas anjos? Eu não sou nenhum anjo. Um anjo não se deleita com o sofrimento dos outros.

— Você não sabe do que está falando. — Eu digo, minha voz tão vazia quanto minha alma. — Não sabe nada sobre mim ou sobre as coisas que fiz.

L se aproxima rapidamente de mim, seus punhos segurando os meus. Ele me olha com esse olhar iluminado pelas estrelas, cheios de suas próprias dores antigas. — Sim. Sim, eu sei. — Ele afirma, sua mandíbula trêmula sob o peso de sua declaração sincera.

— Como? Você não estava lá. Você não sabe... — O que eu fiz. O que eu causei. — Você não pode saber com certeza.

Ele permanece em pé diante de mim, perto o suficiente para que eu possa sentir seu calor. — Sim. Eu posso.

— Como? — Eu sussurro, ousando olhar para ele. Adorando olhar aquele rosto incrivelmente bonito, esculpido em pedra e ossos.

— Porque eu já fui um Serafim. — Ele pronuncia num tom de comando que faz minha calcinha molhar. Uma explosão de calor sufocante irradia em torno de toda sua estrutura, obrigando-me a recuar. — Mas agora... Eu sou... Legion.



Nos sentamos em volta da mesa outra vez, em silêncio. Ninguém fala por vários minutos, mas eu ainda posso ouvir suas perguntas. Posso sentir seus olhares fixos em mim, perguntando-se se eu vou correr, gritar ou chorar.

Estou entorpecida demais para fazer qualquer coisa, porém.

Eu abro a boca, mas rapidamente a fecho, sem palavras. O que você diz para um dos demônios mais poderosos e temidos na história? A besta que aterrorizou inocentes e destruiu aldeias inteiras? Nem sei como posso olhar para ele novamente. Os rostos cinzentos de muitos... muitos... demônios formam o monstro sentado ao meu lado.

— Já chega por hoje. — Ele anuncia, se levantando como se sua cadeira estivesse em chamas. Sem dizer uma palavra, ele anda até a porta da frente e sai, deixando-a aberta, desaparecendo no salão escuro.

— Eu vou. — Diz Cain, levantando-se com um suspiro. Ele percorre o caminho para a saída enquanto os outros homens se dispersam rapidamente, recuando para diferentes áreas do apartamento.

Eu olho para Lilith, minha sobrançelha levantando em questão.

— Ele sente mais do que ninguém. Sofre mais que qualquer outro. Quando o seu próprio Ser é composto por dezenas de almas perdidas, sua

miséria se torna interminável. Você não pode determinar o que é realmente você e o que são eles. Ele tem lutado por milênios, buscando penitência para cada uma dessas almas. Ele não vai desistir. Ele acha que... ele acha que, um dia, de alguma forma, vai refazer seu caminho até ao paraíso. E, te salvar... ele acredita que te salvar irá ajudá-lo a ganhar o favor e a misericórdia de Deus.

Eu olho para a porta fechada. Nem mesmo o fantasma de Legion permaneceu na sala.



Lilith, Andras e Toyol partem para o próximo turno de patrulha, deixando-me com Jinn e Phenex. E, mesmo que o casal não provoque mais medo do que os outros, eu recuso a oferta de Phenex de um jogo de xadrez e me resigno aos limites do quarto de Legion. Felizmente Lilith me emprestou alguns livros para passar o tempo.

— Este você tem que ler. — Ela tinha aparecido mais cedo, segurando um livro de capa dura, vermelho e com letras em negrito. Me lembro de percorrer meus dedos sobre a obra de arte na capa — uma garota com uma tatuagem no antebraço. Não parecia com os livros que eu costumava escolher para ler, já que sempre opto por leituras mais contemporâneas.

— Do que se trata? — Perguntei.

Ela balançou a cabeça. — Se eu te contar, você não vai ler. Confie em mim sobre isso, ok? Tenha um pouco de fé.

Ela estava certa. Eu não teria escolhido esse livro sozinha.

Mas agora eu devoro as páginas rapidamente, meus olhos ávidos para absorver cada palavra enquanto meu coração palpita em meu peito. Estou tão feliz por ter seguido o conselho dela. Perco-me na viagem fantástica, sentindo raiva da heroína, desespero... terror. E ainda sinto uma pequena pontada de outra coisa. Esperança. Talvez até mesmo amor.

— Toc, Toc, — Phenex diz na porta, seu rosto envolto em sombras. A noite já caiu. Eu não tinha percebido que tinha passado tanto tempo.

— Ei! — Eu digo com um sorriso apertado.

— Eu pensei que eu e você poderíamos dar um passeio enquanto Jinn prepara o jantar. Tenho que dizer, acho que ele gosta de ter você aqui. Não é sempre que ele cozinha três refeições por dia.

Marco a página com um marcador e relutantemente levanto da cama. — Ele não costuma fazer isso?

Phenex sacode a cabeça. — Quando não estamos patrulhando, podemos descansar ou treinar. Além disso, não exigimos comida tão regularmente como seres humanos.

— Oh. Bom, por favor, não se preocupem por minha causa. Acabei de tomar a sopa não muito tempo atrás, e eu geralmente não como muito. — Ou tenho comida tão boa em meu prato.

— Não há problema algum. Os outros irão apreciar algo quente na barriga quando chegarem em casa mais tarde. Venha. Vou te mostrar onde está tudo, assim você pode fazer as coisas sozinhas e se sentir em casa.

Casa.

Esta não era minha casa. Nunca seria minha casa.

Nem sequer tenho certeza de que sei o que *casa* significa.

Phenex me leva pelo corredor, parando em frente a porta mais próxima do quarto de Legion. — Esses são os aposentos de Lilith e Andras. — Ele explica, acenando com a mão em torno do vasto espaço. É enorme. Um lado é claramente de Lilith, enfeitado em tons de rosa suaves. O espaço tem um divisor enfeitado com luzes, enquanto o aposento de Andras é separado por uma tela de estilo asiático. Entre suas respectivas seções há um agrupamento de luxuosas cadeiras coloridas, uma TV de 65 polegadas, estantes e uma mesa. Uma porta leva para um banheiro privado está situada à esquerda. A configuração do quarto me lembra um dormitório, se dormitórios fossem três vezes maiores que o tamanho padrão e mobiliados com os melhores apetrechos que o dinheiro podia comprar.

— Este prédio era um depósito. — Explica Phenex, notando meu espanto. — Foi completamente remodelado, e agora moramos em todo o andar de cima. Abaixo, ainda neste prédio, há um bar, um restaurante e algumas lojas.

Não é de se admirar que este lugar seja tão grande. Eles têm um andar inteiro para viver.

Em frente ao quarto de Lilith e de Andras fica o de Phenex e Jinn. A disposição é praticamente a mesma, embora a decoração seja diferente. Enquanto os demônios loiros decoraram seu espaço com cores, texturas e elegância, Jinn e Phenex mantiveram o deles bastante simples, optando por tons suaves de terra e madeiras nobres. Noto que não há nenhuma televisão, no entanto, a área comum está repleta de livros de parede a parede e em todos os idiomas, variando de títulos mais antigos a obras mais recentes. Uma mesa de mogno escura e pesada está centralmente localizada perto da parede.

— Se todos têm tanto espaço aqui, por que não fazer quartos individuais? — Pergunto, não querendo ofender. Eu ofereço um pequeno sorriso para mostrar minha intenção.

— É melhor para nós estarmos perto de nossa própria espécie. A tentação de voltar a nossa velha natureza pode ser difícil de ignorar em isolamento. Estar juntos nos responsabiliza. Nos mantém conectados uns aos outros.

Eu aceno demonstrando que compreendo. — Mas... L.... — Ainda não posso dizer o nome dele em voz alta.

— Legion tem almas suficientes para mantê-lo ocupado. — Um lado de sua boca ondula e ele encolhe os ombros, acanhado.

A porta ao lado de seu quarto abriga uma enfermaria abastecida com uma variedade de ataduras, máquinas de alta tecnologia que só vi na série do Dr House e até mesmo uma cama de hospital. Phenex disse que era médico. Pergunto-me vagamente quantas vezes ele teve de suturar um corte ou reparar um osso. Demônios deviam ser imortais. Eles não se regeneram ou se curam?

— Nossos corpos na Terra são um tanto suscetíveis, muito parecido com o dos humanos. — Diz Phenex, respondendo minhas reflexões não verbalizadas. — Nós podemos nos curar da maioria das feridas mais superficiais dentro de minutos, mas lesões mais graves podem nos deixar debilitados e incapazes de curar. É aí que entra a medicina moderna.

Meus dedos deslizam sobre uma máquina com cerca de uma dúzia de botões diferentes e um monitor destacado. — É mais difícil de tratar a sua espécie? Ou é muito parecido com tratar um ser humano?

— É essencialmente o mesmo. Só não podemos usar anestesia, então...

— Espere. Você não usa quaisquer anestésicos?

Phenex sorri, tão simplesmente que faz com que seus olhos brilhem como a luz dourada do sol. — É desnecessário. A temperatura dos nossos corpos mede cerca de 103 graus, então apenas iríamos inutilizar a anestesia antes dela sequer poder fazer efeito.

— Então, vocês ficam acordados, sentindo tudo? Mesmo em procedimentos cirúrgicos?

Ele acena. — Se não desmaiarmos de dor primeiro.

Um calafrio percorre minha espinha. Que... horrível.

Saímos para o corredor, e eu aponto para uma porta em frente à enfermaria. — Ei, o que tem aí?

— Estoque. — Ele responde friamente, antes de me mostrar os aposentos de Cain e Toyol.

É exatamente como eu esperava. Escuro e cheio de entretenimentos sem fim. Se não fossem pelas camas king-size e as roupas espalhadas, poderia pensar ter entrado no Best Buy¹¹. Também está cheio de armas aleatórias — armas, facas, espadas, e algumas outras coisas com as quais não estou familiarizada. Não ficamos ali por mais de dois minutos.

— Posso te perguntar uma coisa? — Eu questiono enquanto caminhamos para a sala de estar.

— É claro. — Phenex vai até o sofá, levando-me a sentar no assento em frente a ele.

— Porque não posso sair? Por que não posso ver minha irmã?

Ele puxa uma respiração profunda, e coloca os dedos na frente de seu queixo. — Você ainda é um risco para a população em geral. Se for chamada enquanto estiver lá fora, seria um perigo para todos ao seu redor, especialmente para sua irmã. Vamos mantê-la aqui para sua segurança, e para

¹¹ Shopping de eletrônicos nos E.U.A.

a segurança deles. Não é porque queremos ser cruéis. É exatamente o oposto, na verdade.

— Mas, e se eu for chamada enquanto estou aqui? O que vocês podem fazer para me deter?

— Bem, você não pode manipular nossas vontades, então seu único método de ataque seria físico. E... a gente pode lidar com isso.

Tradução: Nós a matamos.

Ele não tem que dizer as palavras. Posso lê-las claramente em seu lindo rosto.

— Mas... Por quanto tempo? Não posso ficar aqui para sempre. Eu não posso permanecer isolada do mundo exterior pelo resto da minha vida. — O pensamento de nunca interagir com outros humanos, nunca sentir o sol na minha cara, nunca mergulhar os dedos dos pés nas águas geladas do Lago Michigan... honestamente, não é melhor do que ser morta.

— Procuramos uma maneira de interceptar o Chamado. Talvez com a orientação e formação cuidadosa, poderemos detectar os sinais a tempo de evitar a tragédia. — Ele abre e fecha as mãos, como se tentasse capturar minha ansiedade em suas mãos.

— E se eu não cumprir o que estou destinada a fazer? Se vocês de alguma forma evitarem meu ataque? O que acontece então?

Os olhos dele caem para o chão por um momento, como se o peso do seu remorso fosse demais para suportar. Quando ele volta a olhar para mim, sua expressão é triste... sem esperança. — Nós a impedimos de cometer suicídio.

Estou presa pelo meu próprio destino, enjaulada na mão que está viva — minha vida humana *insignificante e irrelevante* — me aprisionou. Se eu ficar, permaneço isolada de tudo o que conheço. Não mais que uma prisioneira numa cela de prisão confortável. Se eu fugir, corro o risco de machucar as pessoas, matá-las. Não há nenhuma maneira de parar o que está por vir. Não há como lutar contra isso. Andras estava certo. Eu nasci pecadora, e morrerei pecadora. Mesmo que seja pelas minhas próprias mãos.

— Pode haver uma maneira... — Phenex oferece. Ele torce seus lábios carnudos, como se brigasse com a decisão de me dizer. — Talvez possamos

descobrir para o que você foi criada, e ajudá-la, ensiná-la a lutar contra essa vontade. Especialmente com Adriel...

— Adriel? Por que ela me ajudaria? Ela não fez nada além de prolongar o inevitável, de qualquer maneira.

Phenex franze a testa. — Ela salvou sua vida, Eden.

— Teria sido melhor se eu tivesse morrido! — As palavras saem da minha boca antes que eu possa me controlar. Não queria gritar, especialmente com aquele que me mostrou nada mais que bondade e carinho desde que fui sequestrada. Mas não estou acostumada com isso. Não estou acostumada com nada disso.

— Eu não acredito nisso. — Diz ele, balançando a cabeça. — E você também não. Você tem um propósito, Eden. Um propósito maior, maior que eu, maior do que todos nós. Adriel deve ter visto isso. Não sabemos por que ela caiu, mas ela o fez por uma razão. Talvez ela... — Ele balança a cabeça. — Esquece.

— O quê?

— Eu não acredito que ela teria arriscado a queda se soubesse que não havia esperança. Se ela soubesse que não há uma maneira de voltar.

Quero dizer-lhe que ele está errado. Adriel não é o que ele acha que é. Ela sussurra constantemente em minha cabeça, me dizendo para machucar pessoas para satisfazer minha própria raiva irracional. Isso definitivamente não gera um bilhete de volta para o céu. Adriel não caiu para me levar à salvação. Ela caiu para nos colocar de joelhos.

Legion e Cain não chegam a tempo para o jantar. Eu não perco a conversa forçada ao redor da mesa enquanto jantamos o guisado de carne de veado e pão de milho doce. Está divino, é claro, mas só consigo sentir o sabor amargo do meu destino.

Eu vou morrer aqui.



Eu acordo assustada com o som ensurdecedor de metal batendo contra metal. Meu primeiro instinto é gritar e correr, mas minha voz é apenas um sussurro sufocado quando vejo duas figuras escuras e intimidantes cambaleando para dentro do quarto, iluminados apenas pelo luar cintilante da janela.

— Merda, L, você pesa uma tonelada, porra! — Diz Cain, arrastando o homem mais alto para a cama. Eu sento e puxo os lençóis até meu queixo. Lilith me deu uma camisola bonita para vestir, mas é um pouco curta. Aparentemente, pijamas de flanela grossos não funcionam para ela e sua temperatura corporal elevada.

Meu primeiro pensamento é que ele está ferido, e sinto o tolo pânico apertando minhas entranhas. Mas então ouço algo que me confunde totalmente.

Legion... ri.

Cain segura Legion por um de seus braços tatuados, que equilibra em torno de seus ombros. Assim que ele o coloca na borda da cama, Legion cai com o rosto apenas a uma curta distância da minha perna.

— O que aconteceu com ele? — Eu sussurro ao demônio com cicatrizes.

Cain olha para mim, e curiosamente seu olhar está destituído de seu usual despeito. Em vez disso, ele parece... divertido. — Seu garoto aqui é um peso leve.

— Ele está bêbado?

— Não, não estou! — Legion se ofende antes de cair em um ataque de risos. — Eu vou acabar com qualquer um de vocês... qualquer um de vocês no momento certo. Ajude-me a levantar. Eu vou te mostrar. Não fale merda sobre mim!

Eu tinha ficado preocupada, tanto quanto odeio admitir. Preocupada que algo estivesse acontecendo. E todo esse tempo... ele esteve bebendo.

— Calma, homem! — Cain diz, tirando as botas do seu amigo. — Talvez outra hora. Não quero manchar esse seu rosto bonito.

— Merda! — Legion olha para cima, cravando aqueles olhos prateados em minha expressão atordoada antes de deixá-los baixar até meus ombros nus

e braços expostos. Sua boca se curva ligeiramente, e outra coisa preenche inteiramente seu olhar.

Fome.

Eu não consigo desviar o olhar.

— Ok, bonitão. — Cain diz, endireitando as costas. — É hora de dormir. Você está por conta própria para se despir. Foda-se!

Quero pedir-lhe para ficar, para salvar-me da fera escondida no olhar de Legion.

Salvar-me da turbulência que sinto por este monstro de homem.

Salvar-me de mim mesma.

Mas Cain sai do quarto com um sorriso diabólico no rosto marcado. Percebo que ele está jogando um jogo perigoso aqui. Talvez nós dois estejamos.

Não suporto o silêncio. Não suporto a forma como Legion só... me olha. Eu engulo corajosamente, lavando minha hesitação.

— Vamos lá. Você deve ir para a cama.

— Sim. — Finalmente ele pisca, lembrando-se de quem é. Lembrando-se de quem eu sou. Com algum esforço, ele se vira e apoia os joelhos na cama, como se o peso de sua estrutura maciça fosse chumbo, o levando a exaustão. Ele esta de quatro como um animal, aquele olhar fantasmagórico passeando sobre minha pele. Eu posso sentir seu calor flutuando sobre mim, acariciando meu pescoço, beijando meus lábios, deslizando pelos meus mamilos cobertos por cetim.

Ele rasteja lentamente em direção a cabeceira da cama, seus movimentos ágeis e letais como os de uma pantera. Seguro a respiração pelo que parece uma eternidade, contando cada uma das batidas frenéticas do meu coração, enquanto ele se aproxima... mais perto... mais perto... até que ele está bem diante de mim. Uma vez pensei que o tamanho da cama era ridículo. Agora eu não tenho tanta certeza se estou grata ou frustrada por isso.

Quando ele paira sobre meus joelhos dobrados, aqueles musculosos braços em ambos os lados das minhas coxas, eu suspiro. Ele se move apenas uma fração mais perto, alinhando seu rosto com o meu. Me vendo. Ele vê a

minha alma. Ele vê todas as coisas feias, toda a dor. Todo o desejo queimando dentro de minha carne trêmula.

Eu não solto minha respiração até que ele rola, caindo de costas ao meu lado. Ele arruma seu travesseiro atrás da cabeça, os dedos tão tensos que tenho medo que possa rasgá-lo em dois.

Impossivelmente longos e escuros cílios descem sobre as maçãs de seu rosto anguloso quando ele fecha os olhos. Dentro de segundos, sua respiração torna-se pesada e profunda.

Não acho que vou ser capaz de dormir, porém.



DOZE

Começa como sempre.

Eu sinto o concreto frio embaixo dos meus pés. A lâmina na minha mão parece não pesar nada, e eu a acaricio sobre meu peito nu como se fosse uma pena de seda. Eu suspiro com a sensação dos pequenos espinhos picando meus mamilos até chegar a minha barriga, símbolos fantasmas aparecendo ao longo das minhas costelas. Balanço meus quadris de um lado para o outro, rebolando e girando para que ele possa ver cada parte do meu corpo em toda sua glória. Assim ele poderá ver quanto prazer eu posso dar.

Eu ouço seus gritos, uma doce sinfonia erótica para minha lenta dança sinuosa. Eles imploram para eu deixá-los ir. Me imploram para poupar suas vidinhas patéticas. Eu jogo minha cabeça para trás e dou risada, permitindo-lhes a visão dos meus seios pesados tremendo com minha diversão. Eu separo minhas coxas e provoco meus lábios lisos com a ponta da lâmina. Eu gemo com a sensação do aço afiado contra meu centro. Ainda com os olhos presos em meus cativos, eu aproximo a faca da minha língua e a lambo até deixá-la limpa.

Eles também querem fazer isso. Só não sabem ainda. Mas eu pretendo fazer com que entendam seus desejos rapidamente.

Eu sei que quanto mais rápido eu os abater, mais rápido poderei senti-lo dentro de mim. Eu queimo por ele, mas este jogo é muito divertido. A antecipação, a saudade, é tão doce quanto matar. E quando receber a minha recompensa — quando ele me inclinar numa poça de sangue fresco e quente e enterrar-se dentro de mim até o punho — será ainda mais doce.

Um clarão ofuscante de luz envolve o quarto, engolindo tudo como uma supernova. Quando meus olhos se ajustam ao estranho brilho, percebo que estou em uma cama envolta em seda e cetim da cor da própria névoa da manhã. Não há mais nada frio abaixo dos meus pés, nenhuma lâmina em minhas mãos. Meu corpo está quente, macio e ansioso. Estendo meus membros e sorrio, deixando um suave suspiro escapar dos meus lábios.

Ele rasteja sobre meu corpo, ostentando esse sorriso diabólico que deixa meus joelhos fracos. Eu finjo medo e tento escapar de sua abordagem, mas ele rapidamente pega minha coxa e me puxa em sua direção.

— Você não pode fugir de mim. — Ele sorri preguiçosamente.

Eu olho para aqueles olhos da cor da sombra da chuva de verão, e levanto a mão para tocar seu cabelo preto como a meia noite. Ele treme sob meu toque. — Por que eu faria isso?

— Nunca. — Ele respira, mergulhando a cabeça para que seus lábios fiquem próximos dos meus. Eu tremo com a sensação de sua barba curta fazendo cócegas no meu rosto. — Nunca tenha medo de mim. Nunca fuja de mim.

— Nunca! — Eu prometo, e sei que essa palavra significa mais do que uma promessa de meu coração.

Ele segura minhas coxas suavemente e, com um empurrão de seus joelhos instala-se entre as minhas pernas. Sinto-o contra mim, latejante, grande e duro. Ele imediatamente empurra na minha entrada sem sequer flexionar os quadris.

— Nunca. — Repito em um gemido sem fôlego. A ponta de seu pênis penetra meu corpo, e a sensação de queimação e dor é como um bálsamo para minha carne trêmula. — Nunca. — Eu gemo na sua boca, sentindo o gosto delicioso de sua língua.

Ele senta-se ereto, me levando consigo, e então eu deslizo lentamente sobre seu sexo, encaixando ao redor dele como uma luva. Eu quero me mover

— quero senti-lo tão profundo quanto meu corpo pode levá-lo... tão profundo quanto ele pode ir — mas ele me embala, segurando minhas costas e meus quadris enquanto seguro seus ombros fortes. *Segure-se nele...* — Uma voz sussurra. — *Segure-o... e nunca o deixe partir...*

Eu suspiro, acordando junto aos primeiros sinais do amanhecer, meus membros emaranhados com os de Legion debaixo dos lençóis. Ele dorme profundamente com minha bochecha pressionada em seu peito, seus braços enrolados protetoramente em meu corpo. Nós estamos do lado dele cama. Ele puxou-me para si, ou eu devo ter rolado em direção a ele durante a noite, buscando seu calor para me proteger do ar gelado. Ele está me abraçando tão apertado, como se tivesse medo de eu fugir. Como se algum mal inominável fosse arrancar-me de suas garras a qualquer hora da noite.

Eu olho para seu rosto, me perguntando se ele pode sentir meus olhos o observando. Querendo saber se ele está ciente de como minha perna nua está enrolada na coxa dele. Eu deveria me afastar e voltar para o meu lado da cama estupidamente grande, mas temo que vá acordá-lo se fizer isso. E ele é tão quente. Tão quente quanto meu coração é frio.

Não estou pronta para acordar. Não estou pronta para deixar a segurança e a serenidade deste casulo e encarar mais um dia de aprendizagem sobre o meu destino.

Eu fecho meus olhos contra o sol nascente, e anseio por um pouco mais da noite. Apenas mais alguns minutos de sua escuridão, para me fazer sentir frágil e humana novamente. O dia traz perguntas que se dissolvem em respostas mórbidas. Verdades que me deixam ainda mais confusa e irritada. Não quero deixar esta cama, os braços dele. Ainda não.

Ouçõ uma voz chamando-nos, mas o sono já me cobriu. Deixei-me cantar uma canção de ninar, suave e melódica, até que tudo o que sinto é calor. Até a obscuridade eclipsar o sol através de minhas pálpebras fechadas.

Segure-o... e nunca o deixe partir...

— Nunca. — Eu sussurro no peito de Legion antes de dormir novamente.



Legion não está na cama quando acordo pela segunda vez, em torno do meio dia, pelo que sou grata. Não consigo imaginar o que se passou em sua mente quando ele acordou e me viu aninhada em seus braços. Sinceramente, nem sei o que passou pela minha mente. Ele é um demônio. Uma criatura criada da sujeira e da destruição. Um monstro que me brutalizou quando eu estava assustada e confusa. Mas, seu toque também me trouxe segurança. Suas palavras me trouxeram conforto. Sua presença afugentou os terrores em meus sonhos e os substituiu por outra coisa. Algo doce e terno. Ele substituiu essa maldade com... ele mesmo.

Eu tinha pesadelos há anos, e toda vez eles me abalavam profundamente. Era sempre o mesmo: um quarto frio de cimento, sem portas ou janelas, e eu nua e me contorcendo... e seus gritos. O sangue deles. E, eventualmente, alguém ou alguma coisa que eu nunca pude ver — nem tocar — me fode sem sentido entre os corpos ensanguentados.

Eu sempre grito por ele. Eu sempre peço por mais e mais. Ele penetra minhas entranhas até minha carne estar inflamada e dolorida, mas eu nunca quero que ele pare. É como se eu ansiasse pela sua crueldade. Eu sei que é errado, mas uma parte de mim — algo doente, distorcido e depravado — faz parecer que é certo. Como sua marca de Chamado em mim.

Eu puxo meu cabelo despenteado em frustração, como se para eliminar os pensamentos sádicos da minha cabeça. Estou precisando desesperadamente de um bom chuveiro para afastar o terror persistente. Não há uma pilha de roupas limpas na cama, mas há uma grande caixa de papelão perto do armário. Aparentemente alguém se cansou de contrabandear minhas coisas do meu antigo apartamento e decidiu trazer tudo de uma vez. Roupas, sapatos, produtos de higiene pessoal, livros, meu carregador. Mas não há fotos ou quaisquer outros lembretes da vida que fui forçada a deixar para trás. Estou feliz por isso, na verdade. Eu já encaixotei essas memórias, e as manterei guardadas para sempre.

Tomo um banho e coloco calças de ioga pretas e uma camiseta - prefiro conforto à moda - antes de me dirigir a sala de estar. Para minha surpresa, todos se foram, exceto Andras e... Legion.

Ele está sentado á mesa da sala, olhando para uma xícara de café. Sua testa está apoiada em sua mão, seu cotovelo pressionado no tampo de mármore da mesa como se fosse um grande esforço manter seu rosto erguido.

Eu vou para o sofá onde Andras está assistindo televisão. Ele parece ser o menor dos males nesse momento.

— Bom dia, dorminhoca! — Ele diz em saudação. — Jinn deixou uma pequena refeição no fogão.

Balanço a cabeça e lhe dou um sorriso contido. — Cadê todo mundo?

— Alguns em patrulha. Lilith foi às compras, aquela pequena criatura vaidosa. — Ele muda o canal para a HBO, onde um velho filme estrelado por Al Pacino está sendo exibido, e então solta uma risada. — Eu juro, eles sempre o descrevem como um cara velho de cabelos negros. Seres humanos.

— Quem?

— Lúcifer. — Ele responde levianamente. — Ele não é mais tão popular nos livros atualmente? Ele era o preferido de Deus, o mais talentoso e belo de todos os anjos. Por que diabos o colocam parecendo um velhaco?

Lúcifer.

Apenas imaginá-lo como algo diferente de uma besta vermelha e com chifres me deixa nervosa.

— Então... como ele é?

Andras encolhe os ombros. — Lindo. Alto. Sensual. Assim como o criador fez seu povo à sua imagem, Lúcifer nos fez a dele. Bem, a maioria de nós, de qualquer maneira.

Meus olhos curiosos vagam descaradamente pelo homem loiro e bonito ao meu lado. Ele tem olhos de um profundo azul cristalino, um nariz perfeito e lábios carnudos e rosados. Seus cabelos loiros compridos estão amarrados, o que normalmente me faria estremecer. No entanto, nele fica elegante. Não tenho dúvida que ele poderia usar um saco na cabeça e, de alguma forma, continuar tão sedutor e misterioso quanto sempre, mas...

Se esta é a obra de Satanás, não consigo sequer imaginar quão bonito ele deve ser.

— Eu pensei que havia somente anjos e demônios masculinos. — Eu digo. — Mas há Lilith e... Adriel.

— A Bíblia foi escrita por misóginos que pensavam que era a vontade de Deus açoitar mulheres e sacrificar virgens. E alguns dos homens mais sagrados tinham várias esposas e concubinas, vendo as mulheres como meramente incubadoras para suas sementes. Não acredite na campanha publicitária.

Eu aceno em acordo. Infelizmente, muitos idiotas e maníacos ainda adotam o mesmo pensamento no mundo moderno.

Permito-me apenas um breve olhar para Legion, que ainda está com a cabeça apoiada na palma da mão, seu café intocado. Andras segue minha linha de visão e me brinda com um sorriso matreiro.

— Ele esteve assim por toda a manhã. — Ele quase sussurra.

— Huh?

— Acho que ontem realmente acabou com ele. Ele não é muito de beber. Beber em excesso é... pecado.

Isso é uma coisa estranha para se dizer. Eu franzo a testa, confusa. — Por que ele se importaria com o que é pecado? Quer dizer, considerando o que você é, e o que ele é.... — Só a palavra parece errada na minha língua.

Andras encolhe os ombros. — Legion não é como outros demônios. O que ele acredita... o que ele tem procurado, não é apenas para o show. Ele quer viver a vida dos justos. Merda, depois dê captura-la... Ele jejuou, ele implorou por misericórdia. Ele quer que isso funcione mais do que qualquer um de nós.

— E o que você quer? — Eu pergunto, minha voz trêmula.

— Salvação. — O fervor nos olhos dele é tão claro que eu posso ver meu reflexo nas piscinas de azul. — É mais atingível para alguns de nós do que para outros. Eu sou um membro de carteirinha do clube dos meninos. De acordo com a Bíblia, estou condenado, aconteça o que acontecer.

— Você é *gay*?! — Eu não queria ser tão ousada, mas... ele é *gay*? Acho que nem mesmo os demônios podem negar o que são. Não estou surpresa. Andras é muito, muito bonito. Qualquer mulher ficaria com inveja.

— Pelo que sei, sim. — Ele ri. — Eu nasci para ser angelical e sedutor. Eu era conhecido por... tentar a carne dos homens.

Interessante. Ouvi falar de homens heterossexuais que mudaram de time, mas sempre pensei que eles eram verdadeiramente homossexuais e só estavam muito assustados ou fossem teimosos demais para admitir sua preferência sexual desde o começo. Talvez Andras fosse o responsável pelo despertar sexual de alguns.

Andras olha seu líder, seu amigo... seu irmão. Quando seus olhos encontram os meus novamente, ele gesticula a cabeça na direção de Legion. — Vá falar com ele. Aposto que ele apreciaria a distração.

Não tenho certeza se ele está certo, mas algo em mim se agita. Uma coisa triste, solitária e confusa. Uma coisa que eu acho que Legion conhece muito bem.

Disfarçando minha intrusão com a necessidade de comida, vou para a cozinha querendo o café da manhã que Jinn graciosamente deixou para mim: ovos, bacon e biscoitos caseiros. Há café ainda fresco na cafeteira francesa. Eu me sento-me à mesa da sala de jantar, escolhendo o meu lugar de sempre... ao lado de Legion. Ele nem parece notar.

— Você está bem? — Eu finalmente reúno coragem para perguntar. Ele grunhe algo parecido com um sim.

Silenciosamente eu como minha comida, deixando-o chafurdar em sua culpa e miséria. Não somos amigos. Não somos nada. Ele não me deve uma explicação ou até mesmo uma pequena conversa. Ele não pode esperar que alguém ofereça um pingote de bondade só porque dormiu nos braços dele por duas noites. Inferno, essa poderia muito bem ser a razão pela qual que ele está me ignorando agora.

De repente me sinto insegura e um pouco - não, *muito* envergonhada - e decido interromper minha refeição e escapar para o quarto. Mas, antes que possa levar meu prato para a cozinha, ele levanta o rosto de sua mão.

— Você estava chorando.

O guardanapo cai da ponta dos meus dedos. — O quê?

— Ontem à noite. Você estava chorando em seu sono. Eu não queria te acordar, então eu ... — Ele engole e olha para o seu café. Então quer dizer que ele me abraçou conscientemente durante a noite. — Você estava... à procura de alguém. — *Procurando por mim.*

Não sei o que dizer ou fazer. Agradecer? Ou talvez fingir que nada aconteceu? Nenhuma palavra parece certa, então vou com: — Eu... disse alguma coisa?

Felizmente ele balança a cabeça negando, e estremece como se o movimento de sacudir a cabeça a fizesse doer. Eu ofereceria um Advil, mas acho que não faria diferença.

— Oh. Tudo bem.

Olho para o meu prato e desejo ter continuado a comer, só para ter algo para fazer com minha boca.

— Peço desculpa.

Levanto a minha cabeça, me perguntando se o ouvi bem. — Por quê?

— Eu não devia ter bebido. Foi burrice minha, especialmente com você na minha cama.

— Está tudo bem.

— Não. — Ele diz com mais força do que eu esperava, e o suficiente para fazer eu me encolher. — Eu poderia ter feito algo que você não teria gostado. Algo imperdoável.

— Eu estava bem, L. — Isso é o mais próximo que consigo chegar de pronunciar seu nome. — Você não me machucou. Só dormimos.

— Sim, mas eu poderia... Eu teria.... Não me entenda mal, Eden. Eu sou um demônio. Minha natureza é maléfica. Só porque eu escolhi um caminho diferente, não significa que não sou propenso à luxúria.

Luxúria.

Legion... sente luxúria por mim?

Tomo um longo gole de café.

— Eden, há uma coisa que você precisa saber sobre mim.

— Sim? — A palavra quase fica presa na minha garganta.

— Quando eu era...

Antes que ele possa terminar seu pensamento, a porta abre abruptamente, iluminando brilhantemente a escuridão no. Legion fica de pé dentro de uma fração de segundo, parando com os punhos enrolados a seus

lados entre a mesa e eu. Eu apreciaria o fato de finalmente ter uma visão completa da sua bunda se não fossem os gritos frenéticos reverberando ao redor da sala. Eu me desloco em torno do corpo sólido de Legion e vejo...

Sangue.

Sangue em toda parte.

Na sua pele. Nas suas roupas. Respingado em suas botas pesadas.

Tanto sangue significa que algo está seriamente errado...

Tanto sangue significa que alguém está morto.



TREZE

— O que aconteceu? — Legion grita, seu rugido profundo sacudindo a janela.

— Fomos emboscados. — Responde Toyol, apoiando Phenex com um braço sob seus ombros. Jinn está segurando-o do outro lado. — Uma dúzia deles. É como se conhecessem nossas rotas de patrulha.

Ah não, Phenex. Sua cabeça sobe como se ele estivesse tentando manter a consciência. Eu olho com horror o grande rasgo em sua calça, expondo a coxa devastada. Parece que ele foi atacado por um urso. Ou algo pior.

— Esses desgraçados estão ficando ousados. Atacar durante o dia? Ele está ficando desesperado, L. Eles a querem, e sabem que ela está sob nossa proteção...

A mandíbula de Legion aperta enquanto ele digere as palavras de seus irmãos. — Leve-o para a enfermaria. Precisamos fechar essa ferida e tratá-la antes que ele perca muito sangue. Cain, quantos ainda estão lá fora?

— Nós matamos todos, menos dois. Eles fugiram quando Phenex foi atingido. Merda! — Eu posso ler a raiva misturada com culpa em seu rosto. Seu amigo foi ferido e dois daqueles com quem estavam brigando escaparam. Ele se sente responsável.

— Lilith. — Andras suspira, seu rosto pálido e olhos bem abertos. Legion acena, compreendendo sua ansiedade.

— Vamos pegá-la e trazê-la de volta. Cain, vá com ele.

Andras sai por um momento, retornando para frente do apartamento armado até os dentes e vestido para a batalha. Tão diferente do homem loiro angelical que estava descansando no sofá, zapeando pelos canais e fingindo não escutar minha conversa com L.

Legion se volta para a enfermaria uma vez que os dois guerreiros demônios saem pela porta.

— Eu posso ajudar. — Digo prontamente. Ele não se vira, mas faz uma pausa para que eu continue. Não temos tempo para amenidades. — Mary... ela é enfermeira de ER, e me ensinou algumas coisas. O ferimento parece ter danos arteriais. Eu poderia ser capaz de ajudar.

Ele fica mortalmente silencioso por um batimento cardíaco antes de acenar. — Vamos lá.

Ignorando o sangue vermelho escuro à direita da porta e no corredor, eu rapidamente corro para a enfermaria, tentando seguir Legion. Phenex está mal e inconsciente, então não posso pedir orientação. Seus irmãos não são de muita ajuda também, já que estão muito atordoados e com raiva por não poderem fazer mais do que ficar ali e vê-lo sangrar. Não há como contar com qualquer um deles, então tento me lembrar de tudo que minha irmã me ensinou, tudo que aprendi enquanto a ajudava a estudar para a escola de enfermagem.

Toyol olha para mim, seus olhos mais largos do que já os vi. — Veneno.

Examino a perna dele. Eu estava certa. Jorra sangue como um chafariz, revestindo o piso de azulejo branco. O que quer que o tenha atacado atingiu uma artéria.

— Tudo bem, precisamos de um torniquete e muitas gazes. L, você pode ajustar esta mesa e elevar a perna dele? Jinn, pegue está gaze e aplique pressão diretamente sobre o ferimento. Toyol, me ajude a amarrar o torniquete. — Eu instruo, distribuindo luvas de látex para todos. A ação parece jogá-los de volta à realidade, e nós rapidamente entramos em ação. — Muito bem, bom, acima da ferida, mais perto da artéria. Não aperte demais.

Uma vez que a perna é elevada e a perda de sangue diminuiu de um surto violento para um gotejamento constante, eu vasculho o grande armário branco que contém mil frascos diferentes.

— O que procura? — Pergunta Legion.

— Adrenalina. Eu não sei que tipo de veneno está em seu sistema, mas se você tiver algum segredo milagroso de cura, sugiro que me dê agora. Ele está perdendo muito sangue. E com sua temperatura elevada, ele tem minutos. Ou talvez segundos.

Legion desaparece do quarto, correndo para um local secreto e deixando-me sozinha para ler o rabisco estrangeiro nos frascos de vidro pequenos. Suor cobre minha testa enquanto cerro os olhos para os caracteres sem sentido. Tudo parece o mesmo para mim. Estou no caminho certo em minha cabeça, mas tenho que fazer algo além de ficar de pé com meu dedo em meu cu enquanto alguém sangra até a morte na minha frente.

— Aqui. O antídoto. — Diz Legion, aparecendo de repente ao meu lado. Não tenho tempo para ficar atordoada antes dele empurrar um recipiente pequeno e vermelho na palma da minha mão junto com um frasco contendo um líquido claro. — É adrenalina. Para que você precisa disso?

— Você já vai ver. Me passa o álcool e segure os ombros dele. Jinn, segure as pernas. Isso vai doer.

Eu retiro a gaze encharcada de sangue do corte desagradável e respiro fundo antes de derramar álcool diretamente sobre a perna de Phenex. Ele grita pela dor excruciante, mas tento manter o foco, engolindo o carço em minha garganta. Eu sei que estou fazendo tudo errado, mas não sei mais o que fazer. Tudo que consigo pensar é em salvar a perna de Phenex... e sua vida.

— Toyol, preciso de gaze limpa. — Digo, abrindo o frasco de adrenalina. Ele me entrega o pano branco, fresco, que eu molho completamente antes de segurar diretamente sobre a ferida.

— O que você está fazendo? — Legion pergunta. Ele ainda não soltou os ombros do amigo.

— Truque de boxe. Isso ajuda a coagular o ferimento e acelerar a cicatrização.

— Isso realmente funciona?

Faço uma prece silenciosa. — Tomara.

A adrenalina, combinada com a acelerada cicatrização de Phenex permitem que o corte coagule dentro de minutos e o sangue diminua para apenas um filete. O torniquete não é mais necessário agora, e Phenex parou de gritar de dor. No entanto, ele ainda está muito fraco. Muito pálido. Muito frio.

— É o veneno. — Explica Toyol. — As lâminas que o cortaram estavam revestidas de veneno. É mortal para nossa espécie.

Com grande esforço, encho uma seringa grande e estéril com tanto soro antídoto quanto possível. É de uma estranha cor perolada, nada do que eu esperaria de um soro médico. Mas não tenho tempo para segundas opiniões. Estamos perdendo-o rapidamente. Se eu não conseguir fazer isso direito, o Se7en se tornará Seis¹².

Respire fundo, Eden.

Coloco meu ouvido no peito dele, esperando — rezando — pelo batimento cardíaco que guiará o meu próximo passo. Nada além de um zumbido baixo vibra no espaço onde deveria estar um coração humano. Eu não pareço ter quaisquer alternativas aqui, então olho para Legion à procura de qualquer indicação de que estou no caminho certo. Felizmente, ele me dá um forte aceno de cabeça.

Dando um salto de fé, mergulho a agulha em linha reta em seu peito, perfurando carne e osso. Os sons doentios da agulha grossa atravessando seu peito fazem meu estômago embrulhar, mas eu continuo empurrando o êmbolo para baixo. Não acho que qualquer um de nós respira, até que Phenex suspira novamente, procurando por ar, tomando tanto oxigênio quanto seus pulmões podem suportar. Sua pele começa a voltar para seu tom normal, e diante dos meus olhos espantados, tendões e músculos começam a se fechar.

Está funcionando.

Eu dou um passo para trás para dar-lhe espaço, sabendo que não sou mais necessária. Vários tons de alívio pintam as faces de todos, e eu sorrio para mim mesma. Eu fiz algo... algo que nunca pensei que pudesse fazer. Algo bom, para variar.

¹² Brincadeira que ela faz ao usar o nome do grupo, que significa Sete em tradução literal, deixando de contar Phenex entre os 7 membros ao sugerir a mudança de nome para Seis.

— Ei. — Legion diz, furtivamente se aproximando de mim enquanto esfrego o sangue de minhas mãos, braços e rosto. Felizmente há uma pia grande e abundância de sabão na enfermaria. Infelizmente, há uma trilha de sangue vermelho guiando o caminho até porta, e continuando pelo corredor, enchendo o espaço fechado com um odor distinto, metálico e tingido com uma doçura ímpar. Como madressilva e sol.

— Ei. — Respondo, baixando meu olhar para o sangue que goteja pelo ralo.

— Você... foi incrível. Você salvou a vida do meu irmão, e por isso tenho uma grande dívida com você.

Eu levanto os olhos para encontrá-lo me observando, seu olhar penetrante tão intenso que rouba minha respiração. As palavras me abandonam, deixando meus lábios suspensos em um suspiro sem som. Minha mente é um quebra-cabeças disperso, e as peças não encaixam em meio a tantos pensamentos incoerentes. Estou à procura... procurando por uma maneira de transmitir o que sinto. Mas ainda não sei o que é. Este homem — este monstro — é o meu possível assassino. No entanto, cada vez que toco sua pele ou sinto seus braços em torno de meu corpo me sinto mais vida do que nunca.

Eu balanço minha cabeça, dissipando o pensamento insano. É a adrenalina, o choque ou uma mistura de ambos. Sinto por ele o que ele obviamente sente por mim. Nada.

— Não foi nada. — Finalmente respondo, reproduzindo a revelação ecoando em minha mente. — Você não me deve nada. Nem sei o que eu fiz. Tivemos sorte, sinceramente.

— Não. Você o ajudou, Eden. E consequentemente nos ajudou também. Você não precisava fazer isso. Poderia ter ficado quieta e o assistido morrer. — Uma ruga aparece em sua testa como se de repente ele se lembrasse de quem eu sou e o que represento. — Por quê você ajudou?

— Não sei. — Encolho os ombros. — Acho que... Acho que não podia permitir que alguém morresse, mesmo sendo um... Demônio... por minha causa. Tentando me proteger. — Eu sorrio sarcasticamente, mas o som soa errado e triste até para os meus próprios ouvidos. — Eu não valho à pena.

A carranca se aprofunda no rosto de Legion, escurecendo seus olhos até que eles pareçam com uma tempestade furiosa. Ele avança, os movimentos do seu corpo tão fluídos... tão predatórios. Como a pantera em meu sonho. Como a besta me rondando ontem à noite.

Ele abre a boca, a resposta na ponta de sua língua. Mas antes que possa falar, Toyol bate em seu ombro, distraíndo-o. Eu solto um suspiro.

— Ei, cara. Os outros estão a caminho. — Seus olhos puxados caem sobre mim, tão cheios de gratidão e de alívio. Ele sorri genuinamente, facilmente, como se essa fosse sua segunda natureza. Como se ele estivesse... feliz. — Obrigado, Eden. Você não sabe... apenas, obrigado. — Ele se curva na altura da cintura, como um verdadeiro oriental.

— Hum, não foi nada, realmente. Fico feliz que ele vai ficar bem.

— Ele vai. — Diz Toyol, agora de pé novamente. — Graças a você. Nós somos afortunados por você estar aqui.

Seco minhas mãos rapidamente, ansiosa para escapar do cheiro de sangue e da apreciação esmagadora. Eu não costumo passar por isso... pessoas estando contentes pela minha presença. Desde o dia em que nasci me disseram que eu era um fardo, uma mancha no que deveria ter sido uma vida feliz. Minha mãe não me deixava esquecer o que eu tinha arruinado. Não melhorou depois que ela se livrou de mim, também. Não até que conheci minha irmã, e finalmente senti um pouco de normalidade. De amor.

Caminho até a saída da enfermaria, sorrindo rigidamente para Jinn quando ele acena em minha direção, seus olhos brilhando com — merda — lágrimas. Phenex parece estar descansando para curar seu corpo. A ferida está completamente curada agora, embora esteja ainda um pouco inflamada. É um milagre. Uma lesão como a que ele tinha teria matado um mortal em poucos minutos, mesmo sem o veneno.

Quase corro pelo caminho até chegar ao banheiro no quarto de Legion. Preciso tirar esta roupa manchada de sangue de cima mim. Preciso lavar o cheiro de morte e destruição da minha pele. Mas não consigo deixar a água quente o suficiente. Não consigo regular os jatos do chuveiro para que a água caia forte o suficiente. Não posso escapar do que foi feito, de quem eu sou, e do que vai acontecer enquanto eu estiver viva.

Eu saio do chuveiro, não perdendo tempo com uma toalha. Passo a mão sobre o espelho, afastando algumas nuvens de vapor. Uma menina me olha de volta, a dor tão profundamente gravada em seu rosto a ponto de empalidecer sua pele.

Não vejo um anjo. Não vejo o diabo.

Vejo uma estranha de cabelo prateado me olhando através dos meus próprios olhos castanhos, e suspiro como se cada golfada de vida pertencesse a ela.

Ela não é insignificante. A vida dela não é inconsequente. Ela é corajosa, forte e inovadora. Ela salvou a vida de alguém hoje. Alguém que quase tinha participado do seu assassinato a quase uma semana atrás.

Ela foi necessária hoje. Ela não era um fardo. Não era um erro.

Essa garota tinha escolhido ser boa e não uma vítima. Ela não seria um mártir frente as adversidades. Ela iria ficar e lutar, apesar de sua fraqueza mortal. Apesar do seu destino. Ela iria lutar, e iria vencer.

Dou um último olhar no espelho antes de me virar e pegar uma toalha. Na minha pressa de me limpar, esqueci de pegar roupas limpas, então enrolo o veludo macio ao redor do meu corpo e abro a porta, me rendendo a solidão do vapor e do silêncio.

E então encontro Legion sentado na cama, seu estoico olhar encarando a porta do banheiro sem piscar. Eu me assusto com sua presença, mas tomo o cuidado para manter a toalha junto ao meu peito.

— Desculpe, eu... — Sua habitual carranca adorna seu rosto, sua mandíbula marcada com raiva. Ou seria frustração? Seus olhos prateados vagam pelo meu corpo ainda molhado, como se ele estivesse enojado com a visão de minha carne exposta. Eu aperto a toalha mais firmemente ao meu redor.

Sem dizer uma palavra, ele joga um pequeno pacote em cima da cama antes de sair do quarto sem nem mesmo olhar por cima do ombro, batendo a porta.

Lá, entre um mar de lençóis de cetim estão minhas coisas: meu celular e o garfo roubado.



Uma pessoa esperta teria ligado para o 911. Talvez até mesmo chamado sua irmã e explicado o que tinha acontecido. Mas uma pessoa realista sabia que isso assinaria sua sentença de morte.

Não tenho dúvidas de que meu telefone foi grampeado e que minhas atividades seriam monitoradas de perto. Além disso, eu não podia meter mais alguém nisso. Nem um humano treinado poderia lutar contra quaisquer forças sobrenaturais que estivessem lá fora. E, se o Se7en tinha grampeado meu telefone, quem garante que um mal ainda maior não tivesse feito o mesmo? Eu poderia estar levando seus inimigos — nossos inimigos — bem à sua porta.

Aceito a oferta de paz pelo que ela é — um pequeno ato de fé. Ele quer ver se pode confiar em mim. Ele está tentando provar que não sou uma prisioneira. Eu seria uma tola se estragasse tudo agora, testando os limites de sua bondade.

Coloco os pequenos fones em meus ouvidos, rolo até minha playlist favorita e pego o livro que Lilith me emprestou. Perco-me em linhas e páginas ao mergulhar em um mundo fictício cheio de fantasia. Eu nem pisco até uma sensação arrepiante percorrer meus ombros até chegar à base de minha espinha. Eu não estou sozinha. Uma montanha de músculo inflexível e um rosto duro esculpido em um rosnado permanente está a menos de um metro de distância, ao pé da cama.



QUATORZE

— Eu bati. — Cain diz antes que eu possa gritar. Seus olhos negros vão para os meus fones de ouvido pendurados nos meus ouvidos, ainda tocando os sons de uma música de AP Rocky. — Sua música está muito alta.

Eu engulo meu medo. — O que você quer?

— Reunião de família em 5 minutos.

Ergo minhas sobrancelhas e olho para os lados, como se dissesse: *Eeeeeeeee?*

— Você precisa estar lá. — Ele responde, lendo minha expressão.

— Por quê?

Os lábios de Cain se torcem em uma linha fina sobre seu rosto desfigurado antes dele responder: — Você salvou a vida do meu irmão. Portanto, você é uma de nós agora. — E então ele se vira e sai do quarto antes que eu tenha a chance de dizer qualquer coisa.

Uma deles? Não sei se devo ficar lisonjeada ou insultada com isso. Ainda assim, não posso negar o caloroso sentimento em meu peito, que se envolve em torno do meu coração frio, sufocando os restos mortos de

abandono e solidão. Eu sou ridícula, eu sei, mas... é bom pertencer. Mesmo que isso signifique que eu pertença ao mal inerente.

Você é dele agora.

Eu não sou dele. Não sou de ninguém.

Com passos tímidos, entro na sala de jantar, e os encontro sentados ao redor da mesa de mármore. Phenex está ao lado de Legion, seus olhos reverentes e dourados reluzentes de emoção. Ele sorri e aponta com a cabeça para o espaço em frente a ele e ao lado de Legion.

Eu deveria ter dito não... Deveria ter ficado escondida no quarto, sozinha. Não sei o que dizer ou como agir aqui. Aceitar gratidão é algo completamente estranho para mim.

Legion me olha com seu olhar gelado, e não posso ter certeza se ele está surpreso ou perturbado que eu tenha entrado em sua reunião de família. Eu aperto as mãos em meu colo, me recusando a reconhecê-lo. Talvez se eu não falar, ou até mesmo respirar, possa permanecer invisível.

— Antes de começarmos... — sua voz profunda ecoa no espaço completamente silencioso. — ...Temos que abordar algo.

Oh, não. Não, não, não, não.

Posso sentir seus olhos rastejando por cima de mim. Perguntas silenciosas sobre como e por que atravessam minhas orelhas quentes. Eu encolho meus ombros, esperando que eles evitem que a ansiedade salte do meu peito.

— Eu fodi tudo. — Anuncia Legion, atraindo todos os olhares para o seu rosto. Ele olha para frente, com o queixo bem levantado em rebeldia. — Devia estar na patrulha com vocês hoje de manhã. Era o meu turno, e Phenex foi porque eu estava de ressaca tentando juntar minha merda. Hoje é por minha conta. E eu peço desculpas a todos.

Eu franzo a testa, mas faço uma oração silenciosa de agradecimento. Não sei o que ele está fazendo, mas...

Por quê?

— Agora que isso está fora do caminho... Cain, diga-nos o que você sabe.

O homem deformado acena. — Houve mais atividade demoníaca do que o normal nas últimas 72 horas, centralizada em torno dos bairros do sul...

Ele recita seu relatório detalhado, informando seus companheiros sobre o aumento inexplicável de ataques demoníacos ao redor da cidade. Mortes estranhas nas ruas. Famílias inteiras abatidas em suas casas. É Chicago, então a mídia está levando isso como uma inflamada guerra entre gangues rivais, mas eles sabem que não é disso que se trata. Eles estão provocando-os. Forçando o Se7en a fazer uma escolha: ou ele me entregam ou inocentes morrerão. Minha boca seca.

— E nós temos alguma pista sobre o veneno? — Pergunta Legion.

— Não! — Toyol responde, balançando a cabeça. — Não faz sentido. Por que os anjos dariam sua única arma de ataque a seu inimigo? Por que entregar a única coisa que poderia fazer com que percam a guerra?

— O quê? — Interrompo antes deles continuarem. — O que você disse?

— Os anjos. — Responde Phenex, sua voz rouca de gritar. — Seu veneno é letal para nós. Os demônios de mais cedo tinham revestido suas armas com veneno de anjo. Alguém está fornecendo isso a eles, e somente os Serafins, os mais exaltados, têm recursos para fazê-lo.

Mas isso não faz sentido. Por que os anjos trabalhariam com demônios para matar seres humanos indefesos, que não tem absolutamente nada a ver comigo? E por que algo que presume-se ser bom permitiria tanta morte e destruição varrendo o mundo mortal? Eu balanço a cabeça, recusando-me a acreditar.

— Por que? Como? — Mas, enquanto faço as perguntas, já sei as respostas. Eles estão mordendo seus lábios, os nós de seus dedos brancos e a tensão pulsante atando suas mandíbulas.

— Não sabemos. — Legion responde sem olhar para mim.

— Você sabe quem poderia fazer algo assim, no entanto. — Lilith diz ao meu lado. Viro-me para ela e encontro um pequeno sorriso em seus lábios cor de rosa. Cabelo loiro perfeito, roupas sem uma ruga. Não há sinais de brutalidade. E eu nem sequer luto contra o calor que inunda meu peito ao vê-la bem.

— Não. — É tudo que Legion diz, a palavra nítida e final. Ele então afasta seus olhos da maldade no olhar de Lily.

— Vamos, L. Você sabe que é nossa melhor aposta. Não podemos sair indefesos e esperar protegê-la, quando não podemos sequer nos proteger. Quem está por trás destes ataques precisa ser parado, ou da próxima vez pode ser pior. Qualquer um de nós poderia estar no lugar de Phenex. Até você.

— Não. — Ele repete, e o estrondoso timbre de sua voz vibra o mármore pesado sob meus cotovelos.

— Ela está certa. — Andras fala. — Ela está certa e você sabe disso. Somos alvos fáceis lá fora. E essa foi à gota final de antídoto que nos restava. Duvido muito que Lúcifer gostaria de nos fornecer mais de seu sangue.

— E poderíamos conseguir respostas. — Lilith acrescenta. — Respostas sobre por que Eden foi escolhida e para o quê ela vai ser chamada. Se nós pudéssemos identificar a natureza do seu chamado, talvez pudéssemos interceptá-lo. Ou ensiná-la a lutar contra isso. Temos que fazer algo diferente do que sentar com uma bomba relógio, esperando-a detonar.

Sento-me mais reta, e até meu rosto se transforma em uma máscara de alívio tolo. Há uma maneira... uma maneira de parar o chamado. Uma maneira de *me* parar.

— Quem? — Eu pergunto, minha voz tingida com esperança.

— O Observador. — Responde Lilith, sua expressão séria ainda em Legion. — Você sabe que eu estou certa, L. Este é o único jeito.

Ele não diz uma única palavra, sua língua presa com orgulho egoísta. Como ele pode ficar sentado aí enquanto as pessoas estão morrendo? Quando sua família está em risco? Quando há uma chance, mesmo que pequena, de me impedir de me tornar uma assassina?

— Por favor. — Eu sussurro, essa palavra ponderada com cada grama da minha ansiedade. — Por favor.

Seus olhos se encaixam nos meus, e apenas por um momento, quase rápido demais para eu ver, ele deixa sua máscara escorregar, revelando carinho e ternura. Revelando o Legion das minhas visões.

Ele toma uma respiração profunda e fecha os olhos ao exalar. — Bem. Mas vamos ficar juntos e faremos as coisas à minha maneira. Toyol, localize o paradeiro do Observador. Phenex, como está a cura?

— Cerca de 80%. Vou estar bem de manhã.

— Bom. O Observador irá requerer uma audiência, e vocês tem ua conexão. — Phenex levanta as sobrancelhas, mas Legion ignora a pergunta silenciosa. — Lil, certifique-se de que Eden esteja devidamente preparada e vestida. Eu também quero um rastreador nela.

— Espere... Eu vou junto? — Pergunto. Eu tinha me preparado para eles irem procurar este Observador, mas eu... eu poderia estar entrando em algo muito mais mortal do que o covil do Se7en.

— Não teremos respostas, a menos que você esteja lá. — Responde, Lilith. — Não se preocupe. Você estará segura.

— Festa temática amanhã à noite. — Toyol diz, dois lugares abaixo na mesa, enquanto procura algo em seu celular. — E você vai adorar o tema.

Legion revira os olhos e se inclina em seu assento, cruzando os antebraços cinzentos na frente de seu peito. — O que vai ser?

— Santos e Pecadores. — Toyol sorri timidamente.

Legion bufa sarcasticamente. — O Observador é um filho da puta torcido.



Quando Toyol disse que seria uma festa temática, pensei que só estava se referindo a decoração, e talvez a um pouco de ponche festivo e petiscos. Mas não. Isso seria muito, muito normal.

Seria uma festa à fantasia.

— Tenho que usar isso? — Lamento, puxando para baixo a saia apertada. Estamos no quarto de Lilith e Andras, e eles estão se divertindo muito às minhas custas.

— Sim. Você vai precisar se misturar. Se não o fizer, vai se destacar pelos motivos errados. O Observador ama todas as coisas extravagantes.

Eu libero um pouco de ar e ousa dar um olhar ao espelho de corpo todo ao lado. Minha pele foi esfoliada e hidratada com óleos misturados a partículas de ouro. As únicas partes de mim que estão cobertas estão protegidas por renda branca e cetim, cobrindo meus seios apenas um pouco mais do que um biquíni faria. Pulseiras de ouro enfeitam meus pulsos, junto com uma braçadeira ao redor de ambos os meus braços. Os sapatos de tiras são obscenamente altos, adicionando um extra de dez centímetros a minha altura. Grossos cachos prateados caem em cascata pelas minhas costas e moldam um rosto totalmente pintado com mais maquiagem do que vendem na Sephora.

Pareço uma modelo de lingerie, ou uma estrela pornô. Eu sou puro pecado encoberto pela sombra da inocência.

— Você parece... — Andras começa a dizer, me olhando de cima a baixo. Ele fez meu cabelo enquanto Lilith fez minha maquiagem. Eu juro, esses dois poderiam fazer Cain parecer com Henry Cavill.

— Ridícula? — Eu pergunto. — Uma prostituta?

— Sexy como o inferno! — Ele exclama. — Eu juro Eden, se eu não gostasse de pau, definitivamente te daria o passeio da sua vida. Talvez eu até possa abrir uma exceção depois desta noite. Você está... mais tentadora do que o habitual.

— Huh? — Eu tento e falho em esconder o rubor das minhas bochechas já bronzeadas.

— Esse espartilho que você está usando? — Ele explica, apontando um longo dedo pelo corpete fino sob os meus seios. — Nós podemos senti-lo... nos seduzindo. Zombando de nós. Nossos sentidos mais básicos estão sobrecarregados desde que você chegou aqui. É por isso que Lil foi enviada para fazer amizade com você. Qualquer um de nós teria fodido contigo há muito tempo, tornando tudo muito estranho se tivéssemos que matá-la.

— Não me tire da competição. — Lilith diz, parando ao lado dele. — Tem sido um longo, longo tempo, e não é que eu não tenha mergulhado um dedo ou dois na lagoa das senhoras antes.

Eu engulo. Duramente.

— Então... Eu faço com que todos vocês sintam... — Meu rosto queima de vergonha, desafiando o poder de permanência da maquiagem.

— Tesão? — Andras responde. — Incrivelmente. Não sei como L está resistindo a você todas as noites. A menos que haja algo que você não está nos contando...

Lilith lhe dá palmadas de brincadeira no braço, cortando a intimidade do momento tenso. — Você sabe que isso não aconteceria. Legion *nunca* faria isso.

Eu tenho a coragem de me sentir ofendida, talvez até um pouco magoada. E, com meu orgulho ferido, volto a ser a garota estranha refletida no espelho.

— Não é você, amor. — Lilith rapidamente diz, lendo minha expressão chateada. Sinto-me ainda mais estúpida por isso. — Mas Legion não...

— Ele é celibatário. — Diz Andras, terminando o pensamento.

— Celibatário? — Meus olhos duplicam de tamanho.

Ele acena. — Lembra quando te disse que ele não bebe em excesso? Ele é assim com todos os pecados. Bem, com a maior parte deles, pelo menos. Mas sexo? Nunca. Pelo menos não há quase um século.

— Ele não fez sexo nem uma vez nos últimos cem anos? — Grito alto, muito mais alto do que deveria, antes de me controlar e calar a boca. Santa merda. Grande merda! Como? As bolas dele devem ter elefantíase¹³. E porra, por que estou pensando nas bolas dele? Juro, meus olhos devem estar tão arregalados agora que meus cílios falsos provavelmente estão emendando em minhas sobrancelhas perfeitamente desenhadas.

— Pode ser mais tempo. Legion foi... muito procurado no submundo. Ele era forte, poderoso, enigmático e extremamente belo. — Lilith suspira, como se relembresse seus anos de glória. — Ele é bonito e forte agora, mas isso é apenas uma fração do que ele era.

Legion era ainda mais bonito? Não sei como isso seria possível. Ele tem aquele tipo de corpo que é construído apenas para duas coisas: trazer morte para os homens e orgasmos para as mulheres. Ele tem olhos parecem que foram arrancados das estrelas, orgulhosas maçãs do rosto, um nariz reto e lábios carnudos, emoldurados por uma barba por fazer. Ele não é tão bonito

¹³ Elefantíase, hipertrofia e espessamento de tecido, por qualquer causa; paquidermia, doença crônica caracterizada por obstrução da circulação linfática e hipertrofia da pele e dos tecidos subcutâneos, atingindo os membros inferiores e a genitália externa.

quanto Andras, ou tão exótico como Toyol ou mesmo tão régio como Phenex. Mas ele é impecável. Mais de 1,90m de pura perfeição masculina.

E isso me deixa ainda mais chocada comigo mesma.

Como posso estar pensando nele assim? Como posso sentir algo além de apatia sobre seu celibato? Isso não tem nada a ver comigo. Ele não tem nada a ver comigo. O que ele faz ou deixa de fazer com o próprio pau não é da minha conta.

— Ok, acho que você está pronta! — Lilith exclama. Eu olho para o seu brilhante corpete de vinil, que termina em seu umbigo e mostra seus peitos cheios e estômago tonificado com louvor. Como ela planeja andar em seus saltos plataforma de 12 centímetros eu nunca vou saber, porém. Seus olhos esfumados e lábios vermelhos sangue realmente são lindos de se olhar. Ela parece mais dominadora do que demônio agora - não que ela se parecesse com um demônio antes.

Andras está vestindo um terno sob medida preto e bem colado ao seu corpo. Seus cabelos loiros estão presos em um coque e, se não estou enganada, ele está usando delineador. Na verdade, não parece ruim nele. Sinceramente, ele parece muito gostoso. Suas palavras se repetem na minha cabeça. Eu o tentando. Fazendo-o queimar. Mas sei que não sou verdadeiramente eu. Eles estão todos atraídos por Adriel.

Claro que estão.

Eu dou uma última olhada no espelho e controlo meus nervos antes de sair do quarto. Legion ainda precisa colocar o meu dispositivo de rastreamento, então respiro fundo e abro a porta do quarto dele.

Ele está sentado na cama que partilhamos, apoiando os cotovelos nos joelhos e segurando as mãos juntas a sua frente. Ele levanta a cabeça lentamente quando me ouve, seus olhos prateados fazendo uma viagem agonizante dos meus saltos altos e minhas pernas longas, passando pelo meu pequeno pedaço de saia e por fim terminando em minha barriga nua. Seu olhar quente percorre meus seios por apenas um instante antes de chegar até meu rosto. Eu sei que ele é celibatário. Eu sei que ele não tem interesse em mim. Mas seu olhar é puro sexo e pecado.

Ele fecha os olhos por um momento muito longo para ser considerado um piscar de olhos, limpando a luxúria de sua visão. E simples assim ele está

de volta, quebrando o feitiço, e me observando com respeito e sua habitual indiferença fria. Dou mais um passo para dentro do quarto, meu rosto queimando. Ele não me quer. E mesmo que quisesse, não é por mim que ele está atraído.

— Venha aqui. — Ele comanda, sua voz rouca e grossa com alguma emoção sem nome. Eu obedeco. Sem pensar, sem hesitar. Lentamente me aproximo de onde ele está sentado, o salto nos meus calcanhares acompanhando as batidas do meu coração.

Quando estou quase entre as pernas dele, ele se levanta, pairando sobre mim com seu corpo assustador. Mesmo com os saltos altos, só chego até seu queixo. Mas ainda assim, alta o suficiente para beijar seu pescoço, ou lambe o pedaço de pele bronzeada que espreita pelo botão de cima da sua camisa preta.

Ele remexe no bolso de sua calça e pega um pequeno botão, não muito maior que o meu polegar. — Isto é um dispositivo de rastreamento. Vai me dizer onde você está, bem como ler sua pulsação e frequência cardíaca, alertando-me de qualquer problema.

— Isso é realmente necessário?

— Sim, — Ele responde segurando-o entre as pontas dos dedos. — A propriedade do Observador é solo sagrado, ou seja, sem armas ou violência. Quebrar as leis resulta em morte súbita e absoluta. Não serei capaz de te proteger. Então eu preciso... senti-la.

Não consigo respirar. — O que?

— Eu vou usar o receptor, então fisicamente poderei sentir se algo está errado. Se eu precisar te encontrar, ele emitirá um sinal para o meu sistema nervoso, o que me levará até você sem causar uma cena.

— Wow. Isso é bem legal. — E realmente é. Estou impressionada por eles terem pensado em tudo. — Um dispositivo como esse deveria estar nas mãos de todos os pais de crianças pequenas.

— Sim, Toyol o projetou.

— Toyol? Ele projetou isso? — Caralho. Eu sabia que o cara era um nerd de tecnologia, mas caramba... — Então por que não é ele que vai coloca-lo em mim?

Ele olha para os meus olhos, aço cinzento mergulhando em castanho chocolate. — Porque eu pensei que você não quisesse as mãos dele no seu corpo.

Sem fôlego, seguro seu olhar. Seu calor esmagador me rodeia, envolvendo-me em um casulo de fogo. Eu deveria lhe dizer que não quero as mãos de ninguém no meu corpo, especialmente as dele. Que me recusaria a sentir qualquer sensação que seu toque trará.

Mas, eu não posso. Simplesmente não posso.

— Peço desculpa, eu.... — Sua boca meche de um lado para o outro, como se ele estivesse procurando as palavras. — Por favor...

Eu não o disse para fazê-lo, mas não me oponho quando ele desliza lentamente a ponta do dedo ao longo do decote baixo da minha blusa. Ele gentilmente puxa o tecido para baixo, revelando os topos brancos e leitosos dos meus seios. Eu prendo minha respiração, mas sequer registro o desconforto dos meus pulmões. Tudo o que eu sinto é sua pele na minha, roçando o lugar sensível onde seu pescoço tinha me feito cócegas nas minhas visões. Só posso imaginar suas mãos grandes e calejadas amassando, explorando, me agarrando enquanto ele baixa a cabeça para encontrar um mamilo e chupá-lo em sua boca.

— Isto não vai doer. — Diz ele, escorregando o cetim adornado com renda apenas um pouco mais baixo. — Só tenho que colocá-lo sobre seu coração.

Eu não me atrevo a responder. Duvido que eu possa, de qualquer maneira.

Como um pincel agonizantemente suave, seus dedos percorrem pelo meio dos meus seios até ele encontrar o lugar onde meu coração bate descontroladamente, num ritmo alto e irregular que toca só para ele. Ele para por um segundo, sentindo esse batimento hipnótico em seu próprio corpo, mas, logo em seguida, ele rapidamente fixa o sensor em minha pele.

Tudo isso enquanto me observava atentamente.

— Pronto. — Diz ele, cautelosamente arrumando meu corpete. — Meu receptor está atrás da minha orelha. Ele vai transmitir um sinal direto para o meu cérebro.

— Você vai me deixar lá sozinha? — Eu odeio o pânico na minha voz.

— Não. Mas estará lotado. As festas do Observador são... muito animadas... para dizer o mínimo. Espera-se que você se divirta.

Levanto uma sobrancelha. — E se eu escapar?

— Você não é uma prisioneira, Eden. — Diz Legion, se afastando de mim, e levando seu calor consigo. — Você está aqui porque precisa ser protegida. Mas está livre para ir embora quando quiser.

— Não me senti exatamente como uma convidada. — Desafio.

— Porque eu sabia que se não tivéssemos tempo para fazê-la entender, para explicar tudo, você iria embora sem um segundo pensamento. E seria tomada no momento em que colocasse os pés para fora deste edifício.

Ele está certo. E eu odeio isso. Eu os teria deixado sem ouvi-los. Eu não acreditaria em nada se eles tentaram explicar às pressas. Eu teria corrido para casa com minha irmã e matado quem ou o quê quer que estivesse à nossa porta. Ou pior. Eu teria sido a culpada pela morte da minha irmã.

Tremo só de pensar.

— Eu não sei cozinhar.

Ele me olha com as sobrancelhas franzidas. — O quê?

— Eu não sei cozinhar, nem minha irmã. Nós comemos comida instantânea, queijo e alimentos congelados todos os dias. Nossa ideia de uma refeição gourmet é lasanha e pastelão de carne. A comida aqui é muito melhor.

Ele acena, e a menor curva de um sorriso puxa um canto de seus lábios antes dele se virar em direção à porta do quarto. Mas eu o paro quando ele atinge o limiar da porta.

— Como você sabia que ficaria tudo bem colocar suas mãos em mim? — Pergunto, apoiando uma mão em meu quadril curvilíneo. — Como sabia que eu não te afastaria?

Legion olha por cima do ombro, um sorriso sinistro aparecendo em seus lábios.

— Eu não sabia.



QUINZE

Meu estômago está embrulhado quando finalmente entramos no elevador em frente a porta do apartamento. Não há nada mais no corredor. Não há outros apartamentos ou decoração. Só o elevador.

Parece uma eternidade desde que sai de casa, e, enquanto estou animada por me livrar das quatro paredes, parte de mim está cheia de ansiedade. Quem ou o quê poderia estar esperando por nós quando sairmos para a rua? E se eu vir alguém conhecido e tiver que explicar o que estou fazendo vestida assim?

Felizmente, todas essas preocupações são dissipadas quando a porta do elevador se abre, revelando um estacionamento subterrâneo. Há carros. E mais carros. E mais carros ainda. Veículos utilitários, esportivos, conversíveis, sedãs. Vejo até mesmo algo que se assemelha a um tanque. Tudo preto, todos fortemente matizados. Não preciso perguntar por quê. Já andei bastante com traficantes para saber que cores berrantes, sinos e assobios atraem atenção. E enquanto cada veículo parece novo e luxuoso, nenhum deles é enfeitado com rodas cromadas ou listras de corrida.

Decidimos ir em dois carros: um GMC Yukon Denali XL, e um Jaguar XJ, muito mais elegante e ainda mais sexy. A maioria escolhe o Denali, porém,

deixando Legion, Cain e Phenex irem de Jaguar, para discutirem a estratégia no caminho. Eu me esforço para esconder minha decepção.

— Vocês não se preocupam com alguém entrando sorrateiramente pela garagem? — Pergunto, olhando pela janela do meu banco de trás do lado do passageiro. Jinn está dirigindo, e Toyol tomou o outro banco da frente, deixando Lilith, Andras e eu atrás.

— O prédio está fortemente protegido por alarmes. — Responde Toyol.
— O sistema que protege a nossa garagem e apartamento é muito complexo, para dizer o mínimo...

— Como assim?

— É controlado pelo sangue. Nosso sangue, para ser exato. É uma série de mecânica muito detalhada, juntamente com um toque de magia do sangue. O bairro todo está protegido, na verdade. Isso impede os inimigos de encontrar o lugar. Mas mesmo se eles pudessem nos encontrar, seriam mortos no momento em que pusessem os pés na propriedade.

Magia de sangue? — Mas, e quanto a mim?

— A magia de sangue protege contra o sobrenatural. Se alguém mais entrar no prédio sem o nosso consentimento não andarão cinco passos antes de ser enviado para o seu criador. Mas você é boa. — Ele olha para trás, seus olhos dançando com prazer sinistro no escuro. — Ei, Lil. Acha que o Observador terá algum entretenimento ao vivo, desta vez?

— Oh inferno, espero que não. Da última vez eu tive que jogar fora um vestido novo porque não consegui lavar a maldita tinta dele.

— Tinta? — Sangue eu podia entender. Até algo mais... íntimo... como fluídos corporais. Mas tinta?

— Festa de pintura corporal. As concubinas do Observador estavam completamente nuas, exceto pelos murais primorosamente desenhados em seus corpos. Até mesmo alguns dos convidados abandonaram suas roupas para sentirem a sensação de uma segunda pele nova. Foi uma noite de muita bagunça, para dizer o mínimo...

Uau. Eu posso imaginar. Pessoas nuas, juntamente com álcool, só pode acabar em problemas.

— Então... o que é o Observador, exatamente? — Queria perguntar isso a Legion, mas acabei muito distraída.

— Nem demônio nem anjo, mas imortal. Muito velho e muito entediado. Imagine um inspetor para o reino humano, alguém que vê tudo e sabe tudo. Ele não detém nenhuma aliança com nenhum dos lados, mas vai te denunciar se você quebrar as regras. Este é o Observador.

— Assim como um anjo-demônio babá?

— Exatamente. Mas com a moral questionável e muita afinidade para coisas bonitas e brilhantes.

Olho para minha roupa. Além de um xale de seda em meus ombros, eu estou mais exposta do que já estive. Lilith insistiu que eu fosse sem casaco, por medo de que eu fosse borrar as partículas de ouro em minha pele. Ela disse que eu precisava disso para ficar perfeita, como se pertencesse aquele ambiente. Graças a Deus pelo calor dos corpos no carro, suficiente para me aquecer. Acho que esse é o lado positivo de andar com demônios — ter meu próprio aquecedor pessoal.

A casa do Observador, que suspeito ser uma de muitas, situa-se fora da cidade, em Winnetka aka "*onde as pessoas ricas vivem*." A enorme mansão situa-se em hectares e mais hectares de terra sobre a água. É escuro, então eu realmente não posso apreciar a vista. No entanto, a casa está iluminada por projetores matizados vermelhos e brancos, sinalizando que a festa está em curso. Veículos de luxo se alinham ordenadamente enquanto os manobristas trabalham para manter a recepção em movimento. É tudo tão obscuro. Mais do que qualquer clube em que já estive. Mas também nunca vi tanta opulência, tanta riqueza. E nem sequer saímos do carro ainda.

— Acho que hoje vai ser uma daquelas noites, — Andras dá uns gemidos no assento ao meu lado.

— Por que diz isso?

— O Observador é conhecido por dar festas repletas de libertinagem. Mas é tudo na brincadeira, obviamente. Sem violência, sem malícia. O tipo de pecado que não atravessa a linha. Você sabe que é errado, mas é tão gostoso. E desde que aqui é solo sagrado, e todas as criaturas da noite e do dia são bem-vindas, a tentação estará em seu auge. — Ele me olha de cima a baixo, malícia brilhando por trás de sua íris azuis. — Ainda mais com você aqui.

— Tudo bem, pessoas, olhar afiado. — Comanda Toyol da frente. Ele pressiona o dedo no ouvido e murmura algo muito baixo para ouvir. — Eden, é do seu interesse que você fique perto da gente. Esteja sempre com um de nós. Ninguém pode feri-la enquanto estiver aqui, mas isso não significa necessariamente que você está segura.

— O que significa então? — Um calafrio espalha fragmentos de gelo pela minha espinha.

— Significa que você pode ver coisas, ou sentir coisas que normalmente não sente ou vê. — Explica, Lilith. — Vai haver animais de todas as esferas da vida dentro dessas portas. Muitos deles têm um senso de humor incomum.

— E fique longe do ponche. — Adverte Andras. — Ele vai te bater no rabo e derrubá-la de cara no chão. Confie em mim.

Eu rolo meus olhos. Qual é o objetivo de me trazer para uma festa se vou ser apenas um adorno? Para ficar lá toda bonita enquanto o plano dos adultos se resolve... Dessa forma, eu poderia ter ficado no apartamento com meu livro e minha música. — Mais alguma coisa?

— Sim. — Lilith responde, assim que o manobrista se aproxima do veículo escurecido. — Tente não deixar seus hormônios levarem a melhor. Você está ovulando. Nephilim e Cambion são muito cobiçados.

Na mesma hora ela sai do carro, deixando-me com minha boca caída até meu decote super revelador.

Com passos medidos e evocando toda a confiança possível em meu corpo com pouca roupa, entro na mansão rodeada por Jinn e Toyol, Lilith e Andras assumindo a liderança. Legion, Phenex e Cain entraram na frente para analisar o local, e de alguma forma estão se comunicando com o resto de sua equipe através de auriculares invisíveis. Os sons hipnóticos de *Panic! At The Disco* vibram pelo vasto espaço, definindo a hedonista cena diante de mim. Eu engulo um suspiro. Belos seres de todos os tipos dançam, se misturam e flertam, vestidos com asas de anjo falsas e caudas vermelhas pontudas, cada roupa mais ousada do que a anterior. E eu que pensei que estava nua. Algumas dessas pessoas realmente estão. Uma mulher linda, que tem que ser modelo, passa por nós usando pouco mais do que penas cor de marfim estrategicamente colocadas sobre seus mamilos, e uma tanga com diamantes incrustados. Ela lambe os lábios vermelhos e pisca para Toyol antes de

desaparecer na multidão de foliões, sedutoramente balançando ao ritmo da música que toca sob o céu de candelabros cintilantes.

— São todos anjos ou demônios? — Eu sussurro.

— Um pouco de tudo. Alguns são humanos. Alguns são... outras coisas.

— E como você sabe que podemos confiar neles? — *Como sabe que eles não estão tentando me matar?*

— Você ficaria surpresa com quanto muitos de nós só querem se encaixar. Só querem ter uma vida normal. Os mortais são fascinantes para nós. Sua expectativa de vida é tão curta, tão frágil, mas vocês ainda sentem tanto. Amor, ódio, dor, alegria, luxúria, raiva. Vocês são inteiramente governados por suas emoções, sem o ônus do por que e as consequências do como. Você nunca saberá quem foi morto para que você possa sentir essa alegria, ou as almas que se destruíram para aliviar sua dor. Você apenas os leva para dentro de você, impiedosamente, arrogantemente, nunca sabendo das guerras que se travaram em nome do seu amor, ou para consumir sua raiva. Nós temos bastante inveja dessa ignorância.

Fico atordoada e sem palavras. Quem poderia pensar que um imortal — um ser antigo, tão antigo quanto o tempo e tão poderoso como um Deus — tem inveja de um ser humano fraco, insignificante como eu?

Felizmente, não preciso pensar sobre minha mortalidade desperdiçada por muito mais tempo. Lilith nos leva para um salão aberto, onde a música parece ser centralizada. *Panic!* Ainda toca nos alto-falantes ao redor, girando contos de assuntos picantes, apropriados para a vibração elétrica da festa. Mas não é só por sua música que eu sou seduzida. É por eles. Tocando em um palco nem a vinte metros de onde estou. O vocalista Brendon Urie está em seu traje habitual de calça de couro preta e sem camisa, chicoteando seu cabelo que é sua assinatura enquanto canta para os fãs.

Eu gelo. Caralho! Onde diabos eu estou? E quem é o Observador para ter esse tipo de atração?

— Vamos lá. — Andras persuade, me puxando pelo cotovelo. Nós caminhamos para o bar que tem cerca de 15 metros de largura e está enfeitado com folhas de ouro pintadas, penas pretas e brancas e rosas vermelho sangue.

— Ela vai querer uma taça de champanhe. — Ele diz ao garçom antes de pedir ponche para ele e Lilith.

— Eu pensei que o ponche fosse perigoso? — Pergunto quando ele distribui os copos, minha sobrancelha levantada em suspeita.

— Para você é. Não para nós.

Toyol e Jinn desapareceram no meio da multidão, mas ainda não avistei Legion desde que chegamos. Não me surpreende. Este lugar é um museu, positivamente vivo com a atividade. Luzes multicoloridas projetam sombras sedutoras sobre os corpos se retorcendo. Ouço o estouro de garrafas de champanhe e vejo shots e bebidas tingidas de rosa brilhante. Completos estranhos vestidos com lingerie se beijam e se acariciam com abandono. É difícil não se sentir engolida por tudo.

— Cadê todo mundo? — Pergunto de repente, me sentindo muito pequena e muito insegura. Sigo a linha de visão de Andras enquanto ele encara dois homens próximos, vestindo nada mais do que cuecas boxers apertadas. Eles estão pressionados peito a peito com suas línguas emaranhadas em uma dança lenta e sinuosa de membros ansiosos, exploratórios.

— Esperando para ver o Observador — Ele responde sem olhar para mim, e lambe os lábios quando os homens esfregam suas ereções óbvias um contra o outro.

— Não deveríamos ir com eles?

— Vão chamar quando formos solicitados. — Então, sem dizer uma palavra, ele bebe os últimos vestígios de sua bebida e se dirige aos dois homens se beijando. Eu os observo vibrarem com antecipação a sua abordagem. Quando Andras para na frente deles, mãos enfiadas no bolso de sua calça preta, eles se voltam para ele timidamente, suas bochechas coradas com paixão e entusiasmo. Ele nem parece dizer algo para os dois. Ele apenas fica ali, observando enquanto eles se contorcem em sua presença esmagadora. A respiração do par acelera, saindo com dificuldade. A pele deles brilha, reluzente com suor. Seus olhos ficam vidrados de pura excitação. E enquanto eu me odeio por olhar, posso ver a dureza sob suas cuecas ficarem ainda mais grossas.

Sem uma palavra, Andras vira-se para ir para o outro lado do salão de baile. Os dois homens o seguem, permitindo-lhe levá-los até uma área reservada e equipada com uma cama de dossel. Há dezenas delas, pequenas

enseadas adornadas com grandes espreguiçadeiras construídas para dois, camas suspensas e gigantes com almofadas envoltas em sedas. Um lugar para o prazer. Quase todas elas estão ocupadas com pessoas, conversando, comendo frutas exóticas, beijando e até mesmo fazendo mais do que isso. Eu me afasto de uma cena que faz com que minha boca seque e minha barriga se aqueça com uma lembrança distante. Um homem e uma mulher se beijam intimamente na cama de baixo, coberta com pétalas de rosa brancas austeras. Ele a explora com os dentes e língua enquanto sua mão caminha até a coxa nua dela, dando ao seu outro companheiro acesso livre a sua boceta nua. Os homens lambem e chupam, adorando o corpo dela como se fosse o de uma deusa virgem, dada sua cor de pele cremosa.

Prendo minha respiração. Ser amada assim, receber prazer assim, para que todos possam ver... deve ser maravilhoso. Ela não parece mansa ou submissa sob o toque deles. Ela parece livre — livre para explorar os desejos do seu corpo lindo. Para ser mulher... para sentir o que sente... Só de pensar nisso faz com que minha calcinha de renda fique molhada entre minhas pernas.

— Hora do show! — Anuncia Lilith, puxando-me de meus pensamentos escuros e sensuais e tomando a taça vazia dos meus dedos. Não me lembro do champanhe ter acabado.

Lilith desliza a mão na minha e suavemente me puxa, persuadindo-me a segui-la para outra parte da casa. Passamos pelas camas e chaises extragrandes e entramos num corredor longo com várias portas. Não consigo imaginar o que está acontecendo lá dentro, mas posso ouvir. Risadas estridentes, os sons de tapas molhados e inegáveis respirações ofegantes. Eu forço meu queixo para cima e mantenho meus olhos em frente.

Paramos em um conjunto de enorme portas duplas e esculpidas como em um palácio, com ilhós de ouro e rubis brilhando sob a iluminação fraca. O meio de cada porta é ornamentado com um olho feito de mil diamantes pretos. Os aposentos do Observador, presumo.

— Responda todas as perguntas honestamente. Mentir é inútil e ofensivo, portanto, seja direta e firme. Não seja covarde. O Observador vai te comer viva se você agir como um ratinho assustado. E, sob quaisquer circunstâncias, não tente se infiltrar na mente de ninguém. Você pode ser morta antes de qualquer um de nós possa intervir. Pronta?

Eu aceno antes de perder a coragem. — Pronta.

Ela levanta a mão para bater, mas antes de suas mãos se conectarem com a madeira polida, a porta se abre sozinha, revelando as paredes de rubi aparadas em ouro ornamentado. Eu os escuto antes que possa vê-los. No entanto, seu riso estridente não faz muito para aliviar minha ansiedade. Depois de tudo que vi — tudo o que senti — desde que entrei nesta mansão, só posso imaginar o que me espera além dos olhos indiscretos da porta.

— Venha, venha. — Uma voz desconhecida diz.

Com minha mão ainda entrelaçada na de Lilith e meu coração na garganta, eu ordeno que meus joelhos trêmulos deem um passo. Depois outro. E outro. Até que chegamos a um corredor pintado de vermelho sangue.

Quando dobramos em uma esquina, entramos no que parece uma sala de estar ou quarto, e eu quase sufoco em surpresa pela figura lânguida descansando sobre um estrado com rosas e cortes de mármore.

O Observador... é uma mulher?

— Olá, Eden. É tão bom finalmente te conhecer.

Ela se levanta do seu trono com a graça de uma imperatriz, e caminha para mais perto de mim, seu corpo curvilíneo adornado em nada mais do que um sarongue e um sutiã de joias. Legion, Phenex e Cain a acompanham de perto com olhos cuidadosos enquanto ela para bem na minha frente, deixando apenas centímetros entre nós.

— Você é mais bonita do que eu esperava. — Ela sorri, espalhando seus lábios doces e mostrando dentes brancos e brilhantes.

— Você também. — Eu respondo.

Seu riso é profundo e animado quando ela joga sua cabeça para trás sobre seus ombros nus. — Eu também? Você esperava uma criatura com chifres e presas?

Atrevo-me a jogar um olhar por cima do ombro para Legion, cujos lábios carnudos estão pressionados em uma linha fina. — Esperava um homem.

— Oh? Parece que os seus amigos não te informaram corretamente. — Ela lança seu olhar para Lilith, dando-lhe o mesmo sorriso sinuoso. — Lil, querida. Por que mantiveram segredos da nossa jovem Eden?

— Desculpas, Irin. Ela não perguntou.

— Ah! — Ela exclama. — Sempre faça as perguntas certas, Eden. Assim eles irão fornecer as respostas certas. Venha! Sente-se! — Ela comanda, acenando para o estrado. Ela então se aproxima do seu assento designado, que se assemelha a uma cabana exuberante com grandes almofadas, e dobra sua estrutura pequena em um ponto no meio, acomodando seus pés descalços.

Eu me sento à esquerda dela, e ela diz: — Não seja boba, Eden. Chegue mais perto. Eu não vou morder. — Outro sorriso predatório.

Eu faço como ela disse e chego mais perto. — Obrigada.

— É claro! Convido o Se7en para todas as minhas festas. No entanto, eles muitas vezes se recusam a vir. Você quer saber por quê? — Olho para Legion que esta a alguns metros de distância com os braços cruzados sobre o peito amplo. Felizmente, Lilith opta por se juntar a nós no estrado.

— Claro. — Respondo.

— É desfruto de grande prazer com indulgências da terra, como você pode ver. A sexualidade é poderosa. E poder é cobiçado por todos. Você não concorda?

Eu aceno, quando um homem moreno e bonito vestindo nada mais do que cuecas pretas apertadas me oferece uma taça de champanhe. Aceito com um sorriso contido. — Eu concordo.

— E você acredita que é poderosa?— Ela pergunta, me observando tomar um gole do líquido efervescente e ligeiramente doce.

— Não exatamente. Não.

— Ah, mas você é. Extremamente poderosa. Você tem conhecimento do poder dentro de você, correto? O anjo Adriel?

Mais um longo gole. — Sim, já me disseram.

— Então você sabe que tem certas habilidades que lhe dão acesso às mentes dos humanos. Tornando possível vislumbrar a intenção de suas almas.

Porra. Ela está me lendo como um livro.

Acabo meu champanhe e me encontro com outro nem mesmo segundos depois. Aceito felizmente, apesar de ouvir um som grosso de objeção a distância.

— Eu posso. Sim.

— Adriel. — Ela sorri. — Anjos e demônios não têm a capacidade de manipular as vontades dos seres humanos. Mas você não é nenhum dos dois, o que lhe dá o uso de seus poderes sem qualquer burocracia. Não é maravilhoso?

Dou de ombros. — Acho que sim.

— Você não vê, Eden? Ela escolheu você especificamente porque há um plano para você. Um plano para você ser alguém grande neste mundo. Um plano para tocar as vidas de muitos. — Ela fala as palavras com tanto fervor, como se ela realmente acreditasse nisso. Como se quisesse que eu acreditasse também. Eu simplesmente balanço a cabeça e bebo meu champanhe.

— Você não concorda? — Ela levanta uma fina sobrancelha preta.

— Não. Acho que ela me escolheu porque sou fraca. Eu não toco a vida das pessoas. Não faço nada que supere a grandeza dela. Eu...

Não posso dizer isso. Não posso ser aquela que vai lhes dizer que sua preciosa Adriel não é nada mais do que uma psicopata com uma alma escura. Aquela que me faz dizer e fazer coisas que desencadeiam dor e o sofrimento.

Ela suspira e inclina-se sobre um travesseiro. Outro homem bonito - este aqui com a cor de creme de leite fresco - lhe trás um pequeno copo de ponche. — Agora eu entendo. Você acredita que Adriel influencia você a fazer coisas com raiva e machucar as pessoas. Você acha que ela te faz um monstro.

Atordoada, eu abro minha boca para discordar, mas depois me lembro do aviso de Lilith. O Observador vê tudo, ouve tudo. Ela sabe o que eu fiz.

— Sim.

— Isso tornaria as coisas mais fáceis? Acreditar que Adriel é a responsável?

— Eu não entendo. — Franzo a testa.

A mulher olha fixamente para o teto, para um mural de querubins primorosamente pintados com bochechas rosadas e cabelos loiros encaracolados. — Berrante, não é? Eu disse para o artista que queria anjos, não crianças. Eu juro, é tão difícil achar bons trabalhadores.

— Huh?

— Faça as perguntas certas, Eden. — Ela suavemente repreende.

Tomo mais um gole de coragem. — Por que Adriel me faz pensar em coisas - dizer coisas - que machucam as pessoas? — Ou pior. Mas não tenho que continuar. Ela já entendeu.

— Ela não o faz. — Ela simplesmente responde, ainda olhando para o teto.

— Então é o *Chamado*? Estou sendo influenciada pelo mal que foi implantado em mim?

Ela boceja, entediada com a conversa. — Não.

— Então, quem? Quem está me dizendo para fazer essas coisas?

Lentamente ela afasta seu olhar do mural de querubins. — Você mesma.

— O quê? — Não pode ser, possivelmente eu não ouvi corretamente. — Mas isso não faz sentido.

— Claro que faz. A dor que você já infligiu, o erro que você cometeu - tudo derivou do seu tumulto interior. Adriel deu-lhe a arma, mas você a carregou com munições e atirou.

— Mas... — Não tem lógica. As vozes sussurrando para mim, me dizendo para fazer as pessoas caírem sobre seus próprios pés, ou jogarem seu dinheiro no chão, ou derramarem suas bebidas em suas camisas.

Ou andarem na direção de um ônibus.

Eu não sou capaz desse tipo de mal. Certo?

— Isso não faz de você uma pessoa ruim. — Ela diz, com um pouco de empatia em seus olhos escuros. — Te faz humana.

Sangue corre pelos meus ouvidos, aumentando as batidas do meu coração. O gosto de champanhe torna-se obsoleto em minha língua. Meus olhos castanhos ampliam em confusão.

Eu sou má.

Eu sou má.

Eu sou má.

Eu. Não Adriel. Não Lúcifer. Eu.

Incapaz de encarar a verdade no olhar do Observador, olho para baixo em meu colo. Estou vestida de branco, mas continuo manchada com minha própria maldade. Eu sou o lobo em pele de cordeiro, desde o início.

— Irin. — Eu ouço Legion dizer. — Há assuntos mais importantes para discutir que os defeitos mesquinhos e mortais de Eden. — Suas palavras são duras, mas não há nenhuma gota de repressão em seu tom. Ele está tentando me poupar, assim como fez ontem. Levanto minha cabeça para vê-lo vir se sentar ao lado dela.

— Oh, Legion. — Ela exclama, segurando o joelho com uma mão e observando as unhas com a outra. — Eu só estava me divertindo! Mas, você está certo. Primeiro os negócios. Em seguida, prazer.

— A invocação, Irin. Quando vai ser? E onde?

— Ah, ah, ah! — Ela adverte, acenando um dedo de um lado para o outro. — Primeiro temos de discutir os termos. Você sabe disso. — Ela olha para os olhos dele com seu próprio olhar brilhante enquanto morde o sensual lábio inferior sedutoramente.

Legion a ignora, tédio em seu tom. — Diga o seu preço.

— Você sabe o que eu quero. Você sempre sabe o que eu quero. — O Observador - Irin - desliza o olhar para mim. — Ela faz?

— Irrelevante. — Diz Legion, alargando suas narinas.

— Tem certeza? — Ela provoca, a mão na coxa dele subindo mais alto, com traços preguiçosos. Eu sinto fogo em minhas bochechas.

— Vá em frente, Irin.

— Tudo bem. — Ela diz com irritação, arremessando seu cabelo para trás da orelha com mais força do que o necessário. — Como você sabe, eu não sou adivinha, então não posso ver o futuro. Não faço ideia quando ou onde ela vai ser Chamada.

— Então estamos conversados. — Diz Legion, tirando a mão dela de seu colo. Algo dentro de mim secretamente se alegra.

— Mas... há uma maneira. — Irin rapidamente acrescenta antes que Legion possa recuar completamente.

A mandíbula de Legion aperta em aborrecimento antes dele exigir. — Qual?

— Você precisará procurar uma fonte externa. Alguém que possa vislumbrar o passado dela, a fim de desvendar seu futuro.

Meu passado.

Sacudo minha cabeça reflexivamente.

— Algo a esconder, querida? — Irin vagarosamente pergunta. Ela apoia outra vez a mão na perna de Legion, me provocando... brincando comigo. Por quê? E porque diabos eu me importo?

— Não. — Eu respondo inexpressiva.

— Mentira. — Ela diz, como se minha desonestidade a divertisse.

Legion limpa a garganta, chamando sua atenção de volta para ele. — Você tem alguns minutos, Irin. Segundos.

— Certamente, querido. — Ela sorri. — Mas primeiro, eu exijo o pagamento.

Ele balança a cabeça. — Não é assim que isto funciona.

— Ah, mas é. Se você quer essa informação, vai ter que jogar pelas minhas regras. Se não, pode ir curtir a festa. Talvez nosso pequeno passarinho seja Chamada hoje à noite? É uma pena. Eu tenho tantas almas humanas presentes, muitas que Lúcifer gostaria de reclamar para si mesmo. É uma pena que meus guardas terão que quebrar imediatamente as regras. — Ela suspira, como se o pensamento de me matar a aborrecesse. Como se a visão de meu sangue pulverizado sobre as paredes fosse nada mais do que um incômodo.

— Bem. O que você quer de mim?

Irin desloca o corpo para junto de Legion, pressionando os seios empinados contra seu bíceps. Um sentimento doente surge em minha barriga, e sinto o champanhe subir até a minha garganta.

— Um beijo. Beije-me, Legion. Faça-me sentir aquele fogo que queima tão brilhante e quente dentro de você. Se ajoelhe aos meus pés e lamba minhas coxas. Marque meus lábios com sua maldade, e o conhecimento que você busca será seu.

Eu engulo a bÍlis que sobe em minha garganta e rolo os olhos. Essa mulher é real?

Quem faz um negócio como esse? Quem diabos ela pensa que é para pedir algo tão insignificante, imaturo e íntimo de outro indivíduo? Ela é muito narcisista. E eu sei que Legion vai enxergar através de suas artimanhas.

— Fechado.

Levanto meu olhar tão rápido que minha visão embaça. Não. Ele não pode. Ele não vai.

Lilith endurece ao meu lado, mas não diz uma palavra. Olho para Phenex e Cain, mas ambas suas expressões são impassíveis. Por que vão deixá-la manipulá-lo? E por que Legion aceitou isso? Ele é a pessoa mais assustadora, mais forte que eu já conheci, e agora será reduzido a não mais do que uma prostituta?

Quero me forçar a desviar o olhar quando Irin senta-se sobre os joelhos, alinhando o rosto com o dele, mas não posso. Ela afaga a maçã do seu rosto antes de arrastar os dedos pelo seu cabelo. Ela está tentando fazer com que isso seja romântico. Está tentando seduzi-lo.

Legion permanece perfeitamente parado, mesmo com as carÍcias que Irin faz como uma amante. Ele nem sequer está lutando contra essa farsa. É como se ele quisesse isso. Ele a quer.

Ela chega mais perto, e lambe os lábios em preparação. Ele separa seus próprios lábios, pronto para aceita-la. As unhas pintadas de vermelho apertam sua nuca, enquanto as mãos dele pressionam contra a parte inferior das costas dela. Oh Deus, ele quer isso. Ele está nisto. Não importa que Irin seja uma cobra. Tudo o que precisou foi ver suas tetas e bunda, e é prontamente foi reduzido a um homem típico. Porque acreditei que ele reagiria de forma diferente? Por esperaria que ele mostrasse um pouco de autorrespeito?

Meu sangue corre gelado em minhas veias quando vejo seus lábios colidirem com tanta paixão nos de Irin, que por sua vez geme em sua boca. Suas línguas deslizam uma contra a outra em uma dança erótica, seus dentes batem contra os do outro em fervor. Ele agarra a bunda dela, amassando-a e puxando-a para mais perto do seu corpo. Irin agarra o cabelo dele, ansiosa para levá-lo ainda mais para dentro dela.

Não consigo ver isso. Não posso fingir que está tudo bem. Que isto não me dá nojo. Que isso não...

A taça de vidro cai da minha mão e quebra-se em vários pedaços pelo chão de mármore adornado com rosas enquanto eu corro para as portas duplas, desesperada para escapar dessa cena.

Eles nem percebem.



DEZESSEIS

Em minha pressa de fugir da pornografia atrás das portas adornadas com olhos de diamante negro, encontro o salão de festas. Está ainda mais lotado que antes, e até mesmo a música parece mais alta. Eu digitalizo a massa de foliões atrás de quaisquer sinais de familiaridade, mas não reconheço ninguém. Andras deve estar ocupado com seus meninos, e não faço ideia de onde poderiam estar Jinn e Toyol.

Estou perdida em um mar de corpos retorcidos, encharcados em suor e pecado. Eles são apenas um borrão... apenas um borrão de luxúria, cobiça e desejo venenoso. Eu cambaleio através da neblina de sexo e ando com as pernas trêmulas até chegar ao bar. A madeira polida é fria sob meus dedos quando eu agarro a extremidade do bar. Eu deslizo sobre um banquinho, grata por descansar meus pés e minha mente cansada.

— Quer alguma coisa? Champanhe? — Um barman pergunta, segurando uma garrafa de líquido rosa efervescente. Ele é estranhamente atraente, suas feições muito delicadas para seu corpo duro, musculoso e coberto em nada mais que apertadas cuecas pretas.

Abro meus lábios para recusar, mas paro. Eu fui arrancada da minha casa, ridicularizada, espancada e humilhada. Vestida como uma boneca só para ser hostilizada por uma sedutora de um metro e meio. Em seguida, fui

forçada a vê-la dar uns amassos com meu captor, o mesmo homem que me sequestrou para me manter como seu animal de estimação, me dizendo o que eu poderia falar, o que vestir, o que beber. Mas não mais. Eles querem que eu seja dócil e mansa. Eles querem que eu seja a fraca humana que eu deveria ser.

Mas eu não posso.

Eu não posso mais fingir.

Não posso ignorar o fogo do meu instinto deslizando em minhas veias.

Não posso ignorar o que eu sou.

— Não... vou querer um ponche.

O barman bonito olha para mim como se pudesse ver através de minha alma mortal. Levanto meu queixo apenas uma fração, meus nervos o desafiando.

— Para já! — É tudo o que ele diz antes de pegar um copo e deslizar-lo pelo balcão. Eu bebo todo seu conteúdo em três goles gigantes.

— Outro.

— Cuidado, querida, essa coisa vai...

— Eu sou uma menina grande. Outro.

Ele levanta as sobrancelhas perfeitamente arqueadas em descrença, mas coloca mais uma dose em meu copo, e eu a bebo mais rapidamente do que a anterior. — Obrigada. — Agradeço antes que ele possa se afastar para servir outro convidado.

E em seguida eu sinto.

Fogos de artifício líquidos estouram na minha corrente sanguínea, levando o êxtase tóxico até as pontas dos meus dedos. Meus dedos formigam como se eles estivessem sendo escovados com penas, e a superfície da minha pele queima com calor dourado. Estou pegando fogo. Minha visão se transforma em um azul brilhante, vermelho e depois verde. Tudo ao meu redor brilha como o orvalho da manhã sobre lâminas de grama, um milhão de prismas, pequenas lágrimas repletas de luz e cor. Eu suspiro quando a forma de arco-íris dança sobre meus ombros nus e desce pelas minhas pernas. A música não só acaricia meus ouvidos, mas desliza através de meus lábios. Eu

posso provar as notas, salgadas e doces na minha língua. E então eu as engulo, e deixo a melodia se mover dentro de mim, me levando para a pista de dança.

Eu deslizo através das galáxias em saltos de nuvens de papel machê. A multidão me engole, me acariciando com dedos ansiosos e empurrando meus quadris. Me mexo com eles, me tornando um deles. Não há nenhum julgamento aqui. Sem vergonha ou medo de perseguição. Só movimento, som e sensação. Eu estou leve como as asas de um pássaro — um pequeno ponto de luz em um vasto universo ofuscante.

Eu danço música após música com os olhos fechados e as mãos para o alto. Meu corpo me diz que preciso me aliviar, mas não consigo parar. Não consigo parar a sensação de felicidade brilhante amarrada a minhas veias, me controlando como uma marionete.

Minutos - ou talvez horas - mais tarde, a necessidade da minha bexiga tornar-se intensa demais para ignorar. A multidão se dispersa ao meu redor, como se soubessem que deveriam se afastar, me empurrando em uma maré de corpos. Eu cambaleio para um corredor que nunca vi antes, e empurro a maçaneta da primeira porta. Trancada. Eu tento outra. E outra. Até encontrar uma que abre facilmente.

A boa notícia: é um banheiro.

A má notícia: está ocupado.

Muito, muito ocupado...

— Oh meu Deus, me desculpe! — Protejo os olhos. Mas não antes que veja um flash da orgia acontecendo no assento do vaso.

— Não precisa se desculpar, querida. Pode entrar.

Não. Não, eu não quero entrar. Mas eu entro. Merda, tenho que entrar.

Dou um passo para dentro do banheiro todo decorado em tons de ouro, vermelho e preto. Muito parecido com o resto da casa. Meus pés tremem em meus saltos.

— Agora feche a porta.

Minha mão atinge a maçaneta, meus dedos tremem. Sem pensar, eu a fecho.

— Agora... Levante a cabeça. Levante a cabeça e olhe para mim.

Uma voz na minha cabeça grita não, me implorando para manter os olhos no chão. Não olhe, não olhe, não olhe. Meu pescoço grita com a tensão enquanto tento impedir o movimento. Meus olhos queimam com o esforço para mantê-los fechados. Eu não posso olhar. Não deveria olhar.

Mas eu quero. *Preciso.*

O homem por trás da voz se senta sobre a tampa do vaso, seu rosto bonito e etéreo como uma máscara de prazer erótico. Seu cabelo é polvilhado com pigmentos de loiro, e sua boca é cheia e carnuda, curvada em um sorriso malicioso. Seus olhos não são azuis, violetas ou avelã. São como o crepúsculo. Suas íris brilham com tons de crepúsculo, deslocando-se como o céu escurecendo.

Ele está nu, completamente nu em sua perfeição sobrenatural. Cada parte dele é esculpida, dura, suave e impenetrável. Uma mulher se ajoelha entre suas pernas, quase nua, vestindo apenas uma lingerie com espartilho e fio-dental, e me dando uma visão de suas costas e bunda em formato de coração enquanto coloca o pau dele na boca, engolindo mais e mais e mais. Ela geme ao redor de seu comprimento, como se o gosto dele fosse delicioso. Ela leva sua própria mão entre as coxas para se acariciar por baixo da tira molhada do laço que cobre sua boceta.

Outra mulher está sentada no colo de outro homem, cavalgando. Eu posso ouvir o atrito de pele contra pele, posso ver a umidade brilhando em suas coxas bem torneadas. Os dedos dela estão enterrados dentro de outra garota que está diante deles, beijando os lábios dela e acariciando seus seios cheios.

Seus gemidos, seus gritos... seu olhar. Eu não consigo desviar o olhar. Não posso negar o jorro de excitação sob meu próprio pedaço de cetim. Nunca vi nada tão erótico em minha vida. E quanto mais observo, quanto mais sinto a necessidade pesada no ar, agarrando-se a minha pele como a névoa do amanhecer, mais eu quero sentir o que elas sentem.

Eles movem-se com tanta graça e fluidez, como se o prazer fosse sua segunda natureza. A mulher entre as pernas do homem desliza uma mão sobre seu abdômen, até que atinge um mamilo. Ela aperta o botão pequeno entre suas unhas pretas, fazendo com que todo o corpo dele se contorça. E eu me contorço também.

— Venha cá. — Comanda o homem, sua voz vibrando através de mim, se encaixando em meus ossos. Ele levanta um dedo. — Vem cá.

Me aproximo um passo, percebendo que minhas pernas não são mais minhas, que meus lábios se abrem reflexivamente e que posso sentir o cheiro perfumado de sexo.

— Venha para mim. — Ele diz, me acalmando. Imagino esse dedo em meus mamilos fazendo o caminho mais longo sobre minha barriga. Imagino que ele o mergulha dentro de mim, tão profundo que grito. E que com isso ele me leva ao orgasmo, com os joelhos tremendo e olhos vidrados.

Eu ando até que minhas canelas tocam a carne macia de uma bunda empinada. Até que eu possa ver os lábios vermelhos do diabo deslizando sua dureza enorme, engolindo pategada por irritantemente pategada de grossura. A garota que cavalga passa sua mão em meu braço, e é como um beijo que parece uma pena, que eu não impeço. É bom. Como eu estivesse sendo lambida. Como se eu estivesse sendo fodida.

Eu tremo em minha posição enquanto seus olhos percorrem meu corpo. O pecado espreita através das grades brancas de minha prisão inocente. Eu posso sentir seu olhar, acariciando-me, curioso. Enxergando a maldade apodrecendo dentro de mim e saboreando meu tumulto. Eu não recuo, não me envergonho da minha curiosidade. Isso o agrada. O desperta. E naquele olhar revestido de erotismo, eu me excito.

Ele escova o cabelo da menina entre suas pernas e ela se afasta, libertando-o com um pop alto. Cambaleando, eu a deixo passar e vejo-a juntar-se as outras mulheres. Como se tivessem ensaiado, com a mulher sobre sua coxa e os três deles... os três...

— Não tenha medo. — O homem sussurra. — Não vou te machucar, e nem eles. Eles são muito simpáticos.

Com isso, as meninas começam a rir entre beijos e lambidas. Parecem... Tão livres com seus corpos. Sempre sonhei em ser uma garota assim — obviamente bonita, despreocupada, imparável.

— Você pode ser. — O homem observa, lendo meus pensamentos. — Você pode ser como elas e ainda mais. Venha até mim.

Eu não questiono como ele ouviu minhas divagações não ditas. Eu não questiono o absurdo de sua pretensão. Eu dou um passo em frente, perto o

suficiente para que os lados das minhas pernas encostem em seus joelhos. Ele ainda está duro, ainda brilhando com uma mistura de batom rubi e saliva. Eu poderia me inclinar e senti-lo contra minha coxa. Eu poderia abaixar e pegá-lo em minha mão.

— Faça! — Ele comanda, flexionando os quadris para frente ligeiramente. — Faça. Você sabe que quer.

Eu quero. Ele sentiria meu pulso batendo descontroladamente na palma da minha mão. Eu quase podia sentir aquela pele contra a minha.

— Faça. — Ele diz outra vez. — Eu quero você.

Meus dedos tremem de desejo. Eu preciso fazer isso. Meu corpo está doendo com a necessidade de tocá-lo.

Então eu faço.

Ele geme alto no segundo em que coloco a ponta do pau dele na boca. Estimulada por sua reação, arrasto meus dedos sobre as veias até chegar a raiz. Ele pulsa por mim. Querendo-me. Seu corpo se torna radioativo apenas pelo meu toque.

— Mais. — Ele geme, olhos fechados.

Eu chupo seu comprimento lentamente primeiro, fazendo pressão com cada chupada. Minha boca esta cheia d'água quando o imagino metendo dentro e fora de mim. Eu quero sua dureza enorme dentro de mim. Quero sentir sua pulsação dentro de meu ventre, persuadindo o orgasmo mais forte da minha vida.

— Sim. — Ele geme. — Vire-se.

Não tento negar o sentimento de pura alegria e desejo que toma conta de mim quando faço o que ele disse. Ele agarra minha cintura por trás, me puxando para mais perto. Ele espalha minhas pernas e então posiciona seu pau em mim. Bem sobre a parte onde quero que ele se enterre dentro de mim até o punho.

Minha saia é empurrada sobre minha bunda. Minha tanga de renda é empurrada para um lado. E antes eu possa me opor, respirar ou pensar, colidimos.

Eu derreto em um calor de êxtase que nunca experimentei. O tamanho e a força dele me dilaceram, mas o prazer supera a dor. Ele toca todas as partes

de mim — toda a maldade e engano — e os faz bonitos. Eu sou invencível, intocável, como se sentasse em seu trono construído de suor e pecado. A rainha da corrupção. A Imperatriz do mal.

A mulher recupera seu lugar entre as pernas dele e começa a lambar... lambar exatamente onde ele e eu nos unimos. Lambendo a umidade que se acumula com cada impulso profundo. Outra mulher vem para apalpar os meus seios, trazendo-os juntos para lambê-los e mordisca-los. E o outro homem me beija, longa, profunda e sensualmente, engolindo meus gemidos e substituindo-os com os seus.

Já provei o contentamento. Eu comi a euforia. O sabor do paraíso explode na minha língua e desliza pela minha garganta, me enchendo, até que estou completa.

Nos movemos juntos, como se isso sempre fosse feito. Como se eu sempre tivesse sido deles, e eles meus.

Eu me inclino para trás e descanso minha cabeça contra seu ombro, me divertindo com este estado de pura felicidade. Meus quadris se movem por vontade própria, encontrando-o a cada impulso incrivelmente profundo. Ele conhece muito bem o meu corpo, todos eles conhecem. Eu teria medo com outras pessoas, mas não tenho com eles. É a eles que eu pertencço.

— Eden... — O homem geme em meu ouvido. Ele começa a inchar dentro de minha carne trêmula, me enchendo até o limite. — Eden. Eden... — Ele diz meu nome várias vezes enquanto se aproxima do orgasmo. Mais e mais conforme me trás à borda com ele.

— Eden. Eden. Eden...

Meu coração bate em meus ouvidos, ecoando com cada retumbante tapa de pele contra pele. — Eden. Eden. Eden...

O barulho torna-se mais alto a medida que eu chego mais perto. Já posso sentir o doce e o amargo, o sinto batendo contra mim, dentro de mim.

— Eden. Eden. Eden!

Com os olhos fechados, jogo minha cabeça para trás e grito, liberando cada gota de necessidade de meu corpo tremulo. Mas a sensação não acaba, é implacável, uma força da natureza. Ele me varre como um furacão, e eu me sinto no olho da tempestade — sem peso e mortal.

Quando finalmente abro meus olhos, estou sozinha e inclinada contra a porta. Ela sacode violentamente, certamente depois do meu orgasmo.

— Eden! Eden, abra a porta antes de eu a arrombe.

Oh merda!

Pisco e olho para baixo. Minha saia esta em meus quadris e meus dedos estão entre as minhas pernas, completamente encharcadas com minha própria umidade quente.

Ah. Merda.

Legion chacoalha novamente a maçaneta da porta. Eu rapidamente arrumo minha roupa e corro para a pia para lavar as mãos.

— Hum, hum, já vou! — Eu gaguejo, andando apressadamente para a porta antes que ele cumpra sua promessa. Isso não traria nada de bom para qualquer um de nós. Não faço ideia de quais seriam as consequências de interromper a festa, e não quero descobrir.

Eu respiro fundo antes de abrir a porta. Legion está diante de mim, punhos cerrados firmemente em seus lados e seus brilhantes olhos prateados selvagens de raiva. Ele me encara.

— Venha. — Ele rosna, agarrando meu braço e me afastando do banheiro e do fantasma que a pouco me fodeu sobre o vaso sanitário.



DEZESSETE

— Que diabos você estava fazendo lá?

Legion arrasta-me pelo corredor, manobrando através dos grupos de vadios dando uns amassos contra a parede.

— O quê? — Meu cérebro ainda está confuso com os restos de álcool e o orgasmo.

— Eu perguntei o que você fazia lá? Droga, Eden, você não pode sumir sozinha. Há uma dúzia de criaturas aqui que gostariam de afundar seus dentes em você.

Eu o olho e digo. — Eu estava bem.

— Bem? — Ele gira para me enfrentar, mas seus pés continuam andando. Nós ignoramos o salão de baile, a festa ainda em pleno andamento com os sons de Thirty Seconds to Mars. Eu não ficaria surpresa se eles realmente estivessem no palco. — Eden, você não está bem. Você saiu do quarto do Observador tão rápido que eu...

— Você o quê? — Eu me libero do seu aperto e cruzo os braços sobre meu peito, me recusando a dar mais um passo com ele. — Não teve tempo de limpar a baba da boca? Achou mesmo que eu ficaria te vendo chupar aquela sádica? Sinto muito, mas pornô ao vivo não é a minha coisa. Tenho certeza

que seus amigos forneceram apoio moral suficiente. Nossa, L. Eu esperava que você aguentasse mais tempo. Mas acho que, para alguém que não fodeu ninguém em um século, você não pode se segurar.

Com as narinas expandidas e a boca curvada em um escárnio cruel, ele dá um passo ameaçador em minha direção. — O que você disse?

— Tudo bem. Acontece com todos nós. Mesmo com os demônios, aparentemente. — Olho-o com desdém, muito encorajada por causa do espumante e do licor para ter o bom senso de ter medo.

Um longo passo, um batimento cardíaco, uma respiração e ele está tão perto que eu posso sentir o brilho de sua fúria irradiando do seu corpo maciço. Aqueles olhos feitos de estrelas queimam minha alma. Eu me forço a olhar para dele, dando-lhe minha própria carranca.

— Você não... — Seu maxilar trava como se as palavras se recusassem a sair, presas entre ira e frustração. Em vez disso, ele pega minha mão outra vez. — Vamos lá.

— Onde você está me levando? — Eu grito, tentando me equilibrar em meus saltos ridiculamente altos. O chão finalmente solidificou-se por debaixo de meus pés, o que é um alívio. Mas ele ainda balança. — Ei, devagar! Nem todo mundo é uma aberração sobrenatural como você.

— Sim? Bem, talvez você devesse ter pensado nisso antes de fugir para brincar com monstros. — Ele está se movendo muito rápido, no entanto, ninguém parece notar. Ou isso, ou eles não se importam.

— Não sei do que você está falando. Você é quem praticamente me jogou numa toca de leão só de calcinha. Você acha que eu quero estar aqui? Você acha que eu gostei de ver você saborear as amígdalas da Barbie Stripper?

Ele rigidamente balança a cabeça, se recusando a me dar uma resposta. Eu não percebo que estamos indo para a saída até que já estamos do lado de fora.

— Onde você está me levando?

— Casa. — Ele responde.

— Mas e quanto a...

— Terminando. Eles vão ficar bem.

— L, devagar. — Peço enquanto ele vai para a fila de carros estacionados ao redor da mansão, ignorando o manobrista. Cascalho tritura sob meus sapatos, tornando impossível andar sem tropeçar. Quando chegamos ao Jaguar, ele quase arranca a porta do passageiro antes de praticamente me jogar dentro.

— Mas que porra! — Eu grito enquanto ele se inclina sobre mim para arrumar meu corpo no assento. O calor dele sufoca a luta dentro de mim. Recuso-me a respirar por medo de que possa cheirar sua ira escaldante e ser uma vítima do seu perfume. Não posso identificar exatamente o que é, mas é intoxicante. Lembra-me do início de uma tempestade tumultuosa, antes dos relâmpagos rasgarem o céu.

Ele está no banco do motorista e fora da vaga antes que eu possa enxotar a sensação do seu corpo duro contra o meu.

— Sério, cara, qual o seu problema? — Pergunto após vários minutos de silêncio. Ele está correndo pelas curvas sinuosas mais rápido do que eu posso ver.

— Meu problema? — ele pergunta. — Você é o meu problema, Eden. Onde você se meteu?

— Eu te disse. Eu não queria ficar para o evento principal, então fui embora. — Minha amargura escorre em cada palavra. — Acho que você não é tão nobre como queria que eu pensasse.

— Do que você está falando? Você acha que eu... — Ele balança a cabeça. — Esquece.

— O quê, Legion? — Eu tento tanto quanto possível evitar que meu corpo encoste-se ao dele no espaço apertado. — Você não quer que eu te veja pelo que você é? Acha que tudo bem você desvendar todos os meus pequenos segredos sujos e me humilhar? Bom, não está tudo bem. Eu posso ser vista como uma cadela suja e imoral, mas você... você vai manter sua imagem imaculada. Eu entendi.

— Você está sendo ridícula.

— Estou? — Minha voz sai mais fraca do que pretendo. Mas com o álcool estimulando minhas estúpidas emoções humanas, não posso deixar pra lá. — No apartamento você agiu como se me tocar te causasse nojo. Você não conseguiu sair rápido o suficiente. Mas com Irin, seja lá qual for o nome dela....

— Seguro uma respiração nervosa. — Olha, se isso é o que você gosta, tudo bem. Mas não minta.

Ele olha para frente, seu maxilar mostrando sua irritação. — Eu não estava mentindo, Eden. Não aconteceu nada.

— Aquilo não se parecia com nada. Mas continue pensando assim. Talvez vá se tornar realidade.

Não falamos mais nada enquanto dirigíamos de volta para a cidade. O elegante Jaguar desliza como um sonho, mas eu não posso apreciá-lo. Não consigo esquecer a imagem dele tocando-a, beijando-a. Como se ele realmente a quisesse. E então no banheiro... nada disso fazia sentido. Mas eu os senti. Eu ainda os sinto. Minha pele se chocando com as suas mãos, suas línguas. Profundamente na minha barriga, meus músculos se apertam como se ele ainda estivesse dentro de mim, empurrando... pulsando...

— Estamos chegando. — Legion diz, entrando pela entrada principal do lado da rua, praticamente escondido do público. Ele faz uma curva e entra no que parece ser uma garagem estreita, velha que não parece ser grande o suficiente para nos caber. A garagem estende-se em um túnel subterrâneo, e nós dirigimos mais uma milha antes de ver luzes brilhantes. Estamos sob o prédio do Se7en.

— Quando os outros vão voltar? — Pergunto a ele.

— Em breve. — Ele ainda não me olha. A alguns dias, talvez até mesmo horas atrás, eu faria qualquer coisa para escapar de seu olhar. Mas agora...

Sinto-me fraca. Insegura. E ainda assim muito excitada.

Ele sai do carro e segue para o elevador sem me esperar. Eu o sigo como um cãozinho perdido, meu corpo fica mole com um esgotamento repentino. Cada passo que dou, algo se agita dentro de mim, deslizando no meu núcleo. Eu sufoco um suspiro quando entro no elevador e fico ao lado dele. Ele não reconhece minha presença.

O apartamento parece frio quando entramos. Tão assustadoramente frio. Sem a presença do Se7en e seu calor corporal sufocante, quase posso ver minha névoa de respiração na minha frente. Eu apressadamente chego até o quarto dos fundos, o quarto de Legion, para obter uma roupa quente e um chuveiro. Só por estar aqui com ele, depois de tudo o que aconteceu hoje à noite, eu nunca me senti tão nua.

— O que você está fazendo? — Indaga, quando eu abro minha caixa de roupa.

— Vou tirar estas roupas ridículas. — Eu mordo meus lábios. Separo um par de calças confortáveis, uma blusa de mangas térmica e giro, quase colidindo com o peito dele. Quando eu tento passar perto dele, ele bloqueia meu caminho.

— Eden. — Sua voz está crua, desprovida de sua impaciência habitual.

— Deixe-me passar. — Exijo, novamente tentando contorná-lo.

Com dedos surpreendentemente suaves, ele puxa o pacote de roupas do meu alcance.

— Espere. Eu preciso explicar algo para você.

— Explicar o quê? O que mais eu possivelmente preciso saber? Você ouviu o Observador: Eu sou má. E você sabia disso, não é? Você sabia quem eu era todo esse tempo, e não uma influência satânica puxando as cordas. Nem mesmo sua preciosa Adriel. Você não tinha que me levar esta noite e deixar uma aberração me humilhar e me provocar com meus *defeitos humanos, insignificantes*. Você sabia.

— Sim.

Minha expressão é de dor. Eu arranco o sensor no meu top e jogo no seu peito. Ele deixa cair no chão. — Então por quê?

Ele olha para mim, abandonando sua carranca. — Porque se eu te dissesse, você não acreditaria. E mesmo que você fizesse, isso teria te comido viva. — Ele dá um passo à frente. — Posso ajudá-la. Todos aqueles impulsos que a empurra para a imoralidade, eu posso te ajudar a superá-los.

— Obrigada, mas não. — Eu disse, tentando desviar dele. — Nós não podemos nascer de novo como você. E talvez... talvez eu não queira.

Legion balança a cabeça. — Você não quis dizer isso.

— Como você sabe? Olhe para você. — Eu digo jogando minha mão para o alto. — Você provavelmente passou séculos sozinho, chateado, ferido, mais apertado do que um nó. Você pode andar por aqui como se o mundo fosse implodir a qualquer momento. Você já se divertiu? Inferno, você sabe o que é graça?

— Eden...

— Ei vi você, Legion. Eu vi como você respondeu a isso... com aquela mulher. Como você correu suas mãos por todo seu corpo, como se a sensação da pele dela fosse feita de seda. Eu vi como você reagiu quando você provou os lábios dela. Você queria mais. E se nós todos não estivéssemos sentados lá, você teria feito mais. — Essa sensação de movimento lento começa a despertar novamente a memória da paixão feroz de Legion. Eu odiava assistir. Mas só porque eu odiava querer isso muito mais.

Seus olhos se alargam com choque e ele dá um passo atrás, me permitindo passar. Eu atingi seu nervo. E considerando que ele não negou, eu sei que tudo o que disse é verdade. E que... que ele gostou de fato.

— Se eu soubesse que você só queria me usar como desculpa para conseguir o que queria, eu não teria ido. Você poderia ter feito sua ação sórdida, sem ter me usado como isca.

Antes que eu possa passar, ele agarra meu cotovelo com pressão suficiente para me forçar a parar.

— Eden, espere. — Eu não luto para sair de seu alcance, mas também não me viro. — Eu não queria beijar Irin. Eu não queria ter nada com aquela megera egoísta e egocêntrica.

— Poderia ter me enganado.

— O Observador prospera em informação que pode ser vista como uma fraqueza. E ela está no negócio de tais informações com aqueles que desejam usá-lo contra mim, quando ele serve o seu propósito de negociação.

— E o que isso tem a ver comigo?

Ele puxa-me para ele, levando-me a tropeçar e ir para o calor duro de seu peito. Inalo agudamente no contato, desejando poder ficar, mas sabendo que não posso. Ainda me abraça, sua frente pressionada nas minhas costas, dedos queimando minha pele com suas mãos.— Eden, se O Observador soubesse quem eu realmente queria beijar, quem eu realmente estava imaginando quando agarrei a bunda com aquela saia frágil. Quem eu queria que fosse, ao apertar seus mamilos endurecidos no meu peito enquanto eu colocava minha língua contra a dela — ela não teria hesitado em vender a informação secreta ao inimigo.

Tento me mover nervosamente, o que me leva a me esfregar contra sua virilha enrijecida. Eu solto um suspiro. — E quem você estava imaginando?

Ele não me afastou. Mesmo quando ele fica duro sob suas calças, empurrando a parte superior da minha bunda, ele não me afastou. Ele quer que eu sinta-o. E Deus... me sinto bem pra caralho.

— Eu acho que você sabe, Eden.

Minha respiração escapa enquanto luto contra a vontade de me esmagar contra ele ainda mais. Ele parece ficar mais quente... mais forte. Como se toda a sua estrutura fosse dominada com um poder implacável. Ele poderia me partir em duas, como se não fosse nada mais que um galho frágil. E eu deixaria. Agora, com certeza, eu deixaria fazer o que ele quisesse.

— Legion... — Respiro, nunca amando tanto o som de seu nome nos meus lábios mais do que no nesse momento. Assustou-me na primeira vez que ele disse, revirando o chão debaixo dos meus pés. Mas agora... é sensual e sedutor. Quero sussurrar enquanto ele beija meu pescoço. Eu quero gritar isso enquanto ele empurra dentro de mim.

Eu o sinto mergulhar a cabeça para baixo para empurrar em meu cabelo com os lábios. Seus abdominais se flexionam com tensão, fazendo com que essas ondulações duras se moldem nas minhas costas. Como uma carícia emplumada, as costas dos seus dedos acariciam meu braço do cotovelo ao ombro, me fazendo tremer.

O som de um fechar de porta de aço pesado despedaça o momento em milhares de pedaços, e assim de repente, eu estou envolta no frio da retirada rápida da Legion. Meu peito se move freneticamente, enquanto tento recuperar meu juízo e me viro para enfrentá-lo.

— Eles estão em casa. — Ele sussurra, sua voz tão grossa quanto a protuberância óbvia nas suas calças. Ele olha para mim, uma carranca franzindo sua testa.

— Sim. — É tudo que posso dizer.

— Devíamos... — Seu olhar é lançado como dardos para a porta do quarto aberta.

— Sim.

Eu assisto ele fechar os olhos por um instante antes que ele leve o seu cheiro e seu fogo e avance para o corredor. Eu estou tão fria que não tenho certeza se quer que ele realmente me segurou contra ele.

Depois de um banho que não fez nada para lavar a lembrança de seu toque quente, vou para a área comum para encontrar todos parados ao redor da mesa da sala de jantar, todos ainda em suas melhores roupas escuras, todos me esperando ansiosamente. Olho para baixo em minhas meias térmicas de arco-íris e meu suéter cinza e roxo. Não podia estar mais fora do lugar.

— Agora que estamos todos aqui, podemos começar. — Legion anuncia, sem olhar para mim. Tomo meu assento a sua direita. — Phenex?

O demônio de olhos dourados acena uma vez para mim, em seguida, aborda o assunto. — Irin nos informou que a única maneira que poderíamos potencialmente, vislumbrar o plano de Lúcifer para Eden, é conseguir a ajuda de uma bruxa. Mas não é qualquer bruxa. Precisaríamos de uma poderosa, uma cuja magia não nasceu deste mundo.

Uma bruxa? O que... Sério, qualquer coisa que eu acreditava há uma semana é verdade? Eu sei que nada disto deveria me surpreender, mas merda. O que mais anda por aí que os seres humanos não têm nenhum indício?

— Então o que você quer dizer é, estamos ferrados. — Cain geme do outro lado da mesa. Legal. Então tudo isso foi por nada.

— Bem, sim e não. — Toyol diz. — A boa notícia é que as alas ao redor do prédio foram lançadas com magia de sangue de um bruxo com quem tive relações no passado.

— Você pode contatá-lo? — Pergunta Legion, entrelaçando os dedos na frente do queixo.

— Essa é a má notícia. — Toyol solta um suspiro pesado, seus ombros caem. — Ele está morto.

— Grande! — Murmura Andras. — E agora? Passei a noite toda, distraindo os animais de estimação favoritos de Irin.

— Não sei do quê você estava reclamando. — Lilith comenta o insultando, ganhando um gesto bruto de seu colega de quarto. Ela retruca com um flash de um dedo. — Pelo menos você não tem que vê-la sendo beijada. Eu juro L, ela é tão dura para você, é embaraçoso.

— Já chega. — Repreende Legion, redirecionando a sua atenção para Toyol. — Há outros que podem fazê-lo?

Toyol torce seus lábios em contemplação. — Bem... não exatamente.

— Significa?

— Significa que ele tem um irmão, mas não tenho certeza se ele vai nos ajudar. O feiticeiro que conheci era mais popular e fazia coisas... coisas que sua espécie julgava ofensiva. Trabalhar com demônios sendo uma dessas coisas.

Legion coloca um dedo em seu queixo, sua sobrancelha se levanta no pensamento. — Você pode dar uma chance?

— Posso tentar. — Toyol acena. — Mas não tenho a certeza que ele vai concordar. E pode haver um preço a pagar.

— Toda magia tem seu preço. — Legion, diz.

— Eu vou checar à minha fonte. — diz Toyol, puxando para fora o celular dele. Ele começa a teclar tão rapidamente que os polegares são como um borrão. Ele ainda não olha para a tela. — Ele já não é um bruxo, mas ele é da família. Se alguém tiver um, é ele.

— Bom. — Acena Legion, antes de procurar Cain. — Qualquer atividade hoje à noite?

O demônio de cicatriz abana a cabeça. — Nenhum. A irmã esta segura. Verificamos antes de virmos aqui. Acho que nem os capangas do grande mal perceberam que ela se foi.

Meu coração acelera em meu peito. Sangue ruge em meus ouvidos, fazendo minhas palavras sufocadas como um som distante e distorcido. — O quê? Minha irmã foi... embora?

— A mudamos. — Responde Legion, sem nem mesmo olhar em minha direção.

— Pra onde? — Eu questiono, as palavras soando mais como uma ordem.

— Lincoln Square.

— L comprou seu antigo prédio. — Explica Lilith, pegando minha mão na dela. Ela me dá um sorriso encorajador para difundir o terror gravado na minha cara. — Ele pagou a todos os moradores, informando-lhes que o complexo iria

ser fechado por mofo tóxico e que teriam de sair imediatamente. Mas foi dito também que parte do pacote da saída incluía um novo apartamento em um bairro agradável, completo com um porteiro e segurança.

Volto-me para Legion que finalmente encontra o meu olhar, aqueles olhos de prata brilhando contra a luz do luar.

— Você fez isso? Pela minha irmã? — Eu sussurro através do carço na minha garganta.

— Não, Eden. — Respondeu ele, balançando a cabeça. — Eu fiz isso por você.

Ele não me olha novamente enquanto eles continuam sua reunião, repassando as informações que o Observador forneceu-lhes sobre o fornecedor de veneno de anjo. Não ouço suas palavras. Legion tomou conta da minha irmã, a única família que me resta neste mundo cruel, solitário. Não porque alguém lhe pediu para fazer, ou mesmo por um surto de bondade em troca do meu respeito. Apenas fez... por *mim*.

Eu subo na cama, não muito mais tarde, exausta e emocionalmente drenada. Não posso processar tudo de uma vez, então eu foco uma coisa e apenas uma coisa: meus sentimentos complicados por um monstro, cuja verdadeira natureza é matar-me. Até isso parece demais para decifrar, considerando que nem sei o que sinto. Eu sei que ele me assusta. Eu sei que se torna impossível respirar quando ele está por perto. Mas também sei que algo dentro de mim anseia por ele, como se eu nunca ansiei por nada na minha vida inteira. Talvez seja a coisa de anjo-demônio. Talvez a sedução do Jumper que me atrai para ele pelo mesmo motivo, o Se7en estão no limite comigo por perto.

Mas quando ele sai do banheiro, fresco do chuveiro e vestido sem nada mais que calças de baixo, eu sei que é mais do que isso.

Vejo minúsculos cristais de água sem ser secadas na sua pele bronzeada, adornando os redemoinhos e as linhas de tinta azul e preta. Permito-me uma pequena gentileza: olho para ele. Realmente olho para ele, sem pudor, sem medo. E o que vejo é... lindo.

As linhas das escrituras que cobrem seus braços falam palavras de redenção e salvação. Revelações, Judas, Romanos, Mateus e Lucas. Eu conheço

estas palavras, e eu posso entender por que ele escolheu. Elas são a sua história de vida — sua queda da graça e a viagem de volta ao favor de Deus.

No peito, um projeto intrincado cobre sua pele do lado esquerdo inteiro. Eu vi o mesmo no bíceps maciço de Cain e notei no ombro de Lily, espreitando de seu macacão no início da noite. Eu me ajoelho, na esperança de obter uma visão melhor. Legion segue os meus olhos e olha para baixo.

— É o símbolo do Se7en. — Explica ele. — O número sete é autoexplicativo. As penas são para as asas que foram perdidas.

— Asas? Você teve asas?

Ele angula seu corpo para que eu possa ver as duas bandas como tribais que correm do topo dos ombros até o meio das costas. Estão marcados com versículos distintos e personagens que não consigo traduzir moldados em retângulos longos e finos.

— Elas foram tiradas quando eu caí. A maioria dos demônios tem asas também — coisas como morcegos, pretas, viscosas, cravejadas com garras — mas eu nunca as aceitei. Eu recusei. As asas dos Serafins são maciças e régias e atravessariam o comprimento desta sala inteira. Às vezes acho que eu ainda posso senti-las... — Ele mergulha de cabeça para baixo e estremece ligeiramente, lançando a memória para seu próprio canto escuro. Gostaria de saber que outras tristezas ainda assombram aquele espaço frio e morto. Gostaria de saber se ele sente algo como o meu. — Os outros deixaram suas asas para trás quando escolheram esta vida. No entanto, podem se esforçar para voltarem.

Inclino meu tronco um pouco mais, me aproximando de onde ele está ao pé da cama. As runas dentro das barras de tinta parecem torcer uma vinha alcançando os céus. Mas analisando melhor, percebi que é muito mais.

As principais seções são moldadas no que parece ser raios de luz brilhante que passam através das nuvens. Onde a luz colorida começa a desaparecer, uma nova seção de materializa. Vida, crescimento e mudança. Humanidade. O fulgor brota da terra sombreada e pássaros voam entre os caracteres estranhos. É lindo em sua fragilidade, mas, assim como meu mundo, algo muito mais assustador e escuro se esconde abaixo.

O fundo das bandas é velado em preto, ondulado no que parece ser um fogo bravo. Não há nada lá. Não há vida. Nem luz. Não há esperança. Apenas

a escuridão do desespero em ondas após a morte de incontáveis almas perdidas. Almas perdidas como eu e ele....

No tributo a suas asas descarnadas, Legion tem gravado sua queda do favor de Deus. Talvez seja para lembrá-lo do que ele foi uma vez... e tudo o que ele perdeu. Talvez seja um lembrete de como voltar.

Eu me atrevo a tocar a pele lisa e marcada com a ponta dos dedos. Ele estremece, mas ainda está quieto, permitindo que eu trace o mapa de sua origem. Sua pele queima, mas também a minha. O frio não existe quando ele está próximo.

— É bonita. — Eu sussurro, minha voz maravilhada. Ele é bonito. — Você pode voltar algum dia?

Ele balança a cabeça antes de olhar para mim, seu peito nu e com apenas um sussurro da minha mão ainda estendida. — Não. Seria impossível.

— Porque não quis suas asas de demônio?

Vejo a dor em seus olhos, me hipnotizando. Quero mergulhar e salvá-lo... salvá-lo de si mesmo. — Porque não queria me perder.

Lembro-me do que Lilith tinha me dito dias atrás. Ele sente tanto, contém tanto sofrimento, pois ele é Legion. Ele não é um, mas muitos. E às vezes, é difícil dele distinguir o que é singular — e o que são eles. Todo esse tempo ele passou à procura de penitência para cada um deles. No entanto, posso dizer que ainda não se perdoou.

Hoje, vivemos um momento a cargo da luxúria. Mas isto... isto é esculpido em outra coisa inteiramente diferente.

— É tarde. — Ele diz, quebrando o encanto do silêncio. Ele dá um passo para trás e para do seu lado da cama. — Devíamos dormir.

— Sim. — Eu concordo. É tarde, mas cada célula do meu corpo está praticamente vibrando com a sensação. Não sei como vou dormir, especialmente com ele ao meu lado.

Ele desliza para baixo do lençol enquanto eu desligo a lâmpada. Quando nos instalamos debaixo das cobertas, ele solta um suspiro pesado, exasperado.

— Eu senti você esta noite.

Eu viro para ele no escuro. — Huh?

— Eu senti você. Sua frequência cardíaca estava elevada. Seu pulso era selvagem. Algo estava acontecendo no banheiro.

Eu engulo a verdade, sentindo o calor do meu rosto com vergonha. — Não aconteceu nada.

— Eu senti você, Eden. Não foi nada. Senti seu corpo tremer. Eu senti coisas... Que eu não sentia há muito tempo. — Ele libera uma respiração pesada. — Olha, você não precisa me dizer, mas eu sei. E eu entendo que você tenha necessidades humanas, carnis. Então, se você precisa — se você precisa de alívio — não vou ficar no seu caminho.

Balanço a cabeça, mesmo que ele não possa me ver e me afasto dele.

Em algum momento durante a noite, toda a minha estrutura é engolida pelo calor reconfortante.



DEZOITO

É quase madrugada quando eu desperto pelo barulho das gavetas da cômoda sendo fechadas. Minha cabeça tem uma banda marcial em miniatura, e meus olhos queimam como se eu olhasse para o sol. Minha língua é com uma lixa e minha boca parece que foi pulverizada com pó de giz. Estive bêbada vezes suficientes para saber que estou de ressaca. E enquanto ressacas de champanhe já são bastante tranquilas, champanhe e licor levam claramente o bolo todo cheio de merda. Eu preciso de pelo menos cinco horas antes de me sentir humana outra vez.

— O dia já raiou! — Lilith fala, muito animada depois da noite que tivemos. Diabos, ela estava acordada quando fui para a cama.

— O que... — Minha garganta está tão seca que eu realmente posso sentir minhas cordas vocais esfregando-se umas contra as outras, com cada palavra agonizante. — ... O que está fazendo aqui tão cedo?

— Embalando. — Ela ordenadamente dobra uma camisola de flanela fora do ombro e coloca em uma mala escorada na cama.

—Embalando? Para quê?

— Você, Legion, Phenex e Toyol vão fazer uma pequena viagem. Toyol recebeu uma mensagem do bruxo. Ele está disposto a te conhecer, mas em seus termos e no seu território. Então você tem que ir vê-lo.

— Oh. — Um pico de medo atravessa meus nervos. Feiticeiros, bruxas... Não faço ideia do que me vou meter.

— É melhor você se arrumar. Você está saindo em trinta minutos.

Trinta minutos? Eu reúno a pouca força que resta e me levanto da cama. As paredes do quarto balançam e eu quase desisto e volto para a cama. Esta é a nossa chance, e eu não posso estragar tudo por uma ressaca.

— Onde nós estamos indo mesmo? — Pergunto, praticamente rastejando até o banheiro. Sinto que vou precisar escovar os dentes durante oito horas direto, só para tirar o gosto de bebida fora deles.

Lilith pausa o suficiente para me atirar um sorriso diabólico, as sobrancelhas dela se contorcendo. — Colorado Springs.



— Por que não poderíamos voar? — Digo sem me mexer no banco do passageiro do Jaguar. Legion foca o longo trecho de I-80¹⁴ antes de nós, mas não duvido que ele esteja rolando seus olhos atrás dos escuros Ray-Bans.

— Se um ser humano é Chamado enquanto estiver no ar, iria acabar mal. E acho que não seríamos capazes de passar com um AR-15, seis glocks e munições com nossa bagagem.

Meus olhos ficam arregalados. — Você trouxe todas essas armas?

Sua boca se mexe com um sorriso. — Eden, isso é só o que tenho neste carro. Toyol e Phenex estão carregando outras em seu veículo, juntamente com as “Katanas¹⁵” do Toyol.

— Mas por quê? Este bruxo é uma ameaça para nós?

¹⁴ Interestadual.

¹⁵ A katana é uma tradicional espada japonesa que foi usada pelos samurais do Japão antigo e feudal. A katana é caracterizada por sua aparência distinta: uma lâmina curva, de um único fio com um protetor circular ou esquadrado e um cabo longo para acomodar duas mãos.

— Todo mundo é uma ameaça, Eden.

Tomo um momento para digerir isso. Todo mundo é uma ameaça. Para o resto da minha vida — pelo tempo que possa ser — eu vou estar sempre de guarda, sempre olhando por cima do meu ombro. Eu não posso me esconder no apartamento o tempo todo, e não quero depender dos outros para a minha segurança. Eu usei minha habilidade como uma muleta, desde que eu descobri que poderia manipular as pessoas com apenas uma palavra única. Mas e se eu não puder usá-lo? E se eu enfrentar algo inumano?

— Eu quero aprender a lutar.

Por isso, Legion finalmente olha para mim. — O quê?

— Eu quero aprender a lutar. Não espero que todos vocês me protejam enquanto me sento e me assusto. Eu deveria fazer algo, ser ativa. Eu não posso viver com você para sempre.

Ele olha para trás na estrada, seus lábios achatados em uma linha sinistra. — Você tem certeza?

— Eu tenho. — Eu aceno. — Phenex quase morreu por minha causa. Se eu treinar e aprender a me proteger, eu poderei ajudar.

— Se isso é o que você quer. — Ele responde sem rodeios.

— Mas isso não é o que você quer.

Eu assisto ele mover seus lábios em desagrado, antes que ele responda. — Eu quero tudo o que te mantenha segura, Eden. Se te ensinar a lutar lhe dá um sentido adicional de segurança que não posso dar, então que assim seja.

Ele diz as palavras, mas eles esta ponderando com um significado mais profundo. Um enraizado na dor do passado. — L, não quis dizer que não me sinto segura. Eu faço. E enquanto não entendo por que você está fazendo tudo isso por mim, eu agradeço — por minha causa e a segurança das pessoas ao meu redor. Odeio sentir-me indefesa. E não quero ser um fardo.

— O que te faz pensar que você é um fardo? — Ele praticamente grita para mim.

Eu balanço a cabeça. — Eu não consigo entender. Você ouviu o Observador, eu não sou... Eu não sou uma boa pessoa. Por que me salvou? Por que se importa se vou viver ou morrer? Não faz sentido.

— É meu trabalho.

— Não, mas é mais do que isso, não é? Você leva todas as suas missões para sua casa para dormir com você sua cama?

— Não. — Ele grita, com as narinas queimando.

— Então por que, L? Por que arriscar tudo isso por mim? Por que perder seu tempo com um único humano fraco, patético, que era para ser uma arma do mal?

Eu olho seu perfil, observando a forma como seu maxilar forte trabalha, angulando longos segundos antes de ele finalmente responda. — Adriel morre se você for morta. Ela é capaz de saltar de viável para um hospedeiro, mas ela tem que estar disposta. Mesmo que ela estivesse, o hospedeiro tem de viver.

Eu sinto que só levei de volta à realidade.

Todo esse tempo, todas essas noites dormindo apoiada contra o seu peito, não era eu que ele estava protegendo do mundo. Era Adriel. Não sou eu que ele quer proteger. É o anjo que invadiu minha vida e meu corpo quando eu tinha cinco anos.

O anjo que esperou e me observou ser espancada e passar fome. O anjo que me deu o poder de infligir minha raiva em pessoas inocentes.

Sinto-me uma fodida tola.

Ontem à noite, surgiu algo entre nós. E talvez tenha sido a reação inata, mas eu sei que Legion também sentiu. Merda, literalmente o senti contra minha bunda. E então depois de seu banho, eu podia jurar que nós compartilhamos algo mais do que a luxúria induzida pelo álcool. Ele estava vulnerável em uma maneira que nunca esperava que ele tivesse. Ele me deixou tocá-lo... me deixou vê-lo... apenas por um momento. Em troca, eu posso sentir algo diferente do medo, ou confusão ou mesmo a dor. Senti esperança, compreensão. Eu fiquei confortável com aquele pequeno pedaço de verdade — esse pequeno ato de humanidade quebrada.

E agora, vejo que não era para mim que ele estava se expondo. Era para Adriel. Eu era apenas o hospedeiro, um saco mortal de carne e osso que estava entre ele e com quem ele realmente queria se conectar.

Eu não falo novamente por muitas milhas. Quando paramos em uma parada para abastecer, não consigo escapar do interior do carro rápido o suficiente.

— Espera. — Diz ele, antes que eu possa colocar os dois pés no chão. O cheiro da gasolina é enjoativo, mas é muito melhor do que ficar presa ao lado dele e o seu perfume de jasmim da meia-noite. — Você não deveria entrar sozinha.

— Estou bem. — Disse categoricamente, fazendo um movimento para sair.

— Deixe-me ir com você.

— Não.

Ele remove os óculos e passa uma mão pelo cabelo dele, causando um bloqueio na sombra dos olhos prateados. — Eden. — Ele suspira.

— O quê? — Respondo.

Quando ele não responde, tomo isso como minha deixa para sair, parte de mim desejando que ele tivesse lutado um pouco mais. Eu ainda insistiria em ir sozinha, mas ainda... sua irritação era melhor que nada.

Quando saio do banheiro da parada de descanso, que era surpreendentemente limpo — considerando todas as coisas — Legion está de pé perto da porta. Eu luto contra o desejo de sorrir para ele, lembrando que não é de mim que ele está cuidando.

— Você gostaria de comer ou beber algo? — Indaga com cautela.

Eu balanço a cabeça. — Eu estou bem.

Viro-me para voltar para o carro, no entanto, ele não me segue. Quando sai minutos depois, ele está carregando uma sacola de plástico.

— Comprei água e alguma porcaria de café açucarada. — Ele faz uma careta, a expressão divertida em seu rosto geralmente endurecido. — Eles não têm nada fresco que pareça apetitoso, então comprei carne seca da Turquia, granola e algo que é supostamente vegetariano.

Eu pego a sacola que ele trouxe e ofereço um meio-sorriso de agradecimento. — Não há doces ou batatas fritas?

— Porra nenhuma. Melhor comer fibra de vidro. Não ralei minha bunda para mantê-la viva só para deixá-la morrer nas mãos de óleos hidrogenados.

Tenho vontade de rir, mas ele está sério. Ainda assim, arrasto um pequeno sorriso no meu rosto.

— O quê? — Indaga, arrancando com carro.

Eu balanço a cabeça. — Você é praticamente um oxímoro¹⁶, sabe.

Ele olha de sobrancelhas franzidas. Não da forma que endurece suas feições, mas da forma que o faz parecer quase... humano. — Como assim?

Saímos da parada de descanso com Toyol e Phenex nos seguindo de perto no Range Rover preto.

— Você é um imortal que tornou o trabalho da sua vida matar pessoas. Diabos, originalmente você queria me matar. Ainda está preocupado com óleos hidrogenados? O que mais vai ser? Um estoque de sementes de chia no porta luvas?

Legion estremece um pouco antes de fazer algo que se arrepende completamente.

Ele ri.

— Acho que você está certa.

— Eu sei que estou certa. A vida é curta, L. Pelo menos para mim. Também posso morrer feliz coberta de poeira de Cheetos laranja, embora se comer seja muito parecido com papelão ondulado.

Ele ri novamente, o som é como música para os meus ouvidos. Não há nenhum indício de escuridão ou malícia. Não há nenhuma condescendência subjacente em seu barítono abafado. Ele riu porque algo que eu disse foi engraçado. E através da escuridão e lama da minha alma suja, eu encontrei uma razão para fazer uma piada, mesmo se fosse brega como o inferno. Era o *nosso* brega como o inferno, só por um momento.

— Da próxima vez, você escolhe os petiscos. — Disse, observando suas covinhas com seu sorriso. É como se o gesto fosse tão raro e tão bonito que seu

¹⁶ RET: figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão (ex. obscura claridade, música silenciosa); paradoxismo.

rosto quisesse moldar o momento para sempre em sua pele. — Você tem covinhas. — Digo ofegante com a descoberta.

Ele me dá uma rápida olhada, ainda não faz nenhum movimento para escondê-las.

— Sim. Acho que sim.

— Por que eu nunca notei?

— Não sei, Eden. — Ele encolhe os ombros. — Você não deve ter olhado muito.

Eu quero responder, mas não há nada a dizer. Talvez eu tivesse estado tão ocupada procurando as razões pelas quais ele me repelia, que deixei de ver a sua beleza.

Não, isso não está certo.

Talvez eu tenha visto. Talvez me assustasse a maneira que seus atributos físicos deslumbrantes completamente me desarmavam. Talvez a minha atração por ele tenha crescido tão forte que eu queria odiá-lo — necessitava odiá-lo — para me dar uma chance de redenção. Porque se eu deixá-lo assumir, eu iria me encontrar... tendo sentimentos por ele. Me apaixonando por ele. E isso era absolutamente ridículo em todos os sentidos da palavra.

— Precisamos de música. — Digo, a necessidade de agitar a intimidade do silêncio. Nós estávamos dirigindo há horas, com nada mais do que os sons da minha respiração ansiosa constante.

Giro o seletor para o rádio e ouço um som de banjos, guitarras e violinos. Eu rapidamente desligo. — O que diabos é isso?

Legion responde, com a voz baixa e abafada. — Estamos em Iowa, Eden. Iowa rural. Aqui. — Ele aperta um botão marcado com um símbolo de Bluetooth. — Conecte seu telefone.

Alegremente, eu o pego do bolso do meu casaco. — Você tem certeza?

— Sim. Por que não?

Uma vibração nervosa se agita na minha barriga, por algum motivo estranho. Música sempre foi sagrada para mim, minha fuga do mundo em ruínas nos meus fones de ouvido. Ela afoga as vozes na minha cabeça e minha própria consciência desonesta. Compartilhá-la com ele, é como deixá-lo ver

aquela parte de minha alma que eu tinha definido só para mim. Algo que não tivesse sido devastado pela minha vergonha.

Eu rolo a minha playlist favorita, uma suave mistura de hip-hop e rock, até um pouco pop. Quando uma linha de baixo assombrosa começa a vibrar através dos altos-falantes, Legion me dá um olhar lateralmente.

— O quê?

— Escolha interessante. — Ele balança a cabeça, o canto de sua boca se contorcendo. Eu mordo meu próprio sorriso. — Eu acho que é apropriado.

— *Monstro*?

— Muito perto de casa? — Eu pergunto, minha voz mergulhado em sacanagem.

— Não. De modo algum. Mas, sério? Kanye?

— Ele é o tesouro de Chicago!

— Mas ele é Kanye West. E acredite, não é um ato. Ele acredita sinceramente em sua própria mentira.

Eu não questiono como ele sabe aquela informação, mas guardo para outra hora.

Em vez disso eu busco outra música. Ele solta uma risada assim que a música soa através dos alto-falantes da Bose.

— Você deve estar brincando comigo.

Eu bato meus cílios dramaticamente. — O que?

— Lúifer de Jay-Z? Tem certeza de que você não sabia nada sobre anjos e demônios antes na semana passada?

— Positivo. Deveria mudar?

— Não. — Ele afirma. — Você pode deixar. Eu gosto de estar dentro da sua pequena cabeça torcida, foguete.

— Do que me chamou?

Uma sugestão de vermelho toca suas bochechas. — Foguete. Que é como Cain descreveu você na primeira noite. Acho que se encaixa melhor.

Eu chupo meus lábios para impedir o sorriso como uma boba e foco minha atenção na estrada esticada à nossa frente. Estou em uma viagem com

um dos maiores e piores demônios da história e aqui estou eu, sinceramente preocupada com algum nome de animal de estimação bobo e impressioná-lo com meu gosto musical.

Prioridades, Eden.

— Eu gosto disso. — Ele diz depois de mais algumas músicas.

— Sim? — Meu coração na verdade gagueja. Se eu pudesse olhar de lado, eu teria...

— Sim. Quem é?

— Lógico. Posso te fazer uma lista se quiser.

Ele acena uma vez antes de apertar os lábios, levando-os a ficar brancos.

— Tudo bem? — Eu pergunto, minha voz mansa.

Ele acena novamente, mas até mesmo aquele gesto parece artificial. Eu abro minha boca para empurrar por mais, mas decidi contra isso. O momento passou. A facilidade que tinha estabelecido entre nós, a conversa casual — já foi embora. Talvez tenha imaginado tudo.

Depois de várias milhas e ainda mais minutos, ele finalmente suspira. — Eu não ouço música há muito tempo.

Viro para olhar para ele, mas não digo nada, por medo de que sua admissão não fosse para mim.

— Isso me lembrou muito de... casa. Sempre havia música lá.

Eu prendo a respiração, imaginando aquele lugar desconhecido em minha mente. Ele está se lembrando de casa. Lembrando-se do céu.

— Conte-me sobre isso. — Peço suavemente, verdadeiramente querendo saber mais.

Seu rosto parece suavizar seu estado regularmente tenso. Seus dedos se aliviam no volante. Mesmo aqueles ombros largos parecem relaxar enquanto ele se lembra de um lugar tão diferente da escuridão e destruição do meu mundo, e dele.

— Era o sol eterno embalado no suave da graça. Sem conflitos ou pobreza. Nenhuma guerra forjada de inveja ou ganância. Nós sorriamos e dançávamos. Nós amamos livremente e sem fim e descaradamente. Porque o

amor não era apenas um sentimento. Não eram rosas e doces ou outras posses materiais. Era o que éramos. O que eu era.

Não ousou falar, nem mesmo respirar. Eu apenas olho para ele, desejando poder tocar ele em um ato de conforto. Desejando um pouco desse amor com o qual ele fala tão ardentemente para se grudar em mim.

— Mas isso foi há muito tempo. — Diz ele, suas palavras pesavam com emoção.

— Há quanto tempo? — Eu sussurro.

— Muito antes da criação. Muito antes da existência da humanidade. — Sua voz toma um tom saudosos, como se ele testemunhasse o nascimento deste mundo com seus próprios olhos.

A percepção de que atualmente estou sentada ao lado de um homem, não, um demônio, um anjo caído, que andou por toda a Terra antes da criação do homem, me atinge como uma tonelada de tijolos. Como? Como alguém, ou alguma coisa, sobrevive por tanto tempo e ainda é jovem e vital? Que tipo de magia celestial atravessa suas veias?

— Quantos anos você tem?

Ele me observa pelo canto do olho e responde: — Não tenho idade. Eu só existo.

— Então, você não faz ideia de quando você foi criado?

Ele encolhe os ombros. — A Terra foi criada há cerca de quatro bilhões e meio de anos atrás. Eu acredito que o que eu fui uma vez, nasceu antes disso.

Minha boca seca, mas eu continuo. — Então você está vivo por bilhões de anos?

Ele balança a cabeça, um sorriso nos lábios. — O tempo se move de maneira diferente para um anjo. Os anos passam como dias. As semanas são simples piscar de olhos. Eu não tinha então um conceito de tempo. Não até eu sair.

— Então, quando ... — Eu sei que não deveria perguntar, mas não posso parar. Há muito a queria saber. É como se estivesse doente minha vida inteira, e agora estou vendo e ouvindo e sentindo tudo de uma só vez. — Quando você caiu do céu?

Sua mandíbula trava e trás a escuridão para o rosto dele, apesar de seu tom casual. — É uma história para outra hora. Que tal outra playlist?

Faço o que ele pede, mas não ignoro o sentimento torturante em meu estômago, me pedindo para cavar mais fundo. Legion tem uma história que ele é resistente em contar. E ainda pode ser a mais importante delas.



DEZENOVE

— Absolutamente não.

Eu balanço o saco de celofane com xarope de milho e açúcar mergulhando na frente de Legion e coloco mais na minha caneca. — Vamos lá. Sour Patch Kids¹⁷ são uma preferência americana! E olha, tem sabor de fruta. Isso tem que ser saudável.

— É cheio de corantes, aditivos e açúcar processado. De todas as coisas para colocar dentro do seu corpo, por que quer esse veneno?

Eu pisco na menção de colocar alguma coisa no meu corpo e viro antes que ele possa ver minhas bochechas vermelhas. — Toyol, por favor, diga ao seu amigo que Sour Patch Kids são totalmente saudáveis, e que ele deveria parar de ser o velho e viver um pouco.

Ele está praticamente todo sujo e cheio de germe do posto de gasolina, ele olha para a Legion, em seguida, de volta para mim, uma mistura de choque e de diversão gravados no seu rosto exótico. — Hummm...

— Eu juro que é ruim o suficiente que ele desafie todas as minhas escolhas de música. Eu tenho que ser submetida a chips de legumes e carne de

¹⁷ Uma mistura de doce com azedo, gomas tipo os ursinhos de gelatina.

peru também? A Turquia já não é seca como o inferno. Por que iria você secar ainda mais?

— Quero dizer, que ela tem razão. — Toyol dá de ombros.

Com os braços cruzados sobre o peito, a camisa preta térmica moldando cada curva de seu bíceps e ombros como a pintura, Legion nos dá seu olhar aguçado. — É melhor do que consumir esse lixo tóxico. E eu não sou um velho.

As palavras em seus lábios me causa um ataque de riso, com Toyol na minha liderança. — Sério, L. — Ele bate no ombro do maior homem. — Viva um pouco. Não que vá nos matar.

Legion revira os olhos antes de atirar o saco de contrabando de doces na cesta de compras. — Bem. O que mais precisamos?

— Ooooh! Estes! — Eu grito, segurando um pacote de pães de mel.

Legion silva entre dentes, mas não discute comigo, pela primeira vez. — Coloque na maldita cesta.

Eu volto a minha busca pelo sustento de açúcar carregado, apanho Phenex se aproximando com o canto do meu olho, suas sobrancelhas em contemplação.

— Atualização de status? — L pede, lendo a expressão do seu irmão demônio. Ele rigidamente acena e inclina a cabeça para um lado, Legion segue a sinalização. L põe a cesta nas mãos de Toyol e desaparece com Phenex para fora.

— Tudo bem? — Pergunto, fingindo indiferença.

Um brilho de malícia faísca nas profundezas negras de seus olhos puxados. — Nada que não possamos resolver.

— Eles estão bem em nossa... — Casa. Paro antes de dizer. —... Em Chicago? Sem vocês?

— Sim. Provavelmente respirando um pouco mais fácil agora que você não está lá.

— E por que isso? — FRANZO minha testa, uma pontada de ofensa perfurando meu peito.

Toyol sorri e balança a cabeça. — A atração do Jumper. É uma verdadeira merda em espaços confinados. Imagine seu próprio show pornô ao vivo andando por todo o lado, vinte e quatro horas por dia, durante uma semana toda. Agora maximize esse apelo irresistível por dez. É assim que ele está vivendo com você.

O calor inunda o meu rosto, e eu rapidamente me movo em direção a uma prateleira de nozes assadas com mel. Inconscientemente, eu pego um saco, precisando de algo para ocupar as minhas mãos. — Oh. Desculpa.

— Não é sua culpa. Mas pode ser difícil para aqueles que não são tão disciplinados.

— É por isso que Phenex veio junto e não os outros? — Indago a ele em vez de vê-lo balançar a cabeça.

— Eu tenho uma conexão pessoal dentro do Coven. Phenex é mais diplomata do que qualquer um de nós. E L... bem, você sabe como ele é. Duvido que ele vá sair do seu lado.

Minha boca está seca e minha língua se transforma em chumbo. Eu engulo o pensamento de estar presa à Legion por... Alguns meses? Um ano? Uma vida? Não espero isso dele, e não tenho certeza se quero.

Não, absolutamente não.

Como posso me amarrar com um homem — um demônio — que despreza o que sou, e apenas se sente ligado por uma rixa antiga para me proteger?

— Ei, seria legal ir com vocês, no Ranger nesta etapa da viagem? — Encontro-me perguntando. A obrigação de Toyol para mim não pode ser diferente de Legion, mas pelo menos ele não está jogando legal para me manter complacente. Ou talvez ele esteja. Ainda assim... Eu não confessei meus pecados para Toyol. Não dormi no conforto de seus braços fortes, enquanto ele sussurrou palavras doces no escuro. E eu não me pressionei contra ele, implorando com dificuldade na respiração e batimentos cardíacos frenéticos para sentir mais do seu corpo duro.

Ele olha para mim de repente, seus olhos vesgos. Mas antes que ele possa abrir a boca para responder, uma voz rouca faz por ele.

— Não. Não seria.

Eu giro ao redor e quase colido com o peito largo de Legion. — Por que não?

Simplesmente, ele balança a cabeça e tira a cesta de plástico com comida de Toyol antes de ir para o caixa. É a resposta que eu vou conseguir.

— Qual é seu problema? — Zombo em suas costas.

— Problema? — Toyol diz. — Ele está de bom humor.

Ainda serão várias horas até que estejamos no Colorado, e já viajamos umas 10 horas. O sol está sumindo lentamente ao longo do horizonte, e me sinto pegajosa com a sujeira da estrada. Ainda assim, Legion se recusa a parar em um hotel durante a noite.

— Você não está cansado? — Eu pergunto, me deslocando no meu lugar. Mesmo que o Jaguar seja um luxo por dentro e por fora, minha bunda adormeceu a milhas atrás.

— Não.

— Bem, eu estou.

— Então durma.

— Como? Meu pescoço está duro, mesmo se eu reclinar todo o banco. Preciso de uma cama, um travesseiro e um chuveiro. E algo para comer além de cachorros-quentes frios de postos de gasolina.

— Você escolheu essas coisas.

— Eu sei, mas... — Eu estou sendo infantil, eu sei. Mas conseguir atravessar Legion é como tentar derrubar uma parede de tijolos. Admiro sua tenacidade, honestamente. Mas eu só queria que ele me ouvisse um pouco.

— Não posso arriscar que você vá ficar em um lugar que está desprotegido; — Diz ele calmamente. — Mesmo se eu ficar a noite toda e vigiar, nós poderíamos cair em uma armadilha. E me recuso a correr esse risco, onde você estiver fico preocupado.

Eu olho para ele, vendo as sombras acariciar suas características marcantes. Seu conjunto profundo, prateado de olhos parece brilhar com a luz do luar. — Por quê?

— Eu te disse, Eden.

— Sim, e eu ouvi você. Mas... Por quê? Por que fazer tudo isso por um estranho? Eu realmente valho à pena? Você faria isso por qualquer caso de caridade triste na rua?

— Sim.

— Então esse é o seu ângulo. Você tem um complexo de super-herói e você me vê como um pássaro quebrado que precisa ser corrigido. — Eu não consegui impedir a dor da realidade que está ecoando na minha voz.

— Não. — Ele responde, balançando a cabeça. — Você realmente vale à pena.

Uma nota azeda de raiva irracional fere minha língua e eu olho para longe, focando meus olhos azuis nos vastos campos abertos envoltos na noite. — Veja, — Eu sopro com minha voz trêmula. — Você tem que parar de dizer coisas assim. Você tem que parar de me fazer acreditar que sou mais do que apenas uma arma ou um peão. Porque às vezes, eu quero acreditar. E quando você diz coisas assim, eu sou capaz de esquecer — mesmo que só por um segundo — que meu destino está selado em sangue e lágrimas. Eu esqueço que não tenho um futuro e nem propósito nesta vida. E o momento que eu esqueço o que realmente sou, é o momento que me vai permitir sonhar novamente.

Não olho para o lado para enfrentá-lo, mas sinto-o. É apenas um pincelar leve contra a palma da minha mão, mas é o suficiente para dizer-me que ele me ouviu.

— Você não devia esquecer. — Ele disse silenciosamente. — Você não deveria ter medo de sonhar.

Balanço a cabeça, mas ainda me recuso a olhar para seu lado. Não quero que me veja chorar.



É meia-noite quando Legion gentilmente me sacode me acordando. Eu devo ter sido embalada para dormir enquanto assistia o crepúsculo engolir o sol, lançando uma escuridão assustadora sobre os campos ocre polvilhados

com o final do outono. E assim como eu esperava, meu pescoço está duro como uma tábua.

Eu ergo minha cabeça e aperto os olhos contra o brilho dourado dos holofotes intensificados pelas luzes brancas iluminando a calçada. Eu estico meus membros doloridos com um bocejo.

— Onde estamos?

— Hotel. É seguro.

— Finalmente. — Com dedos lentos, eu mexo na maçaneta da porta do carro, mas antes que eu possa abrir, Legion está do outro lado. Ele dispensa o manobrista e abre a porta para mim.

— Obrigada. — Eu sorrio.

— Por nada. Vou pegar nossa bagagem.

Eu estou na calçada em frente aos degraus de entrada do hotel, fascinada pelo puro esplendor do que está diante de mim. Do outro lado da calçada, rodeada por uma estrada charmosa, está um jardim ordenadamente arrumado que apresenta uma grandiosa fonte. Suas águas contra luz parecem fluir para a folhagem de torneiras em ambos os lados, efetivamente mantendo as árvores e arbustos em um verde brilhante. Ímpar. De Chicago, tudo o que vemos é ferrugem, folhas secas e grama escurecida tocada pelos primeiros sinais de inverno. Aqui, tudo parece prosperar e florescer.

— Pronta? — Legion pergunta, esgueirando-se ao meu lado, embora seu olhar permaneça sobre Toyol, que está falando com um gigante vestindo tons escuros. O homem é enorme. Mais alto do que Legion e mais largo do que Cain. É uma maravilha como ele é capaz de se ajustar a sua estrutura sólida, em seu terno de grife preto. Mas eu acho que quando você trabalha em um lugar como este imagem é tudo. Ainda assim, os óculos escuros à noite parecem um pouco ridículo.

Nós seguimos o porteiro Hulk através do lobby impressionante para a recepção. Ele diz algumas palavras sussurradas para Toyol, antes de assentir uma vez em minha direção e desaparecer atrás de uma porta vários metros de distância. Um frio rasteja acima do meu pescoço antes de rastejar pela minha espinha.

— Boa noite, meu nome é Dawson. — Diz o anfitrião atrás do balcão de mármore. — Eu vejo que o Sr. Skotos reservou quatro quartos para acomodar sua festa, o Senhor...

— L. Eu me chamo L. — Responde Legion, sua voz tão suave como seda. — E nós só vamos exigir dois quartos, muito obrigado.

O pobre Dawson olha para cada um de nós, seus penetrantes olhos verdes cheios de perguntas não formuladas. — Como quiser.

Ele bate algo em seu computador antes de nos entregar um cartão chave para cada um e saltar para uma explicação sobre as comodidades do resort, que eu rapidamente bloqueio. Eu sei que não deveria, mas já faz muito tempo. Muito tempo desde que eu estiquei meus membros mentais e me arrastei em outra mente humana. É arriscado, considerando que ele também poderia ser sobrenatural, mas o fascínio desse poder me chama, chamando-me para raspar as unhas contra a fina barreira em torno seus pensamentos. É maleável como massa de vidraceiro ou espuma, e se molda a minha vontade quando eu aplico apenas um pouco de pressão, sugando minha intenção em seus braços acolhedores. Eu deslizo facilmente, sem resistência, como se ele fosse destemido. Seguro.

Sugestões de um sereno oceano azul e algodão doce são as primeiras notas que inundam os meus sentidos. Mas há uma escuridão escondida dentro de um canto abandonado, como se ele ignorasse sua presença. Não é uma escuridão maléfica, mas um todo consumindo. Um que domina a luz onde quer que toque. Não está morto, embora um pouco frio e distante. A escuridão não pertence a ele, mas uniu-se a ele, como se tomasse posse.

Eu digo as palavras antes de a escuridão desconhecida perceber que eu estou lá. Eu não quero que ela me tome também. *“Upgrade nos nossos quartos”*.

Dawson levanta a cabeça e com olhos brilhantes diz: — Eu tenho o prazer de informar que atualizamos seus quartos para as nossas suítes executivas. Cortesia é claro!

— *Envie comida e vinho*. — Minha voz está envolta em um timbre inabalável, tão diferente de minha própria. Eu mal reconheço. Eu engulo o sabor amargo de seu sangue na minha língua.

— E nós vamos enviar uma tábua de queijos e vinho da cozinha. — Ele desliza quatro cartões-chave sobre o balcão. — Eu espero que vocês apreciem a sua estadia aqui no Broadmoor Hotel.

As portas do elevador que levam até os andares superiores nem mesmo fecharam completamente quando Legion se aproxima, agarrando meu braço na altura do cotovelo.

— Você está louca? Este não é o nosso território. O bruxo poderia tomar o que você fez como um crime grave!

Eu tento torcer fora do seu aperto, mas é como cimento. — Eu não iria machucá-lo! Eu só queria ver se eu ainda poderia fazê-lo.

Ele tira os dedos de mim, ainda tão perto que sinto o calor de sua fúria queimando meu nariz. — Você não entende, não é? Isso é mais do que você e seus mesquinhos desejos humanos. Você não pode jogar com o livre arbítrio das pessoas, Eden.

— Eu não estou. — Eu respondo, me recusando a deixá-lo me intimidar, mesmo que ele esteja certo. — Eu ainda estou aprendendo, ainda tentando envolver minha cabeça em torno de tudo isso. Desculpe-me por não ser um pecador reformado como você.

— Isso não se trata de ser reformada. É sobre ter uma consciência. — Ele balança a cabeça e passa a mão pelo cabelo despenteado, recuando para o outro lado da parede do elevador. — Se você quer que te salve, você precisa começar a agir como alguém que vale a pena salvar.

Eu abro minha boca para responder, mas ele roubou as minhas palavras, minha voz. Ele roubou a luta de dentro de mim.

— Eu acho que o que L está tentando dizer... — Phenex se move, pisando entre Legion e eu. É uma das poucas vezes em que ele fala comigo desde que ele quase foi morto pelo veneno do anjo. Estranho. Pensei que ele fosse ser mais agradável, talvez até um pouco agradecido. Se eu não o conhecesse melhor, eu diria que ele está me evitando.

— Eden, entendemos que os seres humanos, por natureza, não são perfeitos, e nós não esperamos que você seja. Mas quanto mais você se inclina sobre as relações do diabo, e deliberadamente evita o caminho justo, mais fácil será para a influência de Lúcifer fazer seu caminho em sua cabeça. Anjos e

demônios não podem interferir no livre arbítrio dos seres humanos, mas você pode. É o que você faz com o poder que a diferencia.

Felizmente, o elevador para e as portas deslizam abertas, revelando nosso andar, então eu não tenho uma chance de responder. Eu não sei o que dizer de qualquer maneira.

Eu sigo Legion, me sentindo como um cachorrinho repreendido, embora me recuse a deixá-lo ver. De cabeça erguida, entro na suíte executiva. Phenex e Toyol estão hospedados em um quarto ao lado do nosso.

Como a entrada do lobby, o quarto é decorado com a opulência remanescente de 1700 da nobreza francesa, repleta de rico bronze, vermelho e lápis-lazúli. É um pouco berrante para o meu gosto e, a julgar pelo sorriso de escárnio de Legion, definitivamente não é agradável aos seus astutos olhos, cinzentos.

— Filhos da puta exibidos. — Ele murmura sob sua respiração.

— Um pouco ostensiva, mas qualquer coisa é melhor do que dormir em um carro. — Eu estico meu pescoço de um lado para o outro e rolo meus ombros. Legion dá um passo para frente, a mão estendida para si mesmo. — Hum, você fica com a cama. Eu fico com o sofá. Olho para o sofá cor de ouro e azul, com sobancelhas levantadas. É apenas grande o suficiente para caber duas pessoas, hum, mas estamos falando de demônios.

— Você tem certeza sobre isso?

— Eu tenho. Vá em frente se limpe e se acomode. Temos um grande dia amanhã. — Ele joga minha mochila e se volta para o mini bar. Eu o vejo olhando o carrinho de madeira como se pudesse ver direto através das pequenas garrafas de licor. Cem anos de guerra passando em suas feições antes de se afastar.

Largo minha bolsa e caminho ao longo do mini bar, pesco as garrafas delicadas de vodka, uísque e rum exibidas ao longo do frigobar. Eu as ponho em cima da mesa e viro para Legion, meus braços cruzados sobre o peito. — Ele não faz de você uma pessoa ruim se você quiser. Ele não desfaz todo o bem que você fez, todo o bem que ainda estamos fazendo.

Pego minha mala e vou direto para o banheiro, ansiosa para lavar o dia de viagem do meu corpo, e o gosto de sangue da minha boca. Quando saio do santuário de vapor e coloco um dos roupões do hotel, eu encontro um

carrinho contendo uma garrafa de vinho e um prato sob uma cúpula de metal na sala de estar. Legion se senta em uma pequena mesa para refeições. E de todas as coisas que ele poderia estar fazendo depois uma viagem de quinze horas, ele está limpando suas armas.

— O chuveiro está disponível. — Eu comento. Ele nem sequer levantar a cabeça. — Você deve comer alguma coisa.

— Eu estou bem. — Ele murmura, seus dedos hábeis se movendo habilmente sobre o cano da arma.

Dou de ombros e sigo para o carrinho intocado. Sob a cúpula do prato, está uma bandeja com vários queijos, carnes e frutas frescas, perfeitas para a garrafa de vinho tinto. Me dá água na boca, pego de tudo um pouco e coloco no meu prato, e sento no sofá em frente de Legion. Ele nem sequer me reconhece.

— Se você está irritado com o que aconteceu lá embaixo, eu sinto muito. — Eu digo com um suspiro.

— Eu não estou irritado.

— Mesmo? Então você não está falando comigo porque você está usando o seu humor feliz regular, completo com luz do sol e narcóticos?

Ele não responde, mas o canto dos seus lábios sobe.

— Sério, L. estou tentando. Você não pode me mudar do dia para a noite.

Ele deixa cair o clipe em sua mão, o som de aço em madeira reverberando duramente em torno do espaço generoso. Quando ele levanta a cabeça para olhar para mim, seu olhar é gelado. — Eu não quero mudá-la, Eden. Eu quero que você veja que há mais para você do que você permitiu que suas habilidades te mostrassem. Você pode destruir com uma única palavra pronunciada. Imagine o que você poderia criar. Imagine o que você poderia ser.

Eu balanço minha cabeça. Ele não me conhece. Ele não sabe nada sobre mim. Ele leu alguns arquivos de casos e me observava através dos olhos de um assassino, perseguindo sua presa. Ele não sabe sobre todos os anos que tentei bloquear a voz na minha cabeça, ou todas as noites que eu me entristeci pelas pessoas que eu tinha machucado. Ele não sabe como foi difícil para mim,

em meus anos formidáveis, quando eu ainda estava lutando com abandono e PTSD¹⁸. Ele nunca sentiu o peso da solidão me esmagando nas primeiras horas da meia-noite, tornando-se impossível respirar.

Ele vê uma boneca quebrada. Um projeto. Uma missão. Ele não me vê.
— E como você sabe disso?

Legion fica de pé, abandonando suas armas, e vem para ficar diante de mim. Seu porte assustador me envolve na sombra, extingue o brilho de luz da lâmpada Tiffany nas proximidades. — Eu sei disso porque entendo como a escuridão te puxa. Eu senti. Eu sinto isso a cada dia. E é muito mais fácil se submeter ao seu encanto.

— Você poderia ter me enganado. Você não parece se submeter a qualquer coisa.

De repente, ele paira sobre mim, as mãos apoiadas no sofá em um movimento que me prende entre os seus braços. — Eden, eu me submeto diariamente. Cada momento que estamos juntos, cada vez que você dorme com seu rosto pressionado contra o meu peito, estou me submetendo a um lado de mim que foi perdido há muito tempo. E nesses momentos, eu me lembro do que eu era, e aquilo que eu perdi. E eu me odeio por ter perdido isso. — Ele empurra para trás do sofá e vai até onde as pequenas garrafas estão alinhadas. Ele arranca o uísque e desenrosca a tampa delicada. — Eu sou o inferno na terra, Eden. Mas isso não significa que eu quero ser.

Eu vejo o modo como sua garganta sopra sensualmente enquanto ele abaixa o licor escaldante, seus olhos se viram para os céus. Engraçado, como um ato simples e natural pode fazer com que todos os ossos do meu corpo virem líquido.

— É por isso que você quer que eu seja melhor? — Pergunto, sem fôlego.
— Para tornar mais fácil para você?

— Não. — Ele atira a garrafa em uma lixeira próxima e pega outra. — Eu quero que você seja melhor para você.

Balanço a cabeça e tomo um gole de vinho. — Eu não acredito nisso.

— Então no que você acredita?

¹⁸ Transtorno pós-traumático ou Post-traumatic stress disorder em Inglês.

Tomo outro gole, desejando a coragem. — Eu acredito que a mesma coisa que você despreza em mim, é a mesma coisa que você quer.

Um pequeno sorriso malicioso rasteja através de seus lábios. — Você está dizendo que eu quero você, foguete?

— Eu não sei, Legion. Você quer?

O silêncio que se estende entre nós torna-se sufocante enquanto ele olha para mim, sua expressão em branco, salvo pelo fogo brilhando em seus olhos. Eu me mexo desconfortavelmente.

— Você deveria dormir. — Ele finalmente disse, olhando para longe.

— Então você também deveria.

— Eu vou. Mais tarde.

Eu sei que é uma mentira. No entanto, eu não sei por que eu mesmo estou preocupada. Eu calmamente termino o meu vinho e queijo e volto para o quarto. Como a sala de estar, o espaço é decorado em cores ricas e tecidos exuberantes, mas eu estou exausta demais para apreciá-lo. Eu rastejo entre os lençóis mais macios conhecidos pelo homem, e quase antes de minha cabeça bata no travesseiro, eu durmo. Em algum momento durante a noite, o cheiro de jasmim meia-noite e o roçar de dedos calejados invadem meus sonhos.

Sonhos sobre suspiros ofegantes, beijos abrasadores e toques frenéticos. Sonhos sobre Legion.



A manhã chega cedo demais. E se eu não soubesse que é um grande negócio essa reunião com o bruxo, eu teria ficado na cama.

— Como vai ser isso? — Eu pergunto a Legion depois de finalmente me decidir por um vestido preto simples, com um decote V e casas cravadas com anilhas de ouro e prata. De alguma forma, Lilith colocou três roupas extras na minha mala, e eu sou grata por cada uma. Depois que Legion me informou sobre a raridade de um feiticeiro-demônio, sentar para o café da manhã, aludindo que o bruxo em questão era da realeza no submundo, eu estava sendo torturada com ansiedade. Realeza? Merda. Eu não era respeitável o suficiente para o Red Lobster¹⁹.

— Está bom?

Seu olhar derretido me varre da cabeça aos pés, pegando a maneira que eu tinha prendido meus cabelos prata em um coque bagunçado, permitindo que algumas mechas onduladas escapassem ao redor do meu rosto. O vestido é apertado, mostrando minha cintura e peito, antes de esbarrar em torno de

¹⁹ Red Lobster (lagosta vermelha, em inglês) é uma cadeia de restaurantes dos Estados Unidos, fundada em 1968 em Lakeland, no estado da Flórida, por Bill Darden. Especializada em pratos com frutos do mar frescos, como por exemplo, lagosta, camarão, caranguejo ou lula, a cadeia conta atualmente com 680 restaurantes, nos Estados Unidos, Canadá e Japão.

meus quadris. Ele para um pouco acima do joelho. Pecaminosa, porém ainda doce. Eu levei alguns minutos a mais na maquiagem dos olhos meus do que o habitual, com foco em um delineador pesado para acentuar minha sombra escura. Meus lábios estão simplesmente com um brilho nude rosado.

— Você parece... — As palavras deslizam em sua língua e gotejam de seu lábio inferior cheio. — Adorável.

— Pare. — Eu corro, tentando sugar o sorriso que continua tentando surgir. — Eu me sinto ridícula.

— Por quê? — Ele franze a testa.

— Eu não sei. — Eu dou de ombros. — Eu fui descrita como gostosa por alguns dos caras que namorei, se você pode chamar os relacionamentos que tive de namoro, talvez uns até mesmo pensaram que eu fosse um pouco sexy. Mas nunca adorável.

— Talvez você tenha lidado com os caras errados. — Seu rosto é de pedra, mas sua voz é tão suave e flexível como o roçar de uma pétala de rosa. Eu não sei o que pensar sobre isso, então eu rapidamente mudo de assunto.

— Então, essas bruxas... bruxos... o que quer que sejam. O que exatamente são eles?

Legion se recosta na cadeira e suspira. — Os The Dark é uma raça muito antiga, muito tradicional de bruxas originais. Sua magia é um dos dois únicos tipos que foram realmente projetados pelo Criador no nascimento de seu mundo. Segundo a Bíblia, foi a primeira mágica, a Luz seguindo rapidamente.

— Hã? Como isso é possível?

Um pequeno sorriso aparece em seus lábios. — *“No princípio Deus criou os céus e a Terra. E a Terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face da Terra. E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz. E Deus viu que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia, e às trevas chamou Noite”*.

Ele pega minha expressão atordoada e seu sorriso alarga. — The Dark são os guardiões da noite, enquanto os Light são os guardiões do dia. Sua história é complexa e sagrada, mas eles são muito poderosos, tirando força dos elementos. Eles são vento, água, chuva, neve. Suas emoções estão diretamente amarradas a terra e suas habilidades são imensuráveis. No entanto, seu poder

só se estende a este domínio. Eles não têm o controle de qualquer coisa ou pessoa cuja existência não está vinculada a este mundo.

Eu encontro o significado em suas palavras e aceno. — Eles não têm poder sobre você.

— Exatamente. O Criador nos fez à Sua imagem. The Dark and Light foram derivados de um protótipo.

— Eles são mais poderosos do que você?

Legion balança a cabeça. — Não necessariamente. Eu não tenho o uso total dos meus poderes na terra, uma parte deles foi tirado de mim quando eu me rebelei contra Lúcifer. Mas sob circunstâncias normais...

— Espere. Você tem poderes? O quê? Por que eu não sabia disso?

Ele dá de ombros, uma luz de diversão cintila em seus olhos. — Você nunca perguntou.

Santo inferno!

A força bruta, os reflexos semelhantes aos animais, a sua vontade sobre-humana... Eu sabia que Legion era um demônio, mas eu nunca imaginei que ele tinha poder real. Eu não sei se deveria estar apavorada ou intrigada. Aterrorizada. Definitivamente apavorada.

Lendo as perguntas piscando na minha cara, Legion levanta e atravessa a sala em quatro passos largos. Eu tremo em meus sapatos cravejado de metais quando ele para na minha frente, sua presença intimidante reivindicando o espaço entre nós. Então, em um movimento que arranca um suspiro da minha garganta apertada, ele embala meu rosto suavemente. As pontas de seus polegares passam nas maçãs do meu rosto como penas leves.

— Você não tem que ter medo de mim, Eden. Eu nunca te machucaria.

— Eu aceno, apenas um pouco, sem saber o que fazer ou dizer. Eu acredito nele? Eu quero. Mas ele já me machucou antes. Eu vi o ódio em seus olhos. Eu senti que irradiavam do seu olhar, e me lavava como sangue pegajoso, preto. O que há para impedi-lo de fazer exatamente o que prometeu? Agarrando meu pescoço sem pensar duas vezes, quando ele se cansar da minha fraqueza teimosa?

— Ok. — Eu sussurro.

— Você não tem nada a temer de mim. — Ele pronuncia, seu olhar intenso me pedindo para acreditar nele. Confiar nele, apesar do que ele é.

— Enquanto eu estiver vivo nesta terra, eu sempre vou te proteger.

Quero afastá-lo, mas quero que ele fique. Fique aqui, me tocando, persuadindo-me com suas palavras urgentes e toques quentes. Quando minha vida está cheia de tanta incerteza, eu quero que ele seja aquele constante em que eu posso confiar.

E isso me assusta.

A batida na porta quebra o encanto, fazendo Legion assobiar entre os dentes antes de deixar cair suas mãos. Minha pele ainda em chamas pelo toque dele.

— Está na hora. — Diz ele.

Concordo com a cabeça, lutando contra os nervos agitados no meu estômago. Legion se afasta de mim completamente para atender a porta.

— Hora do Show. — Ouço Toyol dizer atrás de mim.

Puxo uma respiração profunda, me preparando para manter a náusea ansiosa na borda. Eu não sei no que estou entrando. Bruxas, feiticeiros... Não tenho ideia do que esperar. Será que eles usam chapéus pontiagudos e vestes negras? Será que eles vão voar em vassouras e reunir os olhos de sapo e pés de frango para adicionar a um caldeirão fumegante? Merda, talvez este não seja um hotel. Talvez eu tenha sido enganada e estamos em Hogwarts.

Sério, essa merda simplesmente não parece plausível.

Balanço a cabeça e me viro espiando Toyol e Phenex, ambos vestindo ternos muito escuros como Legion, enchendo o batente da porta. — Vamos. Vamos acabar com isto.

— Muito legal! — Comenta Toyol, com as sobrancelhas levantadas.

— Sim? Eu provavelmente vou ter que me trocar antes da partida de Quadribol, — Eu brinco.

— Ele é um bruxo, não um assistente, Eden. — Seu rosto é grave, mas a alegria dança naqueles olhos escuros.

— Existe uma diferença?

— Sim. — Responde Legion. — E você faria bem em lembrar-se disso. — Seu tom é legal, mas não exatamente frio. Há uma mensagem em anexo, uma advertência silenciosa para manter meu juízo sobre mim. Talvez eu tenha razão para estar nervosa, considerando cada uma das suas expressões rudes.

Caminhamos pelo longo corredor em direção ao elevador quando Phenex diminui para andar ao meu lado. Surpreendentemente, Legion sai do meu lado.

— Eu tenho certeza que você está se perguntando por que não falei com você muito desde que você salvou minha vida.

Eu balancei minha cabeça. — Não foi nada.

— E isso é onde você está errada, Eden. O que você fez para mim, para nós, era nada menos que um milagre. Depois de tudo... você escolheu ajudar. E, por isso, estou em dívida com você.

— Então por que você estava me evitando? — Eu escuto o tom de dor na minha voz. Phenex percebe isso também, e lança seus olhos de mel para o chão com vergonha.

— Eu me orgulho, quase tanto quanto Legion. Por causa de você, eu fui capaz de recuperar minhas lesões físicas, no entanto, a minha resistência foi deixada enfraquecida. Suponho que os outros tenham te informado de nossas circunstâncias especiais na nossa espécie.

O fascínio do Jumper. Ele chama a sua maldade, seduz o animal de dentro de você. É o que os anjos usam para atrair demônios, então, em última análise, matá-los. Eles sentiram isso em mim no primeiro dia que fui trazida para o seu apartamento. E eles estão lutando contra o desejo para saciar seus impulsos carnavais desde então.

— Eu não sou forte o suficiente para combatê-la agora. — Phenex admite tranquilamente, recusando-se a encontrar o meu olhar com seus olhos arregalados. — E estou envergonhado. Por favor, não tenha medo de mim. Eu nunca iria deixar isso me dominar. E se isso acontecesse... — Ele desliza suas esferas douradas para a nuca de Legion que está apenas a alguns passos de distância. — Ele ia acabar comigo antes que eu pudesse tocá-la.

— Acabar com você? — Eu sussurro.

— Há uma razão pela qual ele é conhecido como o Demônio Assassino. Ele é o coletor de almas caídas. Seria muito fácil para ele, realmente.

Com isso, eu vejo Legion virar a cabeça apenas uma fração, dando-me uma visão rápida de sua mandíbula apertada. O assassino de demônios? Coletor de almas caídas? Como será que eu realmente posso conhecê-lo, quando tudo sobre ele são segredos e mitos? E, honestamente, eu quero?

Nós chegamos ao elevador antes que eu possa pedir esclarecimentos. Legion não encontra meus olhos. Eu sei que ele ouviu cada palavra que Phenex e eu falamos, mas ele não negou. E mesmo que ele fizesse, que motivo Phenex teria para mentir para mim?

Nós descemos para o primeiro andar do hotel em silêncio, a tensão enchendo a caixa de aço ornamentado com a poluição atmosférica. Toyol nos leva para um corredor à saída do átrio, enquanto Phenex e Legion ficam situados ao meu lado, como se para afastar quaisquer olhares indesejados. Eles estão sendo além de ridículos. Ninguém me conhece aqui. Ninguém se importa. E mesmo se houvesse alguma ameaça invisível, o que eles poderiam possivelmente fazer para evitá-lo?

A menos que eu seja a ameaça invisível. A não ser que eles não estão me protegendo de outros. Eles estão protegendo os outros de mim.

Eu sacudo o pensamento, desesperada para não deixar isso me impedir ou me definir. Legion disse que eu era muito mais do que o que tinha me permitido me tornar. Eu tenho que acreditar nisso. Porque se eu não acreditar...

Eu poderia muito bem me render ao Chamado, aqui e agora.

Nós chegamos a um conjunto de portas de marfim talhadas com alças douradas formadas como ondas quebrando. Elas são estranhas, mas bonitas, muito parecido com tudo neste hotel. Elegante, régio e único. E eu estou completamente fora do lugar.

Nós entramos no que parece ser uma sala de conferências, e achamos ela vazia. Há uma variedade de petiscos, frutas, doces e queijos, bem como vinho e chá no meio de uma longa mesa de mogno. Toyol nos leva para um lado, a extremidade mais afastada da porta. Ele está nos posicionando de modo que nós vamos ter plena visão de qualquer um e qualquer coisa que entrar. Uma pequena vantagem, considerando que estamos no coração do clã mais mortal

na Terra, de acordo com Legion. Para eles, até mesmo considerar esta reunião deve significar que eles estão desesperados. Tem que haver algo que não estão me dizendo, se é para me manter no escuro ou proteger o meu coração humano e frágil. Eu mordo o gosto de desprezo na minha língua. Eu estou tão cansada de ser fraca. Eu não quero ser protegida como uma donzela em perigo. Eu nunca fui boa em jogar esse papel, e não planejo tentar agora.

Sinto Legion endurecer na cadeira ao lado da minha, me fazendo seguir o seu olhar em direção à entrada. As portas deslizam suavemente abertas, como se empurrado por uma rajada de ar com cheiro de mar.

E eu suspiro.

Há seis deles, todos elegantemente vestidos em tecidos caros: duas mulheres, jovens e lindas, e quatro homens: o do terno maciço de ontem à noite, um loiro deslumbrante e esbelto que daria a Andras uma corrida para o seu dinheiro, um homem excepcionalmente bonito da cor de latte caramelo, e positivamente o homem mais bonito que eu já coloquei os olhos.

Ele lidera uma das mulheres, a com cachos castanhos quase até a cintura e os olhos mais incomuns que já vi, mantendo seus incrivelmente gelados olhos azuis treinados em mim e meus companheiros assassinos. Os outros seguem seus passos como se fosse uma procissão coreografada. Quando eles tomam seus lugares em frente a nós, as portas se fecham por conta própria. Pelo menos eu acho que elas fizeram.

Minúsculos punhais de gelo dançam para cima e para baixo na minha espinha. Estamos na presença de um poder imenso. Eu posso sentir isso.

— Bem vinda ao meu hotel. Espero que vocês tenham achado seus aposentos... confortáveis. — O bruxo principal diz suavemente, a sugestão de um sorriso no rosto. É como se ele soubesse o que eu fiz para o funcionário da recepção, e ele quer que eu saiba que ele sabe. E me arrependa.

Toyol lhe dá um leve inclinar de sua cabeça. — Agradecemos a sua hospitalidade, sua majestade.

Sua Majestade?

Legion havia me dito que sentaríamos com a realeza das trevas, mas ele nunca disse nada sobre o rei. Eu aperto o braço da cadeira para me forçar a não fugir.

— Por favor. — O rei diz, acenando com a mão desconsiderando. — Me Chame de Dorian.

Dorian. O nome do rei das trevas é Dorian. Isso simplesmente não parece justo. Ele é a força das Trevas mais poderosa do mundo, ele é incrivelmente lindo, e seu nome é Dorian?

— Esta é a minha Rainha, Gabriella. — Acrescenta ele, olhando para a jovem ao seu lado. Ele aperta sua mão e a leva até seus lábios para roçar um beijo em seus dedos. Passam-se vários segundos antes que ele transfira seu olhar amoroso dela para o homem à sua direita, aquele cuja pele é cor de caramelo amanteigado. Seus olhos são também um tom de azul radiante. — Meu orientador e sogro, Alexander. E o embaixador da Luz, Lars. — Ele diz acenando em direção ao homem loiro antes de acenar para os outros confidentes sentados ao lado da rainha. — Eu acredito que você conheceu Cyrus, meu primo. E esta senhora encantadora é Morgan.

Eu encontro os olhos de cada um e aceno, assim quando uma massa de chocolate se levanta do prato entre nós. Eu grito antes que eu possa me parar, fazendo com que Legion aperte minha coxa em alarme. Uma risada de uma criança soa logo após, me levando a gritar novamente.

— Nikolai Christopher, é o suficiente. — Gabriella adverte delicadamente. E diante dos meus olhos, um garotinho com não mais que três anos aparece no meio da mesa, segurando a sobremesa de chocolate.

— Ah, Mama. Eu não posso ter isso? — A criança leva seu corpo rechonchudo à borda da mesa onde sua mãe está sentada, seus cachos negros brilhantes saltando ao redor seu rosto adorável. Ele tem os olhos de seu pai, mas a pele leitosa de sua mãe. Bochechas rosadas, cílios grossos e escuros, e um sorriso permanente. Ele tem que ser a coisa pequena mais bonita que eu já vi.

— Não até depois do jantar, Niko. — Fala a rainha de olhos peculiares, pegando seu filho para depositá-lo no colo. Ela sorri carinhosamente para o pequeno querubim, seu olhar cheio de tanto amor e adoração, que eu posso literalmente sentir isso irradiando de seu corpo pequeno, pintando-os em cores de rosa e lavanda.

Algo dentro de mim torce desconfortavelmente. Eu nunca estive no fim de um olhar assim. E eu sei que nunca poderia estar na posição da rainha,

como mãe. Para amar e ser amada por isso de maneira despreocupada, tão completamente... Eu nem saberia por onde começar.

— Por favor, desculpe o meu filho. — Comenta Dorian. Ele se estica para beliscar levemente as bochechas do menino, provocando um ataque de riso.

— Quero sentar com Gampy, Papa! — O pequeno Niko chia, se contorcendo no colo de sua mãe. Dorian o pega com facilidade e o passa para seu sogro Alexander depois de beijar sua testa. O avô orgulhoso afaga os cachos do menino antes de colocá-lo no joelho.

— Desculpe. — Dorian diz com um aceno de cabeça. — Por favor... — Ele acena com a mão em nossa direção, para nos dar a palavra. — O que você traz para Colorado Springs?

Toyol limpa a garganta, tendo ponto. — Sua majestade, Dorian, como seu primo Cyrus explicou, nós representamos o Se7en.

— Ah sim. O Se7en. — Fala Dorian, o azul em seus olhos parecendo quase opaco contra o cabelo preto chocante. Ele se inclina para frente, entrelaçando os dedos graciosos abaixo do queixo. — Os demônios assassinos da redenção. Pecadores da salvação. Já ouvi falar de você, toda a força bruta e matança impiedosa. Eles dizem que vocês caçam humanos que o seu mestre... infectou.

— Mais ou menos, sim. — Concorde Toyol.

— E você não sente... remorso? Por assassinar inocentes? Por não preservar a vida humana?

Toyol abre a boca para responder, mas é Phenex que rapidamente responde. — Nosso objetivo é preservar inúmeras vidas humanas, interceptando uma ameaça iminente para a sua sobrevivência. Seu mundo é constantemente atingido com destruição, bombardeio terrorista, tiroteios em massa. Os incidentes podem ser evitados tirando um agressor solitário.

— Antes que eles realmente tornarem-se os autores dos crimes. Antes que cometam quaisquer crimes reais contra a humanidade. — O rei mago levanta uma única sobrancelha, especulativa, desafiando-o. Eu sinto uma explosão de calor do meu lado, onde Legion se senta, os nós dos dedos brancos de segurar os braços da cadeira, o queixo batendo freneticamente. *Não diga uma única palavra.* Eu peço mentalmente. *Apenas deixe Phenex lidar com isso.*

— É muito mais complexo do que isso. Ao longo de semanas e meses de reconhecimento e pesquisa, rastreamos sinais do Chamado. Nada é feito sem justa causa. Nós não agimos a menos que seja necessário.

— E esta menina, — Dorian acena para mim — é a sua próxima vítima?

Eu engulo quando os penetrantes olhos cheios de gelo, chegam a mim. *Vítima*. Parece um ato de violência em seus lábios.

— Eden está destinada para o Chamado, sim. Mas nossa intenção é poupá-la e, finalmente, poupar o anjo que habita seu corpo. — Isso parece chamar a atenção do rei, e ele se inclina para frente um pouco mais. Phenex continua. — Quando Eden era muito jovem, ela sofreu um acidente horrível, que quase reivindicou sua vida. Um anjo caído buscando redenção foi capaz de saltar em seu corpo, mas não conseguiu controlar totalmente a sua alma.

— Porque ela já havia sido infectada. — A rainha diz, igualmente interessada na história.

— Precisamente. Por causa da presença do anjo, Eden tem a capacidade única de manipular a vontade dos seres humanos. E se ela for Chamada, ela poderia muito facilmente se tornar a mais mortal de todas as armas de Lúcifer.

— É mesmo? — Dorian responde pensativo. — Como?

Phenex me lança um olhar antes de responder: — Se Eden for Chamada, ela poderia simplesmente dizer a todos os seres humanos em sua vizinhança para se jogarem de uma ponte. Ou dizer a um piloto para sabotar um avião. Se Eden for Chamada antes que possamos detê-la, ela poderia instruir alguém a ir para casa e matar toda a sua família antes de se matar.

Não me atrevo a pronunciar uma palavra em protesto, embora meu peito esteja desmoronando com a necessidade de gritar. É como se eles estivessem falando de outra pessoa. Alguém cruel e calculista. Alguém que não tenha passado a maior parte de sua vida desejando apenas uma pessoa para amá-la, apesar de suas cicatrizes, de dentro e de fora.

O rei olha para sua esposa, uma comunicação silenciosa passando entre eles. Então ele vira seu olhar implacável sobre mim. — Mostre-me.

— Só funciona em seres humanos. — Eu consigo dizer, quase em um sussurro. — Morgan é humana. Talvez ela permita uma demonstração?

Viro-me para a mulher de pele morena sentada ao lado da rainha. Ela parece tão relutante quanto eu, seus olhos castanhos se arregalaram em ceticismo. Esta poderia ser uma armadilha? Estaria o rei das trevas balançando uma cenoura na frente do meu nariz, apenas para me pegar em seu laço?

— Eu peço que você não a machuque. Eu tenho medo de que minha esposa e filho não iriam levá-lo bem, para não mencionar Lars. Algo simples, um show desse grande poder que seu amigo fala tão assustadoramente. Você não se importa, não é?

Ele lança as palavras como um desafio. Como se ele não pudesse acreditar que qualquer medida do meu poder mortal, poderia ser uma ameaça. Eu aceito, permitindo que sua condescendência me estimule a prosseguir.

Eu respiro fundo, sugando seu aroma de canela, cardamomo e ervas. Não é o perfume de sua pele, é a fragrância que seus pensamentos emitem, como se eles estivessem ligados a uma memória. Eu cavo um pouco mais, saboreando a lembrança quando eu deslizo sobre o lobo frontal, como óleo em movimento lento. Ela olha para mim, perplexa com a intrusão, mas incapaz de lutar contra isso. Ela pode me sentir em seu espaço privado, roubando seus pensamentos, seus sentimentos, seu livre arbítrio. Ela tenta me empurrar para fora, mas é inútil. Eu me tranquei em sua mente.

— *Levante-se.*

Ela se levanta, sem preâmbulo, com o rosto desfigurado em descrença.

— *Pegue o donut de chocolate.*

Ela faz o que eu mando, e se inclina em direção ao prato de doces, pegando a massa.

— *Agora dê a Nikolai.*

Seus membros se movem como se fossem desarticulados de seu corpo, irregulares e descoordenados, à medida que ela tenta lutar em cada passo. Ela é impotente contra minha compulsão, apesar de sua vontade de ferro. Apesar do sabor da magia que rola em seu sangue e agora atravessa minha língua.

Morgan oferece o donut à criança se contorcendo, que grita e bate palminhas tanto pelo show quanto pelo seu doce. Eu puxo minhas garras

invisíveis, saindo de sua mente. Ela exala ruidosamente quando sente a minha saída.

— O que você fez para mim? — Ela franze a testa, rapidamente fazendo o seu caminho de volta para seu assento.

— Eu sinto muito. — Parece que é a coisa certa a dizer, embora eu tenha tanto controle desta charada quanto ela.

— O que você fez? — Ela exige.

Eu envolvo meus braços em volta de mim, me sentindo exposta e suja. Eu não sei o que fiz e como fiz isso. Nunca entendi como funcionava. Eu só sabia que poderia fazer as pessoas fazerem as coisas que eu falava, não importa o quão egoísta ou depravado o pedido fosse.

— Você tem um presente interessante, minha jovem. — Observa o rei. Jovem? Ele não pode ser mais do que alguns anos mais velho que eu. Nenhum deles pode. O que é realmente assustador, considerando que o pai de Gabriella não parece ter mais de trinta.

— Obrigada. — Não parece adequado, mas eu não sei mais o que dizer.

— No entanto, este é um negócio entre anjos e demônios. Por que o meu tipo deve se envolver em algo que não tem nenhuma participação? — Ele se recosta na cadeira com um ar de finalidade.

— Com todo o respeito, sua majestade, — Eu estupidamente coloco, me recusando a aceitar um não como resposta. É fora do personagem para mim, a garota que tentou passar despercebida para a maioria de sua vida, mas se alguma vez houve um tempo para sair da linha e voltar a ter coragem, é agora. — Você provavelmente tem mais neste negócio do que qualquer um de nós. Você vive no mundo humano. Você senta-se ao lado deles, trabalha com eles, constrói amizades com eles. Se a humanidade deixar de existir, não significa que você falhou? Que você falhou em ser um governante justo e digno?

Ele silenciosamente contempla as minhas palavras, sentado tão quieto que estou certa de que ele não está respirando. É como aquele momento, quando o predador está à espera de atacar. A viciosidade tranquila parece gravitar em torno dele enquanto a fúria se constrói em ondas de violência.

Eu prendo a respiração à espera para o ataque, e quando ele se inclina para frente, mais uma vez, Legion faz o mesmo. Mas antes que ele possa abrir a boca perfeita, a rainha levanta uma mão e tudo para.

Sem mudanças inquietas ou respirações ansiosas.

Não há mais sons dos lábios exuberantes bebendo ou os sons de Niko devorando seu donut.

Todos estão parados como estátuas de vidro vivas, capturadas entre batimentos cardíacos.

Todos, exceto eu. E ela.

— Não tenha medo. — Diz ela suavemente. — Eu estava ficando entediada com todas essas idas e vindas. Eu juro que estou tão cansada da política. Dorian prometeu não fazer nenhum negócio durante o tempo da família, mas... — Ela encolhe os ombros, parecendo mais e mais como uma mulher normal. — O dever chama. No entanto, ele tem seus métodos, e eu tenho os meus.

— Como você...? — Eu engoli, tentando organizar meus pensamentos e alinhá-los com as minhas palavras. — Como você fez isso? Congelar todos?

— É simples. Embora, tenha levado um pouco de tempo para controlá-lo depois de minha ascensão. No começo, ele só acontecia durante momentos de alto estresse, quando eu entrava em pânico. Em seguida, o verdadeiro teste foi fazê-los voltarem a se mexer. — Ela ri como se ela estivesse falando com uma velha amiga. Eu fico olhando para ela, com os olhos arregalados, me perguntando se eu perdi alguma coisa. — Você vai ter que desculpar o meu marido. Ele normalmente não é tão chato. Não de propósito. Você é casada? Namora?

— Não. — Eu respondo com sinceridade.

— Oh. Bem, eu acho que é uma coisa boa, considerando a situação.

Eu lanço um olhar para a forma congelada da Legion, ainda oscilando à beira da impaciência e raiva. Se eu tivesse sempre essa opção, em outra vida, em outro momento, talvez ele fosse algo que eu escolhesse, ou alguém que eu esperasse me escolher. Alguém forte e protetor. Alguém quente ao toque, e que apenas o som de sua voz iria transformar minhas entranhas em lava. Altruísta, mas exigente. Bonito, mas brutal. Em um mundo perfeito, eu não

seria uma arma do mal, e ele não seria um demônio assassino buscando penitência. Eu não seria sua missão ou obrigação. E ele não seria o meu captor ou guarda-costas. Ele seria apenas... meu.

Talvez.

Na minha próxima respiração, quase caio da minha cadeira. A rainha, Gabriella está de pé ao meu lado, de alguma forma ela se moveu em um piscar de olhos. Mas, não a vi se mover uma polegada. É como se estivesse em um só lugar, e em seguida, em outro, tomando uma forma diferente bem diante dos meus olhos. Eu aperto os lábios, forçando o pânico crescente a se aliviar.

— Desculpa. É apenas mais rápido e mais fácil para mim. — Gabriella sorri timidamente. — Venha. Vamos dar um passeio. Quero falar com você.

Eu olho para os demônios em meus lados, completamente imóveis e indiferentes. Ou talvez eles não estejam. Talvez eles possam ouvir tudo o que está acontecendo agora e são incapazes de romper o feitiço.

— Eu pensei que o seu tipo não tinha poder sobre os demônios.

— Nós não temos. — Ela dá de ombros. — Bem, na maioria dos casos. — Ela estende a mão para mim. — Eu vou dizer-lhe tudo sobre isso.

Com uma oração silenciosa em meus lábios, estendo minha mão trêmula e agarro a mão da rainha. Ela poderia me forçar, mas ela está me dando uma escolha. Ela quer que eu confie nela. E tão estúpido quanto possa parecer, eu meio que faço.

Sigo-a para fora da sala de conferências, apesar do sentimento mesquinho que deveria ficar. Mas estou curiosa sobre ela e seus poderes. E se passar algum tempo com ela nos fará obter a informação que precisamos, e lançar alguma luz sobre como ela pode controlar demônios, então eu vou fazer o que ela pede. Essa sou eu sendo um trunfo, não uma vítima.

— Eu era muito parecida com você há alguns anos atrás. — Ela observa, levando-nos para uma porta de vidro. No momento em que saímos dos limites luxuosos do hotel e passamos para o caminho de paralelepípedos, a brisa de primavera vem com rajadas de esmeralda e madressilva. O ar está vivo, mas de alguma forma o frio não é esmagador, nada como eu esperava para o final de outono. Considerando as montanhas cobertas de neve se aproximando à minha direita, é seguro dizer que a magia é responsável pelo controle do clima.

— Parecida comigo? Como assim?

— Eu fui humana uma vez. Pelo menos eu pensava que era. Imprudente, descuidada às vezes. Não... sempre imprudente. — Ela responde, sua voz cheia de diversão. Ela levanta o rosto para o céu, permitindo que o sol lance um brilho dourado em suas feições delicadas. — Eu tive que aprender e crescer muito mais rápido do que a maioria. Não apenas para mim, mas para eles — a minha família.

— É por isso que você é capaz de controlá-los? — Eu não tenho que especificar de quem eu estou falando.

Um casal de idosos passeia ao longo do caminho de pedra ardósia, de mãos dadas, desfrutando do esplendor dos exuberantes jardins do resort. Gabriella sorri e cumprimenta-os pelo nome quando eles passam, antes que ela me responda. — O que eu sou... é diferente do meu marido. Eu sou um híbrido, por isso a minha magia se manifesta de forma diferente.

— E... seus olhos? — Eu observo timidamente. Ela parece ter a minha idade, mas eu sei melhor do que confiar no que eu vejo.

Ela se vira e sorri, e aquelas peculiares íris — arrancadas do sol e do brilho da lua — como a luminosidade dos diamantes. — Eu também sou luz e as trevas da mesma forma, por isso a minha magia não é única, é um enigma para a maioria do reino sobrenatural. Alguns acreditam que é a mais poderosa magia na Terra.

— E é isso?

Seus lábios torcem em um meio sorriso, me dando toda a resposta que eu preciso. — Você está aqui para me ver, você sabe. Não ao meu marido. O que seus amigos procuram é algo que só eu posso dar. É por isso que o meu marido estava agindo como um pau real. Mas a minha pergunta é: — Eden, o que é que você está procurando?

— O que você quer dizer?

— O que você quer? Tudo isso deve ser uma grande mudança para você, e seus amigos não parecem o tipo que se comprometem. É isso que você escolheu para si mesmo? Estar sob sua proteção até que chegue o momento em que eles devem matá-la? Para ser um animal de estimação, uma novidade? Ou, para ser forte, a mulher confiante que eu sei que você é capaz de se tornar?

Suas palavras parecem ecoar em minha mente confusa enquanto nós seguimos pela passarela de pedra sobre um lago, tão claro e vibrante que a superfície parece com ondulações de vidro do mar suave. Muitos transeuntes oferecem sorrisos e ondas quentes, que Gabriella alegremente retorna. Não muito exuberante, como se ela estivesse tentando fazer um show. Mas de uma maneira que diz que ela está feliz por estar viva. Que a cada dia, cada respiração, é um dom.

Ela tem aquela sensação de paz interior, se sente segura em sua própria pele... Eu a invejo. Não por causa do marido e o filho aparentemente perfeitos. Não por causa de suas roupas caras e elegantes ou poder imensurável. Eu a invejo porque ela sabe exatamente quem ela é, e ela não tem medo disso.

— Quando eu era jovem, eu queria normalidade. Eu queria o que você esperaria de uma mãe – amor, conforto, segurança. Ela nem sequer tinha que ser boa nisso. Eu só queria que ela tentasse. Acho que, de muitas maneiras, eu sempre procurei essas coisas, mesmo quando não sabia que eu estava fadada ao fracasso. Mesmo quando eu sabia que tudo isso era completamente inacessível para mim. Os Se7en me deram um conforto que eu nunca conheci antes. E segurança, tão frustrante como pode ser às vezes. Eu acho que eu sou a futura assassina em série mais segura na história.

— E o amor?

Balanço a cabeça e reúno um sorriso fabricado. — Você conhece o ditado, *“um rosto que somente uma mãe poderia amar?”* Bem... eu tenho uma alma que só uma mãe poderia amar. E mesmo que não possa. Eu não esperaria que qualquer outra pessoa assumisse essa carga.

Ela para, voltando-se para mim tão rápido, que eu nem sequer registro o movimento. — Você realmente não quer dizer isso, você quer?

— Por que não? — Eu dou de ombros.

— O que aconteceu com o resto de sua família?

Eu olho para longe, não querendo deixá-la ver a dor manchando meus olhos ao lembrar — Eu tenho uma irmã, tinha uma irmã. De um orfanato.

— E o que aconteceu com ela?

— Eu lhe disse que precisava de espaço e para ela não entrar em contato comigo. Então eu apaguei seu número.

— Por quê? — Sua voz calma e rouca é como o raspar de uma folha caída contra o chão.

— Porque é que eu faço, eu empurro as pessoas para longe antes que elas possam descobrir a confusão que eu sou. Antes de ver o meu verdadeiro eu. Ela está acostumada a meus atos de desaparecimento, e ela é boa em me dar tempo para parar de sentir pena de mim mesmo. Mas, honestamente, é tudo porque não me sinto digna dela. Eu nunca me senti. Ela foi a única coisa boa na minha vida desde que eu era apenas uma criança. E me odeio por não ser o mesmo para ela. Ela não precisa de mim, ela nunca o fez. Agora, ela pode parar de se preocupar, e parar de se sentir obrigada a cuidar de mim. Agora ela pode se casar e ter filhos, sem se preocupar se eu nunca vou juntar minhas coisas ou encontrar um cara legal. Cortá-la foi o meu último presente para ela.

Ela me encara com perplexidade ousada, a carranca entre aqueles olhos exóticos esculpidos em descrença, talvez um pouco de piedade.

— Você sente culpada.

Eu aceno, não realmente querendo, mas incapaz de parar.

— Você acha que você não é digna de perdão... digna de amor. — Eu aceno de novo, com lágrimas nos meus olhos.

A jovem rainha estende a mão para tocar a base do meu pescoço. Sua mão é quente, mas uma explosão de frio suave irradia de seus dedos, que escoam no fundo do meu peito. Não me atrevo a me mover, não que eu iria querer. É como um bloco de gelo para o meu coração quebrado, oxidado. Ela não vai consertar o que está quebrado, mas não dói tanto.

— Eden, você não está além da salvação. Eu vejo isso em você, agora. Eu vejo isso nos demônios que juraram protegê-la com suas vidas. E eu vejo no caminho... — Ela para e balança a cabeça. — Tudo será revelado em breve. Você só precisa acreditar que você é digna de salvação, apesar do que você fez. Apesar do pedaço de seu passado que ainda atingem você em seus dias mais escuros e assombra seus pesadelos.

— Como você pode ter tanta certeza? — Eu sussurro através da emoção na minha garganta.

— Porque eu estive lá. — Um pequeno sorriso apertado aparece em seus lábios carnudos. — Eu sei o que é estar perdida e com medo. Agora, você provavelmente está pensando que você é impotente para impedir o inevitável.

E talvez você seja, talvez não há nada que você possa fazer para mudar o seu destino. Mas essa é a beleza da humanidade. Você pode alterar e evoluir. Você pode ter mais do que aquilo que foram criados para ter. — Ela dá um passo para trás, levando o toque de cura com ela. A sensação de seu poder ecoa em minhas veias. — Vamos. Eles vão estão ficando inquietos.

Ela estende a mão para pegar a minha, e no momento a minha pele escova a dela, o espaço dobra em si mesmo e se desenrola para revelar quatro paredes e nove rostos congelados, presos no tempo. Estamos de volta à sala de reuniões.

Com um balançar ocasional de sua mão, a atividade retoma perfeitamente, como se nunca tivesse havido um lapso de vinte minutos entre eu desafiando o rei na sua própria casa e eu ressurgindo do nada com a rainha.

Ao perceber que eu já não estou ao seu lado, Legion salta para fora do seu assento como se ele estivesse pegando fogo, a sua estrutura imponente tremendo de raiva. Phenex está bem, apenas o consideramos como um objeto do buffer.

— Eu estou bem! — Eu insisto, antes que qualquer coisa seja dita que possa comprometer a nossa estadia aqui. — Gabriella e eu estávamos apenas conversando.

— Oh? — Dorian observa, muito mais calmo do que o demônio de pé em frente a ele. — E o que minha adorável esposa tinha a dizer?

— Conversa de meninas. — Ela pisca de brincadeira em resposta. No entanto, um olhar passa entre eles, uma comunicação não dita, que leva o rei a assentir. É íntimo de uma forma que me faz tropeçar em meus pés, então eu tenho a oportunidade de voltar para o meu lugar. Um pouco satisfeito, Legion senta. Gabriella toma seu lugar ao lado do marido também.

— Muito bem. Então, vamos abordar os termos?

— Os termos? — Legion rosna. É a primeira vez que ele fala desde que entramos nesta sala. Eu não poderia imaginá-lo ir de igual para igual com o rei das trevas de qualquer maneira. Eles provavelmente explodiriam todo o resort.

— Você está aqui porque meu primo intercede por você. Aparentemente, todos vocês já haviam trabalhado com meu irmão antes de

sua morte prematura, e estavam esperando que eu pudesse emprestar assistência semelhante, correto? E até onde eu sei — e eu com certeza sei, meu irmão não prestou os seus serviços sem algum tipo de reciprocidade.

— Sim. — Responde Toyol, antes de olhar para Legion com um olhar aguçado. — E, por favor, aceite minhas mais profundas condolências. Nikolai era um bom homem. Ele está perdido.

— Sim. — A voz de Dorian se torna mais afiada do que tinha sido até agora, como se a sua língua estivesse envolta em veneno. Até seus olhos pareceram mais brilhantes, mais gelados. A memória de seu irmão não só o entristece... isso o irrita. — É por isso que você vai me ajudar a encontrá-lo para que eu possa trazê-lo de volta.

— O quê? — Toyol olha para Phenex antes de passar rapidamente o olhar para Legion.

— Eu quero que você o encontre. A partir daí, vamos fazer o resto. Ou seja, se você quiser que ajudemos a menina.

— Mas isso não pode ser feito. — Phenex pisca, sacudindo a cabeça. — Nós não temos essa autoridade.

— Não. Você não. Mas ele tem. — O olhar glacial do rei cai sobre Legion com uma certeza implacável. — Legion, Coletor de Almas Caídas. Eu sabia exatamente quem você era no momento em que entrou na minha cidade. Tem sido um longo tempo, não é?

— É verdade. — A voz de Legion é tão fria, os olhos prata rodando com seu próprio fogo místico.

— Se a memória não me falha, você tem a autoridade para encontrar as almas dos mortos que não alcançaram o favor do Divino. Eu quero que você localize o meu irmão.

— E como você sabe que eu posso mesmo fazer isso? Como você está tão certo de que ele não recebeu seu favor?

O rei sorri maliciosamente e encaixa seus dedos sob o queixo. — Meu irmão era bom em ser Dark. Eu não estou iludido em acreditar que ele era um santo. Estes são os meus termos — concorde em encontrá-lo, e nossa magia está à sua disposição.

Legion empurra para trás em seu assento, sua mandíbula apertada saltando com tensão contida. No intervalo da conversa, Phenex salta.

— Sua Majestade, sinto muito, mas Legion não pode fazer o que você pede. A única maneira que ele tem acesso a esse poder é voltando para o submundo. E para fazer isso, ele deve morrer na terra. E uma vez que ele morrer... Você entende como isso seria difícil...

— Eu vou fazer isso.

— O quê? — Eu grito em descrença. — Você não pode! Não! Eu não vou deixar você fazer isso.

— Nós temos um acordo. — Ele reitera, ignorando as minhas súplicas, junto com as objeções de seus amigos. Ele fica de pé e estende a mão para Dorian. — Eu vou encontrar o seu irmão. Contanto que você ajude Eden.

O rei das trevas se move, seus movimentos tão fluidos como água, e junta suas mãos com o assassino demoníaco. — Está acordado. Esta noite. Jantar. Enviaremos uma mensagem.

Então, dentro de uma única batida irregular de meu coração humano quebrado, eles se foram.



VINTE E UM

Quando Dorian disse que ia mandar uma mensagem, eu deveria ter sabido que seria mais complicado do que isso. Nós estamos na sala de estar da nossa suíte, argumentando com a parede de tijolos conhecido como Legion sobre o acordo sem sentido, para ir em uma missão suicida para localizar o irmão falecido do rei, Nikolai Skotos. Claro, ele não vai ouvir nada além do som de sua própria voz, o seu raciocínio estúpido repetindo em um loop constante. Sua vida é muito valiosa pelo preço a pagar por mim, independentemente das consequências. Eu não valho a pena, e cada vez que eu tento dizer isso a ele, ele me encara.

— Nós encontraremos outra maneira. — Eu imploro. — Você nem sabe se as informações que nos fornecerão serão úteis. Você poderia estar sacrificando sua vida por nada.

— Escute-a. — Insiste Toyol. — Como sabemos que podemos até mesmo parar o Chamado? Isso nunca foi feito antes.

Legion não se incomoda em encarar os nossos olhos. Ele apenas continua a limpar suas armas, embora elas ainda estejam imaculadas da noite anterior. — Então é hora de descobrir. Eu não doe minha vida ao Se7en apenas para escolher fugir no primeiro sinal de adversidade. Eu disse que iria protegê-la, e eu vou. Ou eu vou morrer tentando.

A frustração escorre da minha voz, e eu dou um passo para frente, tão perto que eu posso sentir o calor que exala de sua poderosa estrutura. — Mas não há nenhuma garantia de que você possa, L. E não quero que você desista de tudo que você trabalhou para dar um tiro no escuro. Por favor. — Eu arrisco um passo mais perto e gentilmente deixo minha palma descansar em seu ombro. Ele recua ante a intrusão no início, mas antes que eu possa me afastar, ele se move até colocar a mão sobre a minha, segurando-a no lugar.

Eu não sei o que é, talvez a sensação de pele ou apenas a emoção do dia, mas eu encontro-me confessando: — Eu não tenho medo, L. Eu não tenho medo de morrer.

Sua voz é grossa e tingida com uma tristeza secreta. — Você está tão pronta para desistir de si mesma?

— Se tratando disso, sim. Se isso significa que você consegue viver, sim.

— Bem, eu não estou desistindo. — Ele retira seu toque quente e olha para trás para as armas em cima da mesa.

Eu olho por cima do meu ombro e encontro os olhos de Phenex, minha expressão suplicante. Ele tem que chegar até ele. Ele não pode deixar seu amigo, seu irmão tomar esse risco só por mim. Ele é muito importante para o Se7en. Ele é muito importante para...

A voz ecoa na minha cabeça, mas seu tom é diferente daquela que sussurra comandos ruins que infligem dor e crueldade. Este não é o som da minha consciência. É a voz de uma pequena rainha com os olhos das cores do dia e da noite.

— *Jantar na sala de jantar privada do restaurante, às sete. Tudo será revelado em seguida. Tenha fé, Eden.*

Então ela foi embora antes mesmo de eu perceber que ela tinha entrado.

— O jantar é às sete. Lá embaixo no restaurante. — Eu retransmito, meus olhos arregalados e meu rosto pálido.

— Como você sabe disso? — Toyol pergunta.

— Gabriella acabou de me dizer. Ela... entrou em mim. — Mas melhor, devo acrescentar. Sua conexão com a minha mente foi perfeita. Eu nem sequer senti. Não parecia intrusiva, como se ela estivesse vasculhando meus

pensamentos ou memórias. E sua voz era tão clara, como se ela estivesse bem ao meu lado, sussurrando em meu ouvido.

Se Gabriella poderia ter acesso direto em minha cabeça, sem eu detectá-la... o que mais ela poderia fazer? Como seria fácil para ela se arrastar para aqueles cantos empoeirados e sombrios da minha psique e desenterrar todos os meus segredos? Como incrivelmente simples seria para ela me expor pelo que eu realmente sou e revelar o que eu fiz?

Pânico aperta minha garganta, sufocando toda lógica. Eu não sei se posso continuar com isso. Não posso permitir que ela, ou qualquer outra pessoa nessa história, possa entrar na minha cabeça. Isso não só custará a Legion sua vida. Vai me custar... tudo.

Nós concordamos em colocar nossa conversa no gelo, e eu sou grata por ter alguns momentos a sós para me preparar para o jantar. Eu odeio admitir isso, mas eu tenho medo. Legion disse que iria me proteger ou morrer tentando. Mas até onde essa misericórdia se estenderá quando ele descobrir o que eu fiz? Será que eu ainda vou ser digna de ser salva?

Eu me sacudo mentalmente, cansada de me torturar com perguntas que sou demasiada leiga para responder. As coisas já estão em movimento, e se eu interferir, eu poderia estar fazendo as coisas piores... para todos nós.

Ainda assim, eu tenho que tentar. Não é por mim ou meus motivos egoístas. Mas para Legion. Pela primeira vez, eu tenho que fazer o que é certo.

Desde que eu voltei, eu uso vestido, e apenas combino com um par de saltos que Lilith sorrateiramente colocou na minha mala. Eu retoco meu cabelo e maquiagem, me dando um olhar mais ousado, mais glamoroso, com lábios vermelhos e cachos soltos. Lembro-me das palavras de Legion anteriormente, e sorrio para mim mesma, tocando meus dedos no oco da minha garganta. Ele disse que eu era linda. Eu não posso ajudar, mas pergunto se ele ainda vai sentir o mesmo depois desta noite.

Nós descemos até o restaurante em silêncio, cada um querendo saber o que a noite tem para nós. Gabriella disse que tudo seria revelado, e enquanto isso me apavora, eu estou ansiosa para ver o que ela quis dizer com isso. O que é que eles esperam encontrar, e como eles vão encontrá-lo? Devo admitir, o mundo de trevas e luz me fascina. Para saber que esse poder ilimitado existe

aqui na Terra, andando entre os seres humanos por séculos sem serem detectados, parece irreal para mim.

Apenas alguns dias atrás, eu era uma menina perdida, governada por dor e raiva. Hoje, estou prestes a jantar com demônios assassinos e a realeza sobrenatural. Oh, e eu sou uma célula dormente para o diabo.

O restaurante gourmet do hotel é tudo o que eu esperava que fosse. Cortes nobres de carne e vinhos exuberantes parecem ser abundantes, e a atmosfera é chique sem ser abafada. No entanto, quando nos aproximamos da recepcionista do restaurante, somos rapidamente levados a uma área privada, sem ter que dizer uma palavra.

Ao contrário desta tarde, a família Skotos já está lá, menos Alexander e jovem Nikolai. Eles conversam casualmente sobre copos de rico vinho tinto e canapés.

— Sejam bem vindos! — Dorian nos cumprimenta, um sorriso quase quente em seu rosto, se você poderia chamá-lo de sorriso. Sua boca pode fazer o movimento, mas há algo muito sinistro... muito sensual... sobre isso para ser definido como alegria. Eu não acredito que ele está sendo enganador. Eu só acho que ele é incapaz de ser nada menos do que perversamente sedutor, mesmo quando ele não está tentando.

Somos saudadas com ofertas gentis e descontraídas para sentar e apreciar, outra diferença em relação a esta tarde. Eu olho para Legion, que observa as boas vindas com um olhar apertado e calculista, mas se senta em frente ao bruxo. Eu sigo sua liderança, tomando o espaço à sua direita. Toyol senta ao meu lado, com Phenex na esquerda de Legion.

— Agora que todos nós já estamos confortáveis... — Dorian começa, agitando o vinho tinto em seu copo. — ... espero que tenham gostado do resto da sua tarde. Eden, esta é a sua primeira vez em Springs?

Conversa fiada? Sério?

Eu sinto como se estivesse faltando alguma coisa, algum significado subjacente em suas palavras. Ou talvez ele esteja apenas tentando ser agradável. A vida e as circunstâncias me fazem cética.

— É. — Eu respondo.

— E você está desfrutando de sua estadia?

Um garçom vem para o nosso lado da mesa, apresentando duas garrafas de vinho. Antes que eu possa pensar sobre a escolha, Legion sinaliza para ele derramar o tinto.

— Considerando que eu não deixei o hotel, o que vi até agora é lindo. Muito diferente do lado sul de Chicago.

— Ah, Chicago. Tem sido muitos anos desde que eu estive lá. Talvez devermos fazer uma visita, Gabriella?

A rainha assente. — Eu nunca estive lá. As únicas coisas que eu sei sobre Chicago são os pratos de pizza, os filhotes e Kanye West.

— Está vendo?! — Eu grito, cutucando Legion nas costelas. — Ele é o tesouro de Chicago!

Ele recua de choque, aqueles olhos prateados se movendo de um lado para o outro em perplexidade, sem dúvida, se perguntando se eu perdi minha mente. Em seguida, ele igualmente me atordoa por balançando a cabeça e — poderia estar — sorrindo.

— Juro por minha vida, todos vocês não têm ideia do que é música.

— Concordo. — Dorian fala, erguendo seu copo em saudação. — Metade da baboseira que Gabriella e Morgan ouvem fazem meus ouvidos sangrarem. Eu me recuso a deixar o pequeno Niko crescer sem saber o que música real é.

— Ei! Não me coloque nessa! — Morgan ri, fingindo jogar uma azeitona em Dorian. — Tenho um grande gosto pela musica. Certo, Lars?

O deus loiro de olhos dourados acaricia o cabelo dela com amor, um sorriso afiado em seu rosto. — Você é tão bonita. Eu te amo.

— Mentiroso! — Ela dispara, brincando de escovar sua mão. — Por que você nunca me disse que odiava a minha música?

— Porque você estava tão feliz de ouvir isso. E eu estava tão feliz de ver você.

O olhar de adoração em seu rosto... suas palavras suaves caindo dos lábios sensuais... Morgan quase derrete em uma poça no chão de madeira polida, e eu não a culpo.

— Você tem que admitir, — Gabriella entra na conversa, vendo que sua amiga está muito ocupada com os olhos suspirando por seu namorado, — nem toda música moderna é ruim.

— Eu teria que concordar. — Toyol acena. — Eu sou um fã do século 21. Na verdade, Eden tem algumas grandes listas de reprodução. Além de Kanye, é claro.

Todos eles riem às minhas custas, e não posso culpá-los por isso. Legion parece estar se soltando, e tenho que admitir, a família Skotos não é de todo ruim. Eles parecem quase... normais. Humanos, mesmo.

O jantar é excelente, como esperado. O mais suculento dos bifes, lagosta amanteigada, legumes crocantes e batatas macias são servidas em grande estilo familiar, sobre garrafas e mais garrafas do melhor vinho que já provei. Muito diferente das garrafas baratas e frutadas que minha irmã e eu caíamos nas noites de sexta-feira. Eu sinto falta dela terrivelmente, mas não me deixo pensar nisso. Ela está segura agora, contente e segura. Eu não pude dar-lhe essas coisas em todos os anos que ela esteve ao meu lado, mesmo que ela tenha sido a única pessoa na minha vida que merecia esses confortos. Mas Legion fez. E de acordo com ele, ele fez isso por mim.

Eu não sei o que pensar sobre esse fato, mas eu sou grata.

E aqui estou, jantando, rindo e conversando com a realeza. Comendo alimentos que só tinha visto enquanto assistia Food Network, e bebendo vinho que provavelmente custa mais do que o meu salário semanal.

Eu odeio por que eu estou aqui e porque eu fui empurrada para este mundo de mito e fantasia. Mas parte de mim está maravilhada com tudo. É como se meus olhos estivessem vendo a cor pela primeira vez, e os gostos e sons não são mais afetados pela pobreza e pelo crime. E se eu não tenho muito tempo nesta terra, como uma garota humana ou de outra forma, vou apreciar este presente, mesmo que seja embalado em uma maldição.

— Oh, Eden, eu espero que você tenha deixado espaço para a sobremesa. — Gabriella diz depois de tirarem o jantar. Eu não consigo lembrar se já comi assim... nunca. As refeições no Se7en eram deliciosas, mas eu estava sempre muito nervosa ou com muito medo para realmente limpar meu prato. Um pequeno pedaço de mim se agita quando penso em como Jinn tinha passado tanto tempo cuidando e cozinhando para mim. Ele não pode mesmo

comer metade da comida que preparou, mas ele gostava de ter alguém, alguém humano para quem ele pudesse cozinhar.

Eu olho para o meu estômago. Estou com cerca de oito semanas, juntamente com um bebê de comida. — Sobremesa? Você está tentando me fazer estourar?

Logo em seguida, uma fila de garçons entra com bandejas de todos os tipos de sobremesa que alguém poderia sonhar. Bolos de todos os sabores e recheios, biscoitos frescos, belas tortas e cremes delicados substituem os pratos de carne e mariscos restantes. Meus olhos se arregalam enquanto eu espio um sorriso tímido do outro lado da mesa.

— Eu gosto de sobremesa. — Dorian diz com um meio encolher de ombros. Lá vai ele. Lá vai ele parecendo quase humano e aparentemente inofensivo e completamente perfeito.

Eu entendo o que Gabriella vê nele. Uma mulher cega poderia ver. Mas há algo nele que me faz incapaz de confiar no charme sem esforço e boa aparência alarmante. Como, se ele simplesmente não parecesse real. É mais de uma miragem.

— Ninguém poderia ainda estar com fome; — Eu zombo.

— Fale por você. — Toyol bufa, empilhando doces em um prato. Eu olho para Legion que está fazendo o mesmo, enquanto o Phenex, sempre tão civilizado, se contenta com uma porção modesta de crème brûlée e framboesas frescas polvilhadas com açúcar.

— Acho que vou entrar em coma alimentício se eu comer mais. — Eu esfrego meu estômago apertado e tento tomar uma respiração profunda.

— Não até que você tente isso.

Eu ouço as palavras, mas eu não entendo até que haja um pedaço de torta de frutas apenas a centímetros de meus lábios, suspensa pelas pontas dos dedos de Legion. Eu travo o meu olhar no de prata espumante, rodando com expectativa.

Isso é parte disso? Este jogo que ele está jogando para apaziguar o rei e convencê-lo a nos ajudar?

Eu olho para descobrir que todos estão olhando, embora eles sejam muito educados para torná-lo óbvio. Eles estão esperando para ver se eu vou

jogar bonito, se eu estou contente em ser protegida dos Se7en ou se estou com eles sob coação. Ou talvez eles desejem ver se há mais para o Demônio Assassino do que a lenda se gabou.

Tão lentamente que eu posso contar cada respiração, eu me inclino e separo meus lábios. A torta é crocante e amanteigada na minha língua enquanto Legion desliza suavemente entre os meus dentes, seus olhos assistindo e esperando pela minha reação. Dou-lhe o que ele anseia, deixando sair o zumbido baixo de aprovação que borbulha em minha garganta.

— Bom, hein? — Sua voz desliza sobre mim como mel quente.

— Muito.

— Mais?

— Sim. — A palavra não é nada mais que um suspiro sem fôlego.

Ele me alimenta de novo, até que eu deixe apenas migalhas sobre as pontas dos seus dedos. Sua pele é doce do açúcar e quente, tal como o resto dele. Uma memória fabricada invade minha cabeça, algo que eu não poderia ter conhecido. Eu já o provei antes. Não sei como, mas a sensação de seus dedos em meus lábios, traçando o arco dos meus lábios... Eu sei como eu sei meu próprio nome.

— Eu acho que esse seria um momento ruim para discutir negócios. — Dorian observa, seu tom atado com uma borda sinistra.

Suas palavras me trazem de volta à realidade, e eu me afasto, mudando o meu corpo o mais longe possível de Legion sem torná-lo óbvio. — Claro que não. — Eu respondo, controlando a minha voz.

— Desde que nós concordarmos com os termos, eu acredito que seja pertinente à sua causa começar, sim? Você está pronta, Eden?

— Sim. Mas eu gostaria de renegociar os termos. — Eu sinto Legion ficar rígido ao meu lado, mas eu prossigo. — Encontrar o seu irmão iria levá-lo a uma missão suicida. Isso não é razoável, e acho que você sabe disso. Legion é o líder do Se7en. Sem ele, tendo as informações sobre a meu Chamado poderia ser inútil.

Dorian balança a cabeça de um lado para o outro enquanto ele contempla a minha declaração. — Talvez sim. Mas isso não muda nossas

exigências. No entanto, pode haver algo que pode ser feito para evitar a sua morte.

— E o que é isso?

— Só o tempo dirá, e tempo nós não temos. E eu não acho que eu possa transformá-lo.

— Transformá-lo? — Eu pergunto com um careta.

— Há... alternativas. — Eu não perco o olhar rápido que ele lança para Cyrus, que está à espreita perto da porta. Ele lembra um monstro, seu corpo maciço apoiado na parede como uma estátua viva. O efeito é o de um predador mortal; quão fácil seria eliminar as presas inocentes enquanto passam por ele, sem saber do perigo que espera nas sombras.

— De qualquer forma, isso é o que queremos, e nós não estaríamos pedindo um preço tão alto por nossos serviços se não fosse de grande importância. Reconhecemos que as ramificações são terríveis, mas eu tenho certeza que você pode entender. Você, também deve ter alguém com quem você se importa e faria qualquer coisa para ela, mesmo que fosse contra os seus mais delicados instintos humanos.

Ele não tem que ver seu caminho na minha cabeça para saber que ele golpeou uma corda. Minha irmã.

Ele sabe sobre a irmã. Ou seja, ele poderia usá-la contra mim se isso acontecesse.

— Desculpe, é uma ameaça?

— Absolutamente não. — Ele responde friamente. — Mas a família é tudo para mim. Para nós. É tudo o que temos. E quando você é o chefe de um clã tão forte como o nosso, é pertinente conhecer seus amigos, bem como seus inimigos. Eu gostaria de pensar em vocês como amigos. Caso contrário, você não estaria aqui.

— O que meu marido está tentando dizer, — Gabriella entra na conversa antes de desviar os olhos para o rei. — Queremos ajudá-los, e pretendemos. Mas, em troca, precisamos da ajuda do Se7en. Especificamente, de Legion. Nós não estaríamos perguntando se houvesse alguma outra maneira.

— Espere. — Eu franzo a testa. — Então você sabia que precisaríamos de seus dons? Você sabia que viríamos pedir— É tudo tão evidente agora. Se

Legion é o único que poderia encontrar o irmão do rei, por que *eles* não vieram até *ele*? A menos que eles já soubessem...

— Seu futuro continua mudando. — Gabriella diz, confirmando minhas suspeitas. — Eu não sou clarividente, mas eu posso sentir isso. Quando peguei sua mão mais cedo... eu me conectei a sua força de vida. Eu vi um quarto subterrâneo. Há cimento debaixo dos seus pés descalços. E você está nua.

Minha boca instantaneamente seca e sangue corre para minhas bochechas, rugindo em meus ouvidos. Meus batimentos cardíacos entram em pânico enquanto eu ouço Gabriella transmitir meus piores medos.

Este é o sonho. O pesadelo que tive quase todas as noites desde o dia que vi o primeiro fio de cabelo cinza. Era meu aniversário de dezoito anos, quando eu vi pela primeira vez. Foi apenas um flash de pele pálida e trêmula, a picada de uma lâmina fria, um fluxo de sangue quente.

O pesadelo se tornou mais definido ao longo do tempo, como se fosse um filme reproduzido de forma constante e horrível, noite após noite. Não importa quantas vezes eu tinha que sentir suas mãos sobre mim e cheirar o esmagador cheiro de sangue no ar, eu nunca poderia me acostumar a ele. Ele ainda me levou às lágrimas e me deixou asfixiada através de soluços em sua consequência. Não importa o que eu fiz para aliviar o terror, o álcool, pílulas, chás e até mesmo drogas. Eu ainda não podia lutar contra o medo por trás das minhas pálpebras.

Até Legion.

Os pesadelos ainda me atormentavam, mas pela primeira vez em torturantes quatro anos, vi outra coisa quando eu fechei os olhos. Eu vi a luz e ouvi o riso. Senti calor, bondade e segurança. E um intenso desejo que eu nunca soube que existia.

— Há alguém lá com você, te observando. — Gabriella diz, trazendo-me de volta para o aqui e agora.

— Sim. — Eu sussurro, minha trêmula voz. Eu me mexo desconfortavelmente na cadeira, sentindo vários conjuntos de olhos em mim. Estão todos ouvindo enquanto as partes mais escuras e escondidas da minha psique estão espalhadas sobre a mesa de jantar.

— Você vai matá-los. Você mata todos eles.

— Sim. — O nó na garganta é tão grande que eu duvido que a palavra seja ainda perceptível.

— E ele... ele leva você. E você quer que ele faça. Você implora que ele leve. — Seu rosto se retorce como se ela estivesse com dor. Como se ela pudesse sentir a agonia das minhas vítimas enquanto eu as instruo a mutilar e torturar um ao outro, antes de afundar minha lâmina profundamente dentro de seus corpos mutilados.

Eu deveria saber. A resposta estava bem na frente da minha cara o tempo todo. Não foi só um pesadelo. Foi uma profecia.

— Você resistiu a ele em primeiro lugar, não é? — A jovem rainha pede, seu olhar penetrante vendo direito através de minha alma esfarrapada. — Você não queria gostar. Você não queria desejá-lo. Mas você não poderia evitar.

— Quem? — Legion pergunta, falando pela primeira vez desde que Gabriella começou a desvendar meus maiores medos. Sinto esses olhos de raiva mercúrio queimando dentro de mim.

— Lúcifer. — Minha voz não é mais que um sussurro quebrado. Eu proferi a palavra no piloto automático, não realmente sentindo o seu peso na minha língua. Se eu registrasse o seu significado, iria torná-lo muito real. — Eu mato todos eles. Minha irmã. Logan. Minha mãe. Todo mundo que eu já conheci. Eu assisto e eu rio enquanto eles rasgam uns aos outros em pedaços antes de derramar o que resta de seu sangue na minha pele nua. Quase todas as noites... quase todas as noites eu sonho.

— Mas você sabe que isso muda. Você tem o poder de alterar o seu futuro. — O olhar de Gabriella se desloca para Legion apenas uma fração, mas sei que ele vê. Nada passa por ele.

— Não há nada que possamos fazer para pará-lo? — Ele pergunta.

Gabriella perde uma respiração antes de se inclinar para trás em seu assento. — O próximo sinal de seu Chamado está próximo. No final dos sinais, ele virá para ela. A menos que...

— A menos que o quê? — Legion quase rosna.

— A menos que ela anseie por algo mais do que o mal que chama por ela. Seja qual for o impulso, vai atraí-la para ele... é forte. Mais forte do que

qualquer magia que podemos exercer para pará-lo. Da mesma forma que ela pode manipular a vontade dos seres humanos, ele irá manipular a dela. Ela tem que lutar contra isso. Ela tem que querer viver por algo mais do que ela quer matar por ele.

— Quando isso vai acontecer?

— Eu não posso dizer com certeza. Há um frio no ar, mas sem neve. Sinto muito, mas isso é tudo que eu vejo.

Ótimo. Trocamos a vida de Legion por algo que, em sua maior parte, eu já sabia. No entanto, há uma maneira de lutar contra isso. E considerando a perplexidade na testa de Legion, ele não sabia que era mesmo possível.

— Mas há outra coisa... — Gabriella diz, com a voz cansada. — Quando eu era... apenas uma menina ... Dorian me contou sobre uma história que tinha ouvido. Tratava-se de uma criança que iria reinar no submundo, evocando todos os males dentro e soltando-os na Terra. Guerras iriam se travar durante milhares de anos, trazendo a morte e intermináveis doenças. Tudo o que é desonesto e malévolo seria celebrado, enquanto a misericórdia seria extinta. A criança seria o mal encarnado, que apresenta a marca da besta. O anticristo.

Abro a boca, mas nem um som escapa. Aperto minha garganta, engasgando com as palavras não ditas. Eu sei que história é essa. Revelação. O fim dos dias.

— Você está dizendo que Eden é o anticristo?

Graciosamente, a rainha balança a cabeça. — Não. A criança será a descendência direta do que vocês chamam de Mestre. De Lúcifer.

— Nós não o chamamos de merda nenhuma. — Grita Legion. — Então ele vai produzir um herdeiro.

— Ele vai. — Ela assente. Em seguida, ela fixa seu olhar intenso em mim, cavando aquelas íris em mim com todo o poder do sol e da lua. — E eu acredito que ela será a sua mãe.

Sua mãe. Meu destino é o nascimento do anticristo. Para suportar a semente de ódio e destruição no meu ventre.

Uma náusea intensa agita meu intestino, causando suor frio no meu peito e pescoço. Eu vou vomitar, bem aqui nesta mesa. Bem aqui na frente da

realiza e demônios assassinos sobrenaturais. Eu estava com medo deles, quando, na realidade, eu estou destinada a ser a mais mortal de todos eles.

Eu não sei o que estou fazendo até estar de pé e fazendo o meu caminho até a porta. Eu não tenho ideia para onde estou indo, mas eu tenho que sair daqui. Eu tenho que fugir destas paredes e seus olhares simpáticos e especulativos. Eu estou tão cansada de ser o tópico de discussão. Cansada de ser um cordeiro ferido entre os monstros. Quando eu sou o monstro. Eu sou o pesadelo que eu estava tentando escapar.

Eu não sei se Legion me segue, e eu não olho para trás para verificar. Eu só sei que não posso me sentar lá mais um momento e ser o seu show de horrores. Eu tenho jogado esse papel toda a minha vida. E, assim como meus pesadelos, nunca fica mais fácil.

Eu não paro até que estou na porta de nossa suíte, percebendo que eu não tenho uma chave para entrar. Libero o soluço que tinha ficado preso em minha garganta desde que corri da sala de jantar, eu deslizo para o chão, uma derrotada, uma bagunça amassada de uma menina perdida. Eu não sei se algum dia encontrarei meu caminho.

A primeira lágrima desliza pelo meu rosto assim que a madeira esculpida contra a minha coluna se afasta, me fazendo cair para trás. Campainhas de alarme soam na minha cabeça enquanto eu luto para enfrentar o intruso no batente da porta.

Eu nem sequer tenho a chance de gritar antes que ele me puxe para dentro.



VINTE E DOIS

— Que diabos? — Eu grito, lutando para ficar de pé. — Como você chegou aqui?

Legion cruza os braços na frente do peito, fazendo sua camisa se esticar ao redor de seus bíceps da forma mais atraente. — Que diabos? — Ele morde fora, incrédulo. — O que você pensa que está fazendo correndo sozinha em um lugar que você não está familiarizada? Merda, Eden, como é que eu vou protegê-la quando você insiste em fazer o meu trabalho mais difícil? É ruim o suficiente a rainha bruxa roubar você de mim mais cedo...

Meu rosto esquenta não apenas por suas palavras, mas pela posse em seu tom. — Eu estava bem, L. Eu só precisava... — De ar. Espaço. Tempo para pensar sobre a minha desgraça iminente.

— Você não está bem, Eden. Como você pode estar? — Sua voz suaviza, assumindo um timbre rouco e cheio de emoção que eu só tive o prazer de ouvir durante suas confissões mais íntimas. — Vamos encontrar uma maneira, prometo-lhe isso. Vamos descobrir como podemos parar o Chamado. Mesmo se eu tiver que lutar até meu último suspiro, eu não vou deixá-lo levá-la. Eu não vou deixar isso acontecer com você.

Ele se aproxima de mim como se para me abraçar, ou me bater ou sacudir algum sentido em mim, mas eu rapidamente me afasto. — Não há nada que você possa fazer.

— Foda-se que não há. Eu disse a você, eu vou protegê-la ou morrer tentando. Pode acreditar no que eu digo.

— Você ouviu qualquer coisa que foi dita? Ou você apenas ouviu o que você quis ouvir? — Eu choro, de repente furiosa. — Eu gostaria de matar aquelas pessoas. Eu anseio para sentir o seu sangue sobre minhas mãos. E se você não estava escutando, preste atenção - eu vou implorar para Lúcifer me foder em seus cadáveres frios.

Ele deixa cair suas mãos, apertando os punhos ao seu lado. — Foi apenas um sonho ruim, Eden.

— Um sonho que eu tive durante quatro anos consecutivos. E sabe de uma coisa? Eu não acordava gritando o tempo todo. Não. Às vezes eu estava tão molhada entre minhas coxas que minhas calcinhas estavam ensopadas. Às vezes eu acordava com meus próprios gemidos de prazer. E às vezes eu estava tão excitada que me machucava com meu próprio dedo saboreando a carnificina. Você não vê, L? Você está perdendo seu tempo comigo. Seria melhor se eu estivesse morta!

Ele vê o brilho nos meus olhos selvagens ao mesmo tempo que o pensamento surge na minha cabeça. Ele balança a cabeça. — Não.

— Por favor. Por favor, Legion. É a única maneira que eu posso garantir a segurança de todos. É a única maneira de parar o Chamado. — Eu estou me movendo em direção a ele com as mãos implorando enquanto ele se afaste, se recusando a ouvir a razão.

— Não.

— Não há nada que possamos fazer. Isto é o que precisa ser feito para o bem maior. Não é isso que os Se7en são? *Matam um para salvar um milhão?* Mata-me. Não me deixe ser a causa de ainda mais dor e conflitos.

— Eu disse que não, Eden! — Ele ruge.

Com lágrimas nos meus olhos avermelhados, eu olho para ele, implorando pela misericórdia da morte. Não a minha misericórdia. A deles. Não importa de que jeito, isso não vai acabar bem para mim. E sabe de uma

coisa? Não é suposto. Eu não quero levar qualquer outra pessoa para baixo em chamadas comigo.

— Você vai ter que fazê-lo... eventualmente. Você vai ter que me matar. E está ok. Só por favor... não me deixe me tornar um monstro.

Suas costas batem na parede, ele fica encurralado pelo meu corpo tremendo. — Eu não posso, Eden. Eu não posso te machucar.

Eu aceno em compreensão solene, respirando a dor. Não é a mim que ele quer salvar. Nunca foi. É ela.

— Não. — Ele balança a cabeça. — É mais do que isso. Eu acho que você sabe disso. Eu acho que você soube o tempo todo.

— Como eu poderia? Eu só sei o que você me diz, que não é muita coisa. Diga-me, Legion. Por que você se importa? Por que você está mesmo desperdiçando seu tempo em uma causa perdida?

— Você não é uma causa perdida.

— Sério? — Eu jogo minhas mãos para cima em frustração histérica. — Por que até onde eu estou vendo, meu futuro parece muito, muito sombrio. E meu presente não é tão grande também. Diga-me: pelo que mais eu tenho que viver? Que razão que eu tenho para lutar contra o inevitável?

— Você tem a sua irmã.

— Hmph— Eu zombo, virando as costas para ele. — Você me matar será a melhor coisa que já aconteceu com ela. Ela tem um novo lugar para morar, ela tem conforto e segurança. Agora, ela não tem que se sentir culpada por passar o tempo com seu namorado e realmente viver sua vida para melhor.

— Você tem a sua mãe. — Eu o ouço dizer atrás de mim. Ele está mais perto agora, mas eu não me viro.

— Minha mãe? *Minha mãe?*! Eu nunca tive uma mãe. Apenas uma louca psicopata por Jesus que pensou que ela estava fazendo a vontade de Deus, tentando me matar. Ela seria a primeira da fila para cuspir na minha sepultura.

— Você tem...

— Patético, né? — Eu sorrio sarcasticamente. — Eu passei a minha vida inteira evitando quaisquer relacionamentos permanentes. Nunca me importando, nunca chegando perto demais. Nunca deixando alguém entrar para ver o que eu realmente sou, por medo de que eu iria prejudicá-los. Você sabia que eu nunca tive um namorado? Inferno, eu nem sequer já estive em um encontro adequado antes. Agora você me diga: por que lutar por alguém que não vale a pena salvar? A menina que ninguém sentiria falta?

O silêncio se estende entre nós como um elástico desgastado.

— Eden...

Balanço a cabeça ao som de meu nome. As mãos quentes levemente apertam meus ombros, me segurando no lugar. — Encare. É mais fácil dessa maneira. É... melhor para todos. — Eu engulo a emoção grossa na minha garganta e tento dar de ombros fora de seu alcance, mas eu sou muito fraca. Nada além de uma boneca quebrada e frágil que deveria ter sido descartada há muito tempo. — Eu não tenho nada nem ninguém para viver de qualquer maneira.

— Você tem. — Sua voz é apenas um sussurro rouco. — Você me tem, Eden. Viva para mim. Espere por mim.

Me viro para encará-lo, com as mãos ainda apoiadas sobre os meus ombros trêmulos. — Por quê?

Os olhos de prata brilham na luz da noite escura. — Porque desde o primeiro momento que te vi — através da janela suja daquela loja, com seus fones de ouvido, ignorando os perigos à sua porta — Eu sabia que eu morreria por você. Então, por favor... viva para mim. Só por um pouco mais.

Suas palavras se incorporam no espaço vazio no meu peito, irradiando luz e calor. Elas deslizam através de mim como fogo líquido, chamuscando os mortos, restos frios das minhas dores do passado, transformando a dor e abandono em cinzas. Eu não quero acreditar nele. Eu não quero que ele me dê esperança apenas para arrancá-la. Mas eu tenho tão pouco para me agarrar nesses dias. Então, talvez... talvez eu possa acreditar nele, esta besta de um homem que faz meu coração bater com temor e alegria sempre que ele está próximo.

Eu corrijo meus lábios para dizer-lhe apenas isso, mas antes que eu possa, uma batida soa na porta. Meu primeiro pensamento é que sejam Toyol

e Phenex, vindo me verificar, mas quando eu dou um passo em direção a porta, Legion rapidamente gira meu corpo ao redor, me pondo atrás dele.

— O que é isso? — Eu sussurro, olhando ao redor de seu corpo duro como se a porta fosse implodir a qualquer momento.

— Feiticeiro. — Ele faz uma careta, como se pudesse provar quem está a poucos metros de distância. — E vampiro. Fique aqui.

Com em um acesso de raiva, ele vai para abri-la, uma mão colocada em suas costas, onde sua 9 milímetros está presa na cintura. Eu prendo a respiração. Vampiro? Merda, eu realmente quero saber?

Contemplo escapar para o quarto dos fundos, mas antes que eu possa, Legion abre a porta, um sorriso de escárnio irritado em seus lábios.

— Oh, desculpas. Estou interrompendo? — O rei das trevas diz presunçosamente, aquele sorriso permanente perfeitamente no lugar. Cyrus está atrás dele, sempre tão silencioso e letal, como um vampiro seria. Então é isso que Dorian deve ter falado sobre transformar Legion. Ele quis dizer transformá-lo em um vampiro. Mas como?

Não pergunte. Digo a mim mesmo. Eu tive muitas revelações para o dia. Tenho certeza que mais uma poderia me jogar sobre a borda.

— Há algo que você precisa? — A voz de Legion é tingida com aborrecimento. Dos três homens, ele é melhor combinando com Cyrus no departamento de tamanho e força, mas há algo sobre Dorian, algo escuro e ameaçador, que me diz que ele não tem nenhuma necessidade de músculos imponentes e altura. Ele poderia matar com apenas um piscar de seus olhos azuis pálidos.

Mas isso não quer dizer que Legion não é capaz do mesmo. Ele está tão envolto em segredos e mitos tácitos de que eu não posso ter certeza. Eu sei que ele é um assassino, mas de quantas maneiras ele poderia rasgar alguém? Tenho a sensação de que as possibilidades são infinitas.

— Eu vim com uma oferta de paz. De minha família para a sua. — Ele acena com a mão e a porta é completamente aberta, permitindo-lhe caminhar casualmente para dentro. Cyrus segue silenciosamente.

— Qual é o truque? — Pergunta Legion. Seu tom é quase educado, mas o tique frenético de sua mandíbula diz o contrário.

— Sem truques. — Dorian responde, sua expressão sóbria. Ele nem sequer sorri com condescendência. — Minha esposa tornou-se apaixonada pela garota. E vê-la prejudicada iria magoá-la. Estou aqui para tentar remediar isso.

— Você pode parar o Chamado? — Pergunto. Eu não consigo manter a esperança cega de chegar na minha voz.

— Infelizmente não. Os sinais do Chamado são uma progressão natural desencadeada por estresse e tempo. Eu não posso impedi-lo, assim como eu não posso impedir você de envelhecer, mas posso atrasá-los. Posso dar-lhe mais tempo.

Mais tempo? Para quê? Pelo o que eles estão esperando?

— Mais uma vez, qual é o truque? — Legion interage, pisando na minha frente. Ele arriscou tudo por mim. O que mais poderíamos negociar?

— E mais uma vez, não há truques. Eu não sou o que você pensa que eu sou, Legion. Eu nunca fui. O tempo em que você viu isso já passou.

Dou uma olhada em torno do bíceps de Legion, eu assisto os dois homens partilharem um olhar ponderoso, como se houvesse uma comunicação telepática. Legion conhecia Dorian antes disso? Como? E quando? Merda, se Legion tem bilhões de anos, quantos anos o rei das trevas tem? E os outros saibam? Parecia que Toyol tinha a conexão através de Cyrus. Obviamente, ele não estava a par do fato de que Legion sabia mais sobre a monarquia das trevas do que deixava transparecer.

— Tudo bem. — Legion diz, balançando a cabeça uma vez. — Faça o que tiver que fazer, contanto que você possa garantir que ela sairá ilesa.

— Você tem minha palavra. — Dorian vira seu olhar para o quarto. — Lá. E vamos precisar de privacidade. — O corpo inteiro de Legion se contrai, não há dúvida de que ele vai se opor com veemência, quando o rei balança a cabeça. — Ela vai estar segura. No entanto, você precisa ficar por perto. Ela vai precisar de você depois. — O rei estende a mão para mim, não se dissuadido pela massa de demônio em pé entre nós. — Venha.

Eu olho para a palma da mão estendida e olho para Legion. Seus olhos de prata tomados com a incerteza, no entanto, ele me dá um único aceno. Ele está relutante em me deixar sozinha com Dorian, mas ele sabe que é seguro. Ele não estaria respirando se ele representasse uma ameaça.

Eu pego a mão do rei, sem sequer ainda ter parado o tremor sutil. Ele dá-lhe um aperto suave de confiança e me leva para o quarto. Eu não sou tola o suficiente para acreditar que qualquer coisa remotamente sexual estaria indo acontecer. Gabriella não parece o tipo que partilha, e considerando que seu poder excede em muito qualquer coisa que o mundo já tenha visto, duvido que ele seria estúpido o suficiente para testar os limites de sua tolerância. Além disso, ele está aqui por ela.

— Deite-se. — Ele instrui, sua voz uma carícia suave. Tão diferente do tom arrogante que ele usou durante a nossa primeira visita hoje cedo.

Eu faço como instruído, meu corpo duro como uma tábua em cima do edredom de cetim. Eu nem sequer me preocupo em tirar os sapatos.

— O que vou fazer com você não vai doer, no entanto, pode parecer desorientador. Sua mente e, essencialmente o seu coração, estarão abertos, permitindo que todos os seus medos e fantasias dominem completamente suas emoções. Você entende?

Concordo com a cabeça, através do meu medo.

— Bem. Agora respire fundo. Pense em algo que lhe trouxe felicidade. Algo que fez você se sentir amada e viva. Concentre-se nisso. Guarde isto.

Suas palavras sinceras perfuram através do meu crânio, reverberando com um senso de autoridade. Me encontro folheando o arquivo da minha mente, mesmo sem querer. Eu não luto contra o impulso. Eu não posso.

— *Você é tão bonita. — Ele acaricia o meu rosto com as costas da mão. É a única parte dele que eu considero macia, além de seus lábios cheios. — Você sabe disso, certo?*

— *Você diz isso o tempo todo, mas com uma reverência que nunca vou compreender.*

— *Isso é porque você não pode ver o que eu vejo. Você não pode sentir o que eu sinto quando eu beijo seus lábios. Você não cheira a luz do sol em seu cabelo. Você não pode provar o leite e mel entre suas coxas. Mas eu posso. E tudo sobre você, todo o seu ser, é absolutamente lindo.*

Eu não tenho nenhuma resposta, então eu simplesmente me inclino até deslizar os dedos em seus cabelos, e trazer seus lábios nos meus. Ele me beija profundamente, me bebendo. Sua língua firme e grossa, assim como o resto dele, mas ainda assim, seus

beijos são macios e flexíveis. Eu suspiro em sua boca, e o puxo mais perto, desejando sentir sua estrutura sólida pressionada contra a minha. Ele ri enquanto eu gentilmente agarro suas costas.

— Devagar, baby. Eu não quero te machucar.

— Você não pode me machucar. — Eu sorrio em sua garganta, lambendo uma trilha a partir do seu queixo, passando sobre seu pronunciado pomo de Adão e paro na clavícula. — A menos que eu deixe.

— E sob que circunstâncias você deixaria? — Ele aninha seu corpo entre minhas pernas, e desliza a palma para cima da minha coxa nua, separando mais amplo.

— Quando você raspa os dentes ao longo da minha caixa torácica e mordisca até chegar no meu quadril. — Eu gemo.

— Assim? — Ele desce até que eu sinta a boca quente e úmida embaixo do meu osso do peito.

Então, ele levemente arranha a pele fina, viajando para baixo na minha pélvis arqueando.

— Sim! — Eu respondo sem fôlego, a sensação em algum lugar entre cócegas e ardor. — E quando você puxa meus mamilos entre os dedos e aperta. Eu deixaria você fazer isso.

Na sugestão, ele alcança até rolar a carne já endurecida entre o polegar e o indicador antes de beliscá-los com pressão suficiente para me fazer respirar bruscamente com a picada de dor. Tão bom... tão bom que eu não posso deixar de agarrar o meu outro seio e amassá-lo, imitando seu ataque.

— Você está indo bem, Eden, — Dorian sussurra de longe. Sua voz é um bálsamo, calmante e curativo. Ele persuade a memória fabricada.

— Me conte mais. — Ele rosna contra a minha pele. Ele pulsa contra a minha perna, duro e pronto. Seu corpo implora por alívio, mas ele gosta de seus jogos. Ele adora me provocar até que nós dois estejamos por um fio. E quando nossos corpos colidem, quando ele enterra-se dentro de mim com força suficiente para fazer estremecer os céus, nós dois quebramos além do impacto. Amá-lo é uma lição de moderação. Eu me contenho diariamente de montá-lo sempre que eu o vejo. Eu contenho meu coração de revelar o quanto eu realmente o amo.

— Eu deixo você me machucar... — Minha voz racha sob a tensão de tentar me segurar dele. — ... quando eu deixo você me deixar. Todos os dias, quando você tem que

ir e fingir para eles... fingir que não somos amantes, me dói profundamente. Mas eu deixo que isso aconteça, porque eu sei que tem que ser desta maneira. Não é seguro para nós de outra forma.

Ele para sua mordida brincalhona e levanta sua cabeça, sua expressão está sombria. Sua boca sensual se abre, mas eu balanço a cabeça, não querendo ouvi-lo.

— Eu sei, eu sei, — Eu digo, lágrimas brilhando nos meus olhos. — Eu sei que não há nada que possamos fazer.

Seu olhar pensativo cor de prata estuda meu rosto. — Deixe-me ir a Ele. Explicar. Talvez se nós mostrarmos que isso é real, que nosso amor é verdadeiro e puro, ganharemos Sua misericórdia.

— Não. Você sabe que não é possível. Se Ele descobrir...

— Não será importante se o Criador conceder a sua bênção?

Balanço a cabeça e mais uma vez o puxo para mim, alinhando seu rosto deslumbrante com o meu. Ele é, e sempre será o ser mais deslumbrante que eu já vi. — Eu não preciso de ninguém para me dizer o que eu já sei. O que temos é real, bom e belo. Ninguém pode tirar isso de nós. Não importa o que alguém diz, eu sei dentro do meu coração. Eu te amo e sempre te amarei. Mesmo quando eu for apenas um eco no vento e meus ossos serão partículas de poeira entre as estrelas, eu te amo com cada polegada do meu corpo e da alma.

Ele me beija como se ele estivesse tentando provar meu coração dolorido e lambe suas feridas sangrando. Eu o beijo como se eu estivesse tentando reescrever o nosso destino com a ponta da minha língua.

Ele me penetra rapidamente com um desespero que sinto em minha espinha. Eu grito, mas peço-lhe para continuar. Me machuque. Machucar-me é tão bom. Talvez ela vá superar a dor no meu peito.

— Só um pouco mais de tempo, Eden. — Soa a voz distante de Dorian. Ele canta em voz baixa, as palavras fundindo em um zumbido baixo.

O estaze me leva em ondas violentas, emitindo um brilho branco da nossa pele suada. Ele combina com meus gemidos e com seus gemidos. Ele encontra meus gritos com seus assobios.

Aperto seus ombros fortes enquanto ele esvazia sua paixão em mim, criando um atrito liso na minha carne inchada, ainda tremendo em torno dele. Ele não para, flexionando os quadris até que eu sinta a construção onda novamente, desta vez mais

forte e mais devastadora do que antes. Eu não posso achar minha respiração. Eu sinto que estou morrendo, me afogando em seu profundo mar de agonia deliciosa uma e outra vez.

— *Segure-se em mim.* — *Ele range os dentes cerrados.* — *Espere e nunca me deixe ir...*

— Está feito. — Eu ouço Dorian dizer. Meus olhos ainda estão fechados, mas eu sinto sua presença, sua magia percorrendo sobre mim.

— O que você fez com ela? — Rosna Legion. Há calor ao meu lado, que transpira intensidade e faz com que pequenas gotas de suor se reúnam em meu peito.

— Ela está bem. O feitiço foi eficaz, mas a deixou vulnerável. Suas emoções estão completamente expostas. Seja gentil com ela. Ela vai precisar de você, e ela não será capaz de entender o porquê. — Há um momento de silêncio, então Dorian pergunta: — Será que ela sabe?

— Não.

— E os outros?

— Phenex.

— E como você espera explicar isso a ela quando for revelado? Você realmente acha que ele vai deixar isso pra lá?

— Não é da sua conta, bruxo. Você a ajudou, e por isso eu sou grato. No entanto, isso está acima de seu nível.

Ele solta uma risada baixa. — O que você disser, demônio. Basta lembrar-se do nosso negócio.

Passos suaves vão para longe da minha posição na cama e param. — Tenha cuidado com ela. — Adverte Dorian. — Seu coração é... frio, mas frágil. Se você machucá-la, ela vai quebrar como gelo. Então você terá que responder a Gabriella.

O clique da porta é a última coisa que eu ouço antes de cair em um sono profundo e sem sonhos.



VINTE E TRÊS

Minha pele está pegando fogo.

Eu estou tão quente. Eu posso sentir o sangue ferver nas minhas artérias. Eu me debato, buscando alívio, mas eu só acabo colidindo com mais calor esmagador. Tão duro e ao mesmo tempo suave e convidativo. Eu envolvo meus braços ao seu redor, tentando mantê-lo contra meus seios sensíveis. Eu machuco e arranho, querendo me tingir com o seu fogo fundido.

— Calma, foguete. — um sussurro áspero faz cócegas em meu ouvido. Seus lábios mordem a delicada pele onde meu queixo se encontra com o meu maxilar.

— Mmmmm — Eu ronrono. — Mais.

— Sim? — Ele corre seus dedos em meu ombro, afastando meu cabelo pálido para um lado. Eu o sinto traçar uma linha no meu pescoço com a ponta do seu nariz, farejando minha pele quente.

— Isso é tão bom. — Eu suspiro quando alfinetadas se espalham pelo meu braço. Mais, mais, mais, eu mentalmente mendigo. Ele recompensa o meu apelo silencioso, deslizando as mãos pelo meu braço e entrelaçando nossos dedos. Seu toque é como heroína em minhas veias. Eu estou selvagem

e viciada nesta beleza exuberante, brilhando como diamantes estilhaçados ao sol.

Nós deitamos no escuro, cara a cara, nossas pernas entrelaçadas, como videiras torcidas, debaixo dos lençóis. As minhas estão nuas, muito parecidas com o resto de mim, salvando minha calcinha e sutiã. O peito de Legion está nu, mas as calças cobrem a parte inferior de seu corpo. Olho para os meus seios cobertos de renda, querendo saber onde minhas roupas foram parar, mas grata por sua ausência na minha pele escaldante.

— Você as rasgou. — Legion diz, respondendo a carranca leve na minha testa. — E as minhas também. Você teria desfeito as calças se eu não tivesse parado você.

— Por que você fez? — Eu sussurro, me aconchegando mais perto de seu peito nu.

— Porque eu acho que você só quer o que está por baixo.

— Eu não acho que eu quero. Eu tenho certeza. — Eu escorrego minha mão entre nós, puxando a fivela do cinto. Ele agarra minhas mãos em uma das suas, acalmando minha antecendência.

— Não, você não quer fazer isso, Eden. São os efeitos da magia. Eles podem fazer os seres humanos insaciáveis, irracionais. Ele vai sair da sua mente em breve. Basta tentar descansar.

— Por favor! — Eu imploro, lutando para libertar minhas mãos. — Eu te quero tanto. Dói. — Eu aperto minhas coxas juntas, tentando apagar o fogo fervendo no meu núcleo. Ele só se torna mais quente, mais brilhante.

— Eu não quero feri-la. — Sua voz é suave, sua respiração agitando o cabelo que cai na minha testa.

Eu nem reconheço minha própria voz. É muito ansiosa, muito crua com a necessidade.

— Eu não me importo. Por favor. Faça parar de queimar.

— Eu não posso. — Seu próprio tom ríspido é atado com um toque de desespero. — Não como você precisa que eu faça.

— Por favor. Basta fazer algo. Qualquer coisa.

Ele suga uma respiração, preparando sua resolução. — Ok. Mas... mãos para si mesmo.

— Como? — Minhas mãos estão queimando com a necessidade de tocá-lo. Ele é quente, mas de alguma forma, ele acalma a chama que ruga sob a minha pele.

— Apenas tente. Se você quiser que eu a ajude, você tem que fazer o que eu digo.

— Ok. — Eu lamento, à beira das lágrimas. — Basta levá-lo embora. Apague o fogo em mim.

Ele gentilmente me empurra até que eu estou de costas, e joga o lençol longe. Por reflexo, eu abro as pernas mais amplas, acolhendo-o em meu núcleo.

— Cuidado. — Ele adverte, ajoelhado entre minhas coxas abertas. Eu quero envolvê-las em torno dele, e puxá-lo mais perto, mas ele me para, agarrando-me na altura dos joelhos. — Estou falando sério, foguete. Tente ficar quieta.

— Mas e se eu não puder?

— Então eu não posso te tocar. E você quer que eu te toque, certo?

— Sim. — Eu respondo muito rapidamente. — Eu vou ficar quieta.

A luz da lua corta uma sombra de prata em seu rosto e peito enquanto ele olha para mim, mil supernovas deslumbrantes em seus olhos. Elas parecem brilhar enquanto ele lentamente desliza as mãos de meus joelhos até meus quadris. Eu gemo, jogando a cabeça para trás. Aqueles dedos calejados tremem sobre o laço. Eu silenciosamente imploro para ele, quase me desintegrando em cinzas apenas a partir da fricção de seu toque ardente. Ele toca as minhas costelas, acariciando cada uma, antes que ele acaricie seu caminho para o meio da minha barriga. A pressão aumenta no meu umbigo, um nó duro e latejante que rouba o ar dos meus pulmões. Ele brilha dentro do meu ventre, batendo com o seu próprio batimento cardíaco hedonista. Mais rápido, mais forte, mais profundo dentro de mim até que eu suspire pelo ar. Seu peso me ancora na cama enquanto eu me afogo em uma chuva torrencial de prazer. Então, de repente, o nó explode em um milhão de fragmentos irregulares do orgasmo, cada fragmento esfaqueia minhas terminações nervosas hipersensíveis até doerem com o êxtase. Eu me lanço para fora da

cama, meus movimentos não são mais meus, e grito. Seu aperto na minha cintura, pressionando o nó dentro de mim até que ele é expulso em cada gota de felicidade agonizante.

— Respire profundamente. — Legion instrui. — Deixe fluir através de você.

Minha coluna é uma tábua rígida, mas minhas pernas estão como geleia. Apenas suas mãos me seguram, minha boceta alinhada com a fivela do cinto. O metal frio morde meu monte inchado, adicionando mais sensações.

— O-o que você fez para mim? — Eu gaguejo, minhas palavras arrastadas.

— Eu cuidei de você. Um pouco bem demais, eu vejo. Merda, você está encharcada. — Ele resmunga, olhando para a faixa de renda preta entre as minhas coxas, sem dúvida, encharcada com o meu orgasmo. Mesmo na luz fraca, eu o vejo lambe os lábios.

— Prove. — Eu sussurro, através de respirações ofegantes.

Seus olhos brilhantes piscam nos meus. — Pare com isso.

— Faça. Eu não vou tocar em você. Você nem sequer tem que tirar minha calcinha.

— Você não sabe o que você está pedindo.

— Eu sei exatamente o que estou pedindo. Eu quero isso. Você quer isso.

Uma guerra se trava em seu olhar ameaçador pelo que parece uma eternidade. Então, muito rapidamente para os meus olhos humanos, ele se inclina para baixo para encontrar minha metade inferior elevada, e descansa as costas dos meus joelhos em seus ombros.

Se eu soubesse que eu desmoronaria uma segunda vez apenas pela raspagem de sua língua quente contra a minha pele, eu teria me preparado. Mas antes que eu possa sequer tomar uma respiração profunda, eu estou gemendo, uivando seu nome, enquanto ele lança a pele macia entre meu sexo inchado e a parte mais sensível da minha coxa. Um rosnado baixo envolve sua garganta enquanto ele saboreia cada gota que escapou da minha calcinha. Eu quero implorar para ele tirá-las, mas eu não posso. O som dele provando o gosto de mim, a sensação de sua língua grossa e firme me lambendo, chupando e — oh, merda — mordiscando... palavras coerentes me faltam

completamente. Eu só sei que é úmida. E quente. Eu só sei que este prazer consome tudo, fazendo meu sangue brilhar com luz de prata e fogo dourado.

Ele devolve o meu corpo saciado para a cama. Sua boca ainda brilha com os restos de minha libertação. Nós olhamos um para o outro, cada um de nós precisando de mais para reprimir o desejo rugindo em nossas veias.

— Beije-me. — Minha voz é rouca de gemer e gritar.

— Eden...

— Por favor. Se você não vai me deixar provar qualquer outra parte de você, pelo menos me deixe saborear seus lábios.

Ele fecha os olhos, deixando o queixo tocar o peito. — Você vai esquecer isso. Você vai esquecer que me quer tão mal quanto eu quero você, merda, tão mal como eu queria você por mais tempo do que você tem estado viva. Você vai esquecer o que você sentiu esta noite, enquanto o gosto de você estará para sempre incorporado na minha língua. Você vai acordar amanhã sem nenhuma noção de que eu fiz você gritar com apenas meu toque, enquanto eu ainda vou sentir seu cheiro na minha pele. — Quando ele levanta a cabeça, a tristeza perolada se arrasta dentro de suas profundezas brilhantes. — Então, se você tem que esquecer, e eu sei que você vai, eu não quero te beijar. Não essa noite. Eu quero salvar esse pedaço de nós para um momento em que você vai se lembrar, para um momento em que você vai querer se lembrar. E eu quero que você toque seus lábios dias depois e sorria com a memória. Eu não vou tirar o seu livre arbítrio. Eu não posso roubar isso de você.

— Legion... — Eu não sei o que eu posso dizer para garantir-lhe que isto é tudo o que eu queria há muito, muito tempo. Mesmo quando eu não o conhecia. Mesmo quando eu achava que não havia alguém lá fora neste vasto universo solitário para mim.

Ele me puxa para escovar o polegar sobre meu lábio inferior. — Eu gostaria de não ter que fazer isso.

Quando ele leva esse mesmo polegar para acariciar seus próprios lábios, eu despenco em um mar de escuridão, salpicada de manchas de poeira estelar prata.



Eu estou acordada sob um manto de sol quente fluindo através das pesadas, cortinas douradas. O pânico enche meus pulmões, e eu abafro um grito quando percebo duas coisas importantes:

Um: Eu estou quase nua, com apenas meu sutiã e calcinha.

Dois: Legion está dormindo profundamente ao meu lado.

Meu corpo se sente... diferente. Nada é ruim — não em tudo — mas diferente. Há uma ternura abaixo, do tipo que ecoa com os restos de um pulsar profundo. Eu aperto minhas coxas juntas, acendendo uma memória fabricada de umidade e calor, e suspiro, me deleitando com um sussurro de prazer fantasma. Eu sei que nós não dormimos junto, o que é muito evidente. A última coisa que lembro é o rei das trevas lançando um feitiço para retardar a progressão do Chamado depois... nada. Ainda assim, eu não acredito que Legion iria me estuprar em meu sono, não quando ele tinha mais espaço e oportunidade de fazê-lo em meu cativeiro. E considerando que ele é celibatário, por que comprometer seus votos por uma causa perdida com a moral distorcida e um destino escuro? Ele poderia escolher qualquer mulher no mundo — sobrenatural ou não. Eu não sou nada. Não comparado a tudo o que me disseram desde a semana passada.

Eu engulo um nó de tristeza ilógico, e rolo para enfrentar sua forma dormindo. Seu rosto parece tão pacífico no sono. Vulnerável, calmo. Tão diferente de sua carranca habitual. Mesmo com sua disposição grosseira e indiferença, ele seria o tipo de cara que eu poderia me apaixonar. E talvez meus demônios poderiam encontrar consolo naquelas almas perdidas que parecem girar na profundidade de seus olhos. Mas isso nunca iria acontecer, mesmo que não estivesse condenada. Mesmo que eu fosse apenas uma garota normal e ele fosse apenas um cara normal. Estou um pouco perdida demais neste momento para ser encontrada. Mesmo por ele.

Sem pensar nas consequências, sem entender meus motivos por trás disso, eu acaricio sua mandíbula. É tão forte e dura sob meus dedos como parece, e a barba curta que varre o seu rosto da bochecha até o queixo, é tão suave. Eu imagino como seria essa barba escovando meu rosto, meus seios, minhas coxas. Então eu os excluo da minha cabeça completamente. Meus pensamentos são perigosos. Mesmo os que não infligem danos.

Com a necessidade de aliviar a minha bexiga, eu pulo para o banheiro com as pernas bambas. Meus membros dormentes como se tivessem sido esticados. Os efeitos da magia, digo a mim mesma. Essa é a única explicação. Um banho quente é realmente uma boa pedida, e depois de ontem, eu posso usar cada gota de água quente em todo este hotel.

Com nossos planos de voltar para Chicago hoje, eu me visto com um par de jeans, uma camisa e meus tênis brancos. Legion ainda está dormindo, então eu tomo a liberdade de pedir um pequeno café para o serviço de quarto. Curiosamente, há uma batida na porta apenas dez minutos depois. Eu não sei se a magia tem algo a ver com o serviço rápido, mas eu vou para a porta. Faltando dois passos de distância para a entrada do quarto, a forma gigante de Legion paira sobre mim, me impedindo de completar o caminho.

— O que...

— O que você pensa que está fazendo? — Sua voz é rouca de sono e fúria, e seus olhos são tão selvagens quanto seu cabelo despenteado.

— Abrindo a porta para o serviço de quarto.

Meu olhar se alarga quando ele dá um passo ameaçador em minha direção. Foi-se o homem que apenas dormia tranquilamente ao meu lado. — Isso não é o serviço de quarto, Eden.

Eu olho para a porta como se eu tivesse visão de raio-X. — Então, quem é?

Sem uma palavra, ele puxa e abre a porta de madeira entalhada, revelando Phenex e Toyol, ambos vestidos de couro preto. Equipamento de combate. Eles trocaram o traje habitual por camisas e calças sob medida desde que chegamos aqui. Isso deve ser sério.

— Notícias de Chicago. — Toyol diz como uma saudação, entrando no quarto com Phenex em seu rastro. — Tem havido uma atividade pesada de anjos.

— Atividade de anjos? — Eu franzo a testa. — O que os anjos fazem em Chicago?

Ele balança a cabeça. — Nós precisamos voltar o mais rápido possível. Cain disse que eles estão mantendo um olho nele, mas se as coisas se tornarem muito agressivas...

— Quaisquer indicações de quem são? E o que eles estão procurando? — Legion pergunta, todos os sinais de cautela desaparecem.

— Não, mas acho que poderíamos estar lidando com o Serafim.

O Serafim? De acordo com os pedaços de aulas de história de Legion e Phenex, o Serafim era o mais poderoso e mortal de todos os anjos. Phenex não era um antes de cair. Mas Legion tinha mencionado a palavra mais de uma vez quando se referiu ao seu passado. Se ele era um dos serafins ... então ele já foi um arcanjo.

Minha cabeça está dizendo *puta merda*, mas simplesmente é errado. Sacrilégio.

A carranca se aprofunda no rosto de Legion enquanto ele considera as palavras de Toyol. Mesmo quando ele está lá de braços cruzados sobre o peito, eu posso ver o poder sinistro vibrando do seu corpo. — Empacotem. Sairemos em dez minutos.

— E o rei das trevas? — Pergunta Phenex. — Temos negócios inacabados relativos ao acordo que você fez.

— Mais tarde. Precisamos chegar em casa.

Sua declaração é definitiva, os dois se viram e saem sem mais perguntas, me deixando sozinha para enfrentar um demônio com raiva incontida em seus olhos.

— Esteja pronta. — É tudo o que ele ordena antes de virar a caminhar para o quarto.

Nenhuma menção de ontem à noite. Não que eu esperasse uma. Não que qualquer coisa poderia ter acontecido.

Eu tomo uma respiração profunda, liberando a incerteza, e o seguindo para arrumar minhas coisas.



VINTE E QUATRO

A viagem de volta para Chicago parece uma corrida em direção a uma morte iminente.

Estou feliz de voltar para... casa? Mas não posso negar que eu gostava de viver no hotel The Broadmoor em Colorado Springs. O serviço de quarto, as acomodações luxuosas, a interrupção das carrancas constantes de Caim. Além disso, eu gostava de conhecer pessoas que sabiam quem eu era. Eu não tinha que esconder que eu era diferente. Eu não tinha que fingir que eu era normal por medo de ser considerada uma maluca perturbada. Gabriella não se assustou com a minha aparência ou tentou me dar algum elogio indireto chamando meu olhar de “nervoso”. Merda, ela provavelmente tem mais tinta do que eu. E para uma rainha — a rainha das trevas — eu acho que isso é muito foda.

Me remexo no meu lugar, tentando ficar confortável depois de andar durante as últimas três horas. Embora eu ache que Legion e eu estamos nos divertindo enquanto ouvimos minhas incríveis playlists no caminho para o Colorado, voltar a essa facilidade simplesmente não parece certo. Não com tanta ansiedade sobre o Serafim aparecendo em nossa cidade. Não com o seu agravamento tão palpável que chega a me sufocar. Não com o meu interior ainda pulsando uma batida estranha.

— Você fez bem nos últimos dias, — Diz ele, de repente, oferecendo sete das dez palavras que ele falou para mim desde que começamos nossa jornada para casa.

— Eu fiz?

— Você fez. Você lidou com a rainha quando eu fui deixado incapacitado e não poderia protegê-la. Você não se curvou ao rei. Eu acho que eles apreciaram sua coragem. Admiraram, mesmo. Eu não ficaria surpreso ao descobrir que é por isso que eles concordaram em nos ajudar.

— Por um preço extremamente alto. Eu honestamente não acho que valeu a pena, de qualquer forma.

— Não é seu preço a pagar. Eu fiz uma promessa a você, e eu pretendo mantê-la.

Me viro no meu lugar, olhando furiosamente para o lado de sua cabeça.

— Não é o meu preço a pagar? L, você está escolhendo morrer por mim. Você não acha que eu deveria ter uma palavra a dizer sobre isso? Considerando que eu queria fazer essa escolha, e você a tirou em mim?

— Eu apenas não estou morrendo por você, Eden. Eu estou morrendo por uma causa muito maior do que qualquer um de nós. Eu estou morrendo pela humanidade. Eu estou escolhendo negociar a minha vida para que você e pessoas como você possam ter uma chance de realmente ter uma mudança. — Com apenas uma mão no volante, ele esfrega a outra mão atrás da cabeça. Eu já andei por esta terra por mais tempo do que os seus antepassados mais velhos viveram. Se for isso o que vai me mandar de volta para o inferno, eu não posso imaginar uma causa mais nobre.

— Foda-se a nobreza. — As palavras são cuspidas dos meus lábios antes mesmo de eu ter a chance de detê-las.

— O quê?

— Você me ouviu. Você vai desistir de uma vida humana? Por uma menina egoísta, insegura que não pode controlar suas emoções? Isso é decepcionante. Pensei que fosse mais forte e mais esperto do que isso. O quão estúpido seria para você perder tudo que você fez pela sua causa, tudo que você fez para o Se7en, para alguém que torce almas por culpa dele. Eu não valho a pena, L. Você sabe disso, eu sei disso, e assim fazem todos os outros.

No entanto, tudo bem para você jogar mártir, mas não para mim. Certo? Isso é treta.

Sua voz é baixa, calma, apesar do meu discurso ousado. — Sua vida não é besteira. Não para mim.

— Bem, você seria o primeiro. — Eu respondo levianamente. — Se você soubesse o que eu fiz, a dor que eu tenho causado, você pensaria de outra forma.

— Somos todos pecadores, Eden. Alguns de nós apenas pecamos de forma diferente do que os outros.

Eu deixei suas palavras se desmancharem e virei meu olhar para a janela, terra marrom, plana e grama morta, um contraste com os ricos verdes esmeraldas das paisagens de Broadmoor. Nuvens cinzentas penduram acima de nós, ameaçando congelar a terra, estéril com o vento gelado. O silêncio no carro é ensurdecedor, então eu mexo no sistema estéreo e mudo para uma lista de reprodução rotulada, “Dark Days”. É o que eu escuto quando estou me sentindo particularmente emo.

— Por que você bloqueou seu número?

Eu não preciso perguntar de quem ele está falando. Minha irmã. Apenas o nome ecoando na minha cabeça obscurece meus olhos com emoção indesejada.

— Ela nunca teria me deixado ir. Ela nunca teria desistido de mim. Eu teria que mentir para ela todos os dias, e merda... Eu estou tão cansada de mentir. Para ela. Para mim mesma. Ela teria se sentido responsável por mim, como se ela tivesse feito algo errado, e eu não posso lidar com ela se culpando. A minha culpa é uma coisa, mas a dela...

— Você a ama.

Eu olho para ele, perguntando se ele pode ouvir meu coração quebrado.

— Sim.

— Eu não teria impedido, você sabe... se você falasse com ela.

Eu balanço minha cabeça. — Teria lhe dado falsas esperanças.

— Não há nada falso sobre a esperança, Eden. — Ele diz, sua voz tremendo com um timbre nostálgico, como se ele já tivesse sentido, provado, e

manteve a esperança em suas palmas. — Pode ser cega, tola até mesmo, mas nunca é falsa. Não se você realmente sente em seu coração.

— E o seu coração? — Eu pergunto, lembrando-me do vazio frio no peito quando meu rosto estava contra o dele sob o manto da noite.

— Às vezes, sente demais. Outras vezes, ele não sente absolutamente nada.

Suas palavras são vazias, um fantasma que varre através do pequeno espaço entre nós. Ele me insulta, me atrevendo a desafiá-lo com a minha própria fragilidade humana. Eu não acredito que ele é desprovido de sentimento, considerando tudo o que ele me fez sentir no espaço de poucos dias. Mas o lado trivial e excessivamente sensível faz com que eu me preocupe que esses sentimentos podem não ter nada a ver comigo. E isso... dói.

A calma se instala dentro do carro, e eu o preencho com meus próprios pensamentos torturantes. O que será de nós? Eu não o odeio. Eu particularmente não gosto dele. Ele é jovem, reticente, e teimoso como o inferno. E se eu realmente estou sendo honesta, francamente assustador. Mas há também um lado dele que é compassivo e, ousado dizer, gentil. E ele é ferozmente protetor e leal. Todos aqueles momentos em que eu estava quebrada e vulnerável, ele poderia ter se aproveitado. Mas não. Ele tem sido irritantemente, virtuoso.

Para meu alívio, chegamos em um posto de gasolina para abastecer. Eu fiquei sem usar o banheiro por quilômetros, mas eu não podia mais segurar minhas necessidades mortais sem ser mais um fardo.

— Onde você está indo? — Pergunta Legion quando eu pulo para fora do carro atrás dele.

— Banheiro.

Ele abre a boca para protestar, mas eu aceno para ele. — Ou vai acontecer lá ou em seus assentos de couro. Sua escolha. — Quando ele fecha a boca, asseguro-lhe. — Eu vou ser rápida. Prometo.

Mantendo minha palavra, eu rapidamente me alivio e faço o meu caminho de volta para a loja de conveniência, decido pegar um par de bebidas e lanches para a estrada. Eu acho o Arizona Ice Tea e sorrio. Talvez isso vá acalmar as coisas. Eu não aceito que passemos as próximas horas treze horas e meia em silêncio. Eu prefiro que ele reclame para mim a andar ao lado dele

fingindo não perceber cada vez que aqueles olhos de prata se deslocam por trás de seus óculos escuros.

Eu espio as costas largas da Legion, vestido com uma jaqueta de couro desgastado, na parte da frente da loja. Ele deve ter vindo pagar enquanto eu estava no banheiro, provavelmente, apenas ansioso para me dar uma olhada e não me deixar longe de sua vista. Resistente. Ele não pode jogar de guarda-costas e babá para sempre.

— Bem, se você está feito sendo Mr. Doom and Gloom. — Eu provoco, vindo pelo corredor das batatas. — Eu tenho uma pequena surpresa para...

— Eden, não se mova.

O tom escuro de sua voz faz minhas pernas congelarem. Isso é quando eu noto as mãos levantadas ao lado do seu corpo e da calma estranha da loja. Eu olho para a minha esquerda para ver um homem com uma arma apontada para a cabeça de Legion. À direita, há outro homem, também segurando um rifle nos braços.

O chá gelado e refrigerante deslizam dos meus dedos, pulverizando líquido adocicado aos meus pés.

— A menina vem com a gente. — Diz o homem à minha direita. — Eu não queria fazer isso, mas meu sócio vai salpicar o seu interior como bilhetes de loteria.

Demônios? Não. *Merda* - humanos.

— Eu não posso deixar você fazer isso. — Responde Legion, sua voz calma e mortal.

— Ah, é? — O idiota com o rifle diz. Ele é quase tão grande como Legion, um lutador treinado. Eu não posso ver muito de seu rosto, mas uma mecha de cabelo loiro espreita para fora, debaixo de uma máscara preta. — Bem, considerando que eu tenho armas apontadas para seus amigos lá fora, bem como em torno deste edifício, seria sábio para você reavaliar suas prioridades. O seu trabalho está feito, demônio. Ela é a nossa preocupação agora.

— Veja, é onde você está enganado, humano. — Legion cospe. — Se ela tivesse sido sua preocupação desde o início, não teria tido que intervir para

protegê-la. Então... se você gostaria de ver mais um dia de sua miserável, existência patética, você vai abaixar as armas, e andar para porra longe.

O homem solta uma risada, talvez por medo, ou histeria, ou ambos. — A imortalidade te fez arrogante. Vamos ver quão arrogante você vai ser quando eu o mandar de volta para o seu fabricante com um buraco em sua cabeça.

Com um movimento rápido, mais rápido do que qualquer um de nós pode ver, Legion está por trás do atirador, sua mão esquerda pressionando em seu dedo no gatilho. Com seu escudo humano, ele aponta a arma no cara com o rifle, enquanto ele mergulha e rola para trás do balcão de cachorro-quente. Legion atira pelo menos meia dúzia de balas antes de girar o atirador e quebrar seu pescoço como um galho, com um som de *clack* doentio.

— Vamos! — Ele ruge, mergulhando para mim, quando o cara com o rifle retorna o fogo.

Está tudo muito familiar. Tudo muito parecido com a cena a apenas um pouco mais de uma semana atrás. Mas desta vez, eu não vou gritar. Eu não vou chorar. Não vou vomitar de medo.

Mais dois atiradores humanos entram na loja, pulverizando balas em nossa direção. Legion rapidamente me gira para trás, protegendo meu corpo com o seu enquanto ele tira duas 9 milímetros de trás das costas e dispara rodada após rodada. Ele acerta os dois na cabeça com uma mira precisa. Mais dois aparecem, armados até os dentes. Nós estamos em desvantagem em número... muita. E depois de colocar para baixo mais cinco, nós ouvimos o *clique* que sela nosso destino. Estamos sem munição.

— Fique atrás de mim. — Ele sussurra duramente, me segurando em suas costas. Estamos agachados, meio rastejando nosso caminho através das embalagens de vidro e coisas quebradas. Meus joelhos e mãos estão sangrando, mas eu não sinto a dor. A adrenalina corre através de minhas veias, acalmando todos os impulsos de gritar ou chorar. Nós temos que sair daqui, e a perspectiva de fazer isso viva parece muito sombria.

Nós viramos uma esquina e quase colidimos com um humano segurando com o que se parece uma metralhadora. Legion bate seu braço para um lado antes que ele possa apertar o gatilho, e acerta seu rosto com o punho, fazendo com que o sangue espirre de seu nariz. Isso acontece em uma fração de segundo, mas é tempo suficiente para ele roubar a arma do homem e

colocar algumas balas em seu amigo apenas a alguns metros de distância. Sem sequer parar para olhar, ele se vira e aponta para a direita sobre o meu ombro, acertando mais seis no peito de um assaltante que se aproxima, sem sequer piscar.

Ele se move com a rapidez de uma víbora e a discrição de uma pantera. Se eu não soubesse melhor, acharia que ele é parte animal. Um homem com sua altura e este corpo largo não devia ser tão ágil e gracioso como ele, mas ele não é um homem. Nem um pouco.

Nosso caminho está repleto de cadáveres, Legion me pega em seus braços e corre para fora da loja de conveniência. Há mais cadáveres na frente, graças a Phenex e Toyol. É um mistério como as balas não atingiram as bombas de gás e todos nós não explodimos em pedaços.

— A Aliança. — Toyol grita em nossa abordagem. Suas Katanas brilham com sangue vermelho, pingando das lâminas como xarope de morango quente.

— Mais devem estar a caminho. — Phenex acrescenta. Ele parece tão equilibrado e elegante como ele sempre faz. Eu não posso imaginá-lo em combate.

— Vamos sair daqui, porra! — Grita Legion, colocando-me no chão para me atirar para dentro do carro.

— Ela está machucada? — Pergunta Phenex, reparando o sangue em minhas mãos e pernas.

— Eu estou bem. — Asseguro-lhe. Os cortes são superficiais. Eu posso limpar com apenas um kit de primeiros socorros. Além disso, a maior parte do sangue não é mesmo meu.

Legion salta no assento do motorista e acelera, cascalho solto levantando atrás de nós.

Ele nem sequer olha para mim até que estamos a milhas de distância.

— Você está bem? — A voz de novo... tingida com medo e gelo.

— Eu estou bem. — Eu repito, incapaz de encontrar quaisquer outras palavras. O kit no porta-luvas fez o truque.

— Merda. Merda! — Ele grita, socando o volante. — Eu deveria ter sido mais cuidadoso. Eu deveria ter verificado a loja. Se alguma coisa tivesse acontecido com você...

— L... — Eu coloco minha mão na sua, as juntas brancas com tensão. Ele se contorce, ainda nervoso da briga, mas eu não o deixo ir. Eu posso sentir a energia que flui através dele, fogo e violência em forma de sangue. — Estou bem. Não é sua culpa. Honestamente, eu deveria estar agradecendo. Eu estaria morta se não fosse por você.

Ele me lança uma rápida olhada, digitalizando todo o meu corpo. — Eu juro, por tudo o que eu sou, eu nunca vou correr riscos com sua vida novamente. Me perdoe.

— Não há nada a perdoar. — Eu finalmente removo a minha mão da dele e fecho no meu colo, capturando o sentimento de seu imenso poder na palma da minha mão. — De qualquer forma, eu deveria estar pedindo desculpas a você. Eles eram humanos. Eu poderia tê-los parado. Mas eu só... congelei. Eu deveria ter feito algo para ajudar.

Legion balança a cabeça. — Não é sua culpa. Você é inexperiente, sem foco. Eu não espero que você faça o que eu deveria ter feito.

— Então me ensine. — Falo me voltando para ele em meu lugar. — Me treine. Mostre-me como aproveitar meu dom e como usá-lo para lutar.

Quase um minuto passa antes que ele responda. — Não é o seu trabalho, Eden. Eu não espero que você coloque sua vida em risco mais do que você tem feito.

— Então... quem eram eles?

Ele solta um suspiro pesado. — A Aliança do ordenado. Uma sociedade secreta muito antiga que unifica todas as religiões do mundo para uma finalidade: Erradicar o mal.

O quê? — Assim, eles querem *me* eliminar?

— Não. Exatamente o oposto, na verdade. Eles acham que podem salvar sua alma. — Ele ri ironicamente, o som arrepiante atingem meus ossos. — Realmente isso é apenas o código para envolver você em uma camisa de força e prendê-la para o resto de seus dias. Entre outras coisas.

— Mas como... como é que eles sabem sobre mim?

— Provavelmente, muito parecido com o que sabemos sobre você. Os movimentos da Aliança abrangem todo o globo. Eles têm membros dentro de cada hospital, escola e instituição mental no mundo.

Merda.

Merda, merda, merda.

Para o que mais eu estive completamente cega? Quem mais poderia estar olhando para mim?

E em quem posso realmente confiar?

— Por que o Se7en e a Aliança não trabalham juntos? Desde que ambos estão caçando quem é Chamado?

— Porque eles são bajuladores sociopatas que não conhecem a Palavra mesmo se ela os mordesse em suas bundas hipócritas; — Ele rosna. — A Aliança não acredita em tirar a vida humana. No entanto, eles pensam que podem exorcizar o Chamado e salvar suas almas mortais, quando na realidade, eles estão condenando-os a uma existência muito mais grave. Tratamentos de choque. Espancamentos. — Ele passa rapidamente seu olhar zangado no meu caminho. — Lobotomias. Uma vez que eles realmente não matam suas vítimas, eles se sentem como se eles estivessem fazendo a vontade de Deus. A morte seria muito mais amável considerando o que eles fazem com suas vítimas.

— Morte. Exatamente o que o Se7en exige.

— Não é algo que nós queremos fazer, Eden. Se houvesse realmente outra maneira, nós...

— Eu sei, eu sei. *Matar um para salvar um milhão.* Mas por me salvar? Por que não passar por todo esse problema por qualquer outra pessoa?

Eu achei que ele resolveu me ignorar até que ele responde, vários segundos mais tarde. — Você é muito valiosa. Para nós. — Sua garganta trabalha enquanto ele engole. — Para mim.

— Por quê?

Com isso, ele realmente me ignora, concentrando-se no excesso de velocidade em direção a nossa cidade tomada pela guerra. Nós tomamos um caminho diferente, evitando as estradas principais, a fim de ficar fora de vista. Também torna mais fácil de dizer se nos seguiram ou não. Quando paramos

para abastecer, Phenex e Toyol varrem todo o perímetro, os banheiros também. Eu não protesto quando Legion insiste que ele vai ficar de fora da porta.

— Obrigada. — Eu me encolho, sem entender por que diabos estou agradecendo-lhe. Ele salvou minha vida sim, mais vezes do que posso contar em uma mão. Mas eu não entendo. E eu não compro toda essa explicação de Jumper. Não quando realmente não há nada nela para eles. Inferno, eles são demônios. Por que eles se importam?

Merda, por que *ele* se importa?

A vida curta com pessoas de merda e lares adotivos de merda me deixou cansada e insegura, mas por uma boa razão. Ninguém me mostrou qualquer outra coisa. Ninguém, apenas minha irmã.

E agora, mesmo ela é apenas uma sombra do meu passado.

Legion apressadamente me leva para o carro sob o manto da noite, com a mão na parte inferior das minhas costas. Mesmo com a dúvida cavando um buraco no meu cérebro, seu toque nunca deixa de me desarmar. Quando ele se instala ao meu lado e acelera o carro para a vida, apenas alguns segundos depois ele vira seu olhar de prata em mim, seu brilho ainda mais chamativo no escuro.

— Toda vida humana que eu tiro fica comigo. Me assusta. Eu os vejo nos meus sonhos. Eu os vejo sempre que eu olho no espelho. Eu ouço seus gritos dominando meus próprios pensamentos. Eden, se houvesse outra maneira, eu o faria. E talvez não podemos salvá-la. Talvez nós estejamos apenas prolongando o inevitável. Mas eu não posso fazê-lo. Minha alma é pesada demais para suportar mais uma morte injustificada.

Ele não fala o resto da viagem de volta para Chicago, mas eu aumento a música.

Esperando que ela abafe os gritos em sua cabeça.



VINTE E CINCO

— Então, o que diabos você está dizendo?

O rosto cheio de cicatrizes de Cain está marcado por uma carranca, seus olhos negros correndo de mim para o seu líder. Nós mal tivemos tempo de nos limpar antes que Legion chamasse uma reunião obrigatória, apesar da hora tardia.

— Eu estou dizendo que, quando chegar a hora, eu vou ter que cumprir a minha parte do negócio com o bruxo e encontrar o fim dessa guerra.

— Você está dizendo que você resolveu deitar e foddidamente morrer! — A cadeira atrás dele arrasta e cai com um estrondo quando Cain levanta. — Para ela! Ela não vale a pena, L. Ela é humana. — Sua última palavra é como ácido em sua língua.

— Um ser humano que nós nos comprometemos a ajudar. Um ser humano que você vai continuar a proteger, a menos que você gostaria de desafiar a minha autoridade. — Legion retruca, subindo para seus pés. Os dois demônios olham um para o outro por longos momentos, antes de Cain finalmente olhar para o lado e treinar seu olhar malicioso em mim.

— Isso ainda não acabou. — O bater da porta pesada de aço é o período proverbial sobre a ameaça em suas palavras.

— Ele está certo, você sabe. — Andras diz calmamente, sentado ao lado de Lilith.

— Andras! — Ela repreende.

— Eu sinto muito. L, você foi nosso líder... nosso irmão. Nosso amigo. O que isso diz sobre nós, se nós simplesmente ficarmos de braços cruzados e deixarmos que você dê sua vida por uma menina que você mal conhece? Tem que haver outra maneira. Nós vamos lutar contra os feiticeiros. Seu clã não será páreo para o Se7en, independentemente da sua magia.

— Nós não vamos desafiar as trevas. — Legion afunda de volta em sua cadeira, com o rosto cansado. Ele dirigiu o dia todo sem parar para comer ou beber. E depois de lutar com a Aliança, ele tem que estar esgotado.

— L está certo. — Phenex acrescenta. — A guerra contra eles dividiria o submundo. Também significaria mais vítimas, principalmente vítimas humanas. A Terra não pode sofrer danos colaterais.

— E o que vamos fazer sem um líder? — Pergunta Toyol. Ele olha para Legion, sua expressão suplicante. — Juntos somos Fortes. Mas sem L, o que vai nos manter juntos? Quem vai parar Cain quando ele vai a uma de suas saídas?

— Phenex. — Responde Legion.

— O quê? — Todos na mesa gritam, menos Jinn.

— Ele é um estudioso, um diplomata. Ele vai ser capaz de falar com Cain e levá-lo de volta ao caminho dos justos. Além disso, ele é um caído. Ele conhece a palavra Dele. Talvez até melhor do que eu.

Phenex balança a cabeça. — Mas eu nunca fui um dos Serafins, L. As minhas relações com eles são frágeis, na melhor das hipóteses.

— Mas eles sabem quem você é. E eles sabem que eu confio em você.

— E falando em Serafins... — Lilith começa. — Tem que haver uma razão especial para eles decidiram convocar aqui. É como se eles soubessem que Eden está aqui, sob nossa proteção. Eu sei que eles gostam de verificar de vez em quando, mas algo sobre esta visita é diferente.

— Irin? — Pergunta Toyol.

Legion responde com um aceno de cabeça. — Os Serafins desprezam as formas do observador. Eles nunca seriam tão humildes para perguntar. E eles definitivamente não se associam com as trevas. Isso seria visto como blasfêmia em seus olhos.

— Então quem? Ou o *quê*?

— Eu não sei. — Há um toque de derrota na voz de Legion, como se admitir esse fato doesse nele. — Mas seja o que for, o envolvimento do Serafim não é bom.

— Talvez eu... — Todos os olhos se viram para mim ao ouvir o som da minha voz, um sussurro manso em comparação com a deles. Eu possa engolir a trepidação. Eu tinha sido convidada para as reuniões como uma mera cortesia. Mas eu tenho que falar. Eu tenho que fazer algo, qualquer coisa diferente de sentar e ser uma vítima. — Talvez eu possa falar com eles, o Serafim. Talvez se eles veem que estou segura e cuidada, eles vão recuar. Talvez eles ainda possam ajudar.

— Não! — Legion rosna, seu rosto se transformando em algo feroz e carnal. É o suficiente para me fazer recuar, mas eu não tenho medo. Não dele. Não mais.

— Bem, o que acontece com a Aliança? Menos um inimigo em nossa trilha ajudaria. Talvez eles fossem os únicos a acabarem com o Serafim. Eu poderia ir até eles, dizer-lhes que eu não sou perigosa, e a minha vida será poupada.

— Eu disse, não! — O tom áspero de sua voz treme o chão sob nossos pés.

— Mas não é certo! — Eu me oponho, ignorando seu comentário. — Eu tenho de fazer alguma coisa! Recuso-me a encolher e me esconder para o resto da minha vida!

— Você não vai ter uma vida se você for a qualquer lugar perto do Serafim ou da Aliança!

Eu levanto, batendo as palmas das mãos sobre a mesa de mármore. — Então, o que diabos eu deveria fazer?

Legion se levanta também, superando o meu corpo com o seu. Poder brilha de seus olhos, como tochas. — Você deveria ouvir pela primeira vez na sua maldita vida! Você deveria ficar comigo!

Eu olho para ele, minha boca suspensa em um O atordoadado. O silêncio ao redor da mesa é ensurdecedor. Nem mesmo o som da minha respiração ofegante preenche o espaço.

Incapaz de arcar com o peso de suas palavras e a intensidade de seu olhar, eu me viro e vou para longe da mesa, longe dele. Ficar com ele? Nada jamais pareceu tão tentador, mas tão insanamente impossível.

Como uma covarde, eu corro para o quarto, o próprio espaço onde fui sua prisioneira e sua inimiga. Sua confidente. Eu sei que não posso escapar dele, e algo em mim, algo irracional e governado por pura emoção, não quer. Eu não entendi o suficiente para lutar contra isso. E se eu fiz, eu não posso ter certeza de que eu quis.

Eu mantenho minhas costas viradas para ele quando eu ouço seus passos se aproximando. Eu nem sequer respiro até ouvir a porta fechada. Mas a medida que sinto seu calor esmagador se aproximando das minhas costas, meu corpo se entrega ao instinto, e eu giro e pressiono meu peito no dele, puxando seu rosto para baixo para encontrar o meu. E eu o beijo.

Eu o beijo com tudo em mim, todo o medo, toda a raiva, toda a desesperança. Eu o beijo como se ele pudesse levá-los para longe, entregando aos lábios a sensação do fogo ardente dentro de seu peito. Eu o beijo e rezo para que ele vá me salvar mais uma vez, e me beije de volta.

Seus braços musculosos serpenteiam em torno de minhas costas enquanto ele me levanta fora de meus pés, me dando acesso a mais de sua boca — tão quente, doce, e firme como o resto dele. Sua língua, tão grossa e inflexível, mergulha entre os meus lábios trêmulos e colide com a minha. Em um frenesi para provar mais, envolvo meus braços em volta do seu pescoço, puxando as longas camadas de cabelo que passam sua nuca. Puxo com força suficiente para machucar, ignorando a mordida de dor dos cortes em minhas mãos. Ele responde meu violento erotismo ao apalpar minha bunda, cavando seus dedos na minha carne flexível, até que ele suporta todo o meu peso. Eu tranco minhas pernas em volta de sua cintura, a palmada na minha bunda me excita.

Eu nunca fui essa garota.

A única confiante o suficiente para tomar o que ela quer. Aquela que poderia fazer os homens murcharem sob seus encantos. Aquela que não deixa o medo impedi-la de saciar os desejos de seu corpo.

Mas agora que estou em seus braços, absorvendo seu calor sufocante com o meu, eu não consigo lembrar de uma época em que me senti mais bonita, mais despreocupada. Porque, quando ele me coloca deitada sobre a cama e prende o meu corpo com o seu, nada disso importa. Eu nunca vou ser essa garota. Mas no espaço de apenas alguns minutos, ou talvez desde o dia em que ele me trouxe aqui, me tornei sua, assim como Lilith disse. Tão certo como a tinta gravada na nossa pele. Tão certo como o bombeamento de sangue em nossas veias.

Ele se afasta apenas um pouco, mas eu ainda aperto minhas pernas ao redor de sua cintura, os joelhos esfolados que se danem. Aqueles olhos de prata examinam o meu rosto, em busca de qualquer sinal de dúvida. Quando ele não o encontra, ele franze a testa.

— O que foi? — Eu sussurro, segurando sua bochecha.

— Eden... — Um flash de tormento passa em seu olhar e ele fecha os olhos. — Você me faz querer pecar.

Eu afago sua outra face, esperando que ele possa sentir cada grama da minha convicção. — Então faça.

Aqueles olhos salpicados de estrelas encontram os meus por apenas um segundo, antes que seus lábios se juntem aos meus novamente. Ele me beija com urgência, como se minha respiração sustentasse ele. Minha língua encontra a sua, pincelada por pincelada, lambida por lambida, imitando todas as maneiras que eu preciso dele. Eu sofro no espaço entre as minhas pernas quando eu flexiono contra a dureza em seus jeans. Sua ereção é tão cheia e pronunciada que pulsa sobre o tecido áspero por sua coxa, queimando, implorando para ser adorada por minha boca, mãos e corpo.

Ele é necessário. Ele é paixão. Ele é fogo. E ele só pode ser extinto dentro de mim.

Eu puxo sua calça, ao mesmo tempo em que ele rasga a camisa, rasgando o algodão em pedaços. Os topos dos meus seios pesados sentem o ar gelado por apenas um segundo antes de serem cobertos com o calor de sua

boca. Ele os empurra, libertando-os da renda do meu sutiã para revelar meus mamilos duros. Lábios molhados passam nas pontas, um de cada vez, antes que ele ponha um em sua boca, sugando avidamente, com vontade. Eu gemo alto quando ele mordisca e lambe antes passar para o outro, provocando sons ainda mais eróticos.

Eu poderia gozar só com isso. Merda, já estou perto disso. Mas tenho que senti-lo. Eu quero sua fúria, eu quero sua agressividade. Eu quero que ele me encha com o fogo que arde debaixo de sua pele dourada.

Eu abro a braguilha e agarro vorazmente a enorme espessura maciça que pulsa entre nós. É muito longo e rígido para eu manobrar, eu solto minhas pernas e uso meus joelhos para empurrar para baixo o resto de seu jeans. Minha boca saliva com a antecipação de segurá-lo em minhas mãos e saborear cada veia. Eu imagino gravando-as com a minha língua, aqueles nervos que bombeiam com vida entre meus lábios. Eu nunca fui suficientemente íntima com um homem para explorar esse meu lado carnal, mas por alguma razão, eu não posso esperar para sentir o gosto dele. É como se eu já tivesse a memória de seu sabor incorporado em minha boca.

Legion libera meus mamilos sensíveis e se senta sobre os joelhos. Com esse olhar penetrante fixo na minha carne se contorcendo, ele junta os dedos em seus jeans e lentamente, tortuosamente puxa para baixo. Os músculos em forma de um V pronunciado apontam para base dele, cheio de cabelos finos e escuros. Eu lambo meus lábios. Ele é mais espesso do que eu poderia ter imaginado, mas o pensamento dele me rasgando com raiva erótica só aumenta a umidade entre as minhas coxas, ensopando minha calcinha ainda mais.

Ele empurra o jeans até suas coxas, e eu tremo. Eu nem vi a ponta dele ainda, mas eu sei que cada longa centímetro dele é lindo. Eu estendo minha mão para ele, na esperança de sentir a pele sedosa na ponta dos meus dedos. O calor que irradia dele promete derreter minhas paredes e transformar minhas entranhas em líquido. Seu tamanho provavelmente vai penetrar cada parte de mim até que eu engasgue com meus gemidos.

Um pouco mais abaixo, eu vejo o início de uma generosa cabeça, inchada que vai fazer meu útero tremer. Um pouco mais abaixo e...

Há uma batida na porta.

— L. — Toyol chama. — Cain está de volta. Precisamos fazer o Juramento de Sangue.

— Merda. — Ele cospe, puxando sua calça jeans de volta sobre seus quadris. — Merda!

A magia do momento se dissipa como partículas de poeira no ar. Eu chupo uma respiração irregular. O formigamento nos meus membros começa a recuar, substituindo o fogo com o frio gelado. Eu olho para longe de Legion, envergonhada da minha nudez, e puxo os pedaços de minha camisa sobre meus seios.

— Hey. — Sua voz é suave, apologética. — Eu tenho que...

— Eu sei. — Eu aceno, ainda incapaz de encontrar seu olhar. Apenas alguns segundos atrás, eu estava diante dele, me despindo, implorando para prová-lo, senti-lo. Agora eu não posso sequer olhar nos olhos dele.

Eu ouço o farfalhar de suas roupas enquanto ele se arruma. Quando eu ouço seus passos em direção à porta, eu finalmente sento.

— Você deveria estar lá.

Balanço a cabeça, lhe mostrando minhas costas nuas. — Não. Você vai.

— Eu quero que você esteja lá. O juramento de sangue é sagrado, mas... eu só quero você lá. — Atrevo-me a olhar por cima do ombro.

— Eu não acho que seja uma boa ideia.

— Você que decide. Mas, se você quiser... se você me deixar compartilhar este pedaço de mim com você, isso significaria alguma coisa. Para mim. Eu quero que você me veja.

E eu entendo exatamente o que ele quer dizer.

Ele carrega o peso de milhares de almas perdidas durante séculos, na esperança de expiar os seus pecados. Isso é o que as pessoas veem quando olham para aqueles olhos de prata. Isso é o que eles pensam quando ouvem o seu nome. Mas isso não é quem ele é. Isso não é tudo o que ele é. Ele apenas nunca deixa ninguém ver.

Eu sou o inferno na Terra, Eden. Mas isso não significa que eu quero ser.

Talvez esta seja sua maneira de se abrir e me mostrar exatamente quem e o que ele quer ser. Talvez este seja o primeiro passo.

— OK.

Ele balança a cabeça uma vez, colocando a mão na maçaneta da porta. — OK. Vou encontrá-la no corredor.

Eu não tenho nenhuma ideia do que é um juramento de sangue, mas soa assustador como o inferno. Eu provavelmente deveria ter perguntado no que eu estaria me metendo, mas eu estava muito abalada com o quase sexo que nós apenas tivemos. Ainda estou, se eu for honesta. Em um minuto estamos lutando por nossas vidas, então no próximo, estamos arrancando a roupa um do outro. Eu não o entendo. Na maioria dos dias, ele age como se nem sequer gostasse de mim. Mas depois há os momentos em que ele é gentil e amável. Como quando ele me segura durante meus pesadelos. E depois da festa do Observador... como ele se esfregou contra a minha bunda e me disse que eu era o alguém em quem ele estava pensando quando ele beijou Irin. E como ele compartilhou a história de suas tatuagens, especificamente a em tributo as suas asas perdidas.

Pouco a pouco, ele está me mostrando quem ele realmente é, e eu estive muito ocupada com a luta contra ele para vê-lo. Então o que este juramento de sangue for para ele, ficarei ao lado dele. É o mínimo que posso fazer, considerando tudo o que ele fez por mim.

Considerando tudo o que ele significa para mim.

Eu me visto de forma rápida e entro no corredor. Legion espera de encontro à porta em frente a enfermaria, a porta que Phenex disse era o estoque.

— Pronta?

Eu forço um sorriso nervoso e dou de ombros. — Como eu nunca vou estar.

Ele abre a porta, e a primeira coisa que me bate é o cheiro. Terra, madeira queimada e algum tipo de incenso. As únicas coisas que iluminam o vasto espaço é uma infinidade de velas altas, lançando um brilho dourado em diferentes pontos da sala. No centro da sala, os outros membros da Se7en estão em um semicírculo onde aguardam o seu líder. Legion me dá um aceno de cabeça, deixando-me perto da entrada antes caminhar até completar o ciclo em torno de uma grande estrela gravada no chão. Um pentagrama. Puta merda, isso é um ritual satânico.

— Não é o que você pensa. — Legion diz, lendo a trepidação no meu rosto.

Eu aceno, mas não me atrevo a dar um passo mais perto. Agora que meus olhos já tiveram a chance de se ajustar à luz fraca, eu olho ao redor da sala. Equipamento de treino de alta tecnologia está de um lado, com sacos pesados suspensos a partir do teto. Por outro lado, há o que parece ser alvos, alguns com buracos. Eles têm a sua própria gama de armas aqui.

Como? Quero dizer, sim, o quarto é enorme, pelo menos duas vezes o tamanho dos quartos compartilhados.

Mas como as pessoas podem não ouvir o tiro da rua?

A mesma razão pela qual gritar era inútil quando cheguei.

Tudo é à prova de som. Inferno, eu não ficaria surpresa se houver algum tipo de feitiço que abafa o ruído.

— Vamos começar. — Legion chama. Sinto os olhos dos outros sobre mim, questionando a minha presença. Não duvido que Cain esteja fervendo. Mas Legion os ignora, e caminha até um pequeno pilar ao lado. Um travesseiro vermelho repousa sobre ele, e em cima disso, um punhal.

Legion pega o punhal, embalando-o com cuidado em suas palmas com um sentimento de reverência. Sua base é adornada com brilhantes joias vermelhas, que parecem brilhar com seu toque. Ele caminha até o seu lugar entre Phenex e Cain.

— O juramento de sangue significa a unidade do Se7en. — Legion diz, sua voz adotando um tom reverente. — Neste, nós somos um, para o nosso propósito singular. Nosso sacrifício de sangue representa a vida que devemos tomar para salvar aqueles que não podem salvar-se da iniquidade. Ela fortalece nosso vínculo e nossa determinação. Dentro desse círculo, somos de uma entidade.

Com isso, ele leva a lâmina em uma mão e corta sua palma aberta, fazendo sangue espesso cair no chão. Ele entrega a adaga para Phenex que faz mesmo, então os dois juntam as mãos sangrentas. Ao lado de Phenex está Lilith. Ela pega a faca e não só corta sua mão, mas a de Phenex também, antes de colocar as palmas das mãos cortadas juntas.

Ele continua assim até o punhal fazer o seu caminho ao redor do círculo. Quando atinge Legion novamente, Cain faz as honras e corta ambas as palmas das mãos antes de voltar para o travesseiro. Ele se volta para pegar a mão de seu líder, o sangue arrastando a seus pés.

E então a merda fica realmente estranha.

O sangue... se move. Para o centro da estrela. Ele literalmente desliza junto, criando uma grande piscina de vermelho escuro. Os Se7en começam a cantar em um idioma diferente de qualquer um que eu conheça, todos em uníssono. Ele começa como um murmúrio no primeiro trecho antes que seus timbres aumentem em volume e velocidade. Gritando palavras de mito e magia invocando um vento violento e frio que mexe com o meu cabelo e cria arrepios picando minha pele. Eu recuo tanto quanto eu posso, até que atinjo a parede de tijolos. O canto atinge o seu ápice, e com um selvagem grito animalesco, talvez de mim ou de alguma outra fonte, o vento apaga as velas.

Está quieto. O tipo de calma que só existe na morte.

De repente, o fogo rugiu ao redor da sala, as velas explodindo com chamas ferozes. E o que a sua luz revela me aterroriza pra caralho. Não vejo mais os Se7en. Eu vejo o mal. De pé em seus lugares estão os demônios. Monstros. Com chifres, criaturas de pele vermelha com olhos brilhantes que arranham seu caminho em pesadelos e assombram suas horas de vigília. Eles piscam dentro e para fora, como se as cenas fossem meros flashes de fantasmas, tentando ganhar uma posição sobre este plano. Ainda assim, nada que eu já vi é mais terrível, arrancando gritos de meus pulmões que são estranhos até mesmo para os meus próprios ouvidos.

Meus gritos não são ouvidos quando os cantos começam de novo, desta vez em vozes graves, desumanas. As cabeças dos monstros continuam a piscar, me dando vislumbres do mal terrível. Eu não consigo absorver tudo ou olhar para longe, então eu agacho em uma bola, escondendo o rosto em meus joelhos. Meus jeans ficam molhados de lágrimas, meu corpo preso pelo medo. Eu não poderia correr mesmo se eu tentasse.

Eu pensei que tinha conhecido o medo antes como uma filha pobre e perturbada nascida e criada na parte errada de Chicago.

Eu estava errada.

Minutos, talvez horas depois, eu acho que ele param, mas não posso ter certeza. Estou com muito medo de levantar a cabeça. E se eles ainda estiverem lá, de pé em suas verdadeiras formas, procurando um humano para o banquete?

Uma mão quente toca meu ombro, e eu grito, agitando os braços freneticamente. Legion captura facilmente as minhas mãos e me puxa em seu peito.

— Shhh. Sou eu, foguete. Sou só eu.

Eu não paro de lutar contra ele, porque eu sei que é ele. E o que ele é... é realmente o inferno na terra. Mas ele não para de me segurar, não para de me acalmar com suas palavras. Ele me mostrou quem ele realmente é, e eu não posso lidar com isso. Eu não consigo mais ver aquele guerreiro forte, estóico e bonito nele. Posso aceitar o assassino envolto em lendas e segredos. Mas eu não sei se eu sou forte o suficiente para aceitar isso. E essa é a verdadeira razão para as minhas lágrimas.

Ele me segura ao peito até que meus gritos se tornem lamúrias e eu me apoio em seu corpo, não para empurrá-lo, mas para puxá-lo para mais perto.

— Sinto muito. — Ele sussurra em meu cabelo, beijando as mechas chicoteadas pelo vento. — Eu não queria assustá-la.

— Então por quê? — Minha voz está rouca de tanto gritar.

Legion levanta meu queixo para encontrar o seu olhar. Seus olhos se agitam com o poder contido que eu nunca poderia imaginar em meus piores pesadelos. Eu me forço para não desviar o olhar.

— Eu queria que você me visse e todos os meus demônios. Assim como eu vejo o seu. Você quer o homem, mas você pode querer o monstro dentro de mim também?

Eu não lhe respondo.

Eu não tenho uma resposta para dar.



VINTE E SEIS

A exaustão é prima do medo, e assim que minhas lágrimas secam, parece que eu não posso manter meus olhos abertos. Legion ainda tem negócios com os Se7en para atender, e quando acho que é impossível imaginar dormir após a noite que eu tive, eu apago assim que bato na cama.

No entanto, o esgotamento não faz nada para afastar os pesadelos. E considerando o que eu acabei de ver, o que eu apenas senti, a cena que se manifesta parece ser mais viva do que nunca.

— Querida, irmã. — *Eu ronrono, passando os dedos sangrando através de seus cachos apertados. — Tudo vai acabar em breve, você sabe. Basta dizer as palavras e tudo vai rápido.*

— *Por que você está fazendo isso? — Ela chora. — Por que você está ferindo todas essas pessoas inocentes?*

— *Ferindo? — Eu solto uma risada. — Eu não estou machucando ninguém, irmã. Você está. Vocês todos estão.*

— Não. — *Ela balança a cabeça furiosamente, as lágrimas escorrendo pelo rosto manchado de sangue. — Você sabe o que está fazendo. Como você pôde ser tão má?*

— Má? — *Mais uma vez, uma risada sinistra irrompe da minha garganta. Eu aperto minha mão em um punho ao redor do seu cabelo, em seu couro cabeludo e puxo*

fortemente, trazendo meu rosto para perto do dela. Ela se esforça para sair do meu aperto, mas ela está à mercê total da minha ira. Aproximo meus dentes, enquanto eu fervero com desprezo, a apenas alguns centímetros do seu ouvido: — Você não viu mesmo a porra do mal. Ainda não.

Na sugestão, eu ouço seus passos entrarem na sala, causando uma piscina de umidade entre as minhas coxas nuas. Eu deixo a minha mão suja deslizar pela minha barriga para me provocar.

— Mmmmm. Apenas a tempo para o final.

Levanto, dando-lhe uma visão completa do meu traseiro. Eu queimo por ele, minha respiração escapando em rajadas curtas, excitadas. Quando ele pressiona contra mim, um pequeno gemido vibra meus seios inchados e pesados.

— Nós ainda estamos nos divertindo? — Ele canta, esfregando meu ombro com as pontas dos dedos. Eu tremo, sentindo seu toque por todo o meu corpo, como mil aranhas finas.

— Sim, Mestre. — Eu respondo sem fôlego.

— Bem. Continue. — Ele caminha pela sala úmida e se inclina contra a parede de cimento cinza.

Eu viro meu olhar vicioso na mulher encantadora com a pele cor de marshmallow torrado e cachos escuros. Minha irmã. — Morda ela.

Minha irmã olha a menina sangrando ao lado dela. A menina que eu a obriguei a bater, cortar, queimar e sodomizar pela a última hora. É uma maravilha que ela ainda esteja consciente, embora ela esteja... apenas mal. A vontade humana é uma coisa tão bonita. Forte, mas extremamente flexível. Especialmente quando ela é quebrada.

— Por favor. — Ela implora, chorando incontrolavelmente. — Por favor, não faça.

— Morda seu peito até que sinta gosto de sangue, — Eu comando. — Então faça o mesmo com o outro. E enquanto você está mordendo ela, enfie seus dedos nela. Ela vai gostar disso. Use sua mão inteira.

Como uma marionete triste, chorando, minha irmã se inclina para frente e encaixa a boca no seio esquerdo da menina. Ela não pode ter mais de dezoito anos, mas ela tem um corpo espetacular. Um corpo que gostei de mutilar.

A jovem grita de dor excruciante quando os dentes da minha irmã atravessam a pele e o tecido, ao mesmo tempo que ela força seus dedos em sua vagina brutalizada. Ela deveria estar me agradecendo. É melhor do que a vassoura lascada eu tinha feito minha irmã usar no início.

Ambas choram e gritam de agonia, mas eu não as ouço sobre os sons da minha própria risada maníaca. E quando meu Mestre me empurra para meus joelhos, eu não posso fazer nada mais do que gemer quando ele tira seu pau grosso e começa a empurrá-lo na minha garganta...

Há uma sirene saindo do quarto escuro, e eu estou com medo.

A escuridão e calor abrangem o meu corpo trêmulo, trazendo o meu medo do meu sonho para a minha realidade desconexa. A sirene soa como a minha voz rouca, e no momento em que eu tomo uma respiração irregular, ela para. Pego em meu rosto úmido, tentando esfregar fora todo o sangue, mas não há nenhum. Lágrimas. Estou chorando.

E o calor que me embala é ele.

— Eu tenho você, Eden. É apenas um sonho, baby. Você está bem.

Legion.

Seus braços são como âncoras, amarrar-me a segurança de sua cama. Suas palavras são como um bálsamo, acalmando minha psique devastada. Eu esmago meu corpo ao dele, esperando que ele possa absorver a minha apreensão. Em resposta, ele me rola, por isso estou caída sobre o seu peito, as minhas pernas de cada lado do seu tronco sob os lençóis. Me sinto tão pequena, tão frágil, em cima de seu corpo maciço. No entanto, as maneiras como aqueles olhos de prata brilham para mim sob o véu do luar, ele parece vulnerável e tímido. Então eu baixar o meu rosto para ele e cobiço seu beijo em um ato de loucura cheio de luxúria.

Ele me beija como se o mundo quebrassem contra meus lábios, suave, delicado e urgente. Mãos fortes apertam minhas costas, minha camisa longa não cobre quase nada nesta posição. Estou feliz por isso. Eu preciso sentir sua força inabalável. Eu preciso saber que ele não vai escorregar entre os dedos como todo o resto. Como todo mundo.

As pontas dos meus dedos acariciam o peito duro e o abdômen definido antes de traçar um caminho até sua calça fina de pijama. Eu não paro desta vez. Eu continuo, passando o pedaço de cabelo em sua base grossa. Um

tremor arrasta de todo o seu corpo, mas ele continua me beijando, sua língua se move ainda mais profunda.

O calor de seu corpo, e a necessidade de se sentir mais dele é demais para suportar, por isso me afasto, apenas para tirar a minha camisa. Suas mãos vão para os meus seios, e a memória deles na sua boca provoca um pequeno gemido que escapa de meus lábios. Ele lembra também, e senta-se apenas o suficiente para sugar um mamilo apertado em sua boca molhada. Eu gemo alto, desejando sentir a boca toda em minha pele trêmula.

Eu não posso esperar mais um segundo. Eu preciso de sua dor dentro de mim. Eu preciso tremer com algo diferente de medo e raiva. Eu preciso apagar esses pesadelos terríveis com a plenitude dele.

Eu arranco as suas calças até os joelhos, desprendendo sua dureza orgulhosa e espessa. O tamanho dele é assustador, mas eu desejo isso. Eu quero que ele me rasgue, centímetro a centímetro. Talvez seja exatamente o que vai me fazer melhor. Talvez eu precise que as cordas da minha frágil sanidade mental sejam puxadas, desvendadas e ser desnudadas para ele. Talvez ele vá ver a beleza por trás do meu caos.

Eu disse que eu precisava prová-lo, mas agora, com ele quente e pulsando na minha mão, eu não posso imaginar não o levar para dentro da parte de mim que queima por ele. Me ergo apenas o suficiente para colocá-lo na minha entrada, não querendo perder a conexão de sua língua e dentes nos meus mamilos. Aqueles olhos estrelados encontram os meus.

— Você está certa disso?

Eu concordo. — Mais certa do que eu estou sobre qualquer coisa por um tempo muito longo. Você está?

Um lampejo de emoção escurece seu olhar por apenas uma metade de segundo antes que ele concorde. — Sim. Eu esperei um tempo demasiado longo por você.

E com isso, ele suga uma respiração dura e rasga minha calcinha em pedaços, em seguida, flexiona seus quadris para cima. E com as mãos na minha cintura me empurrar para baixo, ele desliza para dentro de mim.

Nós ofegamos com a sensação, a sensação diferente de tudo que eu já senti antes. Meu corpo avidamente aperta com a intrusão escaldante, implorando para engoli-lo inteiro. Demora algumas estocadas rasas antes que

ele esteja totalmente dentro de mim. Eu poderia apenas sentar aqui e gozar. Eu nem sequer precisaria me mover. Apenas a pura euforia de seu corpo ligado ao meu da maneira mais intimamente intensa, seria suficiente.

Mas onde Legion estava hesitante, quase relutante antes, ele compensa em exuberância. Suas mãos segurando meus quadris, ele bombeia dentro de mim, lento, profundo e sinuoso. Seus movimentos são fluidos e eróticos, posicionando cada impulso para bater em cada ponto sensível dentro de mim. É como se ele estivesse dançando, girando os quadris, flexionando a bunda, criando uma fricção deliciosa contra o meu clítoris inchado. E assim como a primeira pontada de orgasmo começa a subir pela minha espinha, ele me vira em minhas costas em um movimento rápido, sem quebrar o ritmo.

Ele ergue a minha perna por cima do ombro, o que lhe permite cavar mais fundo em meu núcleo. Eu quebro em mil pedaços irregulares, a pressão no meu ventre liberando uma inundação instantânea que se infiltra entre nós. Tinha sido um longo tempo para mim, mas merda... ele se absteve por um século. No entanto, ele ainda se move. Ainda bombeando para um orgasmo que certamente irá mover céus e terra. E quando a base de sua espinha finalmente aperta e ele pulsa e incha dentro de mim, punhais aquecidos esfaqueiam suas coxas flexionadas, ele ruga até a lua, e me enche até a borda com toda a sua beleza violenta.

— Oh. Meu. Deus! — Eu ofego, olhando para ele com espanto.

Um sorriso sinistro serpenteia em seus lábios. — Mesmo Ele não pode salvá-la agora.

Eu sou virada para o meu estômago mais rápido do que eu posso puxar minha próxima respiração, e Legion está empurrando dentro de mim. Seus dedos duros de cavar a carne da minha bunda, massageando a pele com cada golpe duro. Sinto o seu peito contra o meu, suor alisando minhas costas enquanto ele fica em cima de mim, me segurando como refém com seu corpo.

— Isto é o que você queria, certo? — Ele sussurra, seus lábios no meu ouvido. — Ver as minhas trevas. Para sentir a sua propagação dentro de você, violando você. Você quer o meu pecado, Eden? Agora que você tem.

Eu não posso respirar através de meus gritos abafados, e muito menos responder. Eu mordo o travesseiro para não gritar.

— O que há de errado? — Ele ronrona como um gato selvagem mortal. Seus dentes passam pela minha nuca, meu queixo, meu pescoço. Eu me contorço debaixo dele. — Você não gosta de minha marca do mal? Eu te disse, foguete. Eu esperei muito tempo por você. Não tenho nenhuma intenção de deixá-la ir.

E enquanto eu deveria ter medo do seu tom sombrio, como qualquer mulher com pensamento racional teria, isso só incentiva o meu corpo para envolver mais apertado em torno dele, apertando a sua maldade e implorando por mais.

— Sim, isso. — Ele geme para mim. — Me segure. Me sinta. Eu quero viver e morrer dentro de você.

Agarro-me o quanto eu posso, saboreando a sensação do seu fogo queimando entre as minhas coxas. Mas cada curso é como um beijo da morte, e quanto mais eu luto contra ela, mais próxima eu chego à conclusão. Seu peso, o tamanho dele... ele me esmaga, mas ainda me faz inteira. Eu nunca me senti tão forte em seus braços, tão completa. Mesmo sabendo que ele está me destruindo de dentro para fora.

— Legion. — Eu imploro, sentindo um orgasmo subindo pelas minhas pernas. Ele acelera o seu ritmo, persuadindo-o de meu corpo como um encantador de serpentes.

— Não lute contra mim. — Ele sussurra. — A perseguição só me faz querer mais.

Suas palavras sussurradas são como um elixir erótico. Eu me sinto bêbada, tonta com a luxúria, ainda há algo mais que se situa entre os nossos corpos úmidos, ofegante. Algo mais profundo do que qualquer coisa que eu já senti. E cada vez que ele empurra para dentro de mim, esse sentimento se aprofunda, amarrando-se a minha carne e contaminando o meu sangue. Anexando-se ao meu coração.

Eu não quero sentir isso, mas quanto mais eu luto contra ele, mais fundo eu o senti infectando minha alma. Eu tremo da cabeça aos pés, clamando por misericórdia. Legion ouve meus gritos e levanta os meus joelhos, separando minhas pernas para me espalhar ainda mais. Quando ele empurra seu pau com força suficiente para me dividir em duas, eu grito, tremendo incontrolavelmente. Suas mãos acariciam entre minhas coxas para prolongar o

meu orgasmo, me enviando voando através de uma tempestade de prazer sinuoso. Eu sou umidade e calor. Eu sou felicidade e dor. Eu sou o céu. Eu sou o inferno.

Ele goza novamente logo depois que eu faço, purgando seu doce pecado enquanto seus dedos escovam meu cabelo. Nós dois entramos em colapso na cama de lençóis retorcidos e almofadas espalhadas, nossas respirações irregulares. O silêncio cai sobre nós como o orvalho da manhã.

Legion se vira para mim, assim quando eu rolo para o meu lado para enfrentá-lo. E na sombra pós sexo, sorrimos.

— O que é isso? — Pergunta ele, sua voz rouca, mas divertida.

— Nada. É tão difícil de acreditar que estou sorrindo porque eu posso estar feliz?

— É, na verdade. Não que eu esteja reclamando.

— Mmmm. Meu corpo pode reclamar mais tarde, mas agora, eu estou apenas... surpresa.

— Por quê?

Eu vejo uma gota de suor deslizar para baixo seu bíceps antes de pegar com o meu dedo. — Que você está aqui comigo. Que depois de mais de 100 anos, você deixou alguém entrar. Você *me* deixou entrar.

— Eu acho que eu poderia dizer a mesma coisa sobre você. — Ele roça uma mecha de cabelo rebelde da minha testa. — Além da parte dos cem anos.

Eu viro meu rosto em seu toque e beijo sua palma. — Alguns dias, parecem ser mais longos. — Eu encontro o seu olhar interrogativo. — Intimidade nunca foi fácil para mim. Saber como alguém se sente sobre você, sentindo seus pensamentos vis quando você está mais vulnerável, pode ser uma merda.

— Então, como você lutou contra isso?

Eu dou de ombros. — Ficando realmente bêbada para que eu ou não me importasse ou não pudesse fazer a conexão. Preciso de concentração. Se em qualquer momento as minhas emoções estiverem esgotadas ou minha cabeça estiver nublada, é quase impossível.

— Hmmm. — Ele balança a cabeça. — Talvez eu possa ajudar com isso?

— S3rio?

— Sim. A mente 3 como um m3sculo. N3s apenas precisamos trabalhar com isso.

— E o resto de mim? — Eu levanto uma sobrancelha.

— Eu posso cuidar disso tamb3m.

O provocando com beijos e leves toques ele rola comigo por cima dele novamente. Ele est3 duro, mas eu quero prolongar este momento. 3 raro v3-lo t3o alegre e generoso com seus sorrisos.

— Me fale uma coisa. Por que eu? Depois de todo esse tempo, por que quebrar o seu voto comigo?

Ele franze a testa, sua boca pressionada em uma linha fina. Ah Merda. Eu n3o deveria ter ido l3. Assim que come3amos a avan3ar, tive que abrir minha boca grande e lembr3-lo de que ele acabou de sacrificar. Eu tomo seu sil3ncio como minha deixa para ir, mas ele me mant3m no lugar, assim que tento rolar para fora dele.

— Eu andei nessa terra por um longo tempo, e no inferno, por mais tempo do que isso. Eu j3 me deleitei com a dor dos outros e prosperei na devast3o, assim como eu conheci uma gr3a imensur3vel. No entanto, em todos esses anos, nunca pude ser quem eu sou, o que eu sou, sem no33es preconcebidas e preconceitos. As pessoas s3o atra3das para o fasc3nio pelas trevas, mas elas t3m medo dele. Eles querem mergulhar seu dedo do p3, mas n3o o deixar consumi-los. Mas voc3... voc3 nasceu em pecado. Voc3 foi feita para esta escurid3o. E mesmo que eu saiba que voc3 3 muito mais do que isso, sinto-me em... casa. Com voc3, dentro de voc3, me faz lembrar o que se sente ao pertencer a algum lugar.

Eu olho para baixo, para este homem, este dem3nio... este anjo com l3grimas brilhando nos meus olhos. — Voc3 pode ser voc3. S3 voc3. E nada mais. — A mansid3o no meio da noite. A prote3o feroz. Os vislumbres de flerte brincalh3o. Isso era tudo dele. N3o 3 o que todos esperam Legion seja. No entanto, eu ainda nem arranhei a superf3cie.

— Sim.

Ele carrega o fardo de almas perdidas. Eu carrego o peso dos meus pr3prios dem3nios cru3is. N3s somos diferentes, mas parecidos em muitas

maneiras. Como se o universo, ou Deus ou alguma outra força maior do que nós, tinha nos feito esperar para encontrar o outro.

Eu não preciso lhe fazer mais perguntas. Eu me levanto de joelhos e o posiciono na minha entrada. E então, eu deixo meu corpo fazer e falar. É um processo lento, uma troca deliberada cheia de sussurros roucos e suspiros melódicos. E quando finalmente, não há mais nada a dizer, estamos juntos, os nossos dedos e línguas entrelaçados. Satisfeita e dolorida, eu caio no sono ali mesmo em seu peito, embalada pela canção de ninar cantarolada de seu batimento cardíaco. É o único lugar no mundo que eu sempre quis estar.

Quando eu acordo depois de poucas horas de sono, eu olho para cima para encontrá-lo olhando para mim, um pequeno sorriso em seu rosto. Parece diferente na luz do dia, mais vulnerável. É facilmente a mais bela vista que eu já vi.

— Quando você olha para mim assim, eu posso ver porque você era um anjo. — Eu sussurro, minha voz rouca de sono e sexo.

— Você pode?

— Sim. Eu também posso ver que você é muito, muito ruim.

Ele ri, fazendo com que seu peito vibre e faça cócegas em meu peito nu. — Só quando provocado.

— Bem, considerando que eu posso sentir você me apunhalando pelas costas, eu acho que devo ter feito algo para provocá-lo.

Seus dedos viajam pelo meu cabelo antes de descerem para as minhas costas, acendendo arrepios de cima e para baixo na minha espinha. — Você faz todos os dias. Apenas por respirar. Apenas por ser quem você é.

Meus braços, rígidos e doloridos, balançam quando eu levanto sobre meus cotovelos. — Eu deveria saber. Parece que tenho uma coisa para bad boys.

— É bom ouvir isso.

— É? — Eu ronrono e empurro a minha bunda contra ele.

— Mmmm — Ele geme. — É melhor você parar com isso ou nós nunca vamos deixar esta cama.

— Parece bom para mim. — Outro empurrão e um rolar de meus quadris.

— Para mim também. Eu adoraria nada mais do que passar o dia inteiro dentro de você. Mas... — Ele me dá um olhar de desculpas que o faz parecer quase humano. — Os Serafins estão na cidade. Ou seja, eles querem alguma coisa.

— Eu entendo. — Eu respondo, sufocando uma pequena pontada de decepção.

— Mas eu quero levá-la em algum lugar. Esta noite. Você vai esperar por mim? — Sua pergunta séria parece estranha, como se estivesse envolvida em torno de um significado oculto, que eu não consigo decifrar.

— Claro. — Eu respondo, o que quer que signifique. — Quando é que você tem que sair?

— Em uma hora. Eu estava apenas esperando por você para acordar.

— Uma hora, né? — Eu mordo meu lábio inferior sedutoramente. — O que devemos fazer para passar o tempo?

Um brilho malicioso brilha nos olhos de prata da Legion. — Eu não sei. O que você tem em mente?

— Eu tenho algumas ideias.

E com isso, eu me arrasto para baixo em seu corpo e seguro minhas mãos em suas poderosas coxas antes de tomar o máximo que posso dele em minha boca. Ele geme alto, descaradamente, contraindo-se contra a minha língua e recolhendo meu cabelo despenteado em seu punho apertado.

Ele tem um gosto ainda melhor do que eu sonhei.



VINTE E SETE

Todo mundo vai com Legion para se encontrar com o Serafim, exceto Lilith, que opta por ficar para trás para me fazer companhia. Eu não posso negar que estou feliz por isso, especialmente depois de ontem à noite. E esta manhã. E o chuveiro quinze minutos atrás. Eu sei que não posso compartilhar nada com ela, não que eu faria, mas é bom ter alguma camaradagem do sexo feminino, mesmo que seja uma mentira. Mesmo que ela tenha sido deliberadamente plantada para me ajudar. Ainda assim, eu sinto falta de sua amizade, e apenas de se conectar com outra garota. E eu sinto falta da minha irmã.

Lilith parece tão exuberante em ter um dia de menina, e quase empurra os indivíduos para fora da porta da frente. Eu nem sequer tenho a chance de desejar boa sorte para Legion. Eu quero dizer mais do isso, mas eu sei que não seria uma boa ideia. Eu construí a minha vida sobre uma base de segredos. Agora não é o momento para abrir o cofre.

— Então, eu tenho toneladas de coisas para fazermos hoje! — Ela sorri.
— Fazer as unhas, assistir uns filmes, sorvete!

— Sério? — Eu não consigo esconder o meu encolher. — Você não tem que fazer tudo isso para mim. Além disso, as suas unhas estão perfeitas. — É difícil acreditar que esta menina luta para ganhar a vida.

— Mas as suas não.

Eu sei que ela não diz isso maliciosamente, e ela está totalmente certa, mas... aí. — Ok, tudo bem. Aonde me quer? — Eu suspiro. Resistir a ela seria inútil.

Lilith bate palmas com alegria. — Me siga!

Nós passamos a maior parte do dia em seu quarto, que ela tem praticamente transformado em um salão de luxo com serviços completos. Eu comecei com minhas unhas das mãos e pés feitas, meu cabelo condicionado e com a cor retocada (que foi muito necessário) e minhas sobrancelhas tiradas, tudo enquanto tomamos champanhe. Clássicos como *Girl Power*, *Legalmente Loira* e *Meninas Malvadas* passam ao fundo, enquanto ela brinca de Barbie humana comigo. O fato de que ela está curtindo cada segundo, definitivamente ajuda a derreter a minha atitude. Eu posso ver por que ela estava animada. Ela está cercada por homens durante todo o dia, todos os dias sem conexão real com o mundo exterior. Talvez ela perdeu o que tínhamos, assim como eu. Talvez não tenha sido tudo uma mentira.

— Posso te fazer uma pergunta?

Lilith recarrega nossos copos com bolhas cor de rosa gasosas e acena. — Claro.

— Você nunca chegou... Eu não sei. Você já namorou?

— Você quer dizer, se me juntei com qualquer um dos Se7en? — Meu rosto aquece com a culpa, e eu tomar um gole.

— Não. Estamos todos muito próximos para isso. Você viu o Juramento. A partilha de sangue é sagrada. Aos seus olhos, eu sou sua irmã. Muito próxima, mesmo.

— Isso faz sentido. E os outros caras? — Ela dá de ombros.

— Eu tive amantes. — Ela dá de ombros. — Muitos deles. Mas sem envolvimento. Não é viável na nossa profissão, e eu não gosto de mentira. Essa foi a parte mais difícil quando te conheci. Eu sabia que você era alguém que eu poderia realmente gostar, e eu odiava a ideia de enganar você.

Eu aceno em compreensão. Ela fez o que tinha que fazer, e eu não posso culpá-la por isso. Eu não posso me ressentir com ela, considerando que perdoei Legion por sua parte em tudo isso.

— Eu entendo. — Eu digo a ela.

— E você?

— Eu faço. Eu tive que fingir minha vida inteira. Não porque queria enganar as pessoas, mas porque eu queria protegê-las. E honestamente, é tudo o que você fez. Você e o Se7en. Até Cain, mesmo que ele me odeie. Provavelmente seria mil vezes pior se esses russos tivessem me levado naquela primeira noite, ou mesmo a Aliança. Então... obrigada.

Lilith sorri e olha para o lado, mas não antes de eu ver as lágrimas em seus olhos. Eu não sou boa com esse tipo de emoção, então apenas deixo que ela tenha seu momento, em silêncio, rezando para que ele passe rapidamente.

— Então, como foi Colorado Springs? — Diz ela depois de alguns minutos de silêncio. Ela limpa debaixo de seus olhos, cuidando para não manchar seu delineador.

— Foi bom. Estranho, mas bom. — Eu franzo a testa ligeiramente. Mesmo com todo o abracadabra louco, eu realmente gostei de conhecer a família Skotos. A merda de profecia que eu poderia ter feito sem, mas eu não vou dizer isso a ela. Não quando eu ainda estou tentando envolver minha cabeça em torno disso.

Eu digo a ela sobre o esplendor do Broadmoor e seus exuberantes jardins verdes e temperaturas amenas.

— Mágica Elemental. — Ela explica. — Não é surpreendente, especialmente porque eles têm um Encantador de Luz em sua folha de pagamento.

— Foi incrível, de qualquer forma. Eu nunca estive fora de Illinois. Vendo as Montanhas Rochosas e toda aquela terra aberta, era como estar em outro planeta.

— Você nunca foi para fora do estado? — Ela parece atordoada, como se eu tivesse acabado de dizer a ela que eu cheiro açúcar em pó para fins recreativos.

Eu dou de ombros, ignorando o rubor envergonhado do meu rosto. — Sem dinheiro para viajar. Eu sempre quis, mas você sabe como é.

— Bem... espero que nós possamos mudar isso em breve. — Ela me oferece um sorriso esperançoso, seguido de um aperto no meu braço.

Nós passamos o resto do dia em excessiva ingestão de comida gordurosa e sorvete gourmet tirados de seu esconderijo. Eu tenho que admitir, entre os filmes e as pinturas, estou me divertindo. Sem falar de pesadelos ou desgraça iminente. Nós nem sequer mencionamos a sua forma de demônio durante o Juramento de Sangue. E por incrível que pareça, eu não a vejo dessa forma, assim como eu não vejo Legion como uma besta de pele vermelha com presas. E é tão malditamente refrescante para fingir, mesmo por uma tarde, que somos garotas normais apenas nos arrumando.

O resto do Se7en não retorna até depois do anoitecer, suas expressões sombrias. Ninguém fala, resolvendo recuar para seus quartos e cantos privados da casa. Cain e Toyol ocupam a sala para jogar videogame, murmurando alguma coisa sobre explodir toda a merda. Phenex desaparece para ler. Andras, Lilith e Jinn se preparam para sair para patrulhar. E Legion... Não diz muita coisa.

— Ei. — Eu digo para suas costas. Ele vai direto para o quarto sem dizer uma palavra e vai para o armário fechado que eu notei quando cheguei na primeira vez. Ele não respondeu, então eu continuo falando, apenas para preencher o silêncio constrangedor. — Como foi o encontro com o Serafim?

— Bem.

Ele pesca uma chave de seu bolso nas calças e abre a porta, revelando, não um closet, mas um arsenal. Iluminado com luzes fluorescentes, armas de todos os tamanhos e tipos são orgulhosamente exibidas em cada parede. Há também outras armas: facas, espadas e uma infinidade de dispositivos mortais. Uma pequena parte é reservada para seus couros de combate e botas de serviços. Não admira que ele mantenha trancada. Mesmo destreinada, eu poderia ter feito algum dano grave se eu tivesse chegado ali. Ainda podia, mas ele está confiando em mim. Ele está me deixando entrar, e esse fato faz o seu distanciamento doer um pouquinho menos.

— Há algo de errado? — Eu finalmente pergunto, deslocando desconfortavelmente em meus pés. Eu odeio que me sinta insegura. Eu odeio que passei o dia inteiro ficando bonita na esperança que ele gostasse. Eu odeio mesmo isso.

— Não. Só... — Ele suspira pesadamente, esfregando uma mão na parte de trás do seu pescoço antes de tirar seu gorro. O mesmo gorro que ele usava quando ele entrava em minha loja. Uma dor de nostalgia ecoa no meu peito.

— Vamos, L. Eu não quero que haja segredos entre nós. Se ele tem algo a ver comigo, então eu mereço saber.



Ele libera outra respiração antes de virar seu olhar em mim. — O Serafim não só sabe que temos você, ele também sabe sobre o Jumper.

Adriel. Trata-se de Adriel.

— E o que isso significa?

— Isso significa que eles querem você também. Quanto? Eu não sei. Talvez o suficiente para abastecer demônios com veneno de anjo, embora um crime tão grave resultaria em banimento. Então, naturalmente, eles estão negando todo o conhecimento disso.

— Você acha que eles poderiam estar mentindo? Quero dizer, eles são anjos.

— Isso não significa nada, Eden. O maior mal que já existiu antes era um anjo. Certa vez eu fui um anjo. E você pode ver onde isso me levou. Preso entre dois mundos, envergonhado e descartado.

Dou um passo mais perto, colocando uma mão hesitante em seu braço. Quando ele não se afastar ou dá de ombros para fora do meu toque, eu chego mais perto. — Nada disso importa, porque quem você são — o que você é — não é definido por um nome ou um título ou alguns séculos de lendas antigas. Você tem a capacidade da bondade, integridade e justiça. E você me mostrou todas essas coisas para alguém que não merece esse tipo de misericórdia. Dê a si mesmo algum crédito.

Ele olha para o lado antes de assentir uma vez. Quando ele não vira para olhar para mim de novo, eu digo: — Ei, nós não temos que sair hoje à noite, se você não quiser.

— Não, eu quero. — Ele se afasta, substituindo as armas em sua posse por novas. — Há uma lua cheia esta noite, e eu não quero perdê-la. Além

disso, você suportou Lil por uma tarde inteira. Eu não a invejo, mas devo admitir, eu não estou bravo com os resultados.

Legion me dá um olhar que faz meus joelhos vacilarem, sua ira apagada e substituída por algo muito mais carnal. Eu nervosamente toco meu cabelo.

— Você percebeu?

Ele imita meu gesto e sua mão vem tocar nos fios de cabelo emaranhados em meus dedos. — Eu observo tudo sobre você, Eden. Quando você vai começar a acreditar nisso?

Eu corro e desvio os olhos para o chão como uma colegial tola. Seu toque escaldante desaparece, e eu o sinto dar um passo de distância.

— Portanto, esta noite, então.

Eu aceno. — Esta noite.

— Bem. Vamos ver se eu ainda posso te chocar.

E como se ele já não tivesse me chocado bastante nas últimas vinte e quatro horas, ele me dá uma piscadela antes de sair do quarto.



A maioria das mulheres esperaria um jantar, talvez um filme. Mas tenho a sensação de que Legion não é o tipo previsível. Sorte para ele e não para mim.

Nós atravessamos a cidade sob a cobertura da noite, passando através de carros e pedestres como uma serpente negra deslizando. Nós gastamos mais do que nosso quinhão de tempo juntos dentro do Jaguar, mas agora estar aqui com ele apenas parece diferente depois da noite passada. Mais íntimo. Como se houvesse uma corrente elétrica que flui constantemente entre nossos corpos, aquecendo nosso sangue com faíscas de néon.

Eu silenciosamente pergunto se ele pode sentir isso também. E, como se respondendo a minha pergunta silenciosa, ele lança um assobio lento entre os dentes, que marca em sua mandíbula. Ou ele está chateado ou está ligado como estou. Eu estou esperando por este último.

— Chegamos! — Ele anuncia, puxando para cima em um edifício em ruínas. Eu estava tão absorta em sua presença que eu nem percebi que tinha viajado para o Southside. Não apenas o Southside. Meu bairro. Meu prédio. Merda, este é o lugar onde eu morava com a minha irmã.

Uma dor irradia do estômago para a minha garganta quando eu me lembro de todos os risos e lágrimas que compartilhamos dentro daquelas paredes descascadas. Lembro-me da forma como a luz e o amor de minha irmã uma vez encheu o espaço minúsculo e fez uma casa. Era tudo o que podia pagar, enquanto ela estava na escola de enfermagem, e mesmo que ela ganhasse o suficiente para se mudar depois, ela não queria me deixar. Eu não iria deixá-la cuidar de mim financeiramente, e ela me deixou ter meu orgulho. Mesmo que eu mal pudesse pagar a minha metade do aluguel e as despesas, ela nunca se ressentia.

Eu nem sequer percebo que Legion saiu do carro até que ele está abrindo minha porta.

— Por que você me trouxe aqui? — Eu sussurro, as minhas palavras abafadas pelas sirenes e o rap pulsando com a passagem de carros.

— Porque eu quero lhe mostrar uma coisa. Não vai demorar muito, prometo.

Concordo com a cabeça e tomo sua mão estendida, deixando que ele me puxe do veículo. Ele não me solta quando eu paro, e eu também não. Não durante a caminhada através do lobby em ruínas. Não quando nós tomamos o elevador para o telhado. Não antes de sairmos, sentindo o ar frio chicoteando nossas bochechas. Ele segura minha mão, me oferecendo calor e conforto, como se ele soubesse como é difícil para mim estar aqui. Não foi por muito tempo, mas este lugar já parece ser uma memória distante.

— Está vazio. Abandonado. — Murmuro.

— Eu comprei o prédio e paguei os moradores. Generosamente. — Ele dá de ombros timidamente. — É realmente impróprio para viver. A oferta para deixar foi recebida com entusiasmo.

— Eu aposto. Este lugar era um buraco no inferno. — Comento, a ironia não perdida por nenhum de nós. Nós compartilhamos uma pequena risada.

— Mas foi a sua casa.

— Isso foi. Mas sem a minha irmã, ele só parece como qualquer outro despejo de merda na cidade.

Ele balança a cabeça antes de caminhar até a borda e olhar para as luzes cintilantes de Chicago. Eu o sigo, espionando os traficantes de drogas e prostitutas que eu tinha crescido familiarizada em seus postos habituais. A casa de crack outro lado da rua ainda tem um fluxo constante de consumidores. E Willie, o bêbado residente, está cambaleando em um casaco sujo com uma meia garrafa vazia de rum barato na palma da mão suja.

Este lugar foi a minha casa. Mas agora parece apenas como a vida de alguém que está sendo jogado fora em algum filme clichê sobre as favelas de qualquer cidade dos EUA.

— Passei muitos dias neste telhado enquanto você dormia em sua cama. — Seu olhar ainda treinado na cena diante de nós, mas ele está falando comigo. — Eu assisti você, ouvindo seus gritos através das paredes finas como papel, desejando que eu pudesse poupar-lhe dos terrores de seus pesadelos. Ninguém nunca tentou ajudar, mesmo que pudessem ouvi-la, e isso me enojava.

Eu não tenho palavras para dizer-lhe que era a norma por aqui. As pessoas não se envolvem com assuntos que não lhes dizem respeito. Porque todos sabiam, eu era apenas essa menina louca. Drogas, álcool, doenças mentais, abuso doméstico... todos foram lidar com seus próprios problemas.

— Nós ainda não podíamos interferir, não ainda. Não até que nós estivéssemos certos de que você era a única. — O animal de estimação de Lúcifer. A menina que iria desencadear o inferno na Terra.

— Você disse que queria me mostrar algo. — Eu digo, ansiosa para mudar a conversa para longe de mim ou qualquer coisa remotamente relacionada a profecia. Eu não tenho estômago para isso, ainda não.

— Eu disse que eu tinha certas habilidades que são anuladas aqui na Terra. O que resta de mim, é apenas uma pequena fração do que eu sou capaz. Mas ainda... pode ser eficaz.

— O que você pode fazer?

Legion finalmente olha para mim, os olhos brilhando mais brilhante do que a lua e as estrelas combinadas. — Deixe-me te mostrar.

Ele levanta uma única palma da mão e... nada acontece.

Eu esperava um brilho ou faíscas ou fogo, mas nada.

Segundos depois, ouço o som distinto da aproximação de bater de asas. Eu não posso vê-las, mas eu posso ouvi-las. É difícil não ouvir. Dezenas, talvez centenas, de pássaros enchem o céu, voando em formação em nossa direção. Eles eclipsam a lua cheia por vários longos segundos, pintando-a em uma escuridão cintilante. Meu primeiro instinto é me esconder, mas Legion tranquiliza-me, dizendo-me que está ok.

— Eles não vão te machucar. Eles são meus olhos e ouvidos, meus pequenos embaixadores alados.

— Você fala com eles? — Pergunto com espanto quando criaturas emplumadas de todas as formas e tamanhos começam a chover do céu. Ele está certo, eles não me incomodam. É como se eles estivessem todos sob seu controle.

— Sim, mas não da maneira que você pensa. Eu não gorjeio ou canto, embora tenham me dito que posso interpretar uma versão média de Highway to Hell²⁰.

Eu rio em voz alta, cobrindo minha boca com as mãos geladas. — Bem, eu vou ser condenada. Legion, acabou de fazer uma piada?

Ele dá de ombros e dá um meio sorriso divertido. — Talvez eu fiz. Você não achou que eu era apenas fogo e enxofre o tempo todo, não é?

— Não. De modo nenhum. É apenas bom ver você assim. — Eu sorrio para o bruto que tinha me visto dormir em cima de seu peito. O homem que tinha rido comigo sobre música e comida gordurosa e me confortou em minhas horas mais sombrias. Eu nunca me senti tão especial, tão reverenciada, do que quando eu estava em seus braços.

Legion levanta um dedo para fora, permitindo que um pequeno pássaro amarelo e preto pouse sobre ele. Uma coisa tão frágil em comparação com seu tamanho e força. Ele poderia esmagá-lo na palma da mão num piscar de olhos. A pequena criatura cheira e canta como se falasse com ele.

²⁰ Highway to Hell é o álbum do AC/DC, último gravado com Bon Scott antes de sua morte em 19 de fevereiro de 1980. O álbum contou com canções como "Highway to Hell", "Touch Too Much", "If You Want Blood (You've Got It)" e "Shot Down in Flames", que se tornaram favoritos dos fãs e canções regulares em sua setlist durante seus shows ao vivo.

— Ele disse que é bom vê-la, Eden.

Meus olhos crescem o dobro em tamanho. — O quê? — Eu engulo densamente. — Ele lhe disse isso? Ele me via?

— Eles simplesmente viam você quando eu não podia. Eles nunca interferiram.

— As aves não devem ir para o sul no inverno?

— Eles vão sair em breve. — Ele concorda. — Então os outros animais serão convocados para fazer o meu lance.

Eu tremo. — Por favor, me diga que um bando de ratos não está prestes a reunir-se aqui.

— Não. — Ele ri, balançando a cabeça. — Embora, eu sou capaz de controlar a maioria dos pequenos seres. Eles podem vir a calhar quando eu sou chamado para longe ou estou ocupado com outras missões. Animais maiores são mais difíceis, mais obstinados. Eu não tenho nenhuma necessidade para eles dentro da cidade, de qualquer maneira.

— É tudo o que você pode controlar? — Pergunto, minhas suspeitas mesquinhas fazendo a questão sair muito mais fria do que eu pretendia.

Com um sorriso de satisfação ele responde. — Por enquanto. — Ele volta sua atenção para o pequeno pássaro em seu dedo, amolece sua expressão, e sussurra: — Voe, amiguinho.

O pequeno pássaro abre suas asas e atira para o céu salpicado de estrelas, levando o rebanho de guardiões de penas com ele. Parece que eles são todos cuidadosos e evitam escovar contra mim, apesar de sua enorme força e volume, enviarem um vento feroz que agita o meu cabelo e roupas. Por longos momentos, eu estou embrulhada em um casulo de penas macias, olhando para cima com espanto para o puro esplendor das criaturas de Deus. Legion incluído.

Nós passamos o resto da noite conversando, propositadamente evitando a realidade devastada pela guerra abaixo de nós. Está frio aqui em cima, mas quando Legion estende a mão para mim depois de me ver tremer e me puxa no calor de seu corpo, não posso mais sentir o frio. Eu sei que não deveria ser surpreendida por seu afeto. Ele não parece ser do tipo que o dá livremente, mas que ele tem, mesmo quando eu não sabia. Esse monstro que me

ameaçava, me atacou e depois me levou da carnificina, eu não reconheço mais. E, embora haja coisas sobre ele que me assustam, eu não tenho medo dele. Para ser honesta, eu tenho mais medo de mim mesma.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Qualquer coisa. — Seu hálito quente em cima de mim, aquecendo meu interior.

— O que Dorian, o rei das Trevas disse a você... — Eu o sinto endurecer ao meu lado, mas eu prossigo. — O que ele quis dizer quando falou: *'Tem sido um longo tempo'*? Você conhecia ele antes?

Ele muda em seus pés, mas não me deixar ir. — Você pegou isso, hein? O Dorian que eu conheci era muito diferente do real, polido com quem nos sentamos. Há muito tempo atrás, me deparei com Dorian Skotos numa época em que não havia diferença entre as trevas e a luz. Ele era frio, implacável e com fome de poder, mas também era muito jovem e desregrado. Soubemos sobre um pequeno clã que tinha matado seres humanos de forma imprudente. Uma vez que estávamos todos em risco de exposição, e nem a luz nem as trevas puderam domá-lo, o Se7en entrou em cena para lidar com isso. Isso foi quase duzentos anos atrás. Ele estava em espiral, tão cheio de raiva e dor. Mas eu vi algo nele, algo que me deu esperança para o seu futuro. Eu fiz uma promessa para verificá-lo de vez em quando, talvez até mesmo tentar orientá-lo. Eu gostei dele. Eu ainda faço. E eu estou contente de ver que ele virou as coisas, especialmente para o seu povo. Parece que o seu é um reino de paz.

— Uau. Então ele tem mais de duzentos anos de idade? — O bruxo lindo não poderia passar dos trinta em seu pior dia. Mas, novamente, o pai de Gabriella, Alexander, não parecia muito mais velho.

— Na verdade ele tem mais idade, mas não muito. Ele ainda é bastante jovem, por seus padrões. Seu irmão, o que eu vou localizar, é ainda mais jovem. Para eles a morte depois de apenas dois séculos é rara para sua espécie. Posso entender por que eles fariam qualquer coisa para obtê-lo de volta.

Eu levanto minha cabeça para olhar para o rosto dele, uma carranca óbvia esculpida entre as minhas sobrancelhas. — Mas à custa de sua vida? Olha, eu gosto de Gabriella, e eu até gosto de Dorian, mas lhe pedir para morrer por sua causa ... é egoísta. É estranho. Que tipo de pessoa pediria isso?

Ele olha para mim e gentilmente toca minha bochecha, acariciando-a com a ponta calejada de seu polegar. Sua pele quente na minha provoca um tiro de eletricidade no meu estômago.

— Quando você encontra algo pelo que vale a pena viver, você não hesita em morrer por ela. — Um pequeno sorriso triste repousa sobre seus lábios. — Estamos todos mortos, foguete, mas ninguém realmente morre. Não se preocupe. Eu vou fazer o meu caminho de volta para você.

— Você promete? — Eu sussurro.

— Mesmo se eu tiver que rastejar meu caminho para sair das profundezas do inferno, eu nunca vou deixar você. De novo não.

Antes que eu possa perguntar o que ele quer dizer com suas palavras sinceras, sua boca está na minha, e eu estou bebendo o elixir escaldante, que é o gosto dele. Nós nos beijamos com fervor, descontroladamente, até que a proximidade não é perto o suficiente.

— Vamos lá. — Ele fala contra meus lábios. — Vamos para casa.

— Já? — Eu provoco. Eu estava pronta para ter seus braços em volta de mim, desesperada por mais de seu corpo.

— Posso não ter sido capaz de passar o dia dentro de você, mas eu pretendo passar a noite.

Legion pega a minha mão e me leva até o elevador. No momento em que estamos dentro, ele me empurra para cima contra o alumínio sujo e reivindica a minha boca, as mãos grandes amassando meus seios através da minha camisa. Eu lamento a sua força, no frenesi palpável que parece claro através de seus dedos. Eu quero este homem tanto que eu não me importo com o que ele é. Não me importa o que eu sou. Eu só preciso dele, cada pedaço dele, dentro do meu corpo, da minha alma. Meu coração. E não faz sentido, mas em um mundo cheio de monstros, humanos e outros, nada parece mais sólido do que a química carregada entre nós. Nisso, eu acredito.

Nós chegamos ao térreo e quase corremos para o carro, os dois rindo de felicidade carregada de luxúria. No momento em que deslizamos para os assentos de couro macios, Legion acelera o motor e sai para a noite, uma mão segurando minha coxa. Eu coloco minha própria em cima da dele e entrelaçamos os dedos, desejando o contato.

Eu não ouço mais as sirenes. Não vejo os criminosos sumindo nas sombras, se esgueirando mais longe de sua humanidade. Eu nem sequer sinto a sua malícia e repugnância. Sem sangue manchando a língua, porque tudo o que eu sinto é ele. E minha cidade — as mesmas ruas que me mastigavam e me cuspiam coberta de sujeira e sangue — nunca pareceu mais bonita.

Eu descanso minha cabeça contra o assento e sorrio, deixando-me sentir a pura felicidade não poluída pela primeira vez desde... desde sempre. Depois de tudo o que aconteceu, depois de tudo o que vai acontecer, eu vou ser egoísta com ele. Eu estou indo saborear a sensação da mão de Legion junto a minha, e seu aroma de terra, fogo e fumaça embutidos na minha pele. Resplandecente. Neste momento, sinto-me resplandecente ao lado dele.

— Por que você não nos põe um pouco de música. — Ele sugere, sua voz rouca.

Eu me inclino e mexo nos botões, parando em uma estação de R & B suave. Sem hip-hop para abafar minha raiva e tristeza. Quero músicas que falam da canção em minha alma.

— Eu gosto dessa música. — Comenta Legion, balançando a cabeça. Sua mão na minha coxa aperta antes avançando lentamente para cima.

— Sim?

— Eu faço. Isso me lembra de...

Uma explosão abre todo o lado esquerdo do carro, torcendo o metal em tiras de prata e brilhantes faíscas. Vidro irrompe em torno de nós e chove gotas irregulares em nossas cabeças, nos cortando como minúsculos punhais. A barreira de som desmorona e tudo ao meu redor se torna silencioso apenas com barulhos suaves de aço contra o chão. Eu rango os dentes contra ela, lutando apenas para me segurar em algo, mas estou sem peso, a gravidade despojada da atmosfera. Estou voando através das nuvens de sangue e borracha queimada, e eu não posso ver o chão. Não até que eu estou caindo de volta para a Terra.

Tudo se torna silencioso e imóvel em torno de mim, apesar dos gritos ecoando à distância. Eu pisco contra a pressão na minha cabeça, meus olhos ardendo com lágrimas e sangue. Sinto o cheiro de gás e plástico carbonizado, a fumaça nociva intensificando a sensação de mal-estar na boca meu do estômago. Estou tão cansada. Assim, tão cansada. Eu só quero dormir até que

eu não sinta mais dor. Até este pesadelo se transformar em um lindo sonho, a sua luz ofuscante apagando a feiura me rodeando. E nesse sonho, Legion vai estar lá, sorrindo, segurando-me, enchendo-me com seu calor brilhante. Acalmando meu corpo devastado com a dureza do seu.

Mas eu não sinto seu fogo ao meu lado. Há apenas o chão sujo sob minha bochecha e vidro quebrado sob as palmas das minhas mãos. Há apenas o vazio da morte de gelar os ossos.



VINTE E OITO

Eu conheço este quarto.

Eu senti o chão de cimento úmido, frio sob meus pés descalços. Eu respirei o ar úmido, tingido com o gosto de sangue. Eu cheirava o odor nauseante de carne podre.

Meus braços estão amarrados atrás das minhas costas, e minhas pernas estão presas também. Eu afundo na cadeira que eu sou amarrada, o metal mordendo minhas costas. Estou coberta de cortes e arranhões, alguns deles escorrendo, mas pelo menos eu estou vestida. Essa é a única coisa que está me impedindo de desmoronar em duas. Isso e o fato de que Legion está amarrado a outra cadeira, do outro lado da sala. Ferido, inconsciente, mas respirando.

Eu sabia que todos os sinais me levariam até aqui, mas eu pensei que tinha mais tempo. Pensávamos que tínhamos mais tempo. Eu não estou preparada. Eu empurro as palavras para fora, esperando que elas vão chegar a esse pedaço de mim que não é realmente meu.

Adriel, se você pode me ouvir, eu não estou pronta.

Nenhuma voz. Sem comandos sussurrados. Apenas o silêncio de uma morte solitária.

— Legion. — Eu sussurro duramente, as palavras abafadas chacoalhando na minha cabeça doendo. — Legion, acorde!

Ele geme, me dando apenas um lampejo de esperança. Claramente, quem nos levou a partir dos destroços é um amador. Nada será capaz de prendê-lo uma vez que ele estiver totalmente acordado.

— Legion, por favor! Escute-me. Eu preciso que você acorde.

Ele geme novamente, e sua cabeça pende de lado a lado, como se ele estivesse tentando lutar seu caminho para a superfície. Há um fluxo constante de sangue escorrendo de um corte na cabeça, e sua camisa está embebida com o líquido espesso e pegajoso. Eu tenho que chegar até ele. Eu tenho que tirá-lo daqui antes que meus pesadelos se concretizem.

Eu puxo a corda em volta dos meus pulsos, mas quanto mais eu me esforço, mais fraca eu me sinto. Além disso, ela parece ser revestida com algum tipo de solução que queima minha pele sempre que eu tento puxar. Eu cerro os dentes, tomando uma respiração profunda e puxo forte. Eu posso ouvir o meu punho queimando, e sinto como se meus braços estivessem mergulhados em ácido de bateria, mas eu engulo o grito. Mas, apesar de todo o meu esforço, a corda não cede.

— Está revestida com uma prata muito especial e veneno de anjo. Desconfortável para você. Um pouco mais debilitante para o nosso amigo. — Uma voz sinuosa canta. Uma voz que me assombrou durante os últimos quatro anos.

Eu empurro o medo e faço uma varredura do quarto, procurando a fonte. Ainda está vazia, exceto por Legion e eu. É apenas na minha cabeça, eu digo a mim mesma. Houve um acidente. Eu me machuquei e perdi muito sangue. Eu só estou tendo alucinações.

— Você realmente não acredita nisso, não é, Eden?

Eu engulo meu terror ao som do meu nome em seus lábios. Não, não, não. Isso não está acontecendo. Ainda não. Balanço a cabeça, como se tivesse sacudindo a voz dos meus ouvidos.

— Você não está aqui. Isso não está acontecendo.

— Depois de todo o tempo que passamos juntos, como você pode dizer isso? Eu estive com você o tempo todo, esperando por você para vir para mim. E aqui está você. Tudo que você tem a fazer é dizer as palavras.

— Não! — Eu grito. A palavra ecoa e morre na escuridão.

— Não? — Ouço passos atrás de mim, embora ninguém tenha passado pela entrada desde que eu estive acordada. E se ele esteve aqui o tempo todo...

É ele. O homem dos meus pesadelos. O estranho do banheiro que eu fodi enquanto estava sendo lambida e chupada por suas companheiras do sexo feminino.

Lúcifer.

Cada representação dele grudada em livros ou mostradas nos filmes são falsas. Histórias simplesmente assustadoras para desvirtuar a verdade que está diante de mim, vestido em um terno escuro sob medida, que se encaixa em seu corpo como uma luva. Ele é muito mais jovem do que seria de se esperar, alto e magro como um nadador. E seu rosto...

Eu sempre me perguntei por que ele dele ter sido o favorito de Deus, o mais belo e talentoso de todos os anjos. Agora, eu inegavelmente entendo o porquê.

Bonito não parece ser bastante para ele. Lindo parece pouco. Sua beleza transcende qualquer palavra em qualquer língua que poderia começar a descrevê-lo.

Seus olhos são exatamente como eu me lembrava da casa do observador — escuros e tempestuosos, salpicados com as sombras do crepúsculo. Eles me fazem lembrar da aurora boreal, as cores misteriosas sempre em mudança. Não humanos. Essas belas íris rivalizando apenas com a sua boca extraordinariamente sensual, que parece quase demasiadamente cheia, mas apenas a visão dela anula o sabor de seus lábios. Seu cabelo castanho polvilhado de ouro está perfeitamente denominado e cai apenas ligeiramente na testa orgulhosa. Nariz fino, maçãs do rosto distintas. Seu rosto é uma obra de arte.

— Eu posso fazer tudo isso ir embora, você sabe. Basta dizer a palavra.

Eu aperto meus olhos fechados, me recusando a olhar para ele. — O que você quer de mim?

— Oh, preciosa Eden. Você realmente tem que perguntar? — Eu chupo uma respiração apavorada quando eu ouço passo em minha direção. — Você. Eu quero você. Não deixei isso bem claro? Você certamente entendeu quando nos encontramos no banheiro de Irin.

— Não. — Eu balanço minha cabeça furiosamente, os olhos ainda fechados. — Não era real. Não era real.

— Não foi? A forma como eu fiz você se sentir, o jeito que eu te fiz gemer. Parecia bem real para mim.

Outro passo mais perto, e sua mão quente escova minha bochecha. Eu me sacudo violentamente, me recusando a ser seduzida por seu toque. Mas a sensação de sua pele me impulsiona de volta aquela mansão, de volta para aquele banheiro. Volta para eu saltando para cima e para baixo em seu pau com uma mulher estranha entre nossas coxas.

— Você ainda pode me sentir, não pode? — Eu olho para ele através de lágrimas de raiva, a tempo de ver um sorriso de satisfação naqueles lábios carnudos. — Sim, você faz. Você estava em chamas naquela noite, Eden. Você estava radiante, não ligada as suas inibições humanas. A liberdade parece tão linda em você. E isso é apenas o começo. Imagine como você poderia olhar, como você poderia se sentir se você só se rendesse a mim totalmente. Você ficaria incontrolável.

— Foda-se! — Eu cuspo.

Ele ri com vontade. — Você foi. E você será novamente. É o destino, querida. E você não fode com o destino.

— Se você pensa por um segundo que eu vou fazer alguma coisa com você, você é um fodido demente. Então, assim você pode me matar agora, porque eu nunca, nunca vou ser o seu brinquedo.

— Meu brinquedo? — Ele tem a coragem de olhar ofendido, e mesmo isso me faz tremer. — Eu não quero que você seja meu brinquedo, Eden. Quero que você seja minha noiva. Você não vê? Todos esses sonhos, todos aqueles pensamentos que eu implantei em sua mente para fazer com que qualquer merda inútil sofresse por desrespeitar você... eles são meus presentes para você. Para mostrar o quanto eu me importo.

Uma ligeira onda de alívio varre através de mim quando eu absorvo suas palavras. Era ele. *Ele*. Ele me fez fazer todas essas coisas. Ele me disse

para ferir, roubar, lutar. Irin estava errada sobre a minha consciência distorcida. Não fui eu. O mal me fez fazer isso.

Isso não me faz sentir melhor, considerando que eu era fraca o suficiente para ouvir, mas talvez eu não esteja além da salvação. Se o Se7en pôde procurá-lo, porque eu não posso? Eu só preciso aguentar tempo suficiente para encontrar um jeito de sair daqui e levar Legion em segurança.

— O que você quer? — Pergunto pela segunda vez. Para mantê-lo falando. Certamente o Se7en estão cientes do acidente, considerando que há câmeras por toda a cidade. Talvez houvesse algum sistema de alarme no Jaguar que os alertou para a isso. Eles têm que estar a caminho.

— Eu disse a você, eu quero você. Sua fidelidade. Seu corpo. Seu coração. Venha comigo e você pode lançar a imundície e fraqueza deste mundo. Você vai ser uma deusa, uma rainha. Você vai governar ao meu lado como minha igual, respeitada e temida por todos. Você nunca terá que gastar um segundo pensando sobre as emoções humanas inúteis, como culpa ou dúvida. Eu vou cuidar de você, Eden. Do jeito que você deveria ter sido cuidada todos estes anos. Deixe-me ser sua verdadeira família.

A tentação de sua oferta é inegável, mas eu sei que é apenas o mal falando. Ele me chama, regando essa semente de malícia que ele implantou dentro de mim quando eu era apenas um feto. Eu tenho que lutar contra isso. Eu *vou* lutar contra isso.

Eu escondo o pânico no meu rosto, vestindo uma máscara gelada. Ele é um idiota que gosta de ouvir o som de sua própria voz. Tudo o que tenho a fazer é jogar com seu narcisismo tempo suficiente para dar uma chance à Legion. Felizmente, ele já está acordado e apenas fingindo, esperando por sua chance de atacar.

— E se eu me recusar? — Pergunto sem rodeios.

Um sorriso diabólico surge em seus lábios. — Mary, querida. Você pode vir aqui?

O sangue em minhas orelhas ruge tão alto que eu não posso nem a ouvir se arrastando para mim de alguma parte invisível da sala. Nuvens vermelhas mancham minha visão, lançando seu rosto coberto de lágrimas no sangue. Minha irmã. Minha irmã está diante de mim, nua e tremendo, com os braços e boca presos. Seus cachos escuros estão emaranhados e selvagens, e suas

pernas estão cobertas de sujeira como se ela tivesse sido presa na imundície. Fora isso, ela aparece ilesa. Mas eu sei que esse golpe de sorte irá expirar em breve, se eu não jogar o jogo de Lúcifer.

— Se você se recusar, seu Legion vai morrer, mandando-o de volta para o inferno, onde vai passar a eternidade em agonia eterna. E sua irmã preciosa ... Você vai se divertir um pouco com ela e seus novos amigos. Eu posso não ser capaz de forçá-la a vir comigo por vontade própria, mas vou fazer você desejar que tivesse. E quando você perceber o que você fez, você verá que o inferno teria sido uma gentileza.

Eu engulo a bile subindo na minha garganta e tento me concentrar. Falando com raiva e terror não nos salvará. Se ele ver como isso me afeta — se ele souber que eu estou literalmente me desintegrando de dentro — ele vai usar isso contra mim.

— Não está bom o suficiente. Se você me quer, você tem que libertar todos. Liberar os seres humanos do Chamado e nunca os usar novamente, inclusive eu. Você nunca mais poderá infectar outra pessoa.

Ele ergue uma sobrancelha se divertindo. — E você está na posição para negociar? — Ele questiona, trazendo a mão em minha direção. Meu olhar é tão sólido quanto a minha determinação.

— Você me quer por uma razão, e não é para ser sua noiva malvada ou alguma outra besteira. Você quer um herdeiro, e você sabe que eu posso dar a você.

Um flash de surpresa passa por seu rosto. — Ah, eu vejo que os bruxos têm estado ocupados. Eu lhes devo uma visita para lembrá-los do seu lugar.

— Você não vai. Você vai deixá-los em paz, assim como você vai deixar o Se7en também.

— O Se7en? — Mais uma vez ele ri, jogando a cabeça para trás. — Oh, querida Eden. Por que você acha que está aqui? Como você acha que eu fui capaz de levar você e seu líder poderoso tão facilmente?

Será que ele... que ele está insinuando que o Se7en tinha algo a ver com isso? Eles nunca trairiam Legion. Eles o amam. Eles o respeitam. E eu... Bem, a maioria deles me tolera. Todos, exceto...

Cain.

O demônio de assassinato. O vilão na história de Cain e Abel.

— Besteira. — Eu digo, negando o pensamento de Cain trair seu irmão. Mas não seria a primeira vez.

— Oh, eu temo que sim. Eu acho que houve alguma desavença nas fileiras. Parece que eles estão cansados de pequena distração de Legion. — Ele dá de ombros.

— Você está blefando. Eles nunca iriam contra ele. Eles são uma família, algo sobre o que você não sabe nada. E mesmo se alguém não me quisesse lá, eles poderiam ter me matado há muito tempo. Então foda-se você, e seus jogos mentais. Eu não estou caindo nessa.

— Você não entende, não é? — Grita Lúcifer, mostrando os primeiros sinais de frustração, e fazendo minha irmã recuar ao lado dele. — Você não entende o quão insignificante você é para eles. Verdadeiramente. Mesmo para o seu amado Legion. Eu o conheço. Eu o amava como minha própria carne e sangue, eu lutei, matei e fodi ao lado dele. Você não significa nada para ele. Você é uma distração, isto é tudo. Você é um dos *milhares*.

— Você está mentindo.

— Eu estou? Ele te disse por que ele está realmente apaixonado por você? E não tem nada a ver com sua cara bonita ou seus seios perfeitos.

Fique forte, Eden. Ele está apenas tentando mexer com a sua cabeça. — Eu sei o que você está tentando fazer, e não vai funcionar.

— Ele não disse a você! — Ele bate palmas com alegria, quase atordado com a perspectiva de espalhar mais do seu veneno. — Vamos convidá-lo para esta pequena festa, para que você possa perguntar a ele para si mesma. Devemos?

Ele olha através do quarto para onde Legion ainda afundado na cadeira de metal, inconsciente.

Então, como se ele estivesse tentando atrair um gato assustado, ele murmura: — Legion.

Com uma ingestão violenta de ar, Legion acorda, se debatendo descontroladamente. Os aromas e sons da carne queimando enchem o ar, enquanto ele tenta se libertar da corda revestida de prata. Mas ele está vivo, e ele está acordado. Lágrimas de gratidão enchem meus olhos.

— Que bom que se juntou a nós, velho amigo. — Provoca Lúcifer.

— Que porra é essa que você fez? — Legion rosna, arreganhando os dentes manchados de sangue. Eu sei que as cordas estão machucando, mas ele não grita. Ele lança um olhar de maneira rápida para avaliar meus ferimentos, e então seu olhar assassino cai sobre a besta bonita que está diante de mim.

— Eu estava apenas começando a conhecer a nossa querida Eden e sua irmã, Mary. E você me conhece... Nós apenas começamos a conversar e seu nome veio à tona. Você vê, Eden parece pensar que você realmente se preocupa com ela. Ha! No entanto, você não tem compartilhado por que você parece tão excessivamente interessado nela, não é? Você não disse a ela a melhor parte.

— Eden não tem nada a ver com isso. Deixe-a ir. — A voz de Legion está rouca, mas a força por trás de suas palavras é feroz o suficiente para fazer homens crescidos molharem as calças. — Você tem um problema comigo, então pare de ser um covarde, e vamos lidar com isso. Ou você ainda é muito delicado para lutar suas próprias batalhas?

Lúcifer ri como se a ameaça de Legion fizesse cócegas em suas costelas. — Oh, eu senti sua falta. Verdadeiramente senti. Eden, você sabia que Legion desempenhou um papel intrincado na nossa queda da graça? É uma história interessante, na verdade. Agora, irmão, eu digo a ela, ou você diz?

— Cala a porra da boca, seu fodido.

Lúcifer volta sua atenção para mim, ignorando o demônio raivoso lançando punhais para ele. No entanto, tudo que eu posso ver é Legion. Sem saída, impotente. Eu me recuso a deixar que as pessoas que eu amo morram assim.

— Tudo começou quando Legion e eu lideramos o Serafim... — Lúcifer fala como se todos os olhos estivessem sobre ele, recusando-se a sair do centro das atenções. Ele começa a andar pelo chão, pensativo. — Como você sabe, eu era o favorito, mas Legion era tão amado. Houve uma que era particularmente atraída por ele. Tão atraída, que ela desafiou seu companheiro e se entregou a ele. Muito, muito escandaloso para nós, seres celestiais, como você pode imaginar. Mas ele estava convencido de que estava apaixonado e nada poderia mantê-lo longe dela. E talvez ele estivesse, mas, infelizmente, o amor não foi o suficiente para salvá-lo da ira de Deus.

— Com o passar do tempo eu tinha me tornado, francamente, aborrecido com a política e a baboseira, e eu não era o único. Então, quando se espalhou a notícia da traição e vergonha de Legion, que inventou um plano de revolução. Eu seria o cérebro e o rosto disso, sim, porque, honestamente, olhe para mim e Legion seria os músculos. Gostaríamos de fazer o nosso próprio paraíso, viver de acordo com nossas próprias regras. Faríamos qualquer merda que quéríamos, sem medo de julgamento ou perseguição. No entanto, pobre, pobre Legion, a sua amada não sentia o mesmo. E ele foi pintado não só como um adúltero, mas como um estuprador. Ela disse que ele a forçou.

— Não, ela não fez! — Rugi Legion. — Foi você! Você, seu saco de merda covarde.

— Oh, semântica. Minha versão é muito mais picante. — Lúcifer fica na minha frente, seus olhos se enchem de alegria. Eu não olho para longe desta vez. Eu não quero ouvir, mas eu não posso ajudá-lo. Todos os segredos, todas as mentiras... fazem sentido agora. — De qualquer forma, desde então, ele tem estado afogado em auto aversão e tristeza, ansiando pelo seu longo amor perdido, Yada, ainda... Qual era mesmo o nome dela, querido irmão? Era...

— Adriel. — Eu sussurro, o nome me estrangulando.

— Sim! — Lucifer exclama, fingindo surpresa. — Adriel. O mesmo anjo que agora habita sua alma. Você vê, ela teria te tomado completamente se não fosse por minha influência. De nada, por sinal. Mas eu acho que um pouco de seu verdadeiro amor é melhor que nada.

— Não dê ouvidos a ele, Eden. Ele é louco. Eden, olhe para mim. Olhe para mim, baby.

Eu não posso. Eu não posso olhar para ele. Eu não posso ver a tristeza em seus olhos. Não me arrependo de me deixar acreditar que era *eu* que ele desejava. Lamento que eu descobri que eu sou apenas um corpo - para quem ele realmente ama. — uma hospedeira.

Minhas lágrimas fluem livremente agora, mas eu não faço nenhum som. Minha irmã está amarrada e nua na minha frente. Sua vida foi rasgada. Meu coração partido não consegue se importar agora.

— Eu pensei que seria melhor se você soubesse. — Lucifer diz calmamente, quase aparentemente... compassivo. Com remorso, mesmo. Ele

dá um passo mais perto. — Ninguém deve ser tratada dessa forma. Eu não menti para você, e eu nunca o faria. Ele não te ama, ele não pode.

— Eu sei. — O nó na minha garganta pulsa com cada sílaba.

— Eles são todas criaturas miseráveis, Eden. O Se7en utilizando você para seu próprio ganho egoísta. E assim que eles terminassem com você, eles te jogariam fora. Assim como sua mãe, seu pai. Assim como todos em sua vida. Deixada para ser esquecida para sempre.

Eu não tenho força para discordar dele. E mesmo se eu pudesse, eu não iria. Eu sei que o que ele está dizendo é verdade.

Ouçõ passos rápidos e pesados, e antes que eu possa olhar para a porta, ela estoura aberta, banhando o quarto com a luz da noite.

— Que porra é essa! Você prometeu que ele não seria prejudicado.

— Bem, *eu* não o machuquei. O carro blindado que eu dirigi o fez. — Lucifer apenas dá de ombros para o demônio que corre para ajudar Legion. É só golpe, após golpe, após golpe. Não tenho certeza se eu posso tomar muito mais.

Não foi Cain que nos traiu. Ele não foi o único que planejou, me entregar a Lúçifer numa bandeja de prata revestida com veneno de anjo.

Foi Lilith.

— Isso não fazia parte do plano. — Ela murmura, desembalando uma lâmina para cortar a corda de Legion. Ele resmunga e se debate em resposta.

— Sai de perto de mim, sua traidora. — Ele ruge. Há raiva em seu rosto. Mas, há mais do que isso, há dor. Algo que eu sei muito bem.

— L, me desculpe, mas... — Lilith tem a porra da coragem de olhar magoada por sua explosão. — Ela estava nos separando. Não podemos lutar contra o Chamado, a Aliança e o Serafim. Lucifer prometeu protegê-la, e respeitar seus desejos. Ele prometeu não a machucar.

— É verdade, — Lucifer concorda. — E não vamos deixar de fora a pequena parte sobre a nossa doce Lilith estar apaixonada por você. Eu juro, eu não entendo o apelo...

— Você fez isso porque você está apaixonada por ele? — Eu grito. Raiva e violência correm por minhas veias, e sufocam os sentimentos de choque e

dor. Eu não sou nada, mas apenas um peão de barganha. — Que tipo de cadela doente e torcida é você? Você disse que ele era como seu irmão! E você colocou a minha vida em risco, a vida da minha irmã, por uma paixão? Você é a porra de uma estúpida. Juro por Deus, é melhor você estar feliz por eu estou amarrada agora.

— Ela não é deliciosa? — Lucifer brinca, aprofundando o rosnado vicioso de Lilith. Eu não me importo com o que diabos ela é. O inferno não tem fúria como uma mulher desprezada. Ela deve saber.

— Eu passei séculos ao seu lado, e pouco tempo depois chega uma mulher balançando o rabo e os peitos e, de repente, nada mais importa. Não o Se7en. Não a missão. Não eu. Estive lá para ele! Eu fiz tudo certo! E eu tenho que ficar de lado e deixar algum ser humano roubar a sua atenção? Eu trabalhei muito, muito duro por esta causa. Eu não vou deixar você nos enterrar com a sua existência triste.

— Cala a porra da boca, Lilith. — Comanda Legion.

— Isso é verdade! — Ela grita de volta.

— Você arriscaria a vida de seus irmãos, o futuro do Se7en, por ela? Depois de tudo que passamos juntos? Me diga que você a ama, e eu vou aceitar qualquer punição que você impuser. Me diga que você a escolheu sobre nós.

Aqueles olhos de prata encontraram o meu, girando com mentiras e sua boca se abre. Mesmo com o rosto ensanguentado e gravado com pesar, ele ainda é tão bonito como na primeira noite que entrou naquela loja da esquina. Eu sorrio através da memória dolorosa, desejando que eu nunca tivesse visto ele, desejando que eu nunca tivesse posto os olhos em tal beleza ímpia. Então eu nunca saberia a agonia de nunca mais vê-lo novamente.

— Deixe minha irmã ir, todos os seres humanos inocentes irem. Nunca chame um outro ser humano novamente. E eu vou com você. Eu vou fazer o que quiser.

— Não! — Ruge Legion. — Não o ouça! Eden, olhe para mim, por favor!

Um sorriso lento se espalha no rosto de Lúcifer, e a corda nas minhas mãos e pés de repente se desintegra. Eu pulo da cadeira, ignorando meu corpo protestando, e envolvo meus braços ao redor do corpo tremendo da minha irmã.

— Eu sinto muito. Eu sinto muito, — Eu choro, retirando-lhe a mordaca e a corda ao redor de seus pulsos. Felizmente, não há prata, mas nem isso poderia me impedir de libertá-la. Eu retiro meu casaco rasgado, ensanguentado e o envolvo em torno de seus ombros. — Eu nunca quis que isso acontecesse. Você está machucada?

— Estou bem. Mas, Eden, você não pode. Por favor, não faça isso. — Mas mesmo que as palavras passem seus lábios rachados, ela sabe que é tarde demais. Agora ela entende por que eu tentei manter isso longe dela. Mas não foi o suficiente para poupá-la.

Dirijo-me a Lúcifer, me recusando a deixar minha irmã ir. — Deixe ela ir. Certifique-se de que ela fique segura. Dê-me sua palavra.

Ele balança a cabeça. — Assim que você pegar minha mão, ela estará em seu apartamento, vestida, quente e confortável. Ela não vai mesmo se lembrar de estar aqui.

Eu engulo, imitando seu gesto. — E eles?

— As cordas desaparecerão. Ele estará livre para ir. — Ele estende a mão para mim, e me oferece um sorriso tranquilizador. — Ficaré tudo bem. Eu prometo, Eden. Prometo nunca lhe fazer mal.

Concordo com a cabeça novamente e enterro meu rosto na juba selvagem da minha irmã, orando silenciosamente por forças. Eu não estou surpreendida quando, mais uma vez, meus apelos caíram em ouvidos surdos.

— Eu te amo, irmã. Mesmo se você não se lembrar disso, lembre-se que eu te amo.

Eu beijo ambas as bochechas coradas de lágrimas, em seguida, fecho os olhos, empurrando minha mente para a dela uma última vez. O medo tornou a transição fácil, e eu escorrego em poucos segundos, saboreando a bondade e sinceridade de sua alma doce.

— *Me deixe ir.*

Seus braços caem para os lados imediatamente, permitindo-me recuar. Ela me deixa ir. Isso é o que eu queria que ela fizesse por solicitação de Legion. Ele queria que eu alienasse minha própria irmã, só assim ele poderia me usar e manipular para suas próprias necessidades egoístas. E eu deixei. Fiquei muito feliz em ser seu pequeno animal de estimação, simplesmente um espaço

reservado para quem ele realmente queria. E agora eu não tenho qualquer um deles.

— Gostaria de dizer adeus? — Pergunta Lucifer. Eu sei a quem ele está se referindo.

Eu olho para o outro lado do quarto onde Legion está sentado, Lilith em pé ao lado dele. Eu confiava neles. Eu me importava com eles. Afinal, eles já tinham feito seu caminho para mim, eu realmente acreditava que eles poderiam me resgatar. Eu realmente pensei que eles eram capazes de ter bondade, graça e amor. E agora, quando eu olho para eles, vejo-os como são maus, vejo as criaturas repugnantes que eles realmente são.

— Não.

— Eden, não! Não faça isso! Por favor, apenas ouça o que...

Com a minha próxima respiração, eu exalo o medo paralisante e a dor que me cobria como uma segunda pele. Eu deixo de lado a vida humana que eu vinha tropeçando ao longo de vinte e dois anos como um fantasma. Eu exorcizo os demônios escuros e dementes do meu passado, e eu pego a mão estendida de Lúcifer.

E inauguro o fim de Eden.



VINTE E NOVE

— Não me toque. Você nunca vai me tocar de novo. Você entendeu? — Legion puxa seu braço das mãos de Lilith, suas unhas raspando sua pele já devastada e se lança para abrir a porta da frente, quase arrancando-a das dobradiças. Ele não sente a picada. Ele não sente merda nenhuma desde que ele acordou e encontrou Eden amarrada a uma cadeira com a prata nos pulsos, sua irmã nua, tremendo na frente dela, e ele, Lúcifer - sorrindo presunçosamente – aquele fodido sádico. Ele estava indo rasgar a porra da sua garganta no momento em que ele tivesse a chance.

— O que aconteceu? — Phenex salta do seu lugar no sofá e passa pela porta em poucos segundos, os outros em seus calcanhares.

— Ela é o que aconteceu. — Rosna Legion, apontando um dedo sangrando para Lilith, que fica ao lado da porta, as lágrimas brilhando em seus olhos. — Ela é uma porra de uma traidora e traiu o Se7en.

— Por favor, L. Apenas me escute. Foi o melhor. Para o bem maior, a mesma coisa que estamos lutando.

— Onde está Eden? — Pergunta Phenex. No entanto, a cena diante dele é resposta suficiente.

As espadas de Legion estão em suas costas, cada umas delas grudadas como um câncer.

— Ela armou para nós. Ela deu-lhe exatamente o que ele precisava para realizar o seu plano. Ele a tem agora. Porra! Que porra de covarde ele é. — Ele puxa seus cabelos emaranhados de sangue e sai pelo longo corredor, parando na primeira porta à esquerda. O resto do Se7en, Lilith incluída, estão bem atrás dele.

— Você está brincando comigo? — Grita Cain. — Lil, por favor me diga que isso é um erro e você não seria estúpida o suficiente para nos trair.

Os soluços sacodem a loira com lágrimas nos olhos, ela permanece em silêncio, incapaz de refutar as alegações.

— Porra! — Observa o demônio com cicatrizes, balançando a cabeça. Ele olha para seu irmão, seu líder. — O que nós vamos fazer?

O resto dos demônios entram na sala, vendo como Legion caminha para o pilar mostrando seu punhal sagrado, o Redentor. Ele o pega e entrega para Phenex.

— Use-o.

— O quê? — Phenex balança a cabeça, empurrando-o de volta para as mãos de Legion. — Isso é ridículo. L, irmão, por favor, seja razoável.

Recusando-se a ouvir as suas palavras, ele oferece a Cain. — Não seja um covarde. Faça. Me mata. É a única maneira que eu posso chegar até ela.

— L, eu o entendo. Mas este não é o caminho. Se você se for, o Se7en estará acabado. Então o quê?

— Então você vai levá-los. Ou Phenex. Eu não dou a mínima. Eu tenho que chegar até ela. Agora!

— Por favor, Legion. Eu sinto muito. — Lilith chora no canto. — Não faça isso! Por favor!

— Alguém a tire daqui! Eu nunca mais quero ver seu rosto traidor novamente. Dê o fora antes que eu te estraçalhe com minhas próprias mãos, porra! — A raiva desesperada acaricia sua língua venenosa, fazendo Lilith soluçar mais difícil.

— Vamos, Lil. — Sussurra Andras, tirando-a do quarto. Ele poupa um olhar triste para Legion antes de desaparecer para a sala ao lado.

— Talvez haja outra maneira... alguma brecha que não estamos vendo. — Toyol oferece. Ele olha para Jinn, que usa a mesma máscara triste como todos os outros. — Tem que haver algo que estamos perdendo, certo? Outra maneira de ancorá-la à terra e trazê-la de volta.

Jinn libera uma respiração pesada e balança a cabeça, lançando um olhar para o círculo do ritual gravado no chão.

— Merda. Sinto muito, L. — Toyol esfrega a parte de trás do seu pescoço, assim quando o pânico aparece em suas feições. Ele pega um dispositivo pequeno, preto que está ligado à sua cintura. — Droga. Um alarme foi disparado, mas... — Ele olha para o pequeno monitor, verificando através da tela de vigilância. — Não há ninguém... espere. É...? Eu voltarei.

Toyol desliza para fora do quarto para pegar sua Katanas com Jinn em seu rastro. Para ser honesto, eles são gratos pela intrusão. Nenhum deles poderia fazer o que Legion estava pedindo, e eles não podiam aguentar o olhar de tristeza em seus olhos. Seu irmão estava sofrendo, e eles poderiam sentir. Sua dor era a sua dor, e eles nunca tinham sentido nada parecido com a intensidade de seu sofrimento. Perder Eden era ruim o suficiente, mas Legion também? Depois de séculos de camaradagem e companheirismo? Eles não têm parte no desejo de morte do seu amigo.

— L, vamos nos acalmar por um segundo e pensar sobre isso. — Phenex sugere, as palmas das mãos levantadas. — Diga que você vai voltar. Se você encontrá-la. Então o quê? Como você vai trazê-la de volta aqui quando você não pode mais entrar neste reino? Então como você estaria com ela? Precisamos de um plano. Um que garanta que você volte com segurança.

— E se ela está lá, então ela escolheu ir. — Cain acrescenta, andando pelo círculo. — Ela o escolheu, L. Talvez você devesse aceitar isso.

Um rosnado visceral rasga da garganta de Legion quando ele lança seu olhar assassino em seu amigo mais próximo. — Ela não o escolheu. Fomos forçados. Ou era eu e sua irmã, ou ela. E foda-se... ela se ofereceu a ele em troca de nossa liberdade. E eu serei amaldiçoado se eu sentar e deixar que ela se sacrifique para nada. Isso deveria ter sido eu. Vocês não podem ver isso? Eu deveria ter sido o único a me sacrificar por ela. — Mais uma vez, ele segura o

punhal para Phenex. Ele é o único lógico, o mesmo temperamental. Ele vai entender o quão importante Eden é para ele. Só ele sabe do amor que ele teve uma vez, e perdeu. E encontrar Eden, não Adriel, lhe deu esperança novamente. Ele finalmente sabia qual era a sensação de estar vivo.

Relutantemente, Phenex leva o Redentor em suas mãos, correndo o polegar sobre os rubis fixados no punho. — E você está absolutamente certo? Você está irrevogavelmente certo de que é isso que você quer fazer?

— Não, não é. — Cain fala atrás de seus dois irmãos, xingando furiosamente. — Ele está sendo um maldito idiota.

Ignorando seu irmão, Legion arranca sua camiseta sangrenta e esfarrapada, revelando a tinta escura gravada em sua pele bronzeada. Seus cortes e contusões já curados, embora os vergões em torno de seus pulsos ainda estejam vermelhos e irritados. Não importa. No segundo em que ele pisar o pé no inferno, ele vai ser capaz de andar em qualquer forma que escolher.

— Eu fiz uma promessa, Phenex. Para ela... para todos vocês. Eu dei minha vida a esta causa, porque eu estava perdido e em busca de redenção. Mas, na realidade, eu estava procurando por ela. Eu tenho estado desde o dia que fui expulso do Céu. Não Adriel. Ela, Eden. Eu lhe disse tudo isso antes... Eu vou protegê-la ou morrer tentando. — Ele levanta o queixo, oferecendo a coluna de sua garganta. Seu peito se ergue com a última de suas respirações irregulares na Terra. — Bem, eu não estou morto. Ainda.

Continua...

E então, PoisonCats,
gostaram do livro?

A pergunta que deverá ser
respondida para participar do
quizz de hoje é:

QUEM TRAI O SE7EN?

A primeira pessoa que comentar a
resposta correta no post de lançamento
desse livro no Poison ganhará nosso
próximo lançamento antecipado. Ahn, e
não se esqueça de marcar a [Morgana de
Avalon](#) para validar a resposta.

Boa Sorte!!

